A historia da provincia de São Paulo será tambem a historia geral do Brazil.

Visconde de S. Leopoldo

Ann. da Prov. de S. Pedro.

QUADRO HISTORICO

DA

PROVINCIA DE S. PAULO

ATÉ

O ANNO DE 1822

Segunda edição

SÃO PAULO

TYP. BRASIL DE CARLOS GERKE & CIA.

80 — Rua Moreira Cezar — 80

1897

J. J. Machado d'Oliveira

Extrahimos de um discurso proferido em 1868 pelo dr. Joaquim Manoel de Macedo, orador do *Instituto Historico Geographico* e *Ethnographico do Brasil*, os seguintes apontamentos sobre a vida de José Joaquim Machado d'Oliveira:

Consideraveis foram as perdas que soffreu o Instituto Historico e Geographico do Brasil em 1868; cumpre-nos porém lembrar primeiro um nome muito prezado que ficou escripto no registro funebre do anno antecedente.

Em 1867 deixámos de pagar uma divida sagrada: não foi, era impossivel que fosse o frio olvido das cinzas ainda quentes d'um benemerito, o esquecimento ingrato d'um brasileiro distincto, devoto fiel de nosso Instituto, que é um dos padrões da sua gloria. Mais tarde do que era indispensavel recebemos os apontamentos biographicos do illustre finado, e hoje, embora com transgressão dos nossos costumes, o elogio um anno demorado dá testemunho da perduração da nossa saudade.

Os monumentos perpetuam a memoria dos seus architectos: as instituições uteis e patrioticas repetem ao mundo os nomes dos seus fundadores pela voz agradecida dos herdeiros d'esses thesouros: o Instituto Historico e Geographico do Brasil, que se ufana de mostrar na sala das suas sessões os bustos do conego Januario e do marechal Cunha Mattos, jamais esquecerá os serviços que deve ao brigadeiro José Joaquim Machado d'Oliveira, que a si proprio ergueu uma estatua nos trabalhos com que enriqueceu esta instituição, que enthusiastica e sempre radiante de fervor nacional ajudou a fundar, carregando tambem em seus hombros a primeira pedra para o primeiro alicerce.

Filho legitimo do tenente-coronel Francisco José Machado de Vasconcellos e de D. Anna Esmeria da Silva, José Joaquim Machado d'Oliveira nasceu na cidade de S. Paulo a 8 de Julho de 1790: pelo lado paterno pertencia a uma das mais distinctas familias da sua provincia; pelo materno provinha d'um dos ascendentes do celebre economista francez João Baptista Say, que, deixando a Europa, se estabelecera em S. Paulo: era primo irmão do cirurgião-mór Francisco Alvares Machado de Vasconcellos, famoso na sciencia como operador oculista, famoso no parlamento como orador inspirado, e o mais feliz vibrador dos raios subtis do epigramma e da ironia.

Machado d'Oliveira assentou praça ainda dormindo no berço, a 10 de Fevereiro de 1792, com anno e meio de idade: foi reconhecido cadete a 5 de Dezembro de 1807: em 1809 teve a promoção de alferes, dois annos depois a de tenente, capitão graduado a 13

de Maio de 1813, passou a effectivo em 29 de Novembro de 1817, major graduado em Dezembro do anno seguinte, effectivo a 1.º de Março de 1820, recebeu a graduação de tenente-coronel a 12 de Junho de 1826, e a effectividade a 12 de Outubro de 1827: em 1818 passára do 2.º batalhão da legião de S. Paulo a que pertencia para o estado-maior do exercito, servindo de inspector do trem militar da provincia do Rio-Grande do Sul; a 18 de Agosto de 1820 foi nomeado ajudante de ordens do governo da mesma provincia; a 12 de Junho de 1826 secretario militar; a 12 de Outubro de 1827 secretario do exercito do sul.

Não poupamos datas porque ha n'estas, eloquencia brilhante: esquecei as primeiras, que marcam apenas a praça no berço, a entrada no serviço e o primeiro posto no fulgor da juventude: comparai as outras com a historia patria, e n'ellas vereis tambem as guerras, as campanhas do sul até a paz de 1828: eis o elogio nas datas, eis as datas symbolisando nobres feitos, conquistando postos e dragonas, postos e dragonas realçando a dedicação do soldado benemerito, e a gratidão do Estado aos serviços do bravo.

As pelejas e batalhas de S. Borja e dos Passos do Uruguay, de Arapehy e de Catalão, de Taquarembó e do Passo do Rosario, e os combates de Ibicuhy e de Iapejá e de Itacorohy viram a intrepidez, a intelligencia, o zelo do illustre Machado d'Oliveira, que n'esses terriveis jogos marciaes, em que os valentes param as vidas em honra da patria, commandou por vezes, ora a infantaria, ora a artilheria.

Para a gloria d'um cidadão bastão já estes louros

de soldado; mas o distincto paulista ainda lavrou em dois campos com proveito immenso da patria: no campo da vida civica, no campo da vida litteraria.

A' fonte limpida e rica de continuo se pede agua; ao patriotismo esclarecido e puro o Estado pede de continuo tributos.

José Joaquim Machado d'Oliveira foi na epoca da regeneração politica do Brasil nomeado membro do governo provisorio e logo depois do primeiro conselho provincial do Rio-Grande do Sul: foi commandante das armas em Sergipe em 1830: foi presidente da provincia do Pará em 1832, das Alagôas em 1834, de Santa Catharina em 1837, do Espirito-Santo em 1840. Foi eleito deputado da assembléa geral pelo Rio-Grande do Sul na primeira legislatura, pela provincia do seu berço na oitava, membro da assembléa provincial de Santa Catharina uma vez, da de S. Paulo duas vezes.

Nas lutas politicas, nos certamens constitucionaes, no movimento ardente, na acção do grande theatro, como no esquivo retiro da fadiga ou das illusões, foi sempre liberal, e deixou no mundo immenso das côres cambiantes o exemplo da firmeza inabalavel na religião dos principios, da constancia energica que póde quebrar, mas não torce, d'aquelles velhos paulistas que se chamaram Feijó e Andradas, Paula e Sousa e Alvares Machado.

No primeiro reinado, a opinião politica de José Joaquim Machado d'Oliveira provou-se em solemne e arriscado pleito, como o ouro que se prova no fogo. Na camara temporaria, de que elle era membro, discutia-se a accusação do ministro da guerra Joaquim

de Oliveira Alvares, que além de ministro era general: officiaes do exercito enchendo as galerias do parlamento, ameaçavam os eleitos do povo, ousando até interromper com insultuosa grita o velho dr. França, o impavido philosopho: soou a hora da votação, que foi nominal, e Machado d'Oliveira, liberal, arrostou as ameaças que tentavam coagir, deputado não se lembrou de que era soldado, votou pela accusação do ministro da guerra.

Não apreciamos as questões politicas d'esse recente passado: exhibimos sómente um facto que glorifica a independencia parlamentar d'aquelles tempos de tormenta politica.

A capacidade e esclarecida intelligencia de tão prestante cidadão foram ainda reconhecidas pelo governo imperial quando o escolheu para desempenhar importantissimas tarefas, embora na serie successiva das nomeações umas fossem impedindo o desempenho de outras.

A 20 de Abril de 1843 foi Machado d'Oliveira nomeado encarregado de negocios e consul geral do Brasil junto ás republicas do Perú e Bolivia; a 16 de Junho de 1844 recebeu a incumbencia de compilar um mappa hydrographico dos rios Paraguay e Paraná; a 24 de Julho do mesmo anno cumpriu-lhe ir por ordem do governo examinar a fabrica de ferro de Ipanema, devendo escrever uma memoria sobre o seu estado e necessarios melhoramentos; a 14 de Março de 1846 foi nomeado director geral dos indios da provincia de São Paulo; a 21 de Fevereiro de 1856, delegado do director geral das terras publicas na mesma provincia.

O peso dos annos e a fadiga de incessantes trabalhos levaram Machado d'Oliveira a aproveitar-se da reforma no posto de coronel, que obteve pela carta patente de 23 de Fevereiro de 1844, por contar mais de trinta e cinco annos de serviço, para retirar-se ao seio amigo e suave da terra natal; mas alli o dedicado brasileiro não soube furtar-se ao dever do civismo.

Em S. Paulo serviu como presidente da commissão inspectora da casa de correcção da capital, como 1.º substituto do delegado de policia e como presidente da camara municipal da mesma cidade em um quatriennio. Depois de commandar armas e de dirigir a alta administração de provincias; depois de occupar uma cadeira na camara temporaria em tres legislaturas, José Joaquim Machado d'Oliveira vai nobremente pedir o voto do povo nos comicios municipaes, e acceita um lugar de substituto de delegado de policia; não louveis a sua modestia, admirai a sua grandeza: elle não desceu, subiu: a charrua de Cincinato era mais alta que a dictadura; mas o civismo que não mede os gráos dos cargos publicos, e que exerce os mais modestos depois de haver exercido alguns dos mais consideraveis, é mais alto do que a charrua de Cincinato.

Agora o soldado e o cidadão, o homem da guerra e da politica, vai mostrar-se sob outro aspecto. A barraca do guerreiro tinha sido gabinete de estudo; as lutas dos partidos não absorveram no abysmo das paixões exclusivas a intelligencia e o zelo do benemerito Machado d'Oliveira: era paladim de um partido politico sómente porque amava a patria; e onde havia

campo que o amor da patria podia arar, o illustrado paulista se mostrava lavrador incansavel. A historia e a geographia do Brasil foram por isso os seus estudos de predilecção.

A 10 de Agosto de 1838 duas vozes generosas e patrioticas, a do conego Januario da Cunha Barbosa e a do marechal Raymundo José da Cunha Mattos propuzeram na sociedade Auxiliadora da Industria Nacional a fundação do Instituto Historico e Geographico do Brasil; e no empenho de levantar-se o templo consagrado á historia patria, um dos mais activos e laboriosos operarios foi José Joaquim Machado d'Oliveira.

Os fundadores de uma instituição são como os patriarchas de um povo: José Joaquim Machado d'Oliveira foi mais que socio honorario, foi socio fundador, um dos pais do Instituto: a veneração á sua memoria é santo dever que nossa familia não olvida.

Oh! mas ha pais que abandonam, que não educam os filhos, que os deixam inertes ou ociosos, pervertidos pela céga licença que estraga a natureza, desgraçados pela inutilidade da vida que não aproveita á humanidade: despreziveis, porque são como as heras fataes ás arvores fructiferas; malditos, porque são o peso e tornam-se a vergonha da sociedade. São os pais que possuidos de egoismo louco se desvanecem dos filhos, porque são seus filhos, e não os sabem criar, educar para a patria de que elles devem ser cidadãos, ensinando-os com o exemplo da virtude, corrigindo-os com a severidade da justiça.

Não sabemos nem dizemos que nos tempos que correm haja réos deste crime de lesa-natureza ou de

leso-dever; com ufania, porém, asseguramos que os fundadores, os pais venerandos do nosso Instituto, e entre elles notavelmente José Joaquim Machado d'Oliveira, crearam e educaram o filho com a lição do exemplo e com a severidade no cumprimento dos fins da instituição.

Desde 1838, desde o berço do Instituto Historico e Geographico do Brasil até muito recente data, o nosso velho patriarcha encheu os archivos e a *Revista Trimensal* d'esta associação com estudos, memorias, trabalhos sobre pontos obscuros da nossa antiga e moderna historia. Perdão, se deixo de enumeral-os; são tantos que formariam extensa lista; quasi todos se acham publicados na imprensa do Instituto, e todos são luzes que nos esclarecem, palavras que nos ensinam o caminho que nos cumpre seguir: eis a lição do exemplo.

E n'esses estudos, memorias e trabalhos tão diversos e variados, e no seu labor activo de seis annos de frequencia ás sessões do Instituto, o patriarcha zelou a imparcialidade, a isenção do filho nos processos de que elle não pôde ser juiz, nas lutas incandescentes, apaixonadas, suspeitas, porque são contemporaneas no turbilhão de antagonismos, ás vezes na cratera que arroja lavas de odios, na confusão de gritos, no atordoamento de animos, em que não ha quem tenha o direito de sentenciar, dizendo: «Sou eu que acerto, és tu que erras:» eis a severidade no cumprimento dos fins da nossa instituição.

Além dos fructos preciosos de suas lucubrações, tributados por seu amor paternal ao Instituto Historico e Geographico do Brasil, José Joaquim Machado d'Oli-

veira escreveu um excellente livro da geographia da sua muito amada provincia, e deixou rico thesouro de manuscriptos e documentos relativos á historia patria.

Socio effectivo e depois honorario da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o nosso venerando consocio foi tambem fundador e presidente da sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da provincia de S. Paulo.

A amplidão do seu peito mal chegava para as condecorações que attestavam o seu merecimento; porque, além do habito da imperial ordem da Rosa e da commenda da de S. Bento de Aviz, n'elle fulguravam todas as medalhas das campanhas que fizéra.

Por decreto do dia 1.º de Outubro de 1835 foi-lhe concedida a pensão annual de 120$000, approvada pela resolução de 31 de Outubro de 1837, que elle, apezar de pobre, cedeu para as urgencias do Estado, quando em 1863 a prepotencia britanica alvoroçou o patriotismo dos brasileiros.

No dia 16 de Agosto de 1867 falleceu na capital da provincia de S. Paulo o varão illustre José Joaquim Machado d'Oliveira, que teve sepultura onde tivéra o berço: contava setenta e sete annos de idade e perto de sessenta de serviços á patria. Sua vida foi como o harmonioso canto do artista consciencioso: difficil, zeloso, fatigante para o cantor; suave, encantado e precioso para os ouvintes que sabem ouvir: foi como terra succulenta de pomar que deu seiva ás arvores, e pela seiva ás arvores, flores e fructos, não para si, mas a patria que se enriqueceu com a pingue colheita.

QUADRO HISTORICO

DA

PROVINCIA DE SÃO PAULO

Breve retrospecto á historia da Provincia de São Paulo.

O portentoso pensamento de Christovão Colombo estava realisado; era um facto consummado havia já trinta annos.

Fez-se caminho de uma outra terra além da conhecida no mundo; e todos os povos do antigo continente tinham os olhos voltados para essas regiões longinquas, da qual se fazia narrativas grandiosas á similhança de contos magicos, de onde chegavam homens estranhos e cousas maravilhosas.

O seculo XVI abriu-se para as descobertas do Brazil.

Trinta e quatro annos eram passados depois que Vasco da Gama, dobrando o Cabo da Boa Esperança, devassára o imperio asiatico; vinte e tres, que o italiano Americo Vespucio reconhecêra o continente a que déra o seu nome; Vicente Pinzon chegára ao rio das Amazonas; e Pedro Alvares Cabral, á costa do Brazil em demanda da India, seu unico destino. Martim Affonso, navegando o Atlantico-meridional em 1531, corta nesses mares a parallela 32ª, e proseguindo, vai surgir no rio da Prata, para em seu regresso d'ali firmar pé no litoral de São Vicente que antes atravessára.

Após o que, a formosa cordilheira das Antilhas, os páramos do Prata, o estreito de Magalhães, os rochedos alcantilados do Cabo d'Horn, emfim toda a America-austral figura na topographia da Terra como formando partilha entre os reis de Portugal e Hespanha, que, sem deixarem seus sumptuosos palacios, faziam maiores conquistas do que Cesar e Alexandre.

A Martim Affonso haviam precedido na navegação do Atlantico-meridional:

Em 1501, Gonçalo Coelho, que commandára a frota portugueza, expedida em reconhecimento das terras colateraes das que foram imprevistamente deparadas por Alvares Cabral em 1500, dando nome aos pontos mais notaveis da costa.

Em 1503, Affonso de Albuquerque, que, em demanda da India, aportou n'um sitio desconhecido do litoral do Brazil, e refazendo-se das avarias do mar, d'ali proseguiu em sua navegação para o oriente.

Em 1513, João Dias Solis, enviado pelo governo de Castella a reconhecer as regiões austraes da America reveladas por Vespucio, descobriu em seus mares o golfo do rio da Prata.

Em 1515, o mesmo Dias Solis, que voltando ao rio da Prata, navegou por elle acima até ao Paraguay, onde foi morto pelos selvagens.

Em 1519, Fernando de Magalhães, portuguez ao serviço de Carlos I de Castella, que, correndo a costa occidental do Atlantico até a extrema meridional da America, deixa ali seu nome no braço do mar que separa a Patagonia da Terra de Fogo.

Em 1525, Rodrigo de Acunha, chefe de uma armada hespanhola em demanda das ilhas Molucas, que, arribando do estreito de Magalhães faz estação na costa austral da ilha de Santa Catharina, e navega essa costa até Pernambuco.

Em 1526, Christovão Jacques, mandado pelo governo de Portugal aos mares do Brazil por capitão-mór de uma armada, afim de guardal-o limpando-o da pi-

rataria européa, estabeleceu nessa occasião a feitoria de Itamaracá.

Por esse tempo tambem corriam os mares austraes da America os hespanhoes Diego Garcia, Sebastião Cabot, e Luiz Ramirez á procura do rio de Solis, e para o seu povoamento, que fôra premeditado desde a descoberta daquella região.

A provincia de São Paulo antes do seu descobrimento. Ethnographia indigena.

Os primitivos habitantes da parte da America-meridional que fica aquem do Amazonas, e da cordilheira dos Andes procediam, segundo a opinião mais averiguada e geralmente aceita, de uma origem commum, de uma raça peculiar formando uma só congerie, que dividia-se em diversas nações e estas em tribus, disseminadas por toda a sua superficie, cada uma das quaes fallando differente dialecto de uma lingoa geral que se diz ser a tupy, sujeita á voz de um régulo, que n'alguns logares tinha o nome de cacique, e n'outros o de tupichava, e só em tempo de guerra submissa ao mando deste.

Tem sido philosoficamente e assás debatida, e ainda depende de uma solução que seja fundada em factos bem esmerilhados, e não em tradições vagas, como são as da America em tempos anteriores ao seu descobrimento, a questão de—qual foi a origem dos primitivos habitantes do mundo descoberto por Colombo; e deixando aos eruditos o resolvel-a, contenho-me nas raias da especialidade historica que me impuz, e que neste logar refere-se ás raças indigenas, conhecidas á chegada de Martim Affonso no litoral de São Vicente.

Pelo que se infere dos factos posteriores á conquista da região que a principio teve o nome de capitania de São Vicente, e ao depois o de provincia de São Paulo,

era ella habitada desde remotas eras, cujo principio é perdido na obscuridade dos tempos, por tres nações indigenas, conterraneas, que tinham ahi a sua origem, ou porventura para ahi viessem de outras regiões.

Eram estas nações a dos Guayanás, — a dos Tupys, — e a dos Carijós.

A primeira habitava a parte austral do paiz, confinante ao oriente com os Tamoyos; occupando o litoral cincoenta legoas, e no interior o espaço que lhe permittiam os Payaguás, e outras nações aborigenes que dominavam as terras centraes.

A segunda fazia a sua parada mais habitual no territorio que vae do rio Itanhaen ao de Cananéa, denominado ao depois «Mar-pequeno»; apossada de quarenta legoas de costa, e visinhando com os Carijós pelo lado occidental.

A terceira derramava-se por um litoral de setenta legoas, desde o rio de Cananéa, que servia de raia entre ella e os Tupys, até o dos Patos, que desagua em frente da ilha de Santa-Catharina, seis legoas a sul da ponta de Itapacoroy, e déra nome ao gentio assim chamado.

Ainda quando essas nações conterraneas fossem de diversas origens, occupassem differentes localidades, e não fallassem o mesmo dialecto; eram, comtudo, identicos os seus usos, costumes, e a pratica da vida physica; si bem que fossem inimigas umas das outras, seus bandos encontravam-se por vezes no exercicio da pesca e veação sem que entre si houvessem animosidades e conflictos. Só tinham por inimigo commum, e lhes faziam guerra collectiva e de exterminio, as nações do sertão suas confinantes.

Na epocha do descobrimento tinham os Guayanás por principaes chefes conhecidos a Tebyreçá e Cayubi, sendo que este, pelo que parece, posto que tivesse por seu dominio as terras de Jerybatuba, entre a serra e o litoral, e fosse ahi quasi habitualmente a sua residencia, era submisso á aquelle, porquanto se infere do pro-

cedimento do segundo, sujeitando-se ao que dispozéra Tebyreçá, de se não impedir o desembarque de Martim Affonso em Tumiarú (nome que então se dava ao litoral de São Vicente), quando ali aportou em 1532.

Teb: reçá era o chefe privativo da confederação das tribus indianas que dominavam os campos de Piratininga; e Cayubi, senhor de Jerybatuba, o das tribus do litoral, occupando-o desde o rio da Bertioga, ou o escoante septentrional do pégo do Caniú e lagamar de Santos, até ao rio dos Patos. A serra de Paranapiacaba servia de linha de separação a estas duas confederações.

Na primeira figuravam unicamente os Guayanás, tribu numerosissima e poderosa; na segunda, os Carijós e os Tupys, tribus conterraneas, vivendo separadamente como inimigas, mas com os mesmos usos e costumes.

O primeiro régulo tinha assento nos campos de Piratininga, e d'ahi dispunha as monterias do interior, a pesca no mar, e as expedições armadas contra o gentio do sertão quando ameaçava o do litoral; e Cayubi quasi sempre residia na região maritima, regulando a pesca, e arrecadando-a para o provimento em commum em tempo que faltasse outro alimento.

A nação era dividida em tribus, cada qual subordinada á um cabo com o nome de cacique, que era escolhido d'entre os mais velhos, e destes os mais distinctos, que os commandava na guerra; e as tribus subdivididas em turmas ou bandos pouco numerosos, para que houvesse mais celeridade e prestança em seus movimentos com applicação á caça e á pesca; em cujo exercicio revezavam-se opportunamente.

Só ha conhecimento tradicional de algumas dessas tribus da confederação-guayaná, alojadas em diversas terras dos campos de Piratininga, que, não querendo compartir a sorte de suas co-irmãs, que espavoridas dos massacres e horrores dos conquistadores tomaram o effugio das mattas, permaneceram nos sitios da sua antiga residencia, e posteriormente, os poucos que não

tinham cahido em escravidão, sujeitaram-se a viver em aldeamento. (*)

A mais numerosa das tribus dos Guayanás, que resignaram-se a persistir nas terras do seu antigo dominio, foi a chamada «Guarulhos» que, em seguida ao desbarate dos indios, formou a aldêa desse nome, e esta em 1685 foi constituida em freguezia, logo que as outras raças foram-se ali agglomerando.

Outra, a dos Maramomis, habitando a margem esquerda do Bertioga, junto á sua barra, em cujo sitio a encontrára Martim Affonso, quando fez ali o seu desembarque, em breve dispersou-se abandonando aquelle sitio já por causa dos Tamoyos que, habitando o litoral desde São Sebastião até Guanajára, faziam frequentes acommettimentos á povoação de São Vicente, quando por ahi era o seu transito, já pela visinhança e contacto com a povoação da ilha de Santo Amaro, cujos moradores a obrigavam a violento trabalho.

A historia ainda faz menção da tribu Ururay pertencente á confederação-guayaná, occupando um dos recantos dos campos de Piratininga, e tendo por chefe o cacique Piqueroby, que déra sua filha por mulher a Antonio Rodrigues, companheiro de João Ramalho, e talvez socio com este em seu desterro. Desta tribu fundou-se a opulenta aldêa de São Miguel, que, como as outras, não escapou á commum destruição por que todas ellas passaram.

Os Guayanás fizeram-se notaveis pelo seu valor, altaneria e decidida aversão ao captiveiro; cedendo do seu estado livre só á pura força e na ultima extremidade; e aquelles que não podiam evitar a escravidão, cogitando só nos meios de sahirem d'ella.

Tinham civilisação a seu modo, costumes brandos e habitos sedentarios; eram estranhos á antropophagia, e acreditavam na metempsycose ou transmigração das

---

(*) Revis. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Bras., Tom. 8.º pagina 204.

almas, provendo aos mortos como que si fossem á segunda vida.

Deu-se fé da existencia dos Tupys, no litoral que decorre do rio de Itanhaen ao de Cananéa, pouco depois de conquistado o territorio onde estabeleceu-se a capitania de São Vicente, pelo facto de terem elles em 1562. depois de confederados com as nações indigenas suas conterraneas. ido investir a recente povoação de São Paulo de Piratininga. defendida por Tebyreçá e pelas tribus que se conservaram fieis ao seu dominio.

Parece, comtudo, que houve anomalia na denominação que se deu a este gentio, chamando-os «Tupyniquins», porque, não ha facto algum historico que autorise a deslocalisação dos indigenas, que tinham este nome, do litoral onde os encontrára Alvares Cabral, ou do da capitania dos Ilhéos. onde se fixaram por muito tempo, sahindo d'ali para o sertão por acossados pelos Aymorés posteriormente ao povoamento da capitania de São Vicente.

Ha, porém, mais probabilidades de que o gentio, que na primitiva habitava o litoral entre Itanhaen e Cananéa, fizesse parte da grande nação Tupy adoptando este nome; porque, dando-se a esta raça o predicamento de nação originaria, da qual se diz que derivaram-se quantas foram deparadas pelos conquistadores da Nova-Lusitania, e estava disseminada pela mór parte da sua superficie, é verosimil ou quasi evidente que a esse litoral fosse ter alguma das suas numerosas tribus.

Não nos deteremos mais sobre especialidades deste gentio, que se suppoem oriundo da nação Tupy, porque tem sido esta longa e proficientemente tratada por escriptores que se deram a escrever estudando a ethnographia americana, e o fizeram com jus á convicção.

Dos Tupys suppoem-se provinda, além de outras tribus desconhecidas, a dos Itanhaens, e mais outra que deu pessoal para se formar a aldêa de Peruhybe, posta no litoral a pouca distancia da de Itanhaen; sendo ambas de origem commum, e exclusivamente ictyophagas.

A aldêa dos Itanhaens foi fundada perto do local em que teve assento a povoação do mesmo nome; a qual em 1561 foi creada villa pelo capitão-mór Francisco de Moraes, erigindo-a então em cabeça da capitania do donatario Pedro Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso.

Quasi que passou desapercebida a existencia dos Carijós si a não revelasse unicamente o bem lastimoso facto, de darem elles cabo dos oitenta homens que Martim Affonso, quando ia á pesquisa do rio de Solis, e levado por suggestões de Francisco de Chaves, o bacharel, encontrado em Cananéa, fizera ali desembarcar para a exploração de minas de ouro e prata, que se dizia haver naquellas paragens em grande copia.

Homisiados como pareciam estar no seu proprio territorio, que os punha em guarda dos acommettimentos dos seus inimigos confinantes (dos Guayanás, pelo rio de Cananéa ou Mar-pequeno; dos Patos, pelo rio do mesmo nome, hoje chamado «Biguassú»; e das hordas do sertão, pela Cordilheira maritima), os Carijós só abandonaram esse territorio quando atacados e repellidos delle pelos vicentistas, nas excursões que estes fizeram para o povoamento das regiões austraes do Brazil.

Si pelos individuos desta raça, aprehendidos nessas excursões e em subsequentes recontros, o que deu causa á sua extincção, póde-se formar uma exacta apreciação do verdadeiro caracteristico da nação Carijó, reduzida em maxima parte á escravidão, não se duvidará que eram esses indios, posto que affaveis e pacificos, maliciosos, indolentes e de animo apoucado; acommettendo a seus contrarios insidiosamente, e exercendo carnificina só nos inermes e prisioneiros. Sujeitaram-se sem reluctancia á vida de escravos, soffrendo com resignação as durezas e flagicios dessa miseranda condição.

Das poucas tradições desta nação não se colhe quaes fossem o seu chefe e outros mandatarios, e qual o re-

gimen que tinham em communidade; sabendo-se apenas que viviam do pescado no extenso litoral do seu dominio, e da pouca veação que lhe forneciam as estreitas matas dos declivios maritimos da Cordilheira.

Chegada e desembarque de Martim Affonso no litoral de São Vicente.

Como quer que no fim do reinado de D. Manoel de Portugal, e no começo do de D. João III nenhuma importancia se désse ao descobrimento do Brasil, dando-se toda, então, ao da India pelos portuguezes; para onde, sem probabilidades de compensação e só por espirito de dura conquista, affluiam e encarreiravam-se frotas e gente, esgotando-se dessa arte os escassos recursos do paiz em tão longinquas regiões, e atravéz de descommunaes difficuldades, o certo é que baniu-se esse torpôr e despreso com as informações sobre a Nova-Lusitania, havidas posteriormente ao feliz achado de Alvares Cabral só por força do acaso, e com especialidade as que deram Gonçalo Coelho e Christovão Jacques, mandados expressamente para darem fé, e tomarem o possivel conhecimento da terra nas localidades que lhes fossem accessiveis.

Não menos concorreu para o proposito de se cuidar attentamente para a Terra da Santa Cruz, como Cabral a chámara, o facto de já a terem devassado, e de animo deliberado a se assenhorearem della, aventureiros estrangeiros que, com ou sem coadjuvação dos respectivos Estados, ahi chegaram, dispostos a firmar pé nos pontos da costa que mais aproveitaveis lhes pareciam; e além desses, outros se preparavam para identico fim, animados tambem pelo abandono em que por trinta annos estivera o paiz descoberto.

Sem duvida, attento o espirito da epocha, mais por vangloria de possuir terras na America assim como na

Asia, do que pela espectativa de vantagens, que se podia colher do seo povoamento e colonisação, o governo portuguez fez aprestar e partir para o Atlantico-meridional uma armada de cinco velas, formada de navios da Corôa com a guarnição de quatrocentos homens, nomeando a Martim Affonso de Souza para commandal-a com o titulo de seu capitão-mór, e a seu irmão Pedro Lopes de Souza para dirigir a navegação.

A Martim Affonso, além do encargo especial de reconhecer e pesquisar nos mares do sul o rio descoberto por Dias Solis, foi outorgado poderes extraordinarios para commandar tanto no mar, como em terra as colonias que ahi fundasse.

A armada zarpou de Lisboa em 3 de Dezembro de 1530, e depois de correr a costa do Brasil desde o cabo de Santo Agostinho para o sul, entrando no porto de Pernambuco, no da Bahia e no do Rio de Janeiro, demorando-se neste ultimo tres mezes, surgiu a 12 de Agosto de 1531 junto á ilha de Cananéa (hoje ilha do Abrigo); e como Martim Affonso fosse informado pelo denominado bacharel, que residia nessas paragens havia trinta annos, de haver no interior daquellas terras ricas minas de ouro e prata, fez ao 1.º de setembro daquelle anno partir para ali com o fim de as explorar a oitenta homens ao mando de Pedro Lobo, da sorte dos quaes adiante se tratará.

Estiveram os navegantes quarenta e quatro dias no surgidouro da ilha do Abrigo em Cananéa, erigindo-se nesse tempo no pontal fronteiro á ilha tres padrões de pedra com as quinas portuguezas indicando a estação que ali fizera a armada.

E como fosse o principal encargo de Martim Affonso a exploração e povoamento do rio da Prata, conhecido então com o nome de rio de Santa Maria, fez seguir a armada para ali, largando de Cananéa a 26 de setembro; e como nessa quadra reinassem naquelles mares violentos e successivos temporaes, fazendo naufragar junto ao cabo de Santa Maria a capitanea

da armada, desistiu o capitão-mór do proposito que o levava ao rio da Prata, incumbindo a sua execução a seu irmão Pedro Lopes de Souza; fez dar curso contrario á navegação retrocedendo para o norte, e a 21 de janeiro de 1532 entrou na enseada de Guarapissumã, fundeando a 22 desse mez junto á costa oriental da ilha Induá-guassú, cujo nome foi mudado pelo de *São Vicente* por ser esse o dia consagrado pela Igreja ao santo deste nome; e nessa enseada deparou a armada com bom e seguro abrigo, e em terra, com abundantes meios e recursos para uma colonisação.

Ao entrar a armada na enseada de Guarapissumã, á que posteriormente deu-se o nome de «Barra do rio de Santo Amaro» ou «Barra-grande», afim de distinguil-a das de São Vicente e Bertioga, appareceram no litoral alguns indigenas da tribu dos Tupiniquins aliada com os Guayanás e sujeita ali a Cayubi, e que a esse tempo empregava-se na pescaria occupando as duas ilhas que formam a enseada, denominadas então «Induá-guassú» e «Guaymbê» e que ao depois chamou-se, a primeira, ilha de São Vicente, em commemoração do dia em que fundeou em sua costa a armada de Martim Affonso; e a segunda, ilha de Santo Amaro, derivando o seu nome do orago da população levantada ahi pelo donatario Pedro Lopes de Souza, quando se lhe concedeu aquellas e outras terras para seu apanagio sob o titulo de capitania.

Assombrados os indios pescadores com a perspectiva das náos e temorosos da sua approximação á costa, retrahiram-se á seus alojamentos, pondo de sobreaviso a Cayubi que cautelloso foi logo dar fé desse acontecimento.

Explorado o litoral exterior destas ilhas, e escolhido o da barra da Bertioga como o mais adequado para o desembarque de Martim Affonso e seu sequito, e depois de alijada a gente em terra com promptidão edificou-se na ilha de Santo Amaro em proximidade da barra, uma casa forte tanto para proteger esse de-

sembarque, como para alojar a gente que fosse posta em terra, e defendel-a assim dos acommettimentos das tribus selvagens, cuja existencia ali era revelada pelos indigenas, que foram vistos á aproximação da armada.

Concluida a obra e depois de se lhe assestar a artilharia que podia comportar, foi guarnecida de força armada, tomando-se a necessaria attitude em prevenção á qualquer eventualidade. E porque toda essa lida fosse ás occultas espreitada pelos indigenas do litoral, chegou isso ao conhecimento de Tebyreçá nos campos de Piratininga, que sem demora fez reunir toda a gente de guerra que lhe era sujeita, dispondo-a a partir para a marinha com o fim de repellir o ingresso dos invasores.

A boa estrella de Martim Affonso neste ensejo consistiu em ser a residencia de João Ramalho ao pé da de Tebyreçá, por se achar ligado com uma filha do régulo teúda por sua mulher, tendo-o em mór estima e ouvindo seus conselhos.

Ramalho, que parece fôra lançado por desterro n'alguma das terras da costa, ou por Gonçalo Coelho quando em 1501 navegou o Atlantico-meridional em descobrimento das terras colateraes do litoral que fôra reconhecido por Cabral, ou quando não, por Christovão Jacques, a quem em 1526 se commettêra o encargo de policiar esses mares da pirataria européa e que aportára em diversos pontos do litoral; não podendo-se tomar senão como um effeito de alienação mental a declaração em seu testamento feito em 1580, segundo refere o chronista da capitania de São Vicente(*) de «residir no Brasil havia noventa annos», porque seria mister que a sua chegada ahi procedesse ao descobrimento do Novo-Mundo por Colombo em 1492.

João Ramalho, como digo, comprehendendo da noticia dada — de haver chegado á costa de Guarapissumã

(*) Fr. Gaspar da Madre de Deus na «Notica dos annos em que se descobrio o Brasil», publicada á pag. 425 do Tomo 2.º da Revista do Instit. Histor. e Geogr. do Brasil.

embarcações de alto bordo, das quaes se alijára gente na praia da Bertioga, que logo se déra a construir uma casa forte em que pudesse estar segura—, que essa armada outra não podia ser senão portugueza, por já não serem desconhecidas ao seu paiz as regiões daquella parte do hemispherio austral, e havel-as explorado por mais de uma vez; e conseguindo despreoccupar a Tebyreçá da primeira impressão que lhe causára aquella noticia, e apasigual-o nas aprehensões hostís que ella lhe suscitou contra os intrusos, para effeito do que já se preparava, dando-lhes pelo contrario bom acolhimento, e o adjuctorio de que dependessem para qualquer fim que porventura intentassem.

O emissario da paz, transferindo-se logo para o litoral á frente de tresentos sagitarios de Piratininga, fôra pontual em fazer conhecer a Cayubi a disposição pacifica do régulo de Piratininga a respeito da gente que da armada de Martim Affonso se fizera desembarcar em Bertioga; e Cayubi, que á chegada da armada retirára-se da costa com a sua tribu, e a que de Itanhaen viera em seu auxilio, pondo-se ao abrigo das montanhas da ilha Guaymbê, hesitando a principio, foi por fim obediente ao mandato transmittido de Tebyreçá, e, retendo-se naquelle logar, entregára a Ramalho a gente pedida por este para reforço da que trouxera de Piratininga, no intuito de, em caso de reluctancia, poder sustentar o que fôra pactuado com Tebyreçá; tendo por companheiro nessa empreza a Antonio Rodrigues que, como já dito fica, aliára-se á filha de Piqueroby, chefe da tribu Ururay, depois de conseguir deste, á imitação do régulo de Piratininga, sua annuencia a favor do desembarque de Martim Affonso.

Ramalho aproxima-se á Jerybatuba tres dias depois da chegada de Martim Affonso á Bertioga, e quasi ao ponto em que Cayubi, coadjuvado pelos Tupys e Itanhaens, ia investir o forte que ali se fizera de improviso; detem a este cacique em seu rompimento, annunciando-lhe que era essa a vontade do régulo, e cami-

nha affouto e abertamente para o forte á frente dos tresentos sagitarios de Piratininga, e das tribus que a esse tempo estavam reunidas na ilha do Guaymbè.

A' vista do que os desembarcados aprestaram-se a affrontar o evento que parecia indicar a aproximação da gente da terra, collocando-se Martim Affonso á sua frente, e preparando-se Pedro Lopes a jogar a artilharia da armada.

Tomando as cousas esta attitude fez Ramalho parar o gentio de seu sequito em sitio que estivesse fóra do alcance dos tiros do forte, e só e empunhando unicamente um signal indicativo de paz; adiantou-se para o forte, e á distancia que pudesse ser ouvido bradou aos portuguezes em seu idioma, declarando-lhes que os indios vinham em guiza de paz, e só dispostos a recebel-os favoravelmente.

Imagine-se a alegria dos invasores ao ouvirem em tão remotas paragens, e por uma voz portugueza o patrio idioma expressando consoladoras palavras de paz e bom acolhimento da parte dos senhores da terra, quando esperavam as de guerra e exterminio, bem temerosos como estavam da sorte que tiveram os companheiros de Diogo Alvares, o Caramurú, em seu naufragio, que souberam na Bahia de Todos os Santos!

Ouviu-se a Ramalho acreditando em suas palavras; abaixaram-se as armas, quer de um quer de outro lado; houve trégoa e concordia entre os que, pouco antes, se podia considerar como temiveis contendores; e a artilharia da armada, que em tom de guerra estava prestes a desfechar tiros contra os indios de São Vicente, soou de alegria, salvando ao destravamento de uma lucta com os indios, que se figurava inevitavel.

Este inesperado arrefecimento dos animos foi aproveitado por Martim Affonso, que, dando maiores dimensões ao forte de Bertioga, e guarnecendo-o capazmente, fez regressar a armada para a enseada de São Vicente, e na praia de Embaré na ilha de Induá-guassú completou o desembarque dos colonos que comsigo trouxera.

Fundação da Villa de São Vicente. — Delineamento da povoação de Santo André. — Retira-se Martim Affonso para Portugal.

Por informaçoes dadas por João Ramalho e seu companheiro Antonio Rodrigues, de que era a ilha de Induá-guassú a que melhor se prestaria para o assento de uma colonia; e isso já por sua posição no litoral, e recursos do seu sólo, já porque poder-se-hia tirar algum partido das tribus indigenas que habitavam as terras ao sul da ilha e lhe eram visinhas, as quaes, de indole pacifica e maleavel, se ageitariam facilmente aos trabalhos dos colonos, foi Martim Affonso induzido a levantar ali os cimentos da povoação que lhe cumpria fundar para acommodação das familias por elle contractadas para a colonisação, e que na armada vieram a expensas suas, como se suppoem.

Para essa povoação deu-se preferencia a uma collina á beira do rio de São Vicente, de pouca altura, que, começando a elevar-se docemente da praia de Itareré, vae prender-se ao grupo de montanhas que a principio teve o nome de outeiro de Braz de Cubas, ao depois, o de São Jeronymo, e hoje, de Montserrate, interpoem-se a Santos e São Vicente.

Escolhida definitivamente de entre diversas essa localidade para estabelecimento da povoação, sem demora e com assistencia de Martim Affonso, abrindo-se previamente um caminho que da praia do Embaré, atravessando a de Itareré, fosse ter ao sitio em que se devia fundar a povoação, e isto porque, tendo-se explorado o rio de São Vicente (conhecido ao depois como um dos escoantes do lagamar de Santos) não dava elle facil navegação para embarcações de coberta, edificou-se ahi com celeridade a igreja da Assumpção, que serviu de matriz, e simultaneamente a casa do conselho, cadêa, estaleiro e todas as mais obras que eram de mister para gazalhado da colonia e funcções administrativas (a).

(a) Veja-se a letra A do appendice.

Entretanto que se lançava os primeiros fundamentos da villa de São Vicente occorreu a Martim Affonso, que lhe cumpria fazer chegar ao conhecimento do rei de Portugal os successos havidos subsequentemente á partida de João de Souza, que fôra portador da noticia do desbarate e apresamento das náos francezas que a armada encontrára em Pernambuco, e de que o capitão-mór proseguia em sua navegação para o sul.

Com este intuito fez partir para Portugal em 22 de maio de 1532, e quatro mezes depois da sua chegada a São Vicente, a seu irmão Pedro Lopes de Souza, que dirigira a navegação das náos para as regiões austraes; o unico que, estando na confidencia dos planos do capitão-mór, sobre a colonia e seu estabelecimento, e como testemunha presencial dos factos até ali occorridos, podia expol-os ao rei com lisura e verdade.

Ao correr dos primeiros trabalhos da edificação da colonia foi ella provida de serventuarios para as funcções religiosas e administrativas. Foi assim que o capitão-mór nomeou para parocho da igreja, que apressadamente se construia, ao padre Gonçalo Monteiro, a quem D. Anna Pimentel, mulher de Martim Affonso, constituira posteriormente, e por morte deste, seu locotenente; para provedor da fazenda, a Belchior de Azevedo, que tinha sido capitão da galé Santiago, e a Henrique Montes para fornecedor de mantimentos ou almoxarife.

Ao mesmo tempo que se levantava a povoação de São Vicente, a que logo se deu o predicamento de villa, e foi por muito tempo capital da capitania do mesmo nome, procedia Martim Affonso, com a autorisação que lhe dava o Alvará de 20 de novembro de 1530, á distribuição de terras na ilha de São Vicente, a antiga Induá-guassú, na do Guaymbê, a cujo nome accrescentou-se ao depois o de Santo Amaro, e na das terras do interior que eram então conhecidas; provendo aos colonos de meios de as arrotearem para se manterem logo do seu fructo.

Na destribuição das terras das duas ilhas tiveram precedencia Antonio Rodrigues por sua adhesão a João Ramalho, a quem coadjuvára no desembarque de Mar tim Affonso, e aquelles colonos que para taes concessões tinham por unicos titulos o merito do seu solar no paiz do seu nascimento. Este procedimento de precedencias nobilitarias estava nas condições da epocha.

A Antonio Rodrigues concedeu-se na ilha de São Vicente as terras situadas a duas legoas da barra de Santo Amaro e fronteiras a Tumiarú, reservando-se dellas a área que fosse necessaria para estaleiro de embarcações; a Pedro de Goes, uma grande parte da ilha cuja carta de doação foi assignada em 10 de outubro de 1532, achando-se Martim Affonso em Piratininga, e nesse territorio erigiu-se a fabrica de assucar conhecida com o nome de «engenho da Madre de Deus», do qual ainda a bem pouco existiam vestigios; e a Francisco Pinto, concessão feita na mesma ilha em 4 de março de 1533.

Nessa partilha de terras foi Martim Affonso aquinhoado com a porção que no centro da ilha achou-se azada para o cultivo da cana de assucar provinda da ilha da Madeira, e que ao depois fôra transplantada d'ali para diversos logares do Brasil. Ahi construiu-se a primeira fabrica tocada por agua que houve nesta região, á que se annexouu ma capella com a invocação de São Jorge, de que ainda se vê resquicios nas localidades do rio do mesmo nome que corre entre Santos e São Vicente.

Esta distribuição de terras foi extensiva ás que nas fraldas da serra Paranapiacaba abeiram ao rio do Cubatão, e até onde este rio se achava explorado. Na paragem, a que então se deu o nome de porto das Armadias, e que na passagem por ali de Martim Affonso, quando fez uma digressão á Piratininga, foi esse nome substituido pelo de porto de Santa Cruz, concedeu-se a Ruy Pinto uma sesmaria, em cujo logar os jesuitas seus successores levantaram um estabelecimento agri-

cola, por muito tempo conhecido com o nome de «sitio do Cubatão de Cima», á pouca distancia do Cubatão-geral, onde a Companhia fundou outro igual estabelecimento com capella e a grande casa que ainda ali existe.

Logo que Martim Affonso achou-se menos atarefado, e alguma trégoa lhe deram os primeiros trabalhos da fundação da villa de São Vicente, dirigiu-se a reconhecer os campos de Piratininga além da serra Paranapiacaba, e a instancia de João Ramalho, que, dando-lhe uma ligeira noticia das terras de Serra ácima, lhe suscitára o pensamento de erigir ali uma povoação. E tomando a Ramalho por guia encaminhou-se para essas paragens, embarcando em São Vicente, e atravessando o lagamar do Caniú, entrou no rio do Cubatão, desembarcou no porto das Armadias proximo á raiz da serra, e desse logar seguiu para Piratininga, tomando o trilho feito pelos indios, onde chegou anteriormente a 10 de outubro de 1532, porque com essa data assignou ahi o capitão-mór a carta da sesmaria concedida a Pedro de Goes, como acima se disse, fazendo parada na habitação de Ramalho, que a teve no sitio conhecido ao depois com o nome de «Borda do Campo», e hoje serve de assento á freguezia de São Bernardo.

A Ramalho, pela sua alliança com Bartira filha de Tebyreçá, fôra dado como em apanagio uma parte do extenso senhorio territorial do régulo nos campos de Piratininga, e ás paragens cedidas deu-se ao depois o nome de «Borda do Campo», como acima se diz, por formarem a linha extrema entre os campos de Piratininga e as matas da serra Paranapiacaba. Ahi vivia o velho portuguez com sua familia do trabalho dos indios, que cuidavam em bem servil-o, menos pela condição de escravos seus, do que pela brandura com que os tratava; e essa posse foi confirmada por Martim Affonso quando ali se achou, dando-lhe previamente o governo da povoação que ali se fundasse; cuja edificação começou em 1553 com a invocação de Santo

André, á que o governador geral do Brasil Thomé de Souza deu o predicamento de villa, estabelecendo-se nesse logar uma feitoria para resgatar com os indios, devida aos trabalhos em commum de Ramalho e Antonio Rodrigues.

Reconhecidas por Martim Affonso as localidades da Borda do Campo, e compenetrando-se logo das vantagens que se podiam colher do povoamento em taes sitios, ostentando em grande copia recursos naturaes, regressou a São Vicente, não sem admirar-se do progresso havido em sua edificação no pouco tempo que durou a sua ausencia da colonia, e da tendencia e concordia dos animos para aquelle fim; e como comprehendesse logo as propensões abusivas dos portuguezes para com os indios, principalmente em privar a estes da liberdade que tanto presavam, e que da nimia franqueza que no tracto mercantil houvesse entre as duas raças, e da indiscreta communicação que d'ahi se derivasse serião os indios, quando não extorquidos dos seus haveres, os unicos mui prejudicados nessa mercancia, com louvavel previdencia dispoz o capitão-mór, e foi este o seu primeiro acto após a sua retirada do campo, que nem a *resgatar*(*) com os indios pudessem ir ali os brancos sem sua licença, ou dos capitães-móres seus loco-tenentes, a qual se daria com muita circumspecção, e unicamente a sugeitos bem morigera dos». (**)

Desta regra, porém, fôra exceptuado Ramalho, que além de residir entre os indios, por amor a estes, sahiria logo de través a qualquer abuso que houvesse na concurrencia das duas raças.

Durou pouco a prohibição deste indiscreto amalgama de brancos e indios em tempo ainda inadequavel, porque de Lisboa e aos 11 de fevereiro de 1544 derogou-o imprudentemente D. Anna Pimentel, mulher

(*) *Resgatar* por negociar.
(**) Memorias para a Histor. da Capit. de S. Vicente, pag. 70.

de Martim Affonso e seu loco-tenente, com a unica exclusão do tempo em que os indios andassem *em sua santidade,* ou em exercicios religiosos, conforme a pratica dos jesuitas, que a esse tempo começavam a sua catechese nos campos de Piratininga.

E ainda quando houvesse para isso razões plausiveis, e mesmo que a successora do donatario desconhecesse a rudeza de costumes dos que iam communicar-se com os indios, contra a qual luctava em vão a ineffavel doçura do christianismo, não podia esse meio sanar a extemporaneidade de similhante derogação na lisongeira perspectiva que aos invasores ostentava-se o paiz, intuitiva de grandes riquezas, e quando á sua vista as paixões altamente cobiçosas desabrochavam com impeto, sem que ainda houvesse poder adequado e competente para refreal-as ou contel-as em limites razoaveis. Factos ulteriores, que não ha termos que os qualifiquem, justificaram a previsão do prudente capitão-mór.

João de Souza, um dos officiaes da armada de Martim Affonso, que de Pernambuco fôra mandado a Lisboa pelo capitão-mór com a noticia do apresamento feito em 31 de janeiro de 1531 das náos francezas, que estavam em protecção á feitoria de Igaraçú, fundada em Itamaracá pelos francezes, aportou a São Vicente trazendo duas caravellas; não se sabendo certo si a sua chegada fôra nos dias em que o capitão-mór esteve em Piratininga, ou depois do seu regresso d'ali.

João de Souza foi portador da carta do rei D. João III a Martim Affonso, datada em 28 de setembro de 1532, agradecendo-lhe os serviços prestados até então, e significando-lhe a confiança que tinha de que maiores havia a esperar delle. Nessa carta avisava o rei ao capitão-mór de que, na partilha das terras descobertas desde Pernambuco até ao rio da Prata tiveram elle e seu irmão precedencia, concedendo á aquelle cem legoas de costa, e a Pedro Lopes, cincoenta; mandando logo passar os titulos dessas doações.

As cem legoas de terra da costa concedidas a Mar-

tim Affonso foram posteriormente e por indicação deste divididas em dous quinhões: o primeiro comprehendia-se desde a barra de São Vicente até doze legoas ao sul de Cananéa, ou proximamente até á barra mais septentrional da bahia de Paranaguá; e o segundo, desde o rio Juqueryquerê até á barra de Macahé. A costa que vae de Juqueryquerê á barra de São Vicente foi destinada a Pedro Lopes, preenchendo-se a sua doação de cincoenta leguas com as terras que decorrem de Paranaguá á Laguna.

Pareceu a Martim Affonso que o povoamento do primeiro quinhão das suas terras devia começar da ilha de São Vicente para o sul, visto que, em sentido contrario, ia confundir-se com o da doação de seu irmão, que fôra designada de São Vicente para o norte, e já este o havia principiado na ilha de Santo Amaro e nas adjacencias de Bertioga. Neste intuito dirigiu-se, antes de partir para Portugal, ás terras occupadas no litoral pela tribu Itanhaen, e na barra do rio do mesmo nome, distante de São Vicente oito legoas, designou o local onde devia ter assento a povoação, que desde o seu fundamento teve o nome de villa da Conceição de Itanhaen, e já com o pensamento de que seria ali a séde de sua colonia por apresentar melhores condições de segurança e vantagens agricolas.

Posto que D. João III sujeitasse á vontade de Martim Affonso o seu regresso a Portugal, é todavia certo que o capitão-mór realisou-o na monsão de 1533 com a armada á sua determinação, levado sem duvida pelas insinuações que continha a carta do rei—de ficar o governo na dependencia de suas informações pessoaes para proseguir na doação de terras da costa do Brasil, e do grande *custo* que se fazia com a dita armada á tamanha distancia da metropole, assim como de serem necessarios seus serviços para desafrontar da pirataria a costa do Algarve.

Por seu loco-tenente na colonia de São Vicente deixou Martim Affonso a Gonçalo Monteiro, passando-

lhe os poderes que era licito delegar-lhe. Antes, porém, de sua retirada concedeu a Ruy Pinto por carta do 1.º de fevereiro de 1533 as terras do porto das Armadias, conhecidas ao depois com o nome de «Santa Cruz»; e pois que por esse tempo houvesse a noticia do fim desastroso que tivera a expedição dos oitenta homens commandados por Pedro Lobo, e guiada por Francisco de Chaves, o chamado bacharel, que partira de Cananéa ao 1º de setembro de 1531, com o fim de reconhecer as minas de ouro e prata, que certificava o bacharel haver no interior daquellas terras; acommettida e massacrada a gente da expedição pelos barbaros Carijós e Tupys, que habitavão ora o reconcavo de Cananéa, ora a vertente oriental da Cordilheira maritima, que lhe ficava proxima, recommendou o capitão-mór a Pedro de Goes e Ruy Pinto que, em compensação das terras que lhes concedera em São Vicente, tomassem o encargo de formar uma bandeira (*) destinando-a contra os indios que haviam commettido aquelle grande attentado.

Qualquer que tenha sido a reputação gloriosa de Martim Affonso de Souza pelos seus feitos na Europa e na Asia, é ella, em meu entender, somenos á que lhe cabe pela circumspecção e prudencia com que procedeu em seu desembarque e posse das ilhas de São Vicente e Santo Amaro, e pelo tino administrativo e bom senso com que se houve na fundação da sua colonia; sobretudo, sabendo tomar prevenções contra o abuso da agglomeração intempestiva e imprudente dos colonos e indigenas em quanto duravam as animosidades, que de costume soem haver entre os conquistadores e conquistados, e em quanto ellas se não arrefecem; procedimento este que em parte foi contrariado na posterior administração da colonia.

(*) Chama-se *bandeira* no Brasil a uma associação de homens armados, sujeitos a um chefe, com o fim exclusivo de invadir as matas á caça de indios para os atacar e captivar.

Ha, porém, um facto que depoem contra o bom senso, e que a humanidade tomará sempre como um stigma á reputação de Martim Affonso no pouco tempo que administrou pessoalmente a sua colonia, posto que então fosse elle admittido, e posteriormente sanccionado como um preceito da legislação barbara imposta ao Brasil no tempo do seu descobrimento. Revela esse facto uma iniquidade que perdurou muito tempo; elle significa que a escravidão dos indios de São Vicente foi após a sua mansidão abaixando os arcos, quando podiam com victoria repellir os intrusos em suas terras; e isso se conhece bem distinctamente na licença concedida pelo capitão-mór a Pedro de Goes em 3 de março de 1533, de «mandar para Portugal nas naos d'el-rei desesete *peças* de escravos indigenas.»

Factos immediatamente subsequentes á retirada de Martim Affonso de São Vicente. — Assalto á colonia pelos refugiados do rio da Prata.

A nascente povoação de São Vicente foi pouco feliz nos primeiros annos da sua fundação, e pouco medrou em população, embora o donatario da capitania em 1533 e antes da sua partida para a Asia lhe provesse de colonos portuguezes, enviando-lhe ao mesmo tempo entre varios objectos de cultura mudas de cana de assucar, providenciando o seu fabrico: e é certo que este infortunio tem sempre ido a par da sua existencia, e irá até á sua ultima decadencia pela bem conhecida causa dos inconvenientes da sua posição.

Os revezes por que por esse tempo passaram os primeiros povoadores hespanhoes do rio da Prata da parte dos Querandis, indigenas daquella região, obrigaram a Ruy Moschera, um dos chefes dos povoadores, a retirar-se d'ali refugiando-se em Iguape com alguns homens do seu sequito, onde deparou com o bacharel, que alguns lhe deram o nome de Duarte Peres, viven-

do naquellas paragens como obsidiado pelos Carijós, depois que traiçoeiramente entregára ao massacre dos indios a expedição que, para a pesquisa de minas de ouro no interior das terras de Cananéa lhe fôra confiada por Martim Affonso, quando este fizera fundear a sua armada na ilha do Abrigo.

Logo que a noticia de similhante intrusão em Iguape chegou ao conhecimento de Gonçalo Monteiro, locotenente do donatario, intimára este aos refugiados, que pontualmente evacuassem os sitios occupados por elles, pois que eram dependencias da capitania concedida a Martim Affonso pela corôa portugueza. A esta intimação obedeceu o bacharel apresentando-se em São Vicente; porém despresára-a Moschera com arrogancia, dizendo que estava em possessões do rei de Castella, e que ali se sustentaria até quando lhe aprouvesse.

Similhante resposta decidiu Gonçalo Monteiro a proceder vigorosamente contra os intrusos de Iguape, e para esse fim mandou aprestar alguns barcos pequenos e canôas para transporte de gente armada que obrigasse aquella evacuação.

Sem poder fixar a epocha em que se levou a effeito esta empreza, porque a historia a não menciona, e os documentos que a podiam relatar foram extraviados ou consumidos n'um incendio, presume-se que ella teve logar entre os annos de 1535 a 1536, porque no de 1537 Moschera, depois de repellido de São Vicente, retirara-se de Iguape para as possessões hespanholas no rio da Prata.

Como quer que seja, é certo, porém, que a expedição contra os hespanhoes fugitivos do forte do Espirito Santo no rio da Prata, e asylados nas terras de Iguape, formada de vicentistas e de indios a seu serviço, aportára á Cananéa, e descendo em terra depois de observar que ninguem havia ali a affrontar, seguira para o interior com afoutesa, e descuidosa de deparar com obstaculos.

Não tardou muito que fosse de improviso acom-

mettida por detraz pela gente de Moschera, que reforçada com o gentio daquellas paragens, poz-se de emboscada no mato, esperando em silencio a passagem dos contrarios.

Esta surpreza deu facil victoria aos emboscados, pondo em fuga e completa debandada os da expedição; em seguida ao que apoderou-se Moschera dos barcos abandonados, e mettendo-se nelles com os seus companheiros, e os indios que couberam, navegou para o norte á procura da povoação de São Vicente, levando por guia a um dos indios que pertenceram á expedição. A povoação foi de subito assaltada, e Moschera deu-a á pilhagem dos seus, e retirou-se depois para o sul, tão promptamente como lhe aconselhava o medo da reacção, levando comsigo alguns dos descontentes da colonia.

Passado o panico da surpresa, e depois de reconhecida a retirada dos assaltantes, alguns vicentistas dirigidos por Pedro de Goes e Ruy Pinto foram em seu encalço; porém, elles contando com a perseguição, deram maior pressa a sua retirada, e foram de rompida para o sul, sem nem sequer tocarem em Cananéa para o desembarque dos indios, que foram d'ali arrancados para o assalto em São Vicente.

Por sem duvida que mais factos haveria a relatar, occorridos antes e depois do assalto de Moschera em São Vicente, e em referencia á administração de Gonçalo Monteiro, o primeiro loco-tenente que deixou Martim Affonso na sua colonia, e parocho da sua igreja, si não fôra o consumo por incendio e extravio de documentos que a desenharam, e a que deu causa um grande transbordamento do mar nas abas da povoação que mais proximas lhe ficavam, e que desmoronou a parte da edificação que ali se fizera, inclusivé a igreja da Assumpção e a casa do conselho onde estava depositado o archivo da administração. Todavia, o que de mais notavel e saliente houve nessa administração comprehende-se no assalto dado á colonia por Moschera,

que ahi fica referido, e na concessão de terras feita a varios (de preferencia aos que tinham titulos de nobreza e vieram como colonos de Martim Affonso), cujos nomes são mencionados nas chronicas daquella epocha.

Administração de Antonio de Oliveira. — Fundação da villa de Santos. e seus primeiros estabelecimentos publicos.

O successor de Gonçalo Monteiro na qualidade de capitão-mór loco-tenente do donatario da capitania de São Vicente foi Antonio de Oliveira, provido em 16 de outubro de 1538, accumulando o cargo de ouvidor ao de capitão-mór, o qual tinha sido antes feitor da fazenda e almoxarife da colonia por nomeação de 18 de janeiro de 1537, feita por D. Anna Pimentel, mulher de Martim Affonso, por ausencia de seu marido em serviço na Asia.

No começo desta administração houve a grande calamidade da quasi completa obstrucção da barra do rio de São Vicente, frustrando a navegação de embarcações de grande calado, do que derivou-se, directamente, a prematura decadencia da villa, que tem continuado, e seguirá até a sua extincção, e, indirectamente, o povoamento do porto de Santos, que em pouco tempo tornou-se opulento tomando grandes proporções, e o das villas de Santo André da Borda do Campo, e de São Paulo de Piratininga, cujo estabelecimento nullificou as fabricas de assucar levantadas na ilha de Induá-guassú.

O descobrimento do sólo arborisado da ilha, chegando até ás margens do rio de São Vicente, ou o escoante meridional do pégo de Caniú, e o roteamento das suas terras em beneficio da agricultura, tornando-as fôfas e sem a primitiva consistencia, fez com que corressem estas por força das aguas pluviaes para a barra e, pela lentidão do curso do rio e os vaevens da maré, não puderam ser expellidas, e ali se depositaram

com adherencia á camada mais solida do leito; ficando na barra apenas um exiguo e tortuoso canal, correndo entre dous parceis, que só dá passagem a canôas, e que continúa cada vez com menos profundidade. Eis ahi a origem deste mal, e não o proposito, como se ha insinuado, de se entulhar a barra, afim de pôr a povoação em segurança contra piratas que, como Thomaz Cavendish, a acommettessem de novo. O desembarque em São Vicente por este pirata foi cincoenta annos ao depois de que se reconhecesse, que a barra do rio deste nome já não se prestava á navegação de grandes embarcações, como adiante se verá.

O desanimo produzido na colonia de São Vicente quer pela obstrucção da sua barra, quer pelo transbordamento do mar, que levou a melhor parte dos seus edificios, quer tambem pelas vicissitudes a que estão sujeitos os sitios baixos e alagadiços, fez convergir as vistas dos colonos para o lado da ilha que faz face a nordeste, e onde termina o lagamar de Santos, escoado para o mar pelo rio da Bertioga e pelo de Santo Amaro, denominado ao depois «Barra-grande de Santos.»

Nesse logar, conhecido então com o nome de «Porto da villa de São Vicente», porque, para evitar o atravessadouro do golfo da Barra-grande, ali abicavam as canôas procedentes do interior com comestiveis para São Vicente, que do porto eram conduzidos por terra para a villa pelo caminho que ali se abrira, achavamse nelle estabelecidos Domingos Pires e Paschoal Fernandes lavrando em commum as terras situadas entre Montserrate e o litoral, e ao oriente do ribeirão a que posteriormente deu-se o nome de São Jeronymo; terras que em 1539 obtiveram elles do capitão-mór Antonio de Oliveira, passando por ellas e pela encosta oriental dos morros entrepostos ás duas localidades o caminho que ia do porto á colonia, como acima se disse.

O fundo das aguas desse litoral já era reconhecido de grande capacidade para surgidouro de boa tensa, pois que, afora a sondagem que ali se praticára por

diversas vezes, estivera nelle fundeada para fazer-se-lhe reparos a armada de Martim Affonso quando teve de regressar para Portugal. Das suas margens inaccessiveis á crescente do mar elevava-se o terreno em algumas partes gradualmente até confundir-se com o accidentado dos morros fronteiros ao litoral; e destes morros derivavam-se perennes mananciaes, que com o ribeirão de São Jeronymo promettiam maior abastecimento de agua do que o da colonia.

As terras que em 1536 foram concedidas em Jerybatuba a Braz Cubas, depois das que em 1532 obtivera em Induá-guassú, onde levantara a primeira fabrica de assucar que houve na colonia, não corresponderam satisfactoriamente á lavra que ahi empregára o colono, além de ficarem a grande distancia do centro povoado: tambem achava-as mesquinhas e acanhadas para o desenvolvimento pratico do plano que tinha em pensamento.

Com estas vistas Braz Cubas houve de um dos associados, estabelecido nas terras adjacentes ao porto, aquella parte em que entrava o outerinho de Santa Catharina, que ainda se achava inculta e em sua mór parte em mato virgem; e deu-se logo a adaptal-a a geito de receber edificação, que foi rapida pelo concurso dessas circumstancias locaes, de que se souberam aproveitar muitos dos habitantes da desditosa primogenita de Martim Affonso, que cahia em decadencia á medida que a sua rival prosperava, e era já um triste monumento representando a historia primitiva da sua fundação. Igual concurrencia houve da parte dos habitantes da ilha de Santo Amaro, cujo sólo enfesado não se amoldava a suas fadigas ruraes, e dos colonos estabelecidos no reconcavo do lagamar de Santos e pégo do Caniú.

A boa ancoragem que dava o porto de Santos, que substituira ao que fôra obstruido no rio de São Vicente, e a boa estréa com que começou o seu povoamento chamaram para ali os navios de cabotagem com

destino á colonia; e os individuos das suas tripulações que enfermavam soffriam grandes privações pela deficiencia de pessoas e cousas necessarias para o seu tratamento. Isto foi previsto pelo bom tino de Braz de Cubas, e desde logo pensou em estabelecer naquella paragem uma casa de saude para o fim especial de tratar do curativo da gente do mar e forasteiros que carecessem dos seus soccorros.

Este philantropico pensamento, bem raro nos tempos excepcionaes que corriam ao Brasil, e em homens cuja mór parte tudo sacrificava á ambição e ao egoismo, foi a consenso dos principaes habitantes do porto e por elles piamente abraçado, e levado a effeito no principio do anno de 1547, precedendo acquiescencia do capitão-mór de São Vicente, Christovão de Aguiar d'Altero, e obtendo-se confirmação do governo da metropole, que a deu em 2 de abril de 1551, addicionando-lhe a organisação de uma confraria, a cujo cargo estivesse o serviço do estabelecimento, o primeiro que erigiu-se no Brasil.

Teve o hospicio como indispensavel accessorio uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Misericordia, dando-se-lhe a invocação de «Santos», á imitação de outra que havia em Lisboa; e esta vocação transmittiu-se á povoação que d'ahi em diante denominou-se «Porto de Santos», ficando ainda sujeita á administração espiritual e temporal da villa de São Vicente.

Ainda o Porto de Santos se achava no berço quando já sobrepujava á villa de São Vicente em edificação, população e commercio sob a providente e benefica loco-tenencia de Braz Cubas, este homem de acção que conjunctamente servia o emprego de provedor da fazenda; e parecendo a este um contra-senso o estar a sua presada povoação subserviente a São Vicente em todos os ramos do publico serviço, em 1545 deu-lhe o foral de villa, que foi ratificado pelo governo de Portugal em 1546, antes do que tiveram um juiz pedaneo creado pela minicipalidade de São Vicente, e su-

jeito a esta; servindo de matriz á nova villa a igreja da Misericordia.

Os Tamoyos. — Meios de defesa contra seus acommettimentos. — Hans Stad. — Thomé de Souza de visita a São Vicente. — Os jesuitas em acção da catechese.

A villa de São Vicente soffreu por muitas vezes acommettimentos dos Tamoyos, seus visinhos do lado do oriente, em cujos assaltos matavam a muitos colonos, captivavam homens, mulheres e crianças, livres e escravos, roubavam e assolavam suas fazendas. De sua parte os vicentistas, ajudados pelos seus amigos Tupiniquins, autorisados por um termo que a camara de São Vicente promulgára em 9 de setembro de 1542, determinando que,—como a povoação ia em augmento, obrigava isso ao chamamento dos colonos existentes em cima da Serra, para que unidos aos vicentistas se désse cabo aos ataques dos Tamoyos—, investiram por tres vezes aos alojamentos dos indios, destruindo-os, massacrando e escravisando a muitos.

Muitos annos passou-se nesta lucta incessante e atroz hostilisando-se reciprocamente os contendores; lucta que só veio a terminar com a derrota completa dos indios no Rio de Janeiro, coadjuvada pelos vicentistas com gente e viveres.

Especialisemos alguns factos, em cuja referencia será alterada a ordem chronologica que temos seguido nesta historia.

Já ácima fica dito que estando sob o dominio dos Tamoyos o litoral e o territorio, que ficam a leste e a norte do rio da Bertioga, ou o primeiro escoante do lagamar de Santos, depois que desalojaram á força os Tupiniquins, indo estes em seguida estabelecer-se a sul da ilha de São Vicente, onde continuaram a prestar serviços aos colonos, entrando d'envolta com estes em seus ataques aos indios refractarios á escravidão, eram

quasi sem interrupção as investidas, que faziam os Tamoyos á povoação que se erigira ao redor do forte mandado construir por Martim Affonso quando desembarcou naquellas paragens, e ás plantações dos colonos situados n'uma e n'outra margem do rio. Embalde pretendeu-se obstar a esses assaltos reparando-se aquelle forte já em ruinas, augmentando-se os meios de defesa e mandando-se levantar outro na ilha de Santo Amaro, no ponto fronteiro á aquelle, e no local em que mais se condensára a população, pois que os selvagens souberam medir pelo augmento da resistencia o da força que contra ella empregariam.

Nesses acommettimentos dos Tamoyos tinha sobre tudo o mais o primeiro logar a aprehensão dos colonos e com estes a dos indios a seu serviço; e muitas vezes deixavam aquelles por estes como melhores para o goso da antropophagia, e por vingança da sua sujeição á raça branca.

E' assim que mui renhido e disputado foi o assalto que esses selvagens deram em 1547 á povoação da Bertioga, vindos á costa em setenta canôas, e fazendo antes parada a cinco milhas distantes da povoação, afim de que menos cansados e com mais alento fossem á investida. O forte da povoação era valentemente defendido por cinco filhos de Diogo de Braga, que coadjuvados por poucos colonos e pelos Tupiniquins reproduziram esforços para a sua não rendição, sem que, todavia, pudessem sobrelevar-se ao numero e arrojo dos assaltantes que, senhores da povoação, a incendiaram, e ali mesmo devoraram os indios que cahiram em seu poder, retirando-se victoriosos e com o espolio da colonia derrotada.

Em janeiro de 1565 aproximára-se a São Vicente uma canôa com Tamoyos, os quaes sendo presentidos e tomados como espias foram capturados; porém, fugindo os indios da prisão depois de a minarem, regressaram para seu alojamento, onde, reunindo mais alguns se apromptaram de quatro canôas, e com ellas

foram de novo atacar a villa, em que havia falta de homens que a defendessem, porque pouco antes tinha d'ali partido a expedição que fôra em soccorro do Rio de Janeiro ameaçado de perto pelos francezes coligados com os Tamoyos, antecipando-se ao pedido desse soccorro que fizera o governador Mem de Sá.

Assaltaram os Tamoyos a uma fazenda, onde se achavam quatro mulheres, que foram levadas por elles. Sabendo-se deste assalto, correu logo gente da circumvisinhança, que repelliu os indios, derrotando-os com perda de alguns, e retomando as mulheres.

Não mediou muitos dias que os Tamoyos não voltassem á nova investida a São Vicente; e desta vez, entrando pelo porto de Santos em fins de fevereiro a principio de março daquelle anno, foram logo apercebidos pela gente de terra, que os levou de arrancada a São Vicente; e ahi foram derrotados, ficando muitos mortos e feridos.

Si o forte que fôra improvisado na barra da Bertioga por Martim Affonso, á sua chegada ali para proteger o seu desembarque, teve essa serventia, demovendo do seu primeiro impeto aos indios que, anteriormente á chegada de João Ramalho, pretenderam embaraçar esse desembarque acommettendo o forte, de então em diante serviu elle como de nucleo á pequena povoação que se formou nos seus arredores, posto que desguarnecido, e já em parte desmantelado pelo tempo. Já a sua vista não impunha aos Tamoyos, que por sua frequencia naquellas paragens, conheceram bem a fraqueza do seu artilhamento por desservido; e tanto assim que d'ali não recuavam, nas vezes que appareciam em attitude hostil, senão pela força em commum dos braços dos habitantes da povoação. Embora; como se concebesse que o puro despreso dos indios pelo forte de Bertioga procedia só do seu estado de ruina, e não de destrahir a gente para diverso destino daquelle que comportava a segurança da colonia, tratou-se de reconstruil-o, addicionando-lhe obras exteriores com linhas

de palissada, servindo ao mesmo tempo de padrasto a um fortim, que nesse tempo levantára-se na outra margem da Bertioga, e que na ilha de Santo Amaro dava segurança aos poucos moradores que ali habitavam.

Em tempos mais modernos esse fortim foi convertido em «Armação» ou estabelecimento em que se cortam baleias, quando as havia naquella costa, e antes de que pescadores extrangeiros, correndo *livremente* os mares do littoral do Brazil, nos tomassem essa industria.

Já ácima se disse que no acommettimento dos Tamoyos em 1547, estando o forte de Bertioga reparado e posto á prova dos seus ataques, tendo em si e de guarnição os filhos de Diogo Braga, e mais alguns outros colonos com sequito de Tupiniquins e Carijós, deram aquelles indios mais attenção ás forças reunidas nas adjacencias exteriores do forte, do que aos tiros que dalli se lhe dirigia, que de nenhum effeito eram aos contrarios, antes zombavam da sua inefficacia, dispondo-os a não temel-os.

O fortim de Santo Amaro, na margem direita do Bertioga, esteve algum tempo sob o commando de Hans Stad, nascido na Allemanha, e que, posto ao serviço da Hespanha, no seu segundo naufragio na costa do Brazil, foi contractado para servir na colonia de S. Vicente: e esta circumstancia me induz a escrever algumas linhas sobre emergencias que lhe sobrevieram antes desse serviço, e na vida que correu-lhe entre os Tamoyos, que o retiveram oito mezes como prisioneiro infligindo-lhe os mais horriveis flagicios, segundo a relação que escreveu e publicou em 1556, depois de regressar á sua patria.

Em 1549 Hans Stad, navegando para o sul na armada hespanhola de Senabria, que foi em demanda do rio da Prata, naufragou na costa de Paranaguá, e este infeliz successo, separado dos seus companheiros com que sahira da Hespanha, o obriga a mudar de rumo tomando navegação opposta, e naufraga pela se-

gunda vez na costa de Itanhaen, arrojado dos Alcatrazes por um temporal. E' alli acolhido pelos Tupiniquins, que o fazem conduzir para S. Vicente, e o entregam a Heliodoro Eoban seu patricio, a cujo cargo se achava uma fabrica de assucar das que havia na colonia.

Como a esse tempo se desse importancia á defeza da barra da Bertioga, mais do que antes tivera, porque era por alli que os Tamoyos faziam frequentes assaltos á villa de S. Vicente, á povoação daquella barra e ás plantações da Ilha de Santo Amaro, e ninguem houvesse na colonia que bem preenchesse esse encargo, foi commettido a Hans Stad pelo capitão-mór de S. Vicente, e depois approvado em 1552 pelo Governador Thomé de Souza, quando alli esteve, o commando do forte da Bertioga e seus accessorios; e ahi posto, tratou de dar-lhe maior força de modo que ao menos pudesse resistir ás investidas dos indios. Antes, porém, de concluir este trabalho foi em 1550 surprehendido pelos Tamoyos em uma das suas emboscadas nas mattas da visinhança. Tentaram os da Bertioga retomal-o aos indios, e frustrada foi a diligencia nisso empregada, porque seus apprehensores o puzeram em segurança, e o tiveram em seu poder por muito tempo victima de suas horriveis crueldades, e sempre no temor de ser immolado por elles para o devorarem.

Em 1552 Hans Stad, depois de alguns annos de captiveiro entre os Tamoyos, numa vida de flagicios, presente algumas vezes á devoração dos colonos e indios que cahiam prisioneiros, sendo destes dous filhos de Diogo Braga, seus companheiros no forte da Bertioga, evadiu-se do poder dos Tamoyos, e volveu á sua patria.

A carta regia de 7 de Janeiro de 1549 instituiu no Brazil um governo geral com séde na Bahia, com o fim explicito de *conservar e enobrecer* as capitanias e povoações que já haviam em suas terras, e por sem

duvida com o implicito de reprimir os abusos que se davam nas capitanias provindos dos seus governadores privativos, cada um dos quaes arrogava a si um *veto* e autonomia absoluta, e estando á mercê delles, e impunemente, a vida, a honra e a propriedade dos colonos; e o primeiro governador geral foi Thomé de Souza, que chegou á Bahia em 29 de Março daquelle anno vindo na mesma occasião, além dos funccionarios que deviam tomar parte na governação do Estado, o padre Manoel da Nobrega, e mais cinco membros da companhia de Jesus, que estava em grande valimento em Portugal, e tinha decidida preponderancia nos alvedrios do rei, afim de servirem na missão religiosa da Nova Lusitania.

O governador geral, ancioso de ter informações do que ia pelas capitanias do sul mediante pessoas auctorisadas e de sua confiança, mandou para S. Vicente em 1549 o ouvidor geral Pedro Borges, e o provedor-mór Antonio Cardoso em uma flotilha ao mando de Pedro de Góes, que commandava a armada. Os dous primeiros funccionarios proveram para a administração da justiça e fazenda quanto cabia em suas attribuições, procedendo com prudencia contra os omissos e prevaricadores, e abstendo-se de comminar degredos para a Africa como estava em pratica, e sim de umas para outras capitanias do Brazil, e a bem do seu povoamento; e levadas as cousas á boa ordem, retiraram-se á Bahia, pondo o governador ao correr do que haviam feito em sua digressão.

Das informações obtidas por este modo, posto que satisfizessem o governador, por provindas de pessoas conceituadas, inferiu elle, comtudo, que se fazia indispensavel sua presença nessas capitanias, entregues como estavam á administração ás vezes imperita e caprichosa dos loco tenentes dos donatarios, que em seu meneio começavam a discrepar daquella boa marcha que por algum tempo se manifestára em seu povoamento: partindo, pois, da Bahia no fim de 1552 o governador

levou em sua companhia o padre Nobrega, e aportou em S. Vicente em Fevereiro do anno seguinte.

O primeiro acto do governador foi approvar a fundação de Santos, confirmando o predicamento de villa que lhe fôra dado por Braz Cubas, e onde já achou estabelecida uma alfandega; e com quanto reconhecesse o absurdo de haver na pequena ilha de São Vicente duas villas tão proximas uma da outra, e que a de Santos iria por suas vantagens locaes e commerciaes absorvendo o povoamento de S. Vicente; todavia, não quiz ex-autorar a esta dos fóros de villa, guardando-lhe assim o prestigio a que tinha direito como o primeiro povoado havido na capitania, e cujas tradições, então e como sempre, inspiram-lhe veneravel acatamento e respeitosas sympathias.

Não perdeu tempo Thomé de Souza em examinar pessoalmente as fortificações passageiras levantadas nas duas margens da Bertioga, e com quanto reconhecesse que por sua fraca construcção podiam só resistír ás investidas dos indios, viu-se por deficiencia de recursos na impossibilidade de as pôr em melhor estado; ratificando, comtudo, a nomeação de Hans Stad para commandal-as, como já se disse anteriormente.

Entre outros actos praticados pelo governador geral em São Vicente não foi menos notavel o de fazer descontinuar a communicação da colonia com o Paraguay, a que déra principio o governador hespanhol Cabeza de Vacca quando aportou á Santa Catharina, indo dalli por terra ao Paraguay, e tolerada ao depois pelos capitães-móres a pretexto de que dalli provinha augmento de renda para o fisco; bem como dispoz a fundação da villa de Itanhaen, que começou em 1561, com o intuito de fazer convergir para alli a gente que andava dispersa por aquelle littoral; e quando as cousas de beira-mar deram-lhe tempo, foi em 1553 á Serra-ácima tomar conhecimento do como ia a povoação de Santo André da Borda do Campo, mandada crear por Martim Affonso em terras de João Ramalho, cons-

tituidas ao depois como apanagio do convento do Carmo. A povoação foi elevada á villa com o nome que tinha em 8 de Abril daquelle anno, conferindo-se a Ramalho o titulo de alcaide-mór, substituido ao de guarda-mór do campo.

Thomé de Souza, conferindo este posto, ordenou a Ramalho que fizesse centralisar no povoado os colonos que de S. Vicente haviam transposto a serra e se localisado em diversos pontos do campo; os quaes, junto ao numeroso gentio ao serviço de Ramalho, em breve engrandeceram a povoação de Santo André com augmento da sua população, para segurança da qual, e afim de impedir os acommettimentos das hordas indigenas acoitadas nas mattas da serra, inimigas dos Guyanás que formavam o sequito de Ramalho, foi a villa circumvallada com contra-forte de madeira.

Feitas estas cousas na capitania de S. Vicente, regressou o governador geral para a Bahia, satisfeito de ver nos vicentistas bem significativas demonstrações de agradecimento pela sua diligencia e zelo prudencial em prover os ramos do serviço publico que tendiam ao bem-estar da capitania.

Um reforço de jesuitas em numero de dezeseis, votados á catechese no Novo Mundo e chegado á Bahia em 13 de Julho de 1553, veio com o novo governador geral Duarte da Costa, que succedeu a Thomé de Souza, entre os quaes distinguia-se José de Anchieta, destinado, e com sobrada razão, a celebrizar-se como *Apostolo do Novo Mundo*, que nesta capitania, onde começou a sua vida de catechista, deixou feliz nomeada pelo seu amor á raça aborigene, apurado ascetismo, e inimitaveis abnegações.

Nenhum preconceito havia na Europa contra os padres da companhia de Jesus ao tempo em que resolveram elles exercer o seu apostolado no Novo-Mundo; antes, estando esta celebre associação ainda em seu começo nos paizes em que fôra acceita, gosava de bom conceito, e dos predicamentos de uma instituição

nova que se dedicava á propagação da fé; e em Portugal estava na privança e conselhos do rei, preponderando em sua consciencia, e na da sua corte; chamados, mesmo, a partilharem os mais graves e importantes encargos do Estado.

No Brazil, com bem raras excepções, circumscreveram-se, porém, os jesuitas á sua missão originaria, de que deram admiraveis provações, e lidaram resolutamente contra a escravidão dos indios, o que lhes acarretou odio e animadversão dos potentados da terra, que mandavam sobre grande numero do gentio escravisado, e do que lhes proveio constante perseguição e vicissitudes, como adeante se verá.

Ou fosse porque os jesuitas presentissem no novo governador alguma intolerancia, e significações de reprovação pelo modo exaggerado com que alguns exerciam sua missão apostolica, impondo-se no animo dos indios ainda obsecados com uma vivacidade e uma fé pouco esclarecida, e, disseminando-se pelas terras já povoadas, pudessem attenuar esses preconceitos e fugir-lhes á sua acção, como quer um escriptor; ou fosse por zelo de propagar o verbo do Eterno nessas terras, principalmente na capitania de São Vicente, onde já havia espaçoso theatro para o seu apostolado, e, o que mais era, onde a boa indole e intenções pacificas dos Tupiniquins e Carijós de São Vicente, e dos Guayanás dos campos de Piratininga suscitavam e mesmo estimulavam esse zelo: neste proposito Manoel da Nobrega, como director dos propagandistas da luz da Fé no Brazil, mandou em 1549 para S. Vicente o padre Leonardo Nunes e o irmão Diogo Jacome com o fim de doutrinarem os indios, o que fizeram tão facilmente quanto para isso depararam nos indios com o elemento religioso já desenvolvido ao menos na pratica, pois que o virtuoso Gonçalo Monteiro o soubera insinuar em seus animos, seja como o primeiro parocho que houve na colonia, seja como o immediato successor de Martim Affonso no governo da capitania.

O primeiro trabalho a que se deram os dous catechistas partidos da Bahia, a bem da sua missão foi a fundação de um collegio em São Vicente, o segundo erecto no Brazil, a que annexaram ao depois casa de educação, em que eram admittidos os meninos das duas raças.

O padre Leonardo Nunes, depois de fundar o collegio de S. Vicente e casa para o ensino da infancia, foi entender-se com o padre Nobrega na Bahia no proposito de pedir-lhe mais companheiros para o serviço da catechese; e Nobrega, antes de acceder a esta solicitação, dirigiu-se a São Vicente com o fim de ter conhecimento pessoal do modo porque se fazia alli esse serviço; e na certeza de que tudo ia a bom correr para o ponto desejado, dalli mesmo dispoz a vinda de seis religiosos da companhia, designando para superior delles o padre Vicente Rodrigues, e que nesse numero entraria José de Anchieta que, posto ainda não fosse presbytero, já era apreciado por Nobrega e seus collegas por suas profundas sympathias e sincera dedicação á causa dos Indios.

A' chegada dos Jesuitas chamados para companheiros dos catechistas em S. Vicente houve folguedo do povo, que bem significava o quanto estava compenetrado do espirito religioso daquella epocha, e reconhecido dos serviços prestados pelos que já alli se achavam.

Fundação da povoação S. Paulo. — Os martyres de Cananéa. Soccorros prestados de S. Vicente ao Rio de Janeiro. — Demolição da Villa de Santo André, cuja categoria é transferida á povoação de S. Paulo. — Mem de Sá em Piratininga. — Defecção dos indios da nova Villa.

Attento que o bom andamento que haviam tomado os trabalhos da catechese e instrucção em S. Vicente,

conhecido por Nobrega, que alli residia, e já a esse tempo occupava o cargo de provincial da companhia no Brazil, demonstrava a aptidão de seus servidores; e tendo já o provincial, pela communicação que havia entre as duas villas, bastante experiencia da indole branda e pacifica dos aborigenes da região alta da capitania, e da singeleza do seu trato com colonos, procedeu elle de modo a que continuasse a trasladação dos jesuitas da Bahia para São Vicente; e em pouco tempo houve numero sufficiente de catechistas para que fossem distribuidos por diversos pontos da capitania, e se incumbissem de varios misteres do sacerdocio nas povoações que se achavam erectas.

Nessa distribuição não podia deixar de ter primasia a catechese do Campo de Serra-ácima, para onde corria torrentosa emigração de colonos das povoações do littoral; mormente depois que por D. Anna Pimentel lhes fôra dada a faculdade de traficarem com os indios de Piratininga; deixando aquellas povoações quasi em abandono, expondo-as assim ás investidas dos Tamoyos, que se prevaleceram desse estado para mais as amiudarem.

As localidades que em cima da Serra se antolhavam a Nobrega como as mais adequadas para assento de um estabelecimento jesuitico, eram os campos de Piratininga, habitados nesse tempo por algumas tribus de Guayanás, que obedeciam a Tebyreçá e Cayuby, os régulos que, consentindo no desembarque de Martim Affonso, perseveraram em lealdade para com os brancos, tudo em deferencia a João Ramalho.

Para alli partiram em principios de Janeiro de 1554 treze religiosos da companhia, collegiaes de São Vicente sob a direcção do padre Paiva, entrando nesse numero José de Anchieta, que ia assim iniciar em mais vasto theatro, e bem accommodado ás suas locubrações asceticas, o seu apostolado, já revelado por uma vida mystica e de abnegações; e por actos que pelos seus confrades foram qualificados como sobre-

naturaes, sobreviera-lhe o titulo de Thaumaturgo da America.

Chegados os padres ao Campo, e fitando na formosa miragem do paiz que ante elles se distendia fizeram parada nas alturas sobranceiras ao rio Tamanduatehy e ribeiro de Anhangabahú, e ahi levantaram um rustico aposento para seu abrigo, em que celebrou-se missa a 25 de Janeiro de 1554, dia em que se solemnisava a conversão de São Paulo, que dahi derivou seu nome a povoação que então se começou a edificar naquellas paragens: e como para essa edificação dependia-se de gente affeita a taes trabalhos, convidaram os jesuitas a Tebyreçá e Cayubi para que com suas tribus viessem levantar seus alojamentos nas visinhanças do sitio em que haviam feito seu aposento; e assim o praticaram, estabelecendo-se Tebyreçá no local em que vê-se hoje o mosteiro de S. Bento, e derramando-se os indios pela área que ao depois serviu de assento á actual cidade.

De então começou a edificação da povoação de São Paulo de Piratininga, que, pelo labor dos indios dirigido pelos padres, e cooperação dos colonos que, concorriam do littoral, e mesmo da villa de Santo André, e por sua visinhança ás villas de beira-mar, em breve formou-se de grande população, e teve mais acurada edificação.

Um caso deploravel deu-se neste anno, que incutiu desalento e terror nos animos dos missionarios da Companhia, e espaçou para mais tarde a catechese, que porventura entrára em plano para os confins austraes da capitania de S. Vicente.

Tornara-se mais atroz e encarniçada a lucta entre os Tupys e Carijós que habitavam aquella região, accendida e insuflada por alguns hespanhoes largados naquelle littoral pelas expedições maritimas, que foram em procura do Rio da Prata; massacrando-se e devorando-se reciprocamente as duas tribus a bel prazer dos scelerados, que para isso as excitavam na es-

perança de que, extinctos os indios, ou reduzidos a numero que pudesse ser aniquilado por elles, se assenhoreariam daquellas terras.

Contemplou-se essa parte da capitania na distribuição que se fez de missionarios para diversos logares della, e a nomeação dos que se haviam de encarregar dessa missão, procedendo á pacificação dos indios em guerra, recahiu em Pedro Corrêa e seu confrade João de Souza, que como conjunctos (*) á companhia tinham o titulo de irmãos, e gosavam nella de conceito religioso, pertencendo antes á classe de colonos abastados.

Em Agosto de 1554 partiram de São Vicente os dous catechistas, e chegados á Cananéa, onde estava o principal alojamento dos Tupys, deram-se logo aos trabalhos apostolicos a que foram destinados, empregando-se com affinco, ora n'uma, ora n'outra tribu, a destruir a antropophagia, que tão commum era alli, e a extinguir o odio que subsistia entre ambas, sempre applaudido e fomentado pelos forasteiros.

Dahi derivou-se o seu martyrio, pois que os hespanhóes que vagavam entre os dous alojamentos, procuravam brecha para introduzir discordia e aprehensões nos animos dos indios contra os padres, tendo a estes como adversos ao seu atroz procedimento, alcançaram que com doutrina opposta á adoptada pelos missionarios, podiam subordinar os indios á sua, e progredir em seus nefandos intentos; e o conseguiram na occasião em que os padres mais se empenhavam em dissipar o odio entre os indios e a animosidade dos forasteiros.

Andavam os missionarios nesta diligencia quando encontrados em viagem pelos Carijós, que, pela susceptibilidade da sua indole fragil e odienta, deixaram-se facilmente eivar das malevolas suggestões dos perversos, foram pelos barbaros acommettidos em paragem

(*) Coadjutores. *B. M.*

desviada do alojamento dos indios, e mortos a frechadas, sem que lhes valesse a attitude supplicante que tomaram.

Por quatro annos negligenciou o governo portuguez a dar providencias contra a invasão dos francezes no littoral do Rio de Janeiro, dando assim tempo a que estes se fortificassem na ilha que por isso teve o nome de Villegagnon, seu chefe, e n'outros pontos da bahia, e se insinuasse nos animos dos Tamoyos, pondo-os calculadamente a seu geito no intuito de que tomassem em commum a defeza das terras de que os francezes estavam de posse.

Semelhante descuido foi tambem aproveitado para a formação de um corpo de flamengos ou de flibusteiros, que se congregára na Europa e devia vir ao Brazil escoltando a dez mil colonos francezes, dispostos á emigração para o primeiro povoamento das terras já reconhecidas pelos francezes, possuidas ou não por elles, si taes medidas não fossem abortadas por dissensões religiosas que a esse tempo predominavam em França.

Foi preciso, emfim, que as incessantes admoestações e clamores de Nobrega calassem na comprehensão daquelle governo para que ordenasse a Mem de Sá, seu delegado no Brazil, de atacar e expulsar os francezes dos pontos occupados por elles.

O governador aprestou-se para isso, tomando o commando pessoal da expedição; e nos primeiros dias do anno de 1560 apresentou-se abertamente ao inimigo, não podendo conseguir que a sua chegada fosse desapercebida pelos de terra: e como logo reconhecesse que as forças de que dispunha não eram sufficientes para a empreza, e que lhe faltavam embarcações pequenas para o assalto e desembarque, mandou Nobrega a S. Vicente a solicitar auxilios por esse teor. Estes sahiram daquelle porto, constando de um bergantim acompanhado de botes e canôas, carregados de provisões, e transportando alguns colonos e grande numero

de Indios e mestiços, gente esta que era pratica da costa, e amestrada na guerra contra os Tamoyos; e tudo isto a cargo dos jesuitas Fernão Luiz e Gaspar Lourenço.

Este reforço cooperou para a tomada do forte e ilha de Villegagnon; e depois disto dirigiu-se Mem de Sá a S. Vicente, indo com elle a expedição que havia operado no Rio de Janeiro.

Pelos factos que ficam já referidos eram entre si rivaes a villa de Santo André e a povoação de São Paulo. João Ramalho, e os seus numerosos filhos, adherentes e escravos indios esforçavam-se em dar vida e augmento á villa, que tinham como feudo, sustentando que quanto maior fosse o seu povoamento maior segurança haveria ao de S. Paulo, porque, por sua posição no fim das mattas da serra, a villa servia de antemural ás hostilidades dos Tamoyos, que acoberto com ellas, e pelas encostas septentrionaes da mesma serra, vinham de suas terras impunemente ter aos campos de Piratininga, e ahi commetter atrocidades; e os padres fundavam-se em que esse augmento devia ter o seu povoado, porque assim favorecia-se e activava-se os elementos da catechese e civilisação dos indios do campo, que por sua submissão e annuencia aos mandados dos padres prestavam-se dóceis ás doutrinas ensinadas por elles, e a sua voz de auctoridade para a edificação da povoação de Piratininga.

«E (no dizer do chronista fr. Gaspar da Madre de Deus), como os incrementos de qualquer dellas atrazavam os progressos da sua competidora, nem os jesuitas podiam tolerar a subsistencia de Santo André, nem os Ramalhos soffrer a de S. Paulo.»

A despeito desta dissidencia, que não passava de contrariedades entre individuos sem auctoridade, e que só arrogavam-se á que tinham sobre a consciencia dos indios, catechumenos ou administrados, formando a massa principal, ou, para melhor dizer, a força bruta dos dous povoamentos, estes progrediam rapidamente,

e sempre pelo teor da idéa fixa de que, quanto maior fosse o de uma dessas povoações, quanto mais crescesse em sua edificação, maior seria a preponderancia sobre sua competidora, nas tendencias em que ambas se achavam, de ser uma dellas a predestinada para o almejado dominio da região alta da capitania de Martim Affonso.

Tomou esta contenda um tom energico, e porventura teve ella o seu desfecho em 1560, no tempo da governança de Mem de Sá, o terceiro governador investido com a administração geral do Brazil; o que por certo deveu-se ás assiduas e vehementes instancias dos padres de Piratininga, impostas ao governador pelo conducto de Manoel da Nobrega.

O provincial da companhia, que soube insinuarse na amizade do novo governador, e, a titulo de seu director espiritual, tinha ingerencia na gestão dos negocios temporaes embora *profanos* fossem, e em imitação do que ia pela metropole, serviu de vehiculo aos reiterados pedidos dos jesuitas do campo para conseguir do governador a transferencia da villa do Santo André, que medrava a olhos vistos, e, na mente dos seus adversarios, era isso o elemento da sua destruição, instaurando-a junto ao collegio da missão, situado nas abas da povoação, habitada exclusivamente pela raça indigena, e por alguns descontentes evadidos do feudo de João Ramalho.

Por vezes fora na Bahia investido o governador para semelhante transferencia, e emquanto alli esteve pôde-se escusar disso a pretexto de que faltavam-lhe informações que só as podia obter nas proprias localidades; mas, o mesmo se não deu vindo a S. Vicente, onde, sempre obsediado por Nobrega, foram ter alguns padres de Piratininga no proposito commum de aventar e conseguir a solicitada transferencia.

Entre as allegações que faziam os padres em justificação ao inculcado direito para a mudança de Santo André, era, que nesta villa vivia a gente embrutecida

e altaneira por falta de missionario, que alli tomasse a si o regimen espiritual, e impuzesse nas consciencias os dictames do bem-viver. Taes allegações não quiz o governador tomar como negativas ao proposito dos padres, porque a estes era mais imputavel semelhante falta de educação religiosa na gente de Ramalho, pois que, havendo em Piratininga numero crescido de religiosos excedente ás exigencias da missão nos campos de Piratininga, nem ao menos um fôra dispensado para a de Santo André, mediando entre os dous povoados apenas a distancia de tres leguas.

Em summa, e por força desse lidar ostensivo, menos esforçado que o clandestino, foi em 1560, e por mandado do governador geral Mem de Sá, que a esse tempo achava-se em S. Vicente, extincta, e, o que é mais odioso, demolida a villa de Santo André, a primogenita de Martim Affonso nos campos de Piratininga, com a qual o donatario da capitania de S. Vicente remunerou a João Ramalho os importantissimos serviços prestados por este no seu desembarque em Bertioga; transferindo-se o seu foral de villa para a povoação junto ao collegio dos jesuitas, que tomou o nome de villa de S. Paulo de Piratininga.

Ficaram pertencendo a esta villa os campos de Santo André, que antes faziam parte do territorio da villa de São Vicente.

Consummado o acto da transferencia da villa de Santo André para São Paulo de Piratininga no mesmo anno (1560) em que foi ella disposta, ainda trabalhava-se em sua demolição quando por alli passou dirigindo-se á nova villa o governador Mem de Sá, sem que talvez se commovesse do resultado desse acto injusto e attentatorio do direito que devia ser mantido a João Ramalho, visto como, sendo-lhe as terras da Borda do Campo, em que fundou-se a villa de Santo André, cedidas por Tebyreçá, primeiro senhor dellas, por haver esposado uma sua filha, foi-lhe legitimada essa doação qualificando-a como feudo Martim Affonso

quando alli (1533) delineou a povoação, dando a Ramalho o cargo de seu capitão-mór, e em seguida o de alcaide-mór por um dos seus locotenentes, que foi ratificado pelo governador geral Thomé de Souza, quando em 1552 se dirigiu ao campo.

Mem de Sá, indo a Piratininga, tomou o caminho que atravez da serra de Paranapiacaba era o mais trilhado para o campo, por ser frequentado pelos indios em seu trajecto para o littoral ou quando dalli regressavam. Principiava este caminho na raiz da serra, no porto de Santa Cruz do rio do Cubatão, denominado antes *Porto das Armadias*, e em terras de Ruy Pinto, que as dóara aos jesuitas para fundação de uma casa collegial, convertida ao depois em estabelecimento rural; e no lance da serra atravessava elle ingremidades e alcantis de mui difficil accesso, e só vencidos pelo habitual traquejo dos indios.

Comprehendeu o governador que outro caminho convinha abrir-se afim de facilitar a communicação de beira-mar para o campo, e segurar o transito dos viadantes, que pelo antigo era exposto ás ciladas e acommettimentos dos selvagens emboscando-se estes nos escondrijos e anfractuosidades da serra; e neste intuito dispoz, que o novo caminho fosse lançado por melhores e mais seguras localidades á discrição do padre Anchieta, que de bom grado sujeitou-se a dirigir o serviço de sua abertura, levando-a por um trilho feito tambem pelos indios, e conhecido por elle; e por este facto veio a chamar-se «caminho do padre José».

Em 1788 foi empedrado o lanço deste novo caminho que atravessa a serra e posto em condições de melhor transito, passando modernamente por outro melhoramento, e correndo por encostas menos elevadas e diversas das do seu primitivo lançamento, que se tem prestado a transportes de rotação. Em 1841 teve este lanço a denominação de «Serra da Maioridade.»

Era um dos principios reguladores no regimen do Brazil, prescriptos pelo governo da metropole, nos tem-

pos que se succederam ao seu descobrimento, e que os governadores tinham de memoria e em mór desvello, o preoccuparem-se logo da procura de minas de ouro nas diversas regiões do seu dominio por qualquer modo que se lhes antolhasse. Casos funestissimos houveram em similhante pesquiza que a historia os ha consignado, sem que servisse de repulsão a horrorosa catastrophe dos oitenta homens mandados por Martim Affonso, nos poucos dias da sua estação em Cananéa, ao matadouro dos Carijós, induzido fatalmente pelas suggestões de Chaves, que convivia com esses indios.

Com esta idéa fixa Mem de Sá, logo que se achou em Piratininga, e antes de que a sua população fosse augmentada e estivesse em melhores condições com a gente transferida de Santo André, fez partir para o sertão a Luiz Martins, que se inculcava mineiro, vindo expressamente do Reino para ter exercicio no Brazil, levando comsigo os homens que lhe pareceram mais adaptados para taes trabalhos. Malograda, porém, foi similhante tentativa; e depois de haver feito longa e arriscada digressão teve essa gente de retirar-se, e então o acaso lhe fez deparar com as minas de Jaraguá, a duas leguas de Piratininga, e dellas extrahiu-se ouro, mandado para Portugal de mistura com algumas pedras verdes, que os entendidos deram por esmeraldas.

O tempo que Mem de Sá levou em Piratininga gastou-o tambem em fazer partir dalli uma expedição armada contra uma horda de selvagens que, posta em uma das margens do Tieté, e em proximidade da nova villa, hostilisava constantemente aos seus habitantes, acommettendo-os em frequentes correrias, e vedando-os que se estendessem para grandes distancias.

Anchieta fez parte dessa expedição, que navegando o Tieté, desde a nova villa teve de parar no primeiro obstaculo encontrado no rio, o que obrigou a levar as canôas por terra até repol-as em navegação;

e desse ponto foi a expedição ter ao logar occupado pelos selvagens; e estes logo que a avistaram retiraram-se apressadamente internando-se nas matas.

Parece que a expedição navegou o Tieté além de Porto-Feliz; e esta supposição funda-se em pouco abaixo dessa cidade ha nesse rio a cachoeira Avaremandoava, que quer dizer «cachoeira do padre» e, segundo a tradição, esta denominação significa o facto de haver alli naufragado a canôa em que ia Anchieta, tirando-se este do rio quasi sem vida. (*)

A agglomeração rapida que em Piratininga fez-se das duas raças que formaram o seu primeiro povoamento, produzio logo aquillo que se devia esperar dessa junção sem tempo de permeio: da parte dos brancos, o tom senhoril e dominante, a attitude de desprezo e repulsão ante os indios, tidos por elles em conta de irracionaes, ou rojando na ultima escala da especie humana; e da parte dos indios, a acção negativa e repellente a todo o estylo de forçada sujeição para o trabalho, imposta com arrogancia pelos invasores das suas terras, e que os jesuitas nunca puderam refrear por maiores que fossem os seus esforços. D'ahi, esses odios originados da insaciavel e estupida ambição daquelles, e da barbaria dos indios; esses velhos rancores alimentados de porfia pelas duas castas, que tem percorrido seculos, e que só se extinguirão com o ultimo da raça proscripta e lançada á ignominia.

Desse estado de cousas, dessa situação depressiva dos indios derivou-se a defecção de uma parte dos que entraram no primeiro povoamento de Piratininga, indo os dissidentes levantar alojamentos fóra da povoação, e em logares em que posteriormente se esta-

(*) Este facto é assim traduzido de uma lenda dos jesuitas em referencia á vida maravilhosa do thaumathurgo da America; pois que é absolutamente inverosimil, como alli se acha escripto, que passadas algumas horas depois do naufragio de Anchieta, fôra este arrancado do fundo do rio, *vivo e lendo em seu breviario com uma luz na mão.*

beleceram as aldêas dos Pinheiros, e São Miguel, cada uma com a fruição de seis leguas em quadro de terras, de que passou-se carta de sesmaria em 12 de Outubro de 1580.

Acommettimento dos indios dissidentes á villa de Piratininga, e sua derrota. — Tebyreçá. — Pacto nú com os Tamoyos

Crescia cada vez mais o numero dos desvairados foragidos de Piratininga para as paragens por elles occupadas nos arredores da villa, já com os indios que se evadiam aos descommunaes trabalhos que lhes impunham os colonos, já com os que pertenciam ás tribus indomitas dos Tamoyos, Carijos e Tupys, que por sua braveza repelliram sempre as doutrinas da catechese, e tinham odio implacavel aos usurpadores das suas terras. Para essa evasão tambem concorreram as instigações dos mestiços da extincta villa de Santo André, intolerantes á sujeição dos padres, e nutrindo vivos resentimentos pela abolição da povoação que lhes déra berço.

Por similhante concorrencia formou-se naquelles logares um consideravel nucleo de sagitarios, á testa do qual poz-se Ururay (*), irmão de Tebyreçá, que levou os transfugas de Piratininga para o sitio onde ao depois assentou-se a aldeia de S. Miguel do Ururay, e dahi tramara o chamamento dos selvagens das mattas, que vieram em auxilio da confederação dissidente.

Com antecedencia souberam os padres de Piratininga a conflagração hostil que lhes preparava a animosidade dos indios, contra o que se premuniram concentrando na villa os que viviam fóra, e em cuja fidelidade confiavam, mandando levantar estacadas nas avenidas

(*) Outros escrevem — *Araray*. *B. M.*

da povoação, e commettendo a Tebyreçá a sua defeza pelo modo que lhe parecesse mais adequado, o qual foi incansavel em infundir animo nos indios e colonos exhortando-os ao combate.

A 10 de Julho de 1562 assaltaram Piratininga os indios que para isso se reuniram nos arredores da villa, divididos em dous bandos, sendo o mais numeroso capitaneado por Uruay, e o outro por um sobrinho deste, que se distinguia por animadversões contra os catechumenos. A resistencia foi igual ao acommettimento, posto que fosse aquella sustentada por muito menor numero de combatentes, ao que suppria a destimidez de Tebyreçá, e as exhortações dos padres que em numero de dez, e ornados com vestes sacerdotaes, envolviam-se com os indios, animando-os e promettendo-lhes recompensas eternas.

A villa esteve em sitio rigoroso por dous dias, e por fim desesperados os assaltantes de invadil-a, tomaram a fuga, e em sua retirada deram-se á inteira devastação do territorio de que os colonos estavam de posse e o roteavam.

Embora tal houvesse, as hostilidades e depredações e mesmo assaltos á villa da parte dos indios insurgidos continuaram por algum tempo e sem successo notavel, até que contra elles rompesse um corpo formado de catechumenos dirigido por tres colonos, que os repelliram para longe levando-os de vencida; e foi assim que Piratininga ficou livre de tão infensos e obstinados inimigos, e entregue á administração dos padres.

Tebyreçá, o chefe das tribus de Piratininga na primitiva, e depois o dos neophitos dos jesuitas, e que em seu baptismo teve o nome de Martim Affonso, em commemoração ao donatario da capitania de S. Vicente, que o teve sempre em grande favor por consentir em seu desembarque, distrahindo o gentio que obedecia a Cayuby, que procurava embaraçal-o como vae ácima dito, pouco tempo sobreviveu á victoria alcançada pelos

que sob seu mando e esforços pessoaes, defendiam a villa e a puzeram a salvamento. O seu fallecimento foi a 25 de Dezembro do mesmo anno em que houve aquella victoria; e a vida que lhe correu entre os catechistas e os senhores do seu dominio foi sempre a par de costumes brandos e de consummada fidelidade.

Por esse typo moral, segundo refere a historia, era a indole generica dos Guayanás de Piratininga que obedeciam ao régulo, em quanto não a perverteu a concomitancia viciosa dos conquistadores; e Tebyreçá que nos tempos primitivos da provincia formou vulto historico e notavel, a symbolisou por todo o tempo em que esteve em concorrencia com estes, e notadamente na intrusão de Martim Affonso, e na admissão de seu sequito em terras do seu dominio.

Pretende-se invectivar sua memoria censurando a sua profunda sujeição aos jesuitas, a instigações dos quaes por sua exaggerada catechese deveu-se a dissidencia dos Guayanás e seu assalto a Piratininga, em que o régulo portou-se quando não feroz ao menos nimiamente severo. Os homens singelos e de boa fé facilmente entregam-se á conquista dos destros, que ainda quando trabalhem para fins ostensivamente honestos ou santificados, ás vezes no intimo não lhes é isso tão exclusivo, que deixem de prevalecer-se de uma condição ingenua para fins injustificaveis perante o juizo de uma san consciencia.

A derrota dos indios refractarios, que se confederaram para o assalto de Piratininga, exacerbou a antiga e tenaz animadversão dos Tamoyos, para cujo conflicto haviam estes concorrido com um contingente das tribus que habitavam as margens do Parahyba, e fez caminho de terra para encorporar-se aos confederados; e essa derrota os levou a reiterados acommettimentos nos povoados do littoral, pondo os seus habitantes na dura necessidade de nada mais curarem senão da propria defesa, e das suas propriedades, dando demão a seus trabalhos ruraes.

Não menos cooperou para tão infensa hostilisação os repetidos ataques que os colonos de São Vicente e Santo Amaro colligados com grande sequito de indios inimigos decididos dos Tamoyos, praticavam nos alojamentos destes indios, que mais visinhos eram das colonias, entregando os prisioneiros ao captiveiro dos brancos, ou á antropophagia dos indios vencedores: e, justiça seja feita, por este teor eram os acommettimentos dos Tamoyos como represalia a tamanhas atrocidades da parte dos colonos.

Se esta luta continua e feroz de ambos os lados empecia poderosamente o progresso material da colonia e o augmento da sua população, não era ella menos infensa á missão dos padres, porque os neophytos das colonias, por sympathias e tendencia natural para os da sua raça, mais lhes estimulava e concitava estranhesas o barbaro proceder dos brancos contra os indios, do que o destes contra aquelles, e esse sentimento contrariava as exhortações doutrinaes, a influencia exclusi va que os padres se attribuiam sobre os indios sujeitos a seu alvedrio, e esmorecia as crenças que começavam nelles a desabrochar na marcha para a sua conversão.

Era este um ponto vital nos trabalhos da missão jesuitica, e comportava conjurar o perigo que o ameaçava, sustentando-o mais do que algum outro que tivesse por fundamento o bem estar material da colonia, e para restabelecel-o em sua integridade tomou-o a peito o provincial Nobrega, indo combater o mal em sua origem.

Conveiu-se que o assumpto capital nesse ponto vinha a ser a pacificação dos Tamoyos, da parte dos quaes partia o mór perigo, e neste afan entrou o provincial, tendo Anchieta para coadjuval-o como o amigo leal dos indios e entendedor do seu idioma, e reconhecido tambem por prestigioso, pela fama que corria dos actos miraculosos que se lhe attribuia, e que ficaram sopitados no Novo-Mundo.

Dirigiram-se, pois, os dous religiosos para as paragens occupadas pelos Tamoyos, desembarcando no seu littoral em maio de 1563, não sem admiração dos indios pela ousadia de entrarem em terras de que eram elles senhores; tranquilisando-se em seguida ao verem que os dous adventicios eram já seus conhecidos, incapazes de hostilisal-os, e com elles outr'ora houvera trato.

Para o fim em que se empenharam os dous jesuitas procuraram logo falla com Caoquira, o principal que a esse tempo dominava a tribu de Yperohy, com assentimento do qual, e antes de lhe fazerem declaração do motivo que para ali os encaminhára, arrancharam-se perto do alojamento, entrando sem demora em exercicios religiosos para mais bem persuadirem aos indios de que sua visita não tinha outro intuito senão o de chamal-os ao christianismo.

Embahidos os indios com estas fallas e exterioridades, deixaram toda a suspeita, por si e pelos de fóra que para ali concorreram, franqueando aos padres a liberdade do trato como bem se lhes antolhasse, provendo-os de recursos para sua subsistencia, e revelando-lhes o grande apresto de guerra que fizeram para acommetterem simultaneamente por mar e por terra o territorio do littoral e de Piratininga, de que se haviam apoderado os portuguezes: e no primeiro ensejo favoravel que aos emissarios da paz se apresentou a propuzeram a Caoquira, ouvindo-a sem estranhesa este em concurso com outros chefes das tribus circumvisinhas a Yperohy, para isso chamados.

Não obstante, a proposta de paz foi contrariada por Aimbiré, um dos chefes convocados para ouvil-a, e ali se apresentára com porte ameaçador, com numeroso sequito, e respirando vinganças contra os portuguezes pelas atrocidades praticadas por estes em seu tratamento quando prisioneiro no seu poder; e como não conseguisse a sua annullação, impoz como condição para haver tregoa a entrega de tres chefes da sua nação, que, havendo-se subtrahido ao seu dominio com

o gentio que lhe era sujeito, se apresentaram em São Vicente por inducções dos padres, sendo ali acceitos e bem considerados, incitando outros indios para abandonarem suas tribus.

Contra similhante condição debalde recalcitraram os enviados de São Vicente, na convicção de presentirem que era esse o mais certeiro golpe que ia ferir de morte a missão religiosa que haviam tomado a peito, já soffrendo estremecimentos e fortes embates na abjuração das crenças indigenas, como bem se conhecia; e não podendo impugnal-a contra o poderio e ascendente do chefe que a apresentára, e a impunha com a sua presença, trataram de quebrar-lhe esse estimulo com o expediente de que, para a extradicção dos chefes, como queria Aimbiré, deviam ser ouvidas as autoridades e os homens mais notaveis de S. Vicente, que se pronunciariam como lhes approuvesse; e como se désse assentimento a esta opinião, escreveram os padres para São Vicente aconselhando que houvesse da parte do governo a mais pronunciada renuncia e denegação absoluta a similhante exigencia, sem se importar que por esse proceder houvesse o compromettimento das vidas dos seus delegados, porque para elles mais valia perdel-as do que faltar a fé nas garantias da catechese.

A resposta a estas insinuações foi o chamamento dos padres, a São Vicente, para melhor conferenciar-se sobre o incidente articulado nos ajustes da paz, talvez porque o governo se convencesse do máo-logro dessa questão; mas os Tamoyos moderados que a não tinham por perdida, oppuzeram-se á retirada de ambos, devendo ficar um como em refem do que até ali se havia tratado; e o detido foi Anchieta, a aprazimento dos indios, que o tinham em fé de bom amigo.

Continuavam, entretanto, as vociferações dos adversarios da paz, dizendo que era impossivel havel-a com homens como os portuguezes, que mesmo em tempos de tregoas attentavam brutalmente contra a vida

e liberdade dos indios, e tendo como em apoio das suas animosidades os Tememinós e outros indios seus encarniçados inimigos: e estas recriminações não podiam ser contestadas pela evidencia dos factos que lhes serviam de fundamento, e contra os quaes nem valeram os preceitos da religião e das leis invocadas pelos jesuitas e pelos poderes da governança, e nem o apostolado exercido pelos padres em sustentação desses preceitos.

Levou-se ao cabo, emfim, os ajustes da paz em seguida ás reiteradas instancias que Nobrega fez por ella, referindo como testemunha ocular o poderio e recursos ao dispôr dos Tamayos para com vantagem fazerem proseguir a guerra, e o risco em que ficavam as possessões portuguezas em qualquer evento sinistro que houvesse em sua marcha; contando tambem os indios com a cooperação dos francezes, que se haviam feito insinuar em seus animos mediante um trato brando e leal, e ardentemente ambicionavam a acquisição dessas possessões. Aimbiré bem a seu despeito sujeitou-se a ella, porque só tinha em seu apoio a sua tribu pouco numerosa; e Anchieta, depois de ella assentada, retirou-se para São Vicente.

Nos termos da paz foram comprehendidos os indios de Itanhaen que ainda se achavam fóra do gremio dos vicentistas, os dissidentes de Piratininga, e os Tamoyos que, habitando as margens do Parahyba, não faziam parte das tribus colligadas sob o dominio de Coaquira e Aimbiré, do que tiveram elles prévio conhecimento.

Os indios lançam-se no captiveiro obrigados pela fome. Soccorros outra vez prestados ao Rio de Janeiro. — Fundações religiosas. — Corso dos inglezes. — Fraqueza dos vicentistas para a guerra dos Carijós.

O acervo de calamidades que pesava sobre os indios desde que se acharam sob o dominio dos conquistadores da sua terra, teve um acrescimo fatal na invasão da variola, que em 1563 grassou do norte e abrangeu toda a região austral do Brazil, e com redobrada intensidade o circulo de aldêas estabelecidas em redor de Piratininga sob a direcção dos jesuitas, e as tribus de indios que, posto não pertencessem a esse circulo, entretinham relações com os aldeados por identidade de raça e de costumes.

O contagio diffundiu-se tenaz e rapidamente pelo gentio com quasi exclusão das outras raças, e infeccionava ao mesmo tempo a athmosphera corrompendo os germens da vegetação, e destruindo assim os animaes e os plantios e ainda os fructos sylvestres que entravam na alimentação dos indios.

Foi grande o morticinio nas aldêas causado por este flagello; ficando reduzidas a cinco, e bem diminutas, as onze formadas e dirigidas pelos jesuitas no circuito de Piratininga; e os indios que lhe sobreviveram tiveram de lutar com outros que não menos infensos eram, e os levou a grandes torturas e angustias: «á fome e á miseria».

As tribus que não se haviam internado nas matas quando foram espoliadas das suas terras, reunidas em grupos em sitios pouco distantes de Piratininga viviam a seu modo sujeitas a um chefe da sua escolha: deste estado de cousas os jesuitas souberam tirar partido, convertendo esses grupos em aldeamentos, cujo regimen entregaram a seus confrades, e empregando os indios no roteamento e cultivo das terras que lhe eram annexas, e cujo producto era mais em favor dos padres

e dos colonos seus mais íntimos adhesos, do que em proveito dos que trabalhavam para havel-o.

A escassa subsistencia que se dava aos indios das aldèas foi aggravada na quadra da maior intensidade da epidemia, faltando-lhes tambem e por identico motivo o recurso dos fructos sylvestres, e o da caça nas matas, que se tornava mais rara á maneira que se augmentava o povoamento; e pelas puas da fome, sem poderem mais sustentar a sua habitual resignação e soffrimentos na abstinencia, no que se faziam mui perseverantes, chegaram os indios ao extremo de renunciar á sua tão apreciada liberdade alienando-a e tomando o captiveiro dos colonos, elles e seus filhos, a preço da mesquinha alimentação que podiam obter dos seus senhores, em retribuição do que, além da condição de escravos, sujeitavam-se a descommunaes trabalhos.

Com essa condição contemporisou o governo da metropole, por experiencia de que chegavam já inefficazes ou tibios na Nova-Lusitania os seus mandados em contrario, e as autoridades os tergiversavam a favor ou por medo aos colonos; e assim ella vigorou e foi extensiva ás futuras gerações indigenas.

Depois que o governo de Portugal soube da pacificação dos Tamoyos achou que era occasião azada de impôr de novo ao do Brasil o grande encargo de firmar pé no Rio de Janeiro, expurgando-o dos francezes que, depois da tomada de Villegagnon, ainda ali se mantinham com o apoio daquelles indios, e sustentando illesa a posse daquelle territorio, da qual a metropole se arrogava a titulo da prioridade do descobrimento do mesmo territorio, a despeito de o haver desprezado desde então, como ácima se disse. Para esse fim expediu Estacio de Sá nomeando-o capitão-mor de dous galeões mal guarnecidos, e cuja guarnição devia ser completada nas colonias, e ahi receber forças para a acquisição daquelle littoral, já posto defensavel pelos francezes.

Na Bahia recebeu o capitão-mór alguma gente, e com esse reforço tentou um desembarque nas praias do Rio de Janeiro; e como fosse malograda essa empreza, apercebeu-se que devia aprestar-se de maiores recursos, e estes só lhe podiam vir das colonias de São Vicente como lhe fôra dito pelo governador Mem de Sá e aconselhado por Nobrega, que ao saber da chegada do capitão-mór a elle se fôra reunir.

Para São Vicente dirigiu-se, pois, Estacio de Sá em abril de 1564, e como logo se divulgou ali o fim a que ia, e elle o confirmára ás autoridades do logar, esta noticia lavrou frieza no indios e desanimo nos portuguezes; naquelles, porque tinham mais tendencias e affeições aos francezes pelo seu trato brando e leal com os aborigenes, o que lhes era conhecido pelos emissarios que a occultas e por vezes tinham para ali mandado; nos outros, porque não queriam sahir da poltroneria a que se haviam habituado, e naquelles tempos mal seguros deixar seus haveres á discrição; e o chefe, disposto sempre a dirigir-se pelos dictames do provincial dos jesuitas, encaminhou-se para Piratininga, sendo ali melhor comprehendido do que nas outras colonias, e a effeito das exhortações dos padres, que bem sabiam o perigo a que ficariam expostas as possessões portuguezas, e a propria missão religiosa se porventura os francezes preponderassem naquellas terras.

De Piratininga retirou-se Estacio de Sá com grande sequito de indios adestrados e promptos para a guerra contra os francezes, e fazendo conduzir por elles abundantes viveres, que tambem foram exigidos para abastecimento da armada e manutenção dos combatentes; e esta disposição inspirou animo nos de São Vicente, que se decidiram por fim a tomar parte na empreza acompanhando aos de Serra-ácima.

O armamento formado em S. Vicente de trezentos homens, e cujo commando geral foi dado a Heliodoro Eoban, largou o porto da Bertioga em 20 de janeiro de 1565, transportado em seis navios a que acompa-

nhavam algumas embarcações ligeiras e nove canôas em que iam os indios e mamelucos, tendo a Anchieta e Gonçalo de Oliveira por seus cabos; e como sobreviessem ventos ponteiros, as embarcações ligeiras, adiantando-se dos navios. não puderam ganhar a barra do Rio de Janeiro senão em principios de março, e similhante demora comportando mingoa de viveres produzio nos indios irritação e queixas, que Anchieta conseguiu desvanecer menos por suas exhortações do que por promessas com visos de prodigio, sua antiga arma favorita de que se valia em iguaes emergencias, e preponderava bastante sobre o instincto dos indios.

Reunida a armada que partira de São Vicente, começaram as hostilidades contra os francezes e Tamoyos nas praias do Rio de Janeiro, sem que dos varios recontros havidos resultassem vantagem decisiva para qualquer dos lados combatentes. Emfim, a victoria declarou-se pelos assaltantes depois da forte refrega que houve em 20 de janeiro de 1567, sendo desbaratados e desalojados os contrarios. e expellidos os francezes para fóra da bahia, reconcentrando-se nas matas os Tamoyos, que tão esforçados se mostraram na luta, e acompanhados de alguns francezes que tiveram com elles mais ligações.

O governador Mem da Sá. que soube justamente avaliar os soccorros prestados de São Vicente para a recuperação do Rio de Janeiro, em seguida a esse memoravel feito para ali se dirigiu, manifestando-se em publico com palavras significativas da sua gratidão pela presença dos vicentistas em similhante ensejo; e d'ali regressou para a Bahia a reassumir a governação do estado.

Percorre-se as chronicas do Brasil desde 1567, em que houve a completa evacuação dos francezes do littoral do Rio de Janeiro, para o que cooperou a segunda expedição dos soccorros prestados de S. Vicente, até 1580, e neste periodo de treze annos com facto algum memoravel se depara que seja relativo á colonia

de Martim Affonso, e se deva mencionar neste Quadro. Foi elle exclusivamente empregado na distribuição de terras lavradias aos colonos, em redor das localidades que se delinearam para assentos de povoações, á medida que eram largadas pelos indios que não pertenciam á communhão dos neophytos de Piratininga, e viam-se atrozmente perseguidos pelos colonos.

Tambem começaram nesse periodo as correrias dos paulistas nas matas, e n'um raio de poucas legoas de Piratininga para fóra, porque, além, lhes impediam a entrada os indios que ainda as habitavam. Serviam essas correrias como de ensaios ás grandes e longinquas excursões, emprehendidas e empenhadas pelos paulistas, atravez de vastissimos sertões, serranias difficilmente accessiveis e caudalosos rios, de que adiante se fará menção.

A boa estréa que houveram os jesuitas em sua missão apostolica nas colonias de São Vicente, induziu a outras confrarias de cenobitas a virem ahi estabelecer-se, não que diversa da daquelles fosse a sua intensão religiosa como inculcavam, mas, sem o desapego do mundo, como a pratica o revelou, sem sobranceria a respeitos humanos, sem o zeloso afan dos sectarios de Loyola pelas liberdades dos indios, em que os jesuitas nunca tiveram imitadores.

Foi assim que em 1580 fundou-se em Santos o primeiro convento dos carmelitas sob a direcção de fr. Domingos Freire, e com autorisação do governador geral Veiga (*), e no seguinte anno, o dos benedictinos, vindos de Portugal em companhia de fr. Antonio Ventura; e porque a crença religiosa da epocha se não satisfizesse com isso, novos conventos foram edificados em Piratininga, o dos carmelitas em 1596, e dos benedictinos d'ahi a dous annos, sendo-lhes annexa grande extensão de terras dentro e fóra dos povoados; a maior parte das de dentro acha-se alienada a titulo

(*) A letra B do Appendice.

de fôro e arrendamento, e as de fóra serviram de assento e estabelecimentos ruraes lavrados por numerosa escravatura oriunda das raças indigena e africana. (*)

Tres nações da Europa afadigaram-se por apoderar-se de algumas partes do Brasil ao começar o seu povoamento pelos portuguezes: os inglezes lançados de proprio arbitrio ao corso nos mares da Nova-Lusitana; os francezes, invadindo furtivamente o littoral de Pernambuco e Rio de Janeiro, e illaqueando a simpleza dos Tamoyos para se assenhorearem das colonias de S. Vicente; e os hollandezes, prevalecendo-se da epocha calamitosa da sujeição de Portugal á Hespanha, e da guerra travada entre esta e a Hollanda para extorquirem as possessões portuguezas desde o 5.º até ao 20.º gráo de latitude sul.

Ao menos os inglezes não quizeram firmar pé em parte alguma do Brasil; mas, as suas emprezas redundaram em pirataria, acommettendo e expoliando a varios portos onde sabiam haver boa preia.

Foi assim que em 1583 surdiram no porto de Santos dous galeões artilhados ao mando de Edward Fenton, lançando em terra em tom de dominio, e a despeito das autoridades do logar, alguma gente da sua guarnição, simulando a necessidade de fazer-se em terra reparos de que precisavam os navios.

A esse tempo crusavam aquellas costas duas náos da armada hespanhola commandada por Diogo Flores Valdez, que passára a occupar o estreito de Magalhães como possessão do seu paiz.

Andavam essas náos sob a direcção de André Hygino, que nesses dias pairava nas aguas da barra de São Vicente; e como soubesse o commandante da

---

(*) Pelo cadastro official de 1855 conhece-se que, nesse anno, os conventos carmelitas da Capital, Santos, Itú, e Mogy das Cruzes possuiam 22 fazendas, 67 predios urbanos, 11 terrenos por edificar, 704 escravos e 3 apolices da divida publica; e os mosteiros de benedictinos da Capital e Santos, e a presidencia de Sorocaba, 6 fazendas, 64 predios urbanos, 1 terreno por edificar, e 100 escravos.

invasão dos galeões, entrou a barra n'uma noite com os seus navios, e deu logo combate aos inglezes que, não podendo resistir, e fazendo recolher a gente que se achava em terra, picaram amarras e fizeram-se ao largo. E tal avaria havia soffrido um dos navios de Hygino que foi logo a pique, salvando-se delle a artilheria e gente, que ao depois foi empregada em guarnecer a fortaleza que se edificou na barra de São Vicente.

No regresso de Diogo Flores do estreito de Magalhães para a Europa tocou no porto de São Vicente; e ahi foram á terra tres religiosos da missão hespanhola, que informados das bellas paisagens de cima da serra, dirigiram-se para Piratininga, e tanto ali se detiveram que, voltando para São Vicente, já a armada tinha-se feito de véla, e por isso foram encorporados á missão de Piratininga.

Pesou tanto e perseverou na consciencia de Martim Affonso a matança á que entregou a expedição dos oitenta homens, que de Cananéa fez partir para o interior, embahido e desatinado por suggestões de Francisco Chaves, que lhe fizera imaginar o sertão pejado de fabulosas riquezas e sua facil acquisição, que em sua retirada de São Vicente fez convencer aos seus habitantes, que corria-lhes o dever de tomar vingança de tão horroroso attentado, a que só elle dera causa, e ter por seus inimigos os Carijós, fazendo-lhes crua e incessante guerra até extinguil-os; e para isso nomeou para cabos a Ruy Pinto e Pedro de Goes, tendo-lhes e com aquella condição concedido terras, ao primeiro, nas fraldas de Paranapiacaba, e ao outro, na ilha de São Vicente.

Similhantes intimações esvaeceram-se com o correr dos tempos e por mais de meio seculo, o que só póde relevar de desleixo aos vicentistas as necessidades da epocha, traduzidas em suas occupações na fundação das suas colonias, e consequentes trabalhos que estas comportavam, e de que se não podiam subtrahir.

Foi preciso, porém, que recrudescessem as animosidades e tropelias dos Carijós, repellindo constantemente as tentativas que se faziam para o descobrimento das regiões meridionaes do Brasil, no que muitas vidas foram sacrificadas impunemente; houve de mister essa deploravel catastrophe, que fica recontada, de serem cruelmente trucidados por esses barbaros os jesuitas Pedro Corrêa e João de Souza, para que os colonos da ilha de São Vicente em 1583 rememorassem ao capitão-mór Jeronymo Leitão as recommendações do donatario, de debellar-se o gentio em Cananéa até a sua total extincção, tendo sido nomeados para cabos dessa empreza Ruy Pinto e Pedro de Goes já para isso remunerados.

Com esse proposito congregaram-se alguns homens das colonias do littoral, que tinham Tupiniquins a seu serviço, e com estes podiam affrontar os Carijós seus encarniçados inimigos; mas, como já a esse tempo, e muito mais ao depois, o povoamento de Piratininga absorvia daquellas colonias a maior e a mais activa parte da sua população, tornando-as por demais debilitadas e inermes para expedições longinquas, foram os vicentistas forçados a dissuadirem-se de promover essa guerra de ha muito promettida e já recompensada.

Pirataria do inglez Cavendisch em São Vicente. Primeiras explorações das minas de Araçoiaba. — Factos occorridos no periodo dos annos de 1598 a 1611. — Dissensões ostensivas entre os colonos e os jesuitas de Piratininga.

Com forte armada e pela segunda vez o inglez Thomaz Cavendisch corria aventuroso o oceano em busca de adquirir por meio da piratagem o que havia perdido em seu paiz por suas dissipações domesticas: e como pela precipitação com que deu principio ao

seu corso se achasse logo falho de provisões, mandou por ellas a dous navios dos seus ao mando de Cocke, seu immediato, a qualquer porto que mais azado fosse. Segundo a altura conhecida era o porto de Santos, já a esse tempo mais opulento que o de São Vicente, o que mais proximo ficava; e para ali singrou Cocke investindo a Barra-grande em 16 de dezembro de 1583, fundeando em frente daquella villa, contar a qual mandou fazer fogo, só com o fim de aterrorisar a população, pois que nenhuma resistencia se devia esperar de uma colonia que só se empregava em trabalhos ruraes, e ninguem apparecia, porque o povo se achava na igreja assistindo a officios religiosos, que os tinha em maior conta do que a chegada de navios em seu porto. A esse inutil apparato bellico desfechado contra casebres de uma população inerme, e que só teve por victima um homem que lhe fugia, seguiu-se o desembarque da gente do navio, que caminhando para a igreja ali reteve guardado todo o dia o povo que estava dentro, entregando-se ao depois á inacção e a orgias, em vez de prover-se do que era mister para abastecimento dos navios do corso.

Com isto houve largas para que o povo recluso no templo se evadisse para o interior, levando comsigo tudo quanto podia servir de preia aos piratas, que assim desapontados continuaram descuidosos sem darem de mão a seus brodios e devassidão.

Passados poucos dias apresentou-se Cavendisch no porto de Santos no intuito de arrecadar o saque que tinha mandado ali fazer pelo seu substituto; porém só encontrou uma colonia despovoada, e exhausta de tudo o que necessitava; e só viu estragos e desmandos feitos pela gente que o havia precedido naquelle logar. Entretanto, apparecem ao chefe flibusteiro alguns indios offerecendo-lhe sua alliança e coadjuvação para que tomasse conta da terra com o exterminio dos portuguezes, de quem haviam graves offensas, já porque os tinham em escravidão, já por excessivos trabalhos que

lhes impunham com brutal tratamento. Esta offerta, porém, foi desprezada, porque não era da mente de Cavendisch tomar terras, conserval-as e defendel-as, mas sim navios no corso a que se havia dado, roubando-os e queimando-os como até ali o praticára.

Desprezados foram os embustes com que pretendeu-se fazer regressar á colonia o povo que fugira para as matas do interior; até invocando-se falsamente o nome de um rei, que se dizia haver reassumido o throno portuguez restaurando-o do poder da Hespanha: e desenganados de que deste e de outros que taes estratagemas e invectivas produzidas no decurso de algumas semanas não sortia o effeito desejado, retiraram-se de Santos os piratas ainda mais desprovidos do que para ali foram, e em sua passagem por São Vicente incendiaram esta villa que lhes fôra inoffensiva emquanto permaneceram em Santos.

D'ali dirigiu-se Cavendisch para o Estreito, e não podendo tomal-o por causa de grande temporal que sobreveiu ao demandal-o, causando completo desbarate e extravio em sua armada, retrocedeu com o seu unico navio, por ter sido abandonado pelos outros, e pairando defronte do littoral de São Vicente e a tres legoas da villa, mandou apressadamente a Santos vinte e cinco homens com o fim de a todo transe tomarem viveres, de que tinha extrema necessidade para soccorro da sua tripulação esfaimada e quasi toda enferma.

A gente que desembarcou foi affrontada pela de terra, emboscada e auxiliada pelos indios; e do recontro que houve apenas escaparam vivos dous dos maritimos, que foram levados a Santos presos e como em trophéo da victoria com as cabeças dos mortos.

Com este destroço desenganou-se Cavendisch de proseguir em novas tentativas sobre as colonias de São Vicente, mas não em renunciar á sua vida de pirata; porque, fazendo-se ao mar, navegou para o Espirito Santo, pondo em saque toda a costa intermediaria que percorreu, e na villa da Victoria soffreu

novas derrotas a que não poude sobreviver, terminando assim uma existencia tão perniciosa á Nova-Lusitania, e á navegação do Atlantico-meridional.

A séde do governo da capitania, que desde a sua instituição permanecera na villa de São Vicente, foi transferida em 1581 para a de S. Paulo de Piratininga, porque assim ficava o seu governo melhor garantido contra acommettimentos taes como os que ficam contados, e porque para Piratininga tinha affluido grande parte da população de beira-mar com aspirações a colher grandes vantagens da mineração.

Aguçada ficára a cobiça de Filippe II rei de Castella, que tambem cingia a corôa portugueza, com a narrativa que ouvira a Roberio Dias, natural da Bahia, e que se inculcava descendente de Caramurú, de que se acharia mais prata no Brasil do que ferro na Biscaya, pedindo pelo descobrimento das minas que existiam em suas terras, e que só elle conhecia, um marquezado, que a esse tempo ainda não havia ultrapassado o circulo da aristocracia heraldica. A extemporaneidade da remuneração, e a altura de nobreza a que queria attingir o peão brasileiro, embora contasse em seus ascendentes a princeza Paraguassú, perderam um pouco a fé que a principio houve de tão portentosa descoberta, e para alguns tornando-a como fabulosa; mas parece que não chegaram a produzir maior alteração na comprehensão do rei, pois que, nomeando a Francisco de Souza para o governo geral do Brasil, lhe fizera a promessa de que o agraciaria com o marquezado pedido por Dias, si acaso désse traças para o descobrimento que fôra por elle inculcado mediante aquella remuneração. Baldadas, porém, foram as diligencias empregadas na pesquiza das minas por maior que fosse o empenho em deparal-as; porque, fallecendo Dias, nem mesmo a seus herdeiros revelára o seu segredo.

Perseverava, todavia, o governador Souza na idéa fixa e commum a todos os seus antecessores, do

descobrimento de minas, e bastou saber a noticia de que as montanhas de Araçoiaba accumulavam grandes jazidas de mineraes, além do ferro cuja possança abrangia o grupo montanhoso, e sua presença já era demonstrada por processos de Sardinha por meio de dous fornos catalans que para isso levantára, achando-se o governador no Rio de Janeiro, dirigiu-se para Piratininga em fins de 1598, e d'aqui para Araçoiaba, afim de tomar conhecimento pessoal de tão apreçados depositos mineraes. Em sua presença procedeu-se a novos ensaios, que asseguraram a riqueza das minas, depois do que retirou-se o governador satisfeito, acceitando a offerta que Sardinha lhe fez de um dos seus fornos; e como antes estivesse no valle das Furnas, proximo ás montanhas de Araçoiaba, e reconhecesse que o sitio era azado para uma povoação, e tanto mais quanto esta podia dar recursos para a exploração das minas, fez ali levantar pelourinho como signal symbolico de villa, que posteriormente foi transferido para o logar em que edificou-se a actual cidade de Sorocaba.

Era o governo da capitania de São Vicente desde a retirada de Martim Affonso gerido por capitães-móres, nomeados pelo donatario ou approvados por este quando a nomeação não emanava immediatamente da sua autoridade; os quaes, sendo-lhes exclusivamente sujeitos, accumulavam a plenitude do regimen publico; e deste amalgama indigesto de poderio discricionario com ausencia de responsabilidade peremptoria, derivaram-se algumas vezes graves conflictos e dissensões entre as diversas autoridades, complicações na administração publica, tropeços em seus executores, e, o que mais era, desprendimentos da justiça, abusos e prevaricações em que muito soffria o povo. Este estado de cousas durou até Diogo Arcaze de Aguerre(*), que

---

(*) Deprehende-se da provisão de 15 de Maio de 1602, transcripta por Pedro Taques em sua *Nobliarchia Paulistana*, que o nome desse capitão-mór é Diogo Arias (Ayres) de Aguirre. *B. M*

foi o ultimo capitão-mór nomeado sob autoridade do donatario em 1599.

Tantas foram as investidas que por esse tempo fizeram os vicentistas sobre os Carijós e os Patos para o descobrimento das terras que ficavam ao sul da sua capitania que, emfim, conseguiram penetral-as com desbarate desses indios; e foi assim que Domingos Peixoto de Brito, natural de São Vicente, dirigindo o seu sequito para aquelle lado, tomou conta do sitio, onde ao depois fundou-se a villa da Laguna, annexando-o ás terras de São Vicente consentindo nisso o cacique Taiaranha que ali dominava, e levantou logo uma pequena capella com a invocação de Santo Antonio dos Anjos, que ainda hoje é o seu orago.

Peixoto, acompanhado de dous filhos, sahiu da Laguna para mais longinquas explorações do lado do sul; e n'uma de suas excursões deparou com os vastos campos do Rio-Grande, habitados nesse tempo por uma tribu dos Patos, que se acostára á lagòa do mesmo nome; achando esses campos ermos de gado, que todo correra para as margens do rio da Prata; dispondo que para ali fosse arrebanhado: e é que deste gado procede o innumeravel que hoje se vê naquella provincia.

Conviera de novo o governo da metropole em modificar-se a fórma geral da administração do Brasil, dividindo-a em duas repartições sob a denominação de Governo geral do norte, e Governo geral do sul , cada uma das quaes tinha governador e ouvidor privativos, que delegavam sua autoridade em funccionarios por elles distribuidos pelas diversas capitanias da respectiva jurisdicção; e sobre o que tomou-se deliberação definitiva em 1608.

Pertenciam á repartição do sul as capitanias do Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente, tendo por seu governador privativo a D. Diogo de Menezes, que aportára em Pernambuco em 1607 ainda com a autoridade de governador geral do estado do Brasil, e por ouvidor geral a Sebastião Parni de Brito.

A esta repartição tambem se annexou uma superintendencia com jurisdicção exclusiva e discricionaria sobre as minas; e esse cargo foi primeiramente exercido por D. Francisco de Souza, o mesmo que occupára o de governador geral do Brasil quer antes dessa nomeação, quer pela remoção de D. Diogo de Menezes para a repartição do norte.

No segundo periodo do governo de Souza tomou elle por tarefa a de dirigir-se a Araçoiaba, que a muito o preocupava e o abstrahia de negocios de maior monta; e para ali foi em 1610, sendo o seu primeiro cuidado animar o povoamento que espontaneamente se fazia em derredor do pelourinho que, sendo por ordem sua assentado no valle das Furnas, como já se disse, fòra transplantado para a margem esquerda do rio Sorocaba, duas legoas ao oriente daquelle valle, ao que resignou-se Souza, assim como ao nome que fôra posto á povoação emprestado do rio, em substituição ao de São Filippe, como era de sua vontade, em commemoração ao do rei de Castella que o havia agraciado, e tão exageradamente, no dizer do governador Menezes seu predecessor.

Com a nova phase porque passou a administração publica do Brasil em nada melhorou, ao que se sabe, a da repartição do sul, e ficou por mais esta vez illudida a expectativa do governo da metropole, si é que, com oplausivelmente se póde crêr, suas tendencias tinham esse pendor. Os delegados do governo em São Vicente, investidos ainda com o titulo de capitães-mores, e os da ouvidoria geral da repartição, provaram por mais de uma vez, que em factos de abusos e desregramentos na governação dos povos o obvial-os não está só na destituição dos que se desviam dos seus deveres, mas, e essencialmente, na rectidão, justeza e boa applicação das instituições que lhes servem de norma, o que em mais de um assumpto negligenciou-se nas que se attribuiram ao Brasil, segundo a mente e criterio dos que as entendem e as tem analysado; e

sobre isto nenhuma duvida restará a quem compulsar os poucos e mutilados fragmentos, subtrahidos ao antigo archivo da camara de São Vicente, que ainda se encontram em mãos de curiosos e fazem delles cabedal.(*)

N'um só ponto jámais houve variedade, divergencia ou hesitação, ainda que a mira do governo nem sempre fosse certeira, e nem tivesse elle o complexo das compensações que aspirava: era a pesquisa do ouro nas terras já devassadas e por descobrir; sem escolha de meios adequados, sem apreciação dos trabalhos que lhe eram inherentes, sem attender que esses trabalhos só podiam recahir nos pobres indios, postos ao nivel de massa inerte, e dispondo do attributo da força bruta só para o fim de empregal-a no serviço da raça branca.

Para a lavra das terras de Piratininga ou para a exploração das suas minas cresciam em dobro os trabalhos commettidos aos indios quer fossem os do captiveiro dos colonos, quer os aldeados em proximidade da povoação; trabalhos que eram-lhes arrancados á força de flagicios, lazerando elles na miseria e estupidez; e isto sem appello á governança publica, porque nesta materia era inefficaz o seu poder, a despeito do que se havia estatuido a favor dos indios, ou porque alguns dos seus membros eram os proprios que exerciam essas iniquidades, e todos, fosse por dependencia, fosse por parcialidade, tinham por mais valiosos e concludentes os desforços em defesa propria dos colonos vergados sob o peso de taes accusações, do que os queixumes e provações dos que viviam esmagados sob sua tyrannia; mas a estes queixumes eram attentos os jesuitas de Piratininga, aos quaes recorriam os indios como o unico refugio a tantos vexames, tendo só em retribuição, por que mais não podiam os padres, bom acolhimento, brandas advertencias, aconselhando-os

(*) V. no fim a carta do autor endereçada ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Letra A do Appendice.

com cordialidade, que houvessem resignação e conforto moral, affrontando pacientes os desmandos e vicissitudes do mundo com a esperança das recompensas eternas.

Alguma efficacia teriam estes conselhos quando dirigidos a comprehensões mais intelligentes, a ouvintes menos levados por estimulos physicos do que por affecções moraes; e os indios, sem reagirem contra tão brutal tratamento, tinham por melhor evitarem-o com a fuga, pois que a sua invencivel negligencia e deleixos occasionaes lhes traziam severas correcções.

Os colonos attribuiam o procedimento dos indios a insinuações dos padres de Piratininga, prevalecendo-se da direcção espiritual que sobre elles tinham, e nesta crença, queixosos mais dos padres do que dos indios por sua abnegação ao trabalho, reclamaram contra aquelles perante o conselho da villa, de que se lavrou termo em 15 de agosto de 1611; pedindo providencias que obstassem a influencia e predominio exercidos pelos padres sobre os seus catechumenos, em seu entender abusivos e attentatorios de seus direitos na qualidade de colonos, e como taes senhores do paiz; a mais d'isso imputando aos padres a insidiosa intenção de desviarem os indios dos seus trabalhos para os applicarem exclusivamente aos proprios, dos quaes nenhuma vantagem resultava ao Estado.

Em verdade; nenhuma reluctancia havia da parte dos indios em darem preferencia aos trabalhos que lhes eram suggeridos pelos padres, e consistiam sómente na lavra das terras, quando os dos colonos accrescentavam a elles o pesadissimo da exploração das minas; e isso porque os padres com a brandura do seu trato, com os meios de insinuarem-se com docilidade na mente dos seus neophitos, antes de que impressional-a com ameaças, com o tino de fazel-os persuadir para o trabalho em vez de obrigal-os para elle, não podiam ter por competidores a homens brutaes e rispidos em seu mando nas exigencias para a servidão, mesquinhos na

manutenção dos indios, e impondo esses trabalhos além da sua pujança.

E porque nenhum resultado houvesse dessas reclamações, que o povo, tomando-as dos mais enfurecidos, arrogou a si o submettel-as ao conselho da villa, novo conluio houve em 10 de junho de 1612, em que figuravam os mais energicos agentes que promoveram o primeiro, impondo verbalmente ao conselho o dever de extremar o poder temporal do espiritual, que os jesuitas exerciam cumulativamente nas aldêas em detrimento do progresso da colonia e dos seus trabalhos, visto como os indios não queriam reconhecer senão os padres, e estes com tal autoria impediam aos aldeados o serviço para o qual os queriam arrastar os brancos: e que, a mais d'isso, era indispensavel que nas aldêas se instaurasse a autoridade, á qual com o titulo de capitão se attribuia o poder temporal sebre os indios, e que era immediatamente sujeita ao governo da colonia.

E comquanto a alguns parecessem razoaveis estas allegações, e dariam a ellas sua acquiescencia, outros, porém, as apreciaram como muito nocivas ao regimen das aldêas, e attentatorias do serviço da catechese com a divisão que se premeditava, pondo em connexão duas autoridades essencialmente rivaes, e sobre tudo incoherentes no modo de administrar os indios.

Prevaleceram estas considerações, e, que se saiba, nada então se deliberou a respeito; porém é certo que esses factos fizeram recrudescer o odio tradicional, que desde muito lavrava no animo dos colonos contra os missionarios da companhia, desde que estes se collocaram entre aquelles e os indios como seus defensores espirituaes, e mantenedores da sua liberdade; e desse odio originou-se o clamoroso attentado da expulsão dos jesuitas residentes na capitania, como mais adiante se verá.

Questão entre os herdeiros de Martim Affonso e Pedro Lopes ácerca das suas capitanias. — A Villa de Itanhaen como cabeça da capitania de São Vicente. — Acommettimento dos mamelucos ás reducções do Guairá, e derrota das suas povoações. Investem os mamelucos ao ultimo refugio dos indios do Guairá.

O estado prospero e esperançoso de ganancia, que apresentára no começo do seculo XVII a Nova-Lusitania aos que sómente tinham por alvo a fruição das suas riquezas, prestadas pela acção espontanea da natureza, ou adquirida pela força bruta de braços escravos, sem de modo algum curarem dos meios da civilisação do paiz, ou do seu progresso moral, fez tender para ali as attenções, e apreciar os grandes recursos do sólo que tanto promettia, em maior ponto do que aquelle que até então se lhe prendera.

Foi por isso que diuturna e renhida controversia suscitou-se entre os herdeiros dos donatarios das capitanias de São Vicente e Santo Amaro, Martim Affonso e seu irmão Pedro Lopes, entranhando em pleitos os deslindes dessas capitanias, no tempo que tinham sob sua administração, por intermedio dos seus loco-tenentes, o conde de Monsanto, sexto herdeiro do feudo de Pedro Lopes, que lhe recahira por sentença sanccionada pelo rei em 1617, e a condessa do Vimieiro, quarta herdeira do de Martim Affonso, que continuava em sua posse por confirmação regia.

Indecisa ainda esta contenda, e retirando-se de São Vicente o governador Martim de Sá, apressou-se Fernão Vieira Tavares, loco-tenente do conde, e só por effeito daquella sentença antes da sua sancção, a tomar posse indistinctamente das villas que a esse tempo se achavam fundadas na capitania de São Vicente; mas o loco-tenente da condessa, João Mendes Fogaça, obteve um acto annullatorio daquella posse, e restituição das villas á autoridade da sua constituinte, mediante um accordão do provedor geral do Estado de 8 de novembro de 1623, e autorisação do governador geral transmittida á camara de São Vicente.

A este procedimento houve recalcitração da parte de Tavares com a allegação de que, posto não pertencesse ao conde do Monsanto a capitania de S. Vicente, segundo o que passára em julgado, todavia incontestavel era que o seu constituinte tinha direito á posse das villas em questão, por isso que estavam ellas situadas dentro da linha divisoria que separava a sua capitania da condessa, tirada essa linha de leste a oeste pelo ponto médio da barra de São Vicente. A relação do Estado estando por estas allegações, e em contrario ao que fôra senteneiado em 1617, mandou reverter as povoações ao dominio do conde.

Não se póde tomar senão como uma aggressão, propria daquelles tempos em que o arbitrio era como principal elemento da governação publica, em que o amalgama dos poderes era as mais das vezes em detrimento do povo, a confirmação do julgamento, que fica expendido, pela relação do Estado, adjudicando *injustamente* a posse das villas aos herdeiros de Pedro Lopes, com esbulho dos de Martim Affonso: *injustamente*, porque, dado que servisse de linha divisoria das duas capitanias a imaginada de leste a oeste partindo do ponto médio da barra de São Vicente até á fralda da serra de Paranápiacaba, as povoações que por essa divisão ficavam ao sul pertenciam por sua mesma situação á capitania de São Vicente, e a ellas tinham direito os seus herdeiros.

Emquanto, porém, se discutia esta questão, a capitania de São Vicente se acharia acephala com o esbulho, entre outras, das villas da ilha do mesmo nome, si em 1624, e sob autorisação da condessa do Vimieiro, se não instituisse a villa de Itanhaen em cabeça daquella capitania, como era a de São Vicente, passando para ella o loco-tenente Manoel Carvalho, e nessa cathegoria partiram d'ali todos os actos concernentes á administração publica.

A villa de Itanhaen continuou a gosar do predicamento de cabeça da capitania de São Vicente até

ao anno de 1679, em que a villa de São Vicente reassumiu esse titulo, e quando a possuia por direito de herança o conde da Ilha do Principe, Francisco Luiz Carneiro de Souza, filho do primeiro conde desse titulo.

A villa de Itanhaen, si pequena foi sempre desde a sua fundação, cahiu em decadencia logo que foi destituida de cabeça de capitania; e hoje apenas existe ali, e no ultimo deterioramento o convento de franciscanos, com pequeno numero de casas habitadas pela mór parte por pobres pescadores.

Mais pretenciosas do que compensativas eram as vistas dos jesuitas na luta desigual que travaram com os colonos da capitania de São Vicente, no empenho de defenderem a liberdade dos indios, e de os subtrahirem á enormidade dos trabalhos a que eram rigorosamente applicados, os quaes, ainda que levianos fossem, punham em tratos sua natural indolencia, seus habitos de ociosidade, de que só o castigo os desviava. Os catechistas tinham unicamente por si os meios da doutrina que prégavam, do conselho e da intimação das penas da outra vida, que nada tinham de efficazes em consciencias obsecadas como as dos indios, na mingua de sua credulidade em cousas que não fossem visiveis ou materiaes. Aos colonos animava a criminosa negligencia, e algumas vezes mesmo connivencia, da parte do governo da capitania em reprimir seus excessos e abusos na subserviencia dos indios, aggravando-a tanto mais quanto conheciam a inefficacia dos meios empregados pelos jesuitas para alliciar os indios para fóra da servidão. Com isto era grande e continua a diminuição no pessoal dos indios de Piratininga, ou por morte ou por fuga, quer nos aldeados sob a direcção dos padres, quer nos escravos ou sujeitos aos trabalhos dos colonos; aquelles, por medo de serem arrancados das aldèas para o serviço das colonias, sem que os directores por fallencia de meios proprios pudessem obstar esse extravio; os outros, porque excediam em muito ás suas forças os trabalhos que se lhes suggeria pelo rigor dos castigos.

Neste estado de cousas já se resentiam as colonias da diminuição sempre crescente dos braços que eram occupados na mineração e no roteamento das terras, e com ella se iam esvaecendo nos colonos as esperanças de accumulação de riquezas destinadas premeditadamente a dissipações no seu paiz natal. Era urgente, pois, encher esse vasio que progressivamente se abria nas colonias, e para isso só havia o recurso de fazer-se *provimento* de indios subtrahindo-os ás matas, porque a esse tempo ainda não era admittida no Brasil a ignominiosa escravidão africana. Procural-os nos seus escondrijos por esforços proprios, a isso não se afoutavam os colonos da raça branca por temor dos indios foragidos de Piratininga, que não deixariam de reconhecer seus antigos e crueis senhores com a recordação dos máos tratos delles recebidos; além do que, eralhes uma idéa repulsiva o deixarem seus habitos de poltroneria expondo seus haveres á rapinagem para se atirarem a emprezas fortuitas e assás arriscadas, e de resultados mui duvidosos, com abnegação da vida ociosa e barregan que lhes corria nas povoações.

Nesta lida de descobrir meios para conjurar os males, que tão de perto ameaçavam os colonos em suas riquezas e bem estar, occorreu a estes o pensamento de, declinando do antigo odio que votavam aos mamelucos seus conterraneos, commetterem a elles a empreza de lançarem-se a correrias nas matas com o fim de caçar indios para supprimento dos que faltavam á sua servidão, induzindo-os a isso mediante grandes promessas. E firmes nesse proposito inventaram alvitres para leval-o a effeito, alliciando a rispidez desses homens embrutecidos com boas palavras, donativos e outros meios adequados para sujeital-os á sua vontade.

Tão atroz é o papel que representaram os mamelucos desde que se apresentaram em força imponente na capitania de São Vicente, e com especialidade nas matas do seu sertão, que de necessidade empregaremos

algumas linhas em descrever sua nefanda origem, e feitos abominaveis.

Os mamelucos traziam sua linhagem desde João Ramalho, que teve numerosa descendencia de sua mulher filha de Tebyreçá régulo de Piratininga, conhecida na historia com o nome de Izabel depois que recebera o baptismo; o seu primeiro nucleo formou-se em Santo André, então dominio de João Ramalho, e, abolindo-se esta povoação, dispersaram-se vivendo discricionariamente em grupos nos campos de Piratininga, sem obediencia ao governo e mantendo-se da rapina.

Concorreu para o augmento pessoal dos mamelucos a affluencia de adventicios de além-mar em São Vicente, em seguida ao seu primitivo povoamento, e logo que foram vencidas as difficuldades que appareceram para o trajecto da Europa para o Brasil.

A emigração nessa epocha era em sua mór parte de fugitivos, criminosos, desertores e réos de policia, que alijava-se ás praias de São Vicente de preferencia a outro qualquer porto. A' sua chegada alliavam-se esses homens ás mulheres indigenas, resultando desse cruzamento o acrescimo da classe dos mamelucos, cujo nome odioso foi por historiadores estrangeiros, e por muito tempo, confundido com o de paulistas, aliás formando estes uma classe distincta.

Assim, «da aproximação da raça branca e india sahiu essa mescla hybrica e impura, definida com o nome de *mamelucos*, esses filhos espurios e equivocos que, renegando sua origem materna, ostentaram-se com incrivel ferocidade os mais rancorosos inimigos dos indios, e o mostraram por sem numero de vezes». (*)

«Os mamelucos trazem sua origem de João Ramalho, que teve numerosa progenitura de sua mulher, filha do régulo Tebyreçá, conhecida na historia com o nome de Izabel, depois de receber o baptismo. Formaram elles quasi integralmente a população de Santo

(*) Revista do Inst. Hist. e Geog. Bras., Tom. 24, pag. 495.

André; e logo que foi esta amalgamada á de Piratininga com a abolição daquella villa, viviam como discriminados desta por força do odio que sempre vigorou entre as duas classes». (*)

Entretanto foi por meio dos mamelucos que os colonos refizeram-se de trabalhadores indigenas arrancados ás matas para a restauração dos seus trabalhos, que iam sempre em decadencia.

Emquanto o homisio dos indios, que ainda se achavam em estado selvagem, não demorava a grandes distancias de Piratininga, facil era a sua aprehensão para a servidão das colonias, e para isso não havia mister de grandes forças; mas, á proporção que se iam retirando para mais longe, e se retrahiam a mais denso sertão, declinava-se a afouteza dos seus apresadores com o temor de exporem-se a correrias muito arriscadas e de resultados incertos. O ponto de mira, pois, dos colonos, em quem pungia a necessidade de escravos, fixou-se no Guairá, como o ultimo effugio que tiveram os indios depois de acossados do sertão de Piratininga, e para ahi dirigiram todos os seus esforços.

As reducções do Guairá, a que bem se poderia dar o titulo de «confederação indiana», em vez do de «imperio», que pomposamente lhe attribuiram os hespanhoes no tempo da sua maior prosperidade, deveram seu nome ao maior potentado da nação Guarany, que dispunha de numeroso sequito desta raça, que entrou na sua fundação, estacionada antes no territorio interposto ao Paraguay e Paraná. Estiveram por mais de um seculo sujeitos ao dominio dos jesuitas, que dedicaram-se á catechese no rio da Prata, derramando-se nas matas do Paraná; e ali abriram seu apostolado sob a direcção dos padres Cataldino, Maceta e Montoya. (**)

(*) Revista citada.

(**) Rev. do Inst., Tom. 26. Hist. da Repub. Jesuit. do Paraguay, pelo conego João Pedro Gay.

O Guairá propriamente dito era dividido em duas secções com a interposição do rio Tibagy, affluente oriental do Paraná, e formado de quatorze reducções, sendo a principal e mais populosa Ciudad-real, situada na confluencia do Piquery, tributario do Paraná em sua margem esquerda. Começou a sua fundação em 1557, e em 1634 apenas existiam vestigios dessa agglomeração de povoações que, segundo tradicções historicas, contiveram em si cem mil indios submissos á administração dos jesuitas.

Emquanto se edificavam as povoações do Guairá aquem do Paraná, e para ahi corriam em multidão os indios do Paraguay, atrahidos pela uberdade das terras, e mesmo para se libertarem das crueldades dos hespanhoes; incapazes de presentirem que em sua nova posição depárariam certamente com a morte ou escravidão; e, para melhor dizer, «si escapavam de Scylla cahiam em Carybdes», cresciam numericamente e robusteciam-se os mamelucos de Piratininga sem freio nem religião, aventurando seus serviços indistinctamente com tanto que fossem estipendiados durante a sua occupação, e remunerados depois, embora se lhes impuzesse o assassinio ou o roubo, a que se davam instinctivamente e por habituados no crime.

Por estimulos desta vida solta, e pelo incentivo do ganho os mamelucos foram pontuaes em acudir ao chamamento para novas investidas contra o gentio do sertão, ao que se prestaram deligentes, e em breve formou-se a força expedicionaria composta de novecentos mamelucos e dous mil indios Tupys, que foi entregue a Antonio Raposo, como esperimentado cabecilha para taes emprezas, e que por vezes déra provas de cruezas contra os indios.

Dispostas assim as cousas, dividiu-se a força em bandeiras, e cada uma destas fez entrada nas matas por pontos diversos, convergindo todas para o Guairá como o que podia dar mais alimento ás suas devastações; e em 1628 já se achavam affrontando as primei-

ras povoações que para o oriente ficavam mais destacadas do centro.

Desde então começaram os acommettimentos, e em 1631 já estava consummada a obra do arrasamento do Guairá, fazendo-se horrorosa mão-baixa nos indios que tentaram defender suas familias, aprisionando-se todos quantos escaparam á matança, e entregando-se ao incendio as povoações acommettidas.

Consta da historia da epocha que a tomada do Guairá pelos mamelucos deu indios não só para abastecimento das colonias da capitania de S. Vicente, como para que, havendo delles um excedente de sessenta mil individuos, fossem distribuidos por outras capitanias, mediante o mercado que delles se fez em Piratininga.

Dos cem mil indios de que, segunda refere Charlevoix, formava-se o fundo da população do Guairá, escaparam apenas doze mil das reducções do Loreto e Santo Ignacio, por sua posição mais central, e estarem estas defendidas pelos rios Pirapó e Tibagy; e os jesuitas seus missionarios, retirando-se d'ali em dezembro de 1631 com esses indios embarcados em setecentas canôas, com elles formaram nucleos para o primeiro povoamento das reducções que, em seguida á catastrophe do Guairá, fundaram-se em ambas as margens do Uruguay, e de que procedem as sete missões da provincia de São Pedro.

Ao completo desabamento do famoso Guairá, fructo de setenta e quatro annos de fadigas e trabalhos apostolicos dos jesuitas, seguiram-se recriminações da parte dos indios imputando aos padres que, mancommunados com os paulistas para o captiveiro delles, haviam atrahido e coadjuvado os mamelucos para aquella destruição, concertado de ante-mão o plano para leval-a a effeito; embora o padre Maceta com alguns outros missionarios das reducções decahidas procurassem eximir-se dessa suspeita, invocando em testemunho de sua lealdade, além de outras provas, a de um cacique que, sendo antes seu inimigo, fôra, elle e o seu sequito,

posto a salvo do poder dos apresadores na maior força do conflicto. A dissuasão não foi completa, e factos ulteriores, que não pertencem a esta historia, demonstram que os indios perseveraram na crença de que houvera traição no desmoronamento do Guairá.

Comtudo, o desanimo não succedeu ao sobresalto momentaneo dos jesuitas no desapparecimento do maior centro da sua missão apostolica na America. Deramse logo á fundação de novas reducções com o gentio que escapou á derrota do Guairá e evadira-se para além do Paraná; preferindo localidades que as revestissem de maior segurança, e puzessem os indios em resalva quer dos acommettimentos dos mamelucos, quer dos hespanhoes do Paraguay, que tambem se haviam dado ao trafico de vender indios.

Oito reducções foram como de improviso erectas em Tapé e Itatines, sitios equidistantes do Paraná e Paraguay. Ahi, e no Xerez, antigo e grande estabelecimento jesuitico assentado ao oriente do Paraguay, recolheu-se parte do gentio que a custo e por esforços dos padres abandonára as ruinas do Guairá; e mesmo ahi não puderam escapar ás correrias de seus ferozes inimigos. Os mamelucos, fazendo causa commum com os hespanhoes apresadores de indios, e auxiliados por elles em seu caminho para aquelles sitios, cahiram sobre as reducções com a mesma ferocidade que os arrojou á destruição do Guairá, e as levaram á ultima ruina com a escravidão dos indios, permanecendo de Xerez só o nome com as tradições da sua passada grandeza. (*)

(*) Compendio da Historia do Brazil pelo general Abreu e Lima, tomo 1.º, cap. 5.º, pag. 206.

Expulsão tumultuosa dos Jesuitas da Capitania de São Vicente. — Seu regresso. — Memoravel abnegação do Paulista Amador Bueno de Ribeira.

Os grandes attentados dos mamelucos, que, para mais segurança em seus acommettimentos, fizeram causa commum com os hespanhoes do Paraguay, «caçadores de indios», como os appellidou Southey, para a destruição do Guairá, e de outras reducções d'além do Paraná, causaram tal estremecimento á missão jesuitica que catechisava naquella região, que, a proseguirem as cousas do modo em que iam, era infallivel o seu aniquilamento; e os superiores da missão assentaram de mandar á Europa emissarios seus que, expondo a arriscada situação em que se achavam envolvidos, pedissem providencias que a pudessem dominar. Os padres Tanho e Montoya, ao serviço daquella missão, e cujas provações manifestadas a bem della os abonavam no empenho da obtenção das medidas solicitadas, foram enviados para fazer a narrativa das vicissitudes por que havia ella passado, e do que se devia esperar das animosidades dos seus inimigos.

Entretanto, burladas tinham sido as reclamações, que, como fica dito, fizeram em conventiculo perante as autoridades de Piratininga os senhores dos indios contra os jesuitas, por se haverem estes opposto á subtracção dos aldeados, e por seus queixumes pelo máo tratamento, inflingido aos que desta raça estavam detidos como captivos sob o dominio dos colonos. O que se assentou como regra de proceder em presença de similhantes reclamações não passou de letra morta, depois de arrefecido o emphase momentaneo da assuada popular; derivando-se d'ahi um accrescimo de odiosidade contra os jesuitas, e recrudescer a audacia dos mamelucos para nova destruição do Guairá que se instaurava.

Montoya alcançou em Madrid a autorisação de armar e disciplinar militarmente os indios aldeados do

Paraguay, havendo, como informou, entre os padres· alguns adestrados nesse mister, formando assim uma força que pudesse affrontar a novas tentativas contra as reducções; e Dias Tanho retirou-se de Roma acompanhado de dezeseis padres, e munido de raios do Vaticano contra os senhores dos indios, e aquelles que os pretendessem escravisar, onde quer que isto se désse: e os dous enviados reunidos em Lisboa embarcaram com destino ao rio da Prata. Acossado, porém, o navio por tempos contrarios, teve de arribar ao Rio de Janeiro, e ahi o imprudente portador das fulminações de Roma, cheio da fatuidade dessa commissão, teve a indiscrição de as manifestar solemnemente na igreja dos jesuitas, fazendo a leitura da bulla pontificia de março de 1638.

Grande estranheza foi a que causou este acto aos partidistas da escravidão dos indios, que no Rio de Janeiro davam-se á sua mercancia, e iam de accordo com os paulistas que partilhavam similhante immoralidade; e sublevando o povo seria infallivel o massacre dos jesuitas si se não interpuzesse o governador Salvador Corrêa, que, por gosar da estima publica, pôde dominar a turba enfurecida, e persuadil-a de que o governo tomaria a si o encargo de solicitar da curia romana a revogação do anathema lançado contra os possuidores de escravos indigenas.

Emquanto por esta fórma aplacou-se a commoção popular no Rio de Janeiro, a maiores excessos entregou-se o povo de Santos no acto em que o seu parocho fazia leitura da bulla annullatoria do captiveiro dos indios. Prorompendo na igreja contra o parocho, derribaram-o e o espesinharam, e com punhaes á vista obrigaram-o a protestar com a sua assignatura contra as censuras comminadas pela bulla.

Para apaziguar os amotinados apresentou-se o superior dos jesuitas de ciborio nas mãos; e na presença da santa reliquia humilharam-se alguns, quando outros, conservando-se em desplante ameaçador, exclamaram

que não desacatavam a divindade por isso que a amavam com profunda fé, mas que se não devia esperar delles renuncia á sua propriedade, que a tinham nos escravos indigenas.

O tumulto foi acalmado sob o protesto que fizeram os padres, de que a bulla de interdicção não devia ser tomada em sua sancção penal como extensiva ao povo de Santos, como se suppunha, pois que em seus habitantes era incontestavel a legitimidade do seu antigo senhorio sobre o captiveiro dos indios; e isto que vinha a ser uma falsa interpretação no preceito da bulla, que em caso nenhum era excepcional, e que mais bem fôra um recurso occasional contra os desmandos do povo, pôz os padres a coberto dos seus desvarios.

Uma similhante evasiva não pôde prevalecer na villa de Piratininga ou porque o povo estivesse ahi melhor ajuizado, ou porque não houvesse quem com intimativa soubesse sophismar as comminações da bulla. Nem mesmo os jesuitas puderam occultar que o anathema feria directamente e mais de perto os habitantes da villa, onde, mais que em nenhuma parte havia grande copia de indios escravisados.

Logo que divulgou-se em Piratininga que se ia publicar a bulla rehabilitando os indios em sua liberdade, amotinou-se o povo no dia 13 de julho de 1640, e rompendo em vociferações e injurias contra os jesuitas, correu á sua residencia, invadiu a casa e expelliu d'ahi a nove padres que a habitavam, entrando nesse numero os propagandistas da emancipação dos indios. Estes, não querendo persistir ali em novas tentativas no receio de maior compromettimento á sua missão com risco de vidas, retiraram-se para Buenos Ayres, emquanto os da capitania a abandonaram, depois de conhecerem a pusilanimidade, ou talvez connivencia das suas autoridades, que os largaram á discrição da populaça desenfreada.

Consummado este acto subversivo e prepotente a

camara de Piratininga dirigiu ao rei de Portugal um longo arrazoado como em pessoal desforço pela expulsão dos jesuitas, localisando na capitania de S. Vicente factos criminosos dos jesuitas occorridos em outras capitanias, e que para isso prevaleciam-se do apoio e força bruta dos indios, e cohonestando o seu proceder com o subterfugio de que tivera por fundamento receios de que taes factos se reproduzissem em sua capitania.

O governo da metropole sujeitou essas queixas ao exame de pessoas competentes, e á informação de um antigo governador da capitania de São Vicente; em resultado do que ordenou-se por alvará de 3 de outubro de 1643 a restituição dos padres á capitania, e sua rehabilitação aos direitos espirituaes em suas igrejas, e aos de administração das aldêas de indios, de que tinham sido violentamente esbulhados, como ácima se viu.

Todavia, o regresso dos jesuitas não se verificou senão em 1653, por sua longa hesitação em viverem com um povo que os expulsára tão acintosamente, irascivel e desenfreado em sua cólera; e para o seu regresso houve-se de mister que alguns paulistas poderosos e geralmente respeitados garantissem-lhes favoravel acolhimento, precedendo uma concordata entre ambas as partes para uma pacifica residencia dos padres.

Tivera Portugal a sua vez de sacudir de si o dominio estrangeiro, que o subjugára desde 1581. Esteve esse paiz sujeito com tanta ignominia sua aos reis de Castella por sessenta annos, de cujo poder libertou-se ao 1.° de dezembro de 1640, reerguendo a propria nacionalidade com a acclamação de D. João IV, antes duque de Bragança, e subtrahindo-se ao aniquilamento em que o retinha um poder adverso.

Communicado este inesperado acontecimento ao governador geral do Brasil, marquez de Montalvão, mandou este da Bahia transmittir logo a sua noticia ás capitanias do sul. No Rio de Janeiro fez-se a acclamação do rei em 10 de março do anno seguinte, e poucos dias depois foi ella celebrada em Santos e

São Vicente por Luiz Dias Leme, a instancias de Arthur de Sá, que para esse fim fôra destinado pelo governador do Rio, Salvador Corrêa de Sá.

Grande desgosto se diffundia entre os hespanhoes, que habitavam a capitania de São Vicente, por haver-se expellido de Portugal e suas possessões na America o odioso dominio de Castella, que tão infenso lhe fôra, e trouxera ao Brasil os inimigos daquelle paiz, os hollandezes, que, invadindo algumas capitanias do norte, nellas se mantiveram em guerra aberta e por muitos annos com successos varios, entorpecendo o seu augmento e prosperidade.

A mais do odio hereditario que subsistia entre as duas nações confinantes na peninsula iberica, e que se transpuzera na America logo que alli houve o concurso dos dous povos originariamente rivaes, ia-se aos hespanhoes nessa transmutação dynastica a preponderancia, que lhes dava a governação publica entregue em mãos dos seus, e o partido que sabiam tirar desse estado de cousas; esvaeciam-se-lhes as esperança de unir a capitania de São Vicente ao Paraguay, pensamento este que era desde longo tempo ruminado, e a que se deu o primeiro impulso alliciando os paulistas no alvitre de invadirem aquella região, depois que houve a destruição do Guairá pelos mamelucos, e de entrarem em relações com os seus habitantes europeos, obliterando-se dest'arte velhos preconceitos e animosidades alimentados entre as duas raças, muito antes de que Portugal sacudisse o jugo hespanhol.

Com quanto a noticia daquelle acontecimento excitasse nalgumas partes do Brasil grande enthusiasmo, a capitania de São Vicente collocou-se nessa occasião n'uma attitude quasi excepcional, e si em Santos e São Vicente houve sem hesitação a acclamação do novo rei, foi isso devido antes ás instancias do governador do Rio de Janeiro, Salvador Corrêa, destinando para prorompel-a a seu sobrinho Arthur de Sá do que á opinião de muitos que estavam em maior

contacto e se achavam em conluio com os hespanhoes de Piratininga.

«Altivos pela nobreza de seus ascendentes; animados por esse espirito de liberdade rude que caracterisa a raça americana; habituados a mandar sobre numerosa escravatura; destemidos e vigorosos por sua residencia nos sertões, onde levavam uma vida solta de toda vigilancia, os paulistas nunca foram um povo bem sujeito, e sob o dominio hespanhol tornaram-se quasi independentes, e á espreita do primeiro momento de defecção ou perturbação no regimen publico para romperem o fraco ligame que ainda os prendia á dominação europea.(*)»

A estas disposições de animo accrescia, que viviam com os paulistas, e alguns com estes ligados por laços de familia, grande numero de hespanhoes europeos, domiciliados em São Paulo, uns, para servirem cargos que lhes conferia o governo intruso de Portugal, e outros, por emigração voluntaria em devoção aos seus interesses. A nenhum escapou que, pelas occorrencias da occasião, decahiriam da influencia preponderante, que tinham, estando o dominio do paiz em poder proprio, e achar-se-iam no pendor de obedecer ao novo governo que detestavam, si este os mantivesse em suas posições. Era, pois, indispensavel continuar a capitania sob a dominação da Hespanha. Algumas manifestações houveram no sentido de opposição á acclamação de D. João IV em Piratininga, e isto deu para aviventar no animo dos paulistas a ingenita propensão que tinham para a sua independencia; e porque a vissem sem estranheza, d'ahi originou-se o alvitre para que alguns historiadores dissessem que os paulistas estavam sob o regimen puramente republicano.

Não se atreviam, comtudo, os hespanhoes a manifestações claras que definissem seus designios; resolveram usar do artificio de que figurasse um rei entre

(*) St. Hilaire. Hist. de la Prov. de St. Paul.

os paulistas, e para esse fim conseguiram seduzir a plebe, que, como sempre, e na cegueira da sua boa fé é levada irreflectidamente pelos astutos para fins que desconhece.

Entre os paulistas descendentes dos hespanhoes havia um homem notavel, sem dobrez, de trato singelo, poderoso e bem considerado pelos seus conterraneos: era elle Amador Bueno de Ribeira, que naquelles tempos occupára os mais elevados cargos da administração publica, e cuja familia era tão abastada como numerosa.

Neste ensejo o povo excitado pelos hespanhoes quiz collocar Bueno á sua frente, e com este intuito dirigiu-se á sua casa, enthusiasmado e n'uma só grita o proclama seu rei. O prudente paulista fiel a suas crenças, e conhecendo pelos precedentes, que entre os mais exaltados da turba havia sinistras intenções em similhante proceder, recusa a' offerta da corôa com perseverança, e mais convencido do que surpreso, conjura o povo a proclamar e reconhecer por seu soberano aquelle, cujos direitos eram inauferiveis, e como tal havia restabelecido o throno portuguez, e sido inaugurado n'outras capitanias do Brasil.

Insiste o povo em seu proposito, ameaçando a Bueno de se lhe dar morte si acaso se obstinasse em despresar o prégão popular; e este tomando uma espada, sae de casa por uma porta escusa, e corre apressadamente para o convento dos benedictinos, rompendo por entre a multidão que se lhe grupava. O povo vae-lhe no encalço gritando: «viva Amador Bueno, nosso rei»; mas elle sempre tenaz e desattencioso, persistia em responder: viva João IV, nosso rei, pelo qual estou disposto a derramar todo o meu sangue , e, chegando ao convento, entra e fecha a porta.

A' assuada do povo, e á explicação de Bueno, occorreu o abbade e os monges do convento de cruz alçada, e unindo-se a elles algumas pessoas mais consideradas da villa, appareceram aos amotinados, e fallando-lhes os convenceram do seu erro e inconveniente

proceder; e aquietados assim, no mesmo dia foi proclamado rei o duque de Bragança em todas as ruas da povoação.

A versatilidade do povo neste facto memoravel, desistindo do seu emphatico proposito só por effeito de algumas palavras brandas, que lhe foram dirigidas á porta do mosteiro, justificava satisfactoriamente em Bueno sua obstinação na recusa da realeza que se lhe offerecia. Sirva isto de lição aos que confiam cegamente nas imposições populares por maior que seja a magnificencia com que se ostentem.

Ouçamos a este respeito a opinião de um historiador, que por tantos titulos se faz digno de todas as attenções.

«Todavia, parece certo que, nas tendencias para a sua emancipação em que estavam os animos dos paulistas, altivos, intrepidos, habituados a uma vida fragueira de lutas, fadigas e privações, e sempre dispostos para emprezas arriscadas, era-lhes facil defenderem, e sustentarem a resolução que haviam tomado, de se imporem um chefe de sua escolha, subtrahindo-se ao dominio de Portugal, si fôra elle menos circumspecto e mais ambicioso que Amador Bueno. Com um tal chefe, que se deve qualificar como o maior vulto dos tempos primitivos, os paulistas se constituiriam independentes, e, em breve, o mais formidavel povo da America do Sul.»(*)

O desprendimento aos encantos da realeza em Amador Bueno, a sobranceria ao pungimento do egoismo, que dominou essa alma cheia de fidelidade e de honra, é uma lenda, um axioma glorioso nas tradições da provincia de São Paulo; o verbo historico que mais bem aquilata o caracter dos paulistas no tempo que era um timbre esse nome.

A narrativa deste acontecimento fôra pela camara de Piratininga dirigida ao rei, apresentando-a os paulistas

(*) St. Hilaire. hist. cit.

Luiz da Costa Cabral, e Balthazar de Borba Gato; e teve em resposta a carta regia de 24 de setembro de 1643, abundando com expressões benevolas em agradecimentos aos paulistas, e em especial a Amador Bueno por sua dedicação á legitimidade da monarchia portugueza.

Continuam os acommettimentos dos Mamelucos aos indios do Paraguay. — O Governador da Repartição do sul, Salvador Corrêa de Sá, é desacatado pelos paulistas, por suggestões dos que no Rio de Janeiro davam-se ao trafico de indios. — Meio de harmonisar dissidencias entre familias de São Paulo. — Separa-se a capitania da repartição do sul. — Primeiras descobertas de Minas-Geraes.

Ainda em 1641 era vivaz nos paulistas a antiga animosidade de captivarem os indios das reducções do Paraguay, para alimentar-se o trafico entretido com as outras capitanias, e provimento dos proprios estabelecimentos ruraes, e estes acommettimentos converteram-se em guerra de nação á nação no entender dos contendores depois da defecção de Portugal, subtrahindo-se ao dominio hespanhol com a rehabilitação da monarchia portugueza na acclamação de D. João IV.

Não deixára isso de ser previsto pelos jesuitas, a cujo cargo estavam as reducções que surgiram das ruinas do Guairá; e desde logo premuniram-se de meios de resistencia, com que affrontassem ás incursões dos devastadores daquella região, e depredadores da liberdade dos indios, armando estes com o armamento que lhes fôra enviado da Hespanha a pedido do padre Montoya, e reunindo em uma só força os indios das reducções que podiam servir na luta, adestrando-os nas armas, e destribuindo-os por diversos pontos, os mais vulneraveis que ficavam a geito dos

invasores, e por onde esperavam hostilidades; entrando no armamento fornecido uma peça de artilheria.

Emquanto estas cousas passavam-se no Paraguay, não era menor o afan em São Paulo, empregado em aprestar forças, que eram destinadas para aquelles acommettimentos. O corpo dos expedicionarios, organisado com autorisação e em presença dos governantes do logar, a pretexto de que devia operar em guerra aberta a uma nação inimiga, ainda que então não estivesse ella declarada, compunha-se de quatrocentos paulistas, sendo a mór parte de mamelucos, que em tempos precedentes aggrediram e hostilisaram barbaramente aquelle territorio no intuito de caçar indios. A este corpo aggregou-se grande numero de individuos da nação Tupy, que então se achavam em alliança com os paulistas, e muitos indios dos neophytos das aldêas, ainda desprotegidos pela ausencia dos jesuitas.

Marchou de Piratininga a expedição, e dirigindose a um dos rios que desaguam no Uruguay, ahi embarcou-se em trezentas canôas, e ao approximar-se ás reducções de Itatines, fôra imprevistamente atacada pelos indios, que desde muito a espreitavam de terra, empregando de preferencia o fogo de artilheria alternado com fuzilaria, com o que a expedição não contava. O desbarato desta foi completo, sendo mortos na refrega e na fuga cento e vinte homens, e cahindo muitos em poder dos Gualaches, indios anthropophagos do Chaco, que os devoraram.

A esta derrota seguiu-se a retomada pelos victoriosos de mais de dous mil indios, que por vezes e em varios recontros, tinham alguns bandos de mamelucos capturado no territorio do Paraguay, e eram trazidos para Piratininga.

Não escarmentados os paulistas com o infeliz desfecho daquella expedição, e mesmo excitados por esse desar, tentaram ainda novo ataque ás reducções de Itatines como continuação da guerra ao Paraguay. Acommetteram ás reducções, arrasaram-as e invadiram

o proprio Chaco, até ali impenetravel aos hespanhoes, retrocedendo a medo de provocarem as hostilidades das nações indianas que habitam essa vasta região sempre respeitada e temida pelos estrangeiros.

Foi preciso aquelle desbarato, e os nenhuns resultados favoraveis, que tiveram os paulistas de seus ultimos acommettimentos sobre o Paraguay, para, emfim, pôr-se cabo a uma luta tão diuturnisada; mas é certo que d'ahi proveiu uma paz, que foi perduravel pelo lado da capitania de São Vicente.

Ao menos pôz-se tregoas á guerra travada com a raça aborigene da região do Paraguay; mas, não podendo ser continuada nessas paragens pelas difficuldades supervenientes, recrudesceu a luta com os indios dos sertões de São Paulo, posto que ahi só existissem pequenos grupos isolados, e em parte alguma fizessem residencia de longa duração.

Foi facil de incutir no animo dos paulistas, sincero e porisso apprehensivo, que os revezes que ultimamente lhes sobrevieram, e o nenhum fructo que tiveram de seus derradeiros assaltos ao Paraguay, originaram-se de avisos antecipadamente feitos aos jesuitas daquella região pelos governantes da capitania de São Vicente, demovidos a tal proposito por conselhos secretos do governador Salvador Corrêa de Sá, que faziam com que os padres estivessem premunidos contra as tentativas dos paulistas nos seus apanhamentos de indios, e se apparelhassem contra isso.

Similhantes perfidas insinuações partiam do Rio de Janeiro dos que traficavam com a liberdade dos indios, e viam-se coagidos a não proseguirem em tão iniquo commercio, por terem sempre de frente as disposições providenciaes que o governador muitas vezes tomára para reprimil-o: calaram ellas facilmente no animo dos que em Piratininga davam-se a esse trafico.

Em verdade o honrado e prestante governador Salvador Corrêa de Sá, sempre que em sua longa vida publica, que tão proficua foi ás capitanias que admi-

nistrou, se achava com autoridade que pudesse exercel-a a favor dos indios, compassivo do seu estado de degradação, a empregava com a fortaleza que lhe inspirava sua consciencia; e porisso necessariamente devia incorrer na animadversão desses traficantes, e sempre esperar delles iniquidades e embustes; e nem por momento se póde conceber que da probidade e justiça bem caracterisada do governador partissem aquelles avisos e conselhos clandestinos contra homens sujeitos ao seu governo, embora estivessem em harmonia com as suas convicções na prevenção de evitar damno aos indios.

Mais do que esses sopros insidiosos do despeito quizeram tambem os adversarios do governador tramar contra elle uma revolta, em que os paulistas deviam tomar a parte do maior compromisso, como era destituil-o do governo, accumulando-lhe culpas de grande responsabilidade: mas, posto que ainda a tempo pudessem os paulistas desviar-se de tal conluio, não se animaram a evitar outro, que, como o anterior, surdira da mesma origem, isto é: insuflado pelos inimigos do governador do Rio de Janeiro.

Havia o governador partido em setembro de 1640 para a villa de Santos, de onde seguira para Paranaguá afim de, como superintendente das minas, tomar conhecimento das que tinham sido ali descobertas, e promover a sua exploração em regra e a proveito do fisco.

Do Rio os que conspiravam contra o governador não despresaram este ensejo para fazel-o deparar com entraves em sua marcha administrativa; e rememorando com perfidia as suas tendencias a bem dos indios, culpando-o de íntima parcialidade com os jesuitas, e de que, sabendo perfeitamente a lingoa dos indios, era-lhe facil induzir os que fossem escravos a se insurgirem contra seus senhores, capacitaram a seus sectarios em São Paulo, que não deviam consentir em sua villa o ingresso do governador, si não queriam ser defraudados dos seus direitos sobre o captiveiro dos indios.

Ainda illudidos os paulistas em sua boa fé com esses embustes e atraiçoados conselhos, que bastante os comprometteriam si tivessem por alvo outro que não fòra o prudente e illustrado Salvador Corrêa, sabendo, aliás, sustentar a sua dignidade de governador, intimaram a este, que sua presença em São Paulo comportaria sua expulsão da villa, quando mesmo pudesse vencer os obstaculos que no caminho foram predispostos para impedir sua viagem á Piratininga.

O governador foi sobranceiro a similhante desatino, e dirigindo-se aos moradores de São Paulo por carta de setembro de 1641, lhe declarou, que, sem temor das ameaças que lhe faziam, recolher-se-ia satisfeito ao Rio de Janeiro, com tanto que chegassem a um accordo «do que convinha mais ao real serviço»; e com o mesmo sangue frio, com que vira tão insolita intimação, proseguiu em sua viagem ao sul da capitania, e em quanto esteve nella foi solicito em prodigalisar-lhe bons serviços, mandando abrir caminhos, explorar minas, construir pontes, facilitando a passagem de rios caudalosos por meio de barcas; e estes serviços eram suggeridos com modo affavel, mostrando em tudo intelligencia e animo perseverante.

«Os paulistas, posto que delles se assacassem acções iniquas, as mais das vezes calumniosas, nunca foram estranhos a sentimentos generosos. Corregiram-se tocados do nobre e digno comportamento de Salvador Corrêa; então lhe testemunharam vivo reconhecimento, offerecendo-lhe mesmo seus serviços contra os rebeldes do Rio de Janeiro, que por algum tempo os houvera desvairado.» (*)

O offerecimento dos paulistas para irem atacar os amotinados do Rio, que se haviam sublevado contra o governador, concorreu bastante para que estes se apaziguassem, pois que por modo algum queriam ter conflictos com «homens formidaveis nesse tempo,

(*) St. Hilaire. Hist. cit.

tanto pelo exercicio que tinham de pelejarem, criando-se quasi todos na guerra contra os barbaros, como pela circumstancia de lhes ser muito facil pôr em campo com os seus indios um exercito numeroso de soldados veteranos.(*)»

Quanto mais se augmentava a população da capitania de São Vicente, e mais crescia a sua riqueza e prosperidade, mais eram-lhe connexos simultaneamente o orgulho e falso pundonor emprestando-lhes o nome de «brios», máos directores quando a civilisação os não refreia. Cada familia queria preponderar sobre as outras, e ter o exclusivo dos cargos da governança. Entre as mais qualificadas e poderosas as dos Pires e Camargos alimentavam entre si antiga e tenaz malquerença por se irrogarem fatua precedencia naquelles cargos, que uma queria ter sobre a outra; e d'ahi emanavam serias desintelligencias, e se reproduziam conflictos além de dissensões domesticas, que por mais de um modo compromettiam o publico serviço. Puderam, emfim, taes disturbios chegar ao conhecimento do governador geral do Estado, Jeronymo de Atahide, e não podendo por fraqueza de autoridade senão transigir com tal estado de cousas, por propria deliberação de 24 de novembro de 1655, approvada pelo governo da metropole, proveu o caso pelo modo seguinte: «O ouvidor chamará a conselho os homens bons e o povo da villa, e intimará a cada um delles que nomeie seis homens para eleitores, tres do bando dos Pires, e tres do dos Camargos (não sendo as cabeças dos bandos, antes os mais zelosos e *timoratos*), e tanto que todos os votos forem tomados, escolherá para eleitores de cada bando os tres que mais votos tiverem entre todos. Estes seis fará apartar em tres pares, um Pires com um Camargo, e lhes ordenará que façam os seus tres róes, como é estylo: a saber, seis para juizes, tres de um bando e tres de outro, e um neutral, e

(*) Revista do Inst. vol 11, pag. 60.

tres para procuradores do conselho, um Pires, outro Camargo, e o terceiro neutral.» (*)

Assim regulou-se por muito muito tempo a eleição dos serventuarios da edilidade de Piratininga, até que com melhor accordo as cousas chegaram ao ponto de de prescindir-se de similhante formalidade.

Pelo incremento das capitanias que formavam a repartição do sul e sua crescente população, achando-se isoladas e quasi incommunicaveis por grandes distancias que medeiavam entre si, não era mais admissivel que estivessem cumulativamente sob a administração de um só governador; que as mais das vezes desconhecia todo o territorio da sua jurisdicção. Foi isso o que obrigou a fazer-se em 1658 a separação da capitania de São Vicente da do Rio de Janeiro; nomeando-se para aquella um governador privativo na pessoa de Salvador Corrêa de Sá, que precedentemente governára a repartição do sul.

As poucas vezes que o governo da metropole attentava para as cousas do Brasil eram para o fim exclusivo e egoistico de abrir no proprio paiz novas fontes de riqueza, que toda ia para Portugal, para essa voragem onde era ella consumida, sem que revertesse a menor parcella em beneficio do paiz que lhe déra origem, e que tanto havia de mister de um impulso efficaz. Soubera o rei Affonso VI que o prestimoso paulista Fernão Dias Paes, de proverbial destimidez na lida das matas, dava-se naquelle tempo ao descobrimento de minas; para estes trabalhos, pois, o afervorou o rei com a sua carta de 27 de setembro de 1664, confiando no seu zelo, e no como se tinha havido de proveitoso em muitas occasiões do seu serviço.

Lisongeado por este teor o emphatico paulista corre ás matas, que ficavam a norte da capitania de S. Vicente, atravessa a oeste o rio Itamirindyba além do Serro do Frio, galgando serranias e fragosidades.

(*) Vida do padre Belchior de Pontes.

e em porfiada luta com os indios selvagens, descobriu ouro e esmeraldas, além de outras preciosidades do reino mineral, nas paragens conhecidas já com o nome de «Marcos de Azevedo» (*), do que tudo deu contas ao governo enviando-lhe o seu itinerario.

Apoz o que, e ao soslaio das terras descobertas por Fernão Dias, se expedira Affonso Furtado, outro paulista veterano de similhantes emprezas, que, deixando de tomar á risca o roteiro do primeiro sertanista, invadira na idade de oitenta annos as matas e cordilheira de Sabarabossú, hoje Serra-Negra, ou das Esmeraldas, onde deparou com copiosas minas de pedras preciosas de diversas qualidades, e grande extensão de terras auriferas.

Depois de sete annos de vida de sertão, curtindo fadigas e privações de mais de uma natureza, e mais obrigado pelos seus companheiros do que por sua longa idade ou por vontade propria, teve Furtado de retirar-se das matas; e, antes que puzesse termo ao seu regresso, fallecera em 1678 em Vupabossú, perto do rio das Velhas, deixando a sua consideravel riqueza aos continuadores das suas descobertas, e o roteiro das suas viagens a seu genro Manoel de Borba Gato, que se fez mui notavel nessas emprezas.

Serviu de estimulo a novas descobertas de minas o apreço que o rei portuguez deu ás que foram devidas a Fernão Dias, galardoado por isso com nobreza, á que grande valor se dava naquelles tempos; e induzidos mais por essas fatuidades do que pelo incentivo do ouro os paulistas Lourenço Castanho Taques, Manoel Pires de Linhares e Manoel Pereira Sardinha, os dous primeiros affrontaram o sertão já perlustrado por anteriores sertanistas, pouco depois que estes o fizeram, e o terceiro percorreu as matas de Iguape e Parana-

(*) Este nome foi transmittido do primeiro descobridor de esmeraldas, que em 1650 deparou com as suas minas entre as origens do Rio-Doce e Caravellas.

guá, já conhecidas por suas riquezas mineralogicas, e que em 1805 foram assim estimadas pelo mui illustrado paulista, o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, explorando-as scientificamente como superintendente das minas e bosques. (*)

Estado afflictivo da Capitania de São Vicente. — Os Paulistas devassam os sertões septentrionaes do Brasil. — Institue-se a villa de São Paulo em cabeça da capitania. — Continuam as descobertas na hoje provincia de Minas-Geraes. — Dissensões entre Paulistas e taubateanos.

A capitania de São Vicente, assim como as outras da Nova-Lusitania, atravessára uma phase de vicissitudes, que levou-a a grandes soffrimentos e afflicções, mais do que outras calamidades que lhe pesaram, depois que do seu estado primitivo passára ao dominio portuguez. Attribuiram-as a haver no anno anterior (1665) apparecido um cometa, que por muitas noites esteve eminente sobre esta parte da America, e inspirou profundo temor e desanimo a seus habitantes, embahidos na futil credulidade de que era o planeta caudato o precursor do fim do mundo. A isto accumulou-se um contagio exacerbado da variola, cuja mortalidade foi tamanha que, por falta de braços estiveram por largo tempo estagnados os trabalhos ruraes, e entorpecidos os misteres domesticos, vivendo o povo em duplicada luta com o flagello e com a miseria, causando numerosas victimas.

Desenganados os paulistas, que malogradas seriam todas as tentativas em que se empenhassem contra o Paraguay, onde por largo tempo foram pungentes as deploraveis recordações da carnificina do Guairá e cap-

(*) Rev. do Inst. vol. 9, pag. 527.

tiveiro da sua população, e se havia tomado, como primeira medida contra as aggressões do inimigo, a concentração das reducções no territorio abraçado pelos rios Paraná e Uruguay; esses homens esforçados que tinham banido de si o ocio, e o viver no circulo domestico, voltaram face para as regiões septentrionaes do Brasil, e penetraram os longinquos sertões, que se estendem até ao rio Amazonas, inçados de rios caudalosos e elevadas serranias, e de tribus de selvagens de uma ferocidade indomavel.

O que começou esse trilho invadindo cordilheiras e transpondo rios, que alimentam o Amazonas, e tão caudaes como esse rio gigante, foi Antonio Raposo, que á frente de uma partida de sessenta homens, tão audazes e aventurosos como o valente caudilho, tendo em sequito alguns indios, atravessou o Brasil de sudoeste a noroeste escalando os Andes, chega ao Perú, penetra este paiz, entra nas aguas do Pacifico com a espada núa levantada dizendo que «avassalava terra e mar pelo seu rei», é por vezes compellido a recontros e combates com os hespanhoes, levando-os sempre de arrancada. Deixa o antigo imperio dos Incas, e dirigindo-se para o Amazonas, navega este rio em jangadas, abandonando-se á sua correnteza, desembarca em Gurupá, e ali foi generosamente acolhido pelo povo, que assombrara-se da tamanha audacia do paulista.

O regresso de Raposo á sua terra, atravéz dos sertões que se interpoem ás duas regiões, durou annos, e no cabo delle achou-se tão desfigurado, que foi desconhecido por sua familia e parentes.

Paschoal Paes de Araujo, que havia já percorrido as matas da hoje provincia de Goyaz, foi um dos sertanistas de São Paulo que em 1673 deu mais largas ás suas excursões, approximando-se em suas correrias após os indios daquella região ás margens do Tocantins, onde fez parada por ahi descobrir grande copia de terras auriferas, sujeitando-as logo ás suas explorações.

O governador do Maranhão, que se havia cercado de forças em defesa daquelle Estado, a esse tempo ameaçado de invasões europeas, sabendo da occupação de Paes em terras do seu governo, expediu parte dessas forças contra os paulistas estacionados no Tocantins, e sob o commando de Francisco da Motta Falcão, que, sabido o logar em que estavam os sertanistas, e que estes já haviam reduzido á sua sujeição a tribu dos Guajaraz, intimou a Paes, que achando-se elle em territorio que fazia parte do Estado do Maranhão e Pará, cumpria-lhe evacual-o com presteza, soltando os indios detidos em seu poder.

Nada demoveu o chefe sertanista do seu proposito, nem esta intimação, nem a carta que a 26 de abril de 1674 dirigira a Paes o regente de Portugal, cuja integra vae reproduzida no Appendice (*), e apresenta mais uma prova, de que o governo portuguez só queria os fins não se importando com os meios, mesmo que fossem estes contra a justiça e a propria dignidade, como bem claro se manifesta no presente facto. O governador tomou em grande despeito a nenhuma resposta que tivera de Paes, e fazia aprestar uma nova expedição mais forte do que a primeira para affrontar ao caudilho; porém, como a este tempo chegasse de Lisboa o padre Tavares com a incumbencia de explorar as minas de Tocantins, cujas localidades eram unicamente conhecidas por Paes, viu-se o governador forçado a não expellil-o daquelle terrirorio, e a applicar antes a expedição que se aprompptava a coadjuval-o em commum com o padre Tavares na exploração das minas. Antes, porém, que houvesse a juncção, falleceu Paes, levando comsigo o segredo das suas descobertas, malogrando-se assim as tentativas da exploração das minas do Tocantins.

Não eram os paulistas bem conhecidos no norte do Brasil, porque, habitantes da sua região meridional,

(*) Letra *C* do Appendice.

era para este lado que lhes ficava mais a geito o praticarem suas excursões no empenho de aprehender indios e descobrir minas; visto como, explorando-a e a devassando em continuas correrias, eram assim satisfeitas suas ambições, preenchidos os seus costumes originarios. Todavia, em todas as capitanias tinha se ouvido com admiração os nomes desses homens de ferro, sua coragem, e as afoutezas e animosidades com que affrontavam aos perigos e faziam guerra aos indios.

Os habitantes da capitania da Bahia, que continuamente estavam a braços com os indios das matas que lhe ficavam mais proximas, e por vezes os levaram de vencida, soffreram, comtudo alguns revezes nas investidas que lhe fez a poderosa e aguerrida tribu dos Guerens; e por temor de que com estes successos se tornassem os indios mais ousados, e fossem mais frequentes os seus acommettimentos, recorreram aos paulistas convidando a João Amaro, um dos sertanistas de São Paulo que nessa epocha adquirira maior nomeada entre seus patricios pela sua destemidez na lida das matas, para que com gente da sua escolha fosse ali ter, afim de os libertar da guerra que constantemente lhes faziam os indios.

Accedeu de bom grado o paulista a esse chamamento, por isso que tomou por bizarria o ser reclamado de tão longinquas paragens, e os seus feitos serem apreciados fóra da terra do seu nascimento: e formando um corpo de mamelucos já adestrados em taes emprezas, e capazes de arrostal-as á mão tente, fez João Amaro caminho da Bahia, atravessando em dous annos immensos sertões, invios e deshabitados, vivendo da caça e pesca, e dos fructos sylvestres das matas, chegou em 1673 com a sua bandeira ao logar do seu destino.

Todos os homens, que na Bahia podiam servir para irem ao encontro dos indios, foram postos á disposição do rude lidador das matas: em seguida rompeu-se a partida, atravessando grandes espaços incultos e

desconhecidos; é encontrada a tribu procurada; faz-se horrivel mão-baixa nos indios que resistiram no conflicto; manda-se centenas de prisioneiros para serem vendidos no mercado da Bahia, ficando assim os habitantes da capitania livres por muito tempo do terror que os indios lhes inspiravam. João Amaro, accumulando á vangloria do seu convite para a empreza recontada a atrocidade do massacre feito aos indios da Bahia, recebeu como recompensa de ambos a doação de vastissimas terras naquella capitania, e o senhorio da povoação de Santo Antonio, fundada por elle nos suburbios de São Salvador; regressando a São Paulo depois de passar a outrem as suas propriedades.

Residia havia algum tempo nos sertões ao norte do rio de São Francisco, que entestam com os de Piauhy, o paulista Domingos Jorge, entretendo-se nas matas em correrias contra os selvagens, occupando os que apprehendia em formar estabelecimentos ruraes, alguns dos quaes destinou-os á industria pastoril, para o que deparou com terras apropriadas. Era morador nesses sertões Domingos Mafra, que a ninguem queria ali ter por competidor na apprehensão dos indios, e se arrogára o exclusivo de mercadejal-os nas povoações visinhas. Travou-se logo desintelligencia entre os dous sertanistas, e por vezes chegaram ás mãos, compromettendo mais nas refregas o seu sequito do que a si proprios; e da ultima, que foi a mais renhida, retiraram-se os pelejadores desenganados de que não podia haver victoria quer de um lado, quer do outro: Mafra tomou a sua antiga residencia, continuando na vida de caçar indios, e Domingos Jorge proseguiu em suas excursões nas matas de Piauhy, onde continuou a fundar fazendas de criar, que em breve chegaram ao numero de cincoenta. Por disposições em seu testamento ficaram pertencendo aos jesuitas do collegio da Bahia trinta destas fazendas, com o onus de que das suas rendas se dotariam a esposandas, e se proveriam a viuvas indigentes. Que fins

tão virtuosos de principios tão abominaveis! Depois da extincção dos jesuitas converteram-se estas fazendas em propriedade da corôa portugueza, sem que continuasse o onus a que as sujeitára a piedade do instituidor. (*)

Os progressos obtidos pela villa de São Paulo de Piratininga sobre a de São Vicente, de fundação posterior á desta, devidos principalmente á posição, que tomou aquella em proximidade ás fontes de que se derivam o engrandecimento e prosperidade dos Estados; o que chamou para ali numerosa população forasteira, além da indigena das matas; ao passo que a de São Vicente definhava tanto pela emigração que dali partia para Serra-ácima, como por mingua dos recursos que alimentam os povoados, comprimida pelo mar, e assentada n'um sólo deficiente, e ainda, por achar-se ás abas da villa de Santos, que, melhor collocada pelo seu surgidouro, e sua visinhança a terras de plantio, a ia absorvendo lentamente, e reduzindo-a a um seu suburbio. Esses progressos, pois, foram bem apreciados pelo marquez de Cascaes, então donatario da capitania de São Vicente, que, por sua provisão de 22 de março 1681, concedeu á villa de São Paulo o predicamento de cabeça da capitania, transferindo da villa de São Vicente.

Por similhante motivo, e quando a 27 de abril de 1683 recebeu-se na nova capital aquella provisão e deu-se-lhe solemne cumprimento, foi esse acto mui applaudido com publicos festejos, e memorado nos registros officiaes.

A vida das matas havia suggerido a Domingos Jorge grandes animosidades; em suas excursões aventurosas familiarisara-se com os sertões, a distancia jamais o assustou, e o perigo já o conhecia bem de perto: com estes deslumbramentos selvaticos era presto para tudo quanto dependia de força de vontade. Tra-

(*) Revista do Inst. vol. 20, pag. 60.

tava-se em 1695 de dar cabo do grande nucleo africano de Palmares, formado em terras de Pernambuco e que immensos males causaram a esta capitania, tolhendo-lhe sobre tudo os passos que queria dar para o interior; e para essa facção se reuniram forças, que pudessem affrontar a mais de trinta mil africanos evadidos do captiveiro, que se fizeram fortes em Palmares com um governo a seu modo, e dispostos á resistencia a todo transe.

Soubera Domingos Jorge desse apresto de forças, que calára em seus instinctos guerreiros, e solicitando do governador de Pernambuco o ser admittido nessa coalisão com homens da sua escolha, com a sua acceitação deu-se-lhe com o posto de mestre de campo o commando da gente que se reunira das capitanias meridionaes do Brasil.

Formada a expedição com reforço de artilheria, marchou contra Palmares, tomando posição em frente do principal sitio fortificado, que era defendido pela maior força dos africanos. Ao terceiro dia travou-se renhido combate entre os sitiantes e uma forte sortida que lhes lançaram os sitiados; resultando desse recontro ficarem de ambos os lados mortos ou feridos para mais de oitocentos homens. Sem que a acção se declarasse vencedora por algum dos lados, tiveram os combatentes de retirar-se para seus respectivos campos, e o cabo dos paulistas foi a Porto-Calvo refazer-se de gente para reorganisação da expedição, que, recompondo-se mais forte e sendo mais bem dirigida, consummou a derrota do nucleo africano, e a destruição do famoso Palmares.

Não havia paulista que, mais ou menos, deixasse de afagar o pensamento de «descobrir minas» logo que Fernão Dias mostrou o caminho que a ellas ia ter sem delongas ou grandes difficuldades; preterindo-se outros meios de riqueza, de cujo custeamento proviriam melhores e mais certas vantagens si o vislumbre fascinador do ouro lhes désse cabimento.

Excitados, pois, por esse pensamento, a que se alliava um como ponto d'honra hereditario de — ajuntar sertões ao territorio já explorado, o que traduz-se só pelo seu espirito de generosidade, que outro não podia existir no acintoso descuido em que era tido o bem-estar da sua capitania, digna, aliás, de accuradas attenções, os paulistas puzeram peito a uma importante descoberta, qual era a das ricas minas de ouro da vasta região, que ao depois recebeu o nome de «Minas-Geraes».

A historia desta descoberta, ainda que não muito remota seja, é inçada de lacunas e incertezas que poem vacillante o que a escrever. Os paulistas corriam após aventuras instinctivas, affrontavam perigos, combatiam com denodo as castas aborigenes, mas não escreveram nem a sua vida, nem os seus feitos nas matas; e o pouco que hoje se sabe delles, e dos fastos brasileiros em sua generalidade, deve-se a chronistas da companhia de Jesus, de cujas obras, escriptas no geral sobre um fundo religioso, colhem-se isoladamente e a trechos esses feitos, envolvidos quasi sempre no exaggerado mysticismo que dominava aquelles tempos.

Com o exemplo attractivo de Fernão Dias, Antonio Rodriguez Arzão, natural de Taubaté, o primeiro que descobriu ouro na capitania de São Paulo, fez nova entrada nas matas, e começando pelos sertões de Cuyaté em 1695 d'ahi extrahiu tres oitavas deste metal, que manifestou á camara da capitania do Espirito Santo, e delle se fez duas medalhas, uma das quaes, mostrando-se em São Paulo, serviu de estimulo á cobiça dos que tinham por certo, que adquirir riquezas era só possivel nos sertões do Cuyaté.

A entrada de Arzão naquelles sertões foi em companhia de cincoenta homens, e guiado elle por uma mulher do alojamento de indios da Casa da Casca, situada a cinco legoas do Rio-Doce, deparou com esse alojamento, cujos indios o levaram ao logar de onde extrahiu o ouro.

Falleceu Arzão, tendo a boa idéa de legar o itinerario das suas perigosas excursões a seu cunhado Bartholomeu Bueno de Siqueira, o famoso sertanista a quem já se devia importantes descobertas nas regiões meridionaes do Brasil. Este em 1697 seguiu os traços designados por Arzão em seu roteiro, entranhando-se nas matas á pesquiza do ouro, e seguido de homens em quem confiava para a coadjuvação da sua lida; e na deficiencia de recursos em que para tal se achava Bueno, tivera-os abundantemente de seus parentes e amigos, que á porfia se empenharam em provel-os para o bom exito da suas emprezas.

Em suas excursões encontrou Bueno uma turma de paulistas dados á caça de indios; que, tendo por mais lucrativo e menos arriscado o fim a que Bueno se dedicava, colligou-se com este, e os dous bandos em nada mais cuidaram senão na descoberta de minas de ouro, que as depararam em toda aquella região: ignoravam, porém, o modo de as explorar, e nem tinham ferramenta e utensilios adequados a esses trabalhos; servindo-se para isso de ponções de ferro e mesmo de madeira a modo de alviões, e separando o metal precioso de substancias estranhas com o auxilio de pratos de estanho como batêas. Por esta fórma e no começo da mineração poude Carlos Pedroso da Silveira recolher doze oitavas de ouro, e, como primicias dos seus trabalhos, as offereceu ao governador do Rio, Antonio Paes Sande. Este facto o obrigou ao estabelecimento de uma casa de fundição em Taubaté sob a administração de Manoel Garcia Velho, a quem nomeou capitão-mór e provedor dos quintos, visto que a esse logar vinham ter os exploradores de minas.

Sob a impressão destas descobertas largaram de São Paulo, e das povoações da sua circumvisinhança, numerosas turmas de homens de todas as idades e condições, no proposito de minerar nas terras onde o ouro se apresentava em tanta abundancia. Eram esses homens sobranceiros á fadiga de escalar montanhas

escarpadas, de transpor os rios caudalosos, de penetrar matas espessas cheias de reptis venenosos e feras bravias, com tanto que além se lhes afigurasse o cobiçado metal: a sua acquisição parecia duplicar suas forças, occultando-lhes toda a sorte de perigos a que se iam expôr.

Os guias destes ousados sertanistas tiverem desde o principio o bom senso de seguir cada um rumo diverso daquelles que tomavam os seus concurrentes, ou haviam seguido os seus predecessores. Por este teor disseminaram-se, em breve tempo e simultaneamente, por toda a superficie do territorio aurifero os que pretendiam explorar as suas minas; por toda a parte deparou-se com ouro, e d'ahi se deriva o nome de «Minas-Geraes» que teve a capitania que se instituiu nessa região.

Sempre na espectativa da descoberta de novas e mais ricas minas os paulistas jámais se estabeleciam fixamente nas localidades que tomavam por primeira residencia; variavam por vezes de sitio, e em todo o logar em que achavam o ouro levantavam provisoriamente insignificantes casebres, e, logo que ahi se exgottava esse metal, dirigiam-se a outras paragens abandonando sua antiga habitação. Mas, em certas localidades, aonde se extrahia o ouro em mór copia, ahi permaneciam por largo tempo, construindo casas mais duradouras, formando povoações, muitas das quaes em pouco tempo tornaram-se grandes centros de população. É incontestavel que aos paulistas deve-se a fundação de Marianna, de Ouro-Preto, de Sabará, de Cayté, de Pitanguy, de São José e de muitas outras povoações, que em sua origem e por trabalhos dos paulistas não foram mais do que pequenos arraiaes, nome que ainda hoje ali se dá por habito aos povoados em seu começo.

Transcrevemos aqui as seguintes palavras de uma das annotações do «Poema de Villa-Rica», de Claudio

Manoel da Costa, natural de Minas, que frisa bem o caso do primitivo povoamento dessa provincia.

«Em todo o vasto territorio da provincia de Minas apenas se achará rio, corrego ou serra que não revele o nome dos paulistas, como os descobridores desse territorio, como os que depararam ahi com o ouro, e fizeram importantissimos serviços inaugurando as primeiras povoações, convertidas hoje em mui opulentas cidades.»

Comquanto os mineradores paulistas se houvessem premunido do animo de evitar motivos de discordias e querelas entre si, era-lhes, comtudo, difficil que vivessem sempre em paz e harmonia com os que não eram seus proximos visinhos, partilhando estes a mesma indole rude e despeitosa, os mesmos costumes adquiridos como aquelles na vida das matas; e a mais disso, possuidos todos da cobiça do ouro, cuja exploração faziam quasi em commum, os paulistas mal toleravam por competidores os que não fossem seus conterraneos.

Desde que Taubaté deixou de ser aldèa de indios, e com a descoberta de minas em terras da sua visinhança, começou a emulação e a desintelligencia entre o povo dessa villa e o de São Paulo, e, como se pensa, por aspirações de preponderancia que uma queria ter sobre a outra, alardeando a villa de São Paulo sua precedencia na edificação, e sua categoria como cabeça da capitania, e a de Taubaté, a sua casa de fundição que tinha como predicamento, e onde se amoedava o ouro de Minas, conjunctamente com o que em São Paulo era extrahido da serra do Jaraguá.

A cessação desta rivalidade, que se póde dizer domestica, e porventura a de alguns choques havidos durante o seu dominio, deveu-se ao tempo, assim como ao accordo em que ambas as parcialidades estiveram, em debellar a insurreição dos emboabas, como adiante se verá.

Guerra Civil em Minas entre Paulistas e Emboabas.

Dissensões muito mais graves e funestas, do que as havidas entre os paulistas e taubateanos, occorreram na região das minas logo após o seu descobrimento. A noticia do complemento dessa importante empreza, devida exclusivamente aos paulistas, havia-se diffundido com extrema rapidez.

De todas as outras capitanias do Brasil correram bandos de aventureiros, de desertores, de criminosos fugidos á justiça, e em seguida esta corrente infesta de emigração para o paiz das minas foi accrescentada com immenso numero de individuos europeos, quasi todos proletarios ou ganha-pães, sahidos da ultima camada da população, e mais infensos ao paiz que vinham habitar, do que os nacionaes das diversas capitanias que para ali correram.

Não se estranhará que transcreva neste logar e sobre o presente assumpto as proprias palavras de um illustrado viajante que percorreu o Brasil meridional com profunda consciencia e criterio.

«Os paulistas tinham idéas generosas, que os faziam extremar desse amalgama informe, dessa vagabundagem de homens desordeiros, a escuma de Portugal e do Brasil, que em tropel corriam para o territorio das minas; é certo porém que o habito de verem-se os paulistas rodeados de numerosa escravatura, as suas continuas caçadas de indios, que os obrigava no centro das matas a uma vida solta e licenciosa, sem vigilancia e sem repressão, não os isentaria de qualquer resquicio da corrupção geral: ainda mais, que todos os vicios haviam-se concentrado naquelle territorio; desencadearam-se ali todas as paixões; ali commetteram-se todos os crimes.» (*)

Os paulistas não se podiam convencer, e nem vêr

(*) St. Hilaire. Hist. de la Prov. de St. Paul.

sem profunda indignação, que viessem homens estranhos estabelecer-se nas ricas terras descobertas por elles, por elles exploradas, e que consideravam como seu apanagio por preço de suas fadigas e descommunaes trabalhos. Ousados pelo grande numero de escravos, que a maior parte delles possuia, e pelas riquezas que haviam accumulado, antes mesmo das ultimas suas descobertas no paiz das minas, trataram os adventicios com o maior depreso, deparando-lhes vexações continuas e difficuldades na exploração do ouro, e alcunhando os forasteiros com o nome burlesco de «emboabas». (*)

Além destes e outros preconceitos que geraram odio entre os paulistas e emboabas, concorreu para augmental-o o monopolio, agenciado pelos frades Menezes e Conrado sob a direcção dos portuguezes, dos principaes generos de alimentação, que eram vendidos aos paulistas a preço exorbitante, e só ao alcance dos mais opulentos.

A mais chegou a perversidade do frade Menezes, que, prevalecendo-se da boa fé dos paulistas, sobretudo em pontos da religião, e por inculcas de lealdade, que não tinha, soube insinuar-se em seus animos e intimidade, e por tal fórma, que apoderou-se traiçoeiramente de suas armas e munição de guerra, que as foi entregar aos seus inimigos.

Todos estes factos, accumulados a outros de antiga data, levaram a provocar uma revolta entre os forasteiros e os paulistas, com precedencia de acintosos disturbios e brutaes violencias, quer de uma, quer de outra parte, tomando grande exacerbação nos brios dos paulistas o assassinato de um mameluco pelos portuguezes, a quem estes imputavam o de um seu conterraneo.

Dest'arte dous partidos armados se formaram, e o dos forasteiros pôz á sua frente o portuguez Manoel

(*) Assim appellidavam os indios aos portuguezes por vel-os calçados, com allusão ás aves de pernas empennadas.

Nunes Viana, homem de grande poderio por sua riqueza, de prestigio por suas artimanhas e de confiança da sua gente por notavelmente infenso aos paulistas.

Extremaram-se, emfim, as duas facções, e rompeu entre ellas a guerra civil em 1710; não se podendo conceber que dos primeiros encontros fosse facil a sua apaziguação: tão encarniçados e odientos eram elles! Após o que houve uma refrega geral que envolveu os dous lados, e o seu exito foi favoravel aos paulistas, que puderam superar o numero dos seus contrarios, comquanto a estes se alliassem os adventicios de outras capitanias, sabendo os paulistas contrastar o modo porque se lhes fazia a guerra, posto que bem diversa fosse da que estavam habituados a fazer aos indios selvagens. Houve grande matança, sendo maior a dos paulistas, porque os emboabas não poupavam a vida nem mesmo a aquelles que cahiram prisioneiros em seu poder.

A corrente d'agua, perto da qual se deu esse conflicto, ainda hoje é conhecida com o sinistro nome de «Rio das Mortes».

Arthur de Sá, que a esse tempo governava a repartição do sul, indo ao theatro da insurreição afim de ter conhecimento do estado a que ella tinha chegado, e ouvindo unicamente aos forasteiros, que lhe fizeram uma narrativa infiel da sua origem, e das subsequentes occurrencias em sua marcha, occultando-lhe os factos em que elles estavam altamente compromettidos, retirou-se como fascinado de taes embustes, e inteiramente dedicado á causa dos inimigos dos paulistas: e para favorecel-os, anniquilando ao mesmo passo a facção contraria, fez partir do Rio de Janeiro em seu auxilio a Bento do Amaral Coutinho á frente de uma respeitavel força armada, o qual, postando-se no sitio onde foram derrotados os forasteiros, fel-os restituir ás suas casas garantindo-lhes a continuação dos trabalhos da mineração.

Amaral, divorciando-se completamente da sua mis-

são pacificadora, e não podendo reprimir-se por mais tempo nos impetos de brutal reaccionario só por deferencia aos forasteiros, empenhou-se na derrota dos paulistas, que, depois da refrega do Rio das Mortes, destemidos e bem armados, se haviam retirado a logares, que pouco distavam do em que houvera aquelle conflicto; destacou forças contra elles entregando-as ao capitão Thomaz Ribeiro Corso, a quem commetteu aquella empreza; e este, depois de reconhecer e medir a força contraria, e vêr que pelo seu numero e posição occupada não podia affrontal-a, retira-se apresentando-se a Amaral, o qual encolerisado e invocando brios que não tinha, ajuntando á sua tropa grande numero de forasteiros, entrega-se pessoalmente á empreza.

A' approximação da força expedida contra os paulistas, estes, si bem que distrahidos na caça, correram logo ao seu posto, ainda vacillantes sobre a attitude que deviam tomar em presença de uma força mais numerosa que a propria; e a sua hesitação durou pouco porque, vendo que era chefe da expedição Amaral, conhecido por elles como homem nimiamente cruel e sanguinario, recolheram-se a seus alojamentos, de animo unanimemente deliberado de resistirem a todo transe ao acommettimento que contra elles houvesse.

Posto que havia superioridade numerica do lado dos forasteiros, comtudo seu chefe não se afoutou a investir aos contrarios á mão tente, achando por mais seguro e menos arriscado o sitial-os nas matas em que estavam acampados; e ao começar o sitio rompeu uma fuzilada do lado dos paulistas, de que resultou um morto e varios feridos dos contrarios, o que maior desanimo infundiu nestes.

Por bem pouco que fosse isto para o medo de que se possuiu o chefe dos forasteiros, todavia, bastante foi para que este declinasse da pretenção de accommetter os paulistas á força aberta, firmando-se na de conseguir sua derrota por meios traiçoeiros e infamemente detestaveis. Continuando, pois, o sitio fez Ama-

ral aleivosamente propalar, que apresentando-se naquelle logar e pondo-o em sitio, seu fim não tinha sido outro sinão fazer sentir aos paulistas que deviam depôr as armas, para que inermes pudessem viver pacificamente com os seus conterraneos, que muito os temiam armados, soccorrerem-se mutuamente nos trabalhos da mineração, e pôr-se um termo a tão odienta e pertinaz rivalidade.

A taes perfidas insinuações e quejandos embustes deu crença a ingenuidade dos paulistas, fazendo logo saber a Amaral, que achavam-se dispostos a ceder as armas visto que desse facto seguir-se-ia a pacificação do paiz, porque seu animo não era o derramamento de sangue, mas sómente procurarem um refugio contra a perseguição e feroz prepotencia de seus inimigos.

O trecho que se segue é do jesuita que escreveu a vida do padre Belchior de Pontes, e que por vezes desabona os paulistas na sua contenda com os emboabas.

«Concedeu-lhes Amaral o que (os paulistas) pediam, mas faltando como perfido e cruel, tanto que os viu sem armas, deu ordem em altas vozes para que os matassem; e sem mais conselho, acompanhado dos escravos, e animos mais vis daquelle exercito, ainda que com pena e reprehensão das pessoas de maior supposição e qualidades que nelle se achavam, fez um tal estrago naquelles miseraveis, que deixando o campo coberto de mortos e feridos foi causa de que ainda hoje se conserve a memoria de tanta tyrannia, impondo áquelle logar o infame titulo de «Capão da Traição».

O novo governador do Rio de Janeiro, Martins de Mascarenhas, sabendo de tão atrozes e deploraveis occorencias havidas na região das minas, para ahi se dirigiu em junho de 1710 recusando que o acompanhassem alguns paulistas, não com o intento de supplantar as facções, em que o paiz estava dividido, e hostilisando-se reciprocamente, mas com o de chamal-as á concordia para de commum acordo colherem suas riquezas. Apreciação diversa, sob o estimulo de seus

crimes e habitos embrutecidos, fez Viana das intenções do governador, constando-lhe de suas tendencias para a causa dos paulistas, e invectivando-se que Mascarenhas, tendo certa a derrota dos forasteiros, viera munido de cadêas para os levar manietados ao Rio de Janeiro.

Ao encontro do governador sahiu o caudilho da revolta, levando comsigo numeroso sequito armado a pretexto de que queria cortejal-o com grande apparato, mas com o fim occulto de que pelo temor pudesse conseguir os seus desejos; tendo antes disposto que os seus sequazes, que lhe ficavam mais circumvisinhos, tomassem attitude tal, de romper á primeira voz que os chamasse a si. O encontro houve no, ao depois, arraial de Congonhas, e em presença do governador foi Nunes applaudido e victoriado pelos seus, e Mascarenhas desairado, com o remate de que morreria si não voltasse para o Rio de Janeiro.

Não fôra surprehendido o governador com tão extranha recepção, porque já a esperava em vista das communicações que lhe fizera Sebastião Pires de Aguilar, que se dedicara ao partido dos paulistas, e acauteladamente dirigia seus passos naquellas emergencias.

Depois da retirada de Mascarenhas exerceu o caudilho portuguez sem a menor opposição as funcções de governador do paiz de que se havia apoderado; explorando as suas minas só em proveito dos seus, com o que primava mais a sua autoridade, e alliciava o alvedrio dos seus sequazes. Proveu com empregos publicos aos homens da sua parcialidade, que se distinguiam por odio aos paulistas, e que lhes podiam ser infensos; fazendo ao mesmo tempo assoalhar, que se afadigava em restabelecer ali a ordem, o que nenhum outro o faria no estado de grande perturbação em que o paiz se achava.

Era o plano dos rebeldes levar as cousas ao ponto de que por oito ou nove annos desfructariam as minas de que se haviam assenhoreado, não consentindo

ahi nem poder administrativo nem judiciario que lhes fosse extranho, formando o territorio um corpo isolado e desligado das outras capitanias com governo especial; assentando-se que, em caso de reprovação do governo da metropole, se passariam os sediciosos para as possessões hespanholas, coadjuvados por numeroso bando de desertores da praça da Colonia, que se achava ali homisiado.

Continuação da guerra civil em Minas entre paulistas e emboabas

Irritados ao maior ponto os animos dos paulistas pelo morticinio mandado executar por Amaral no Capão da Traição, correram para São Paulo deliberados a tomar vingança proporcionada a aquelle grande attentado. Logo de chegada convocaram os seus parentes e amigos, narrando-lhes os acontecimentos havidos, a deshonra que lhes recahia de acharem-se sobre a ignominiosa prepotencia dos forasteiros, no que se ia sua antiga reputação, vida e fazenda; a necessidade que havia de derribar um poder subversivo da ordem, tão malefico e de tamanha estigma aos brios dos paulistas em geral, de restituir o paiz ás suas legitimas autoridades, e de se desafrontarem dos desacatos e atrocidades que receberam como victimas de uma horrivel traição; e que o desforço devia ser de uma maneira condigna á sua lealdade menoscabada.

Houve geral incitamento, e as matronas paulistas, á imitação das spartanas, tomaram nelle grande parte com emphase varonil, de antemão taxando de cobardes, e que deviam ser lançados á execração publica, os paulistas que se evadissem á leva, e não tivessem parte directa e perseverante na empreza: e o clero, esquecendo-se de que a paz é o apanagio da Egreja, fazia repercutir nos templos a grita de guerra contra

os que chamava «phariseos de Minas»: e com este excitamento armou-se o povo, collocando á sua frente Amador Bueno da Veiga, neto do celebre Amador Bueno de Ribeira que renunciára a corôa de rei; e a maior parte dessa força marcha a encorporar-se á que em Taubaté se achava já reunida, ficando um contingente em São Paulo para oppôr-se a que os portuguezes que ahi residiam adherissem á causa dos insurgentes de Minas. Deste novo armamento lavrou-se termo com data de 22 de agosto de 1709, registrado n'um dos livros do antigo archivo da camara da capital.

A esse tempo chegava de Lisboa ao Rio de Janeiro Antonio de Albuquerque Coelho, que substituiu a Mascarenhas no governo das capitanias do sul; e o primeiro cuidado do novo governador foi o de dirigir aos paulistas o jesuita Simão de Oliveira, seu compatriota, com o fim de aconselhal-os a que se abstivessem de repressalias, deixando-se ficar em seus domicilios, e de chamal-os a um estado pacifico e de concordia, dando de mão ás animosidades a que levára a luta, que se levantou entre os habitantes do mesmo paiz; ajuntando, ainda mal, a estes conselhos os anathemas da Egreja, fulminados pelo bispo do Rio, D. Francisco de São Jeronymo. Estas admoestações foram inefficazes para demover os chefes paulistas do seu proposito, e desattendendo-as avançaram para o theatro da guerra com toda a força que puderam reunir na capitania.

Logo que Viana teve noticia de haver chegado ao Rio o governador Coelho, dirigiu-lhe fr. Miguel Ribeiro, seu secretario, incumbindo-o de significar-lhe palavras da submissão que lhe rendia, e de fazer-lhe sentir a urgente necessidade da sua presença naquellas paragens, a bem de restabelecer ali o governo legal.

Deu o governador assentimento a isso, tanto mais porque já se predispunha a ir entender-se com o chefe da insurreição. Para ali, pois, dirigiu-se quasi sem

sequito para inspirar mais confiança aos revoltosos, e chegando a Cayté achou alguns dos seus principaes chefes, lidando por extinguir dissidencias de alguns moradores do Rio das Velhas, que se haviam separado de Viana impacientados dos seus actos de prepotencia.

A entrevista deste com o governador foi breve; negando-se este a ouvir justificações contra o testemunho dos factos; e pois que reconhecesse Coelho ser lhana e sem dissimulação a homenagem e obediencia que lhe rendia o caudilho da revolta, impôz-lhe o restricto dever de retirar-se d'ali quanto antes, e como presentisse alguma irresolução no cumprimento desta ordem, mandou-o preso para a Bahia, onde falleceu, tendo por companheiros na prisão a Bento do Amaral Coutinho, e fr. Miguel Ribeiro. Os demais revoltosos foram perdoados pela ordem regia de 22 de agosto de 1709, e obrigados a deixar o paiz.

Reunidos os colligados de Taubaté á expedição que se formára em São Paulo contra os emboabas sublevados em Minas, dissipadas que fossem as antigas rivalidades entre paulistas e taubateanos, partira toda a força para Guaratinguetá como ponto mais azado para seguir a Minas, e onde devia a expedição receber um contingente em seu auxilio.

Soube-se ali que o governador Albuquerque, depois de dispersar a facção dos forasteiros de Minas caminhava para São Paulo por Guaratinguetá na diligencia de apaziguar os paulistas, demovendo-os da continuação das hostilidades para o que se preparavam, e isso em retribuição de haver conseguido a dispersão dos seus contrarios; e comquanto a deliberação em que estava o governador fosse opposta ás apprehensões dos paulistas, que se fixaram absolutamente nos meios de vingança das passadas offensas, todavia dispuzeramse a receber o governador com respeito e cortezia. Folgou este com a boa recepção que teve, e prevalecendo-se disso achou que havia opportunidade de manifestar o fim que para ali o dirigira.

Foram patentes aos paulistas as intenções de Albuquerque, e por modo algum quizeram elles admittir a paz que lhes propuzera o governador, dizendo que a tinham em grande menoscabo, por ser infallivel o inferir-se d'ahi, que a acceitavam pelo reconhecimento da propria cobardia, quando era certo que da nova e prompta organisação das suas forças, e da attitude respeitavel que haviam tomado, proviera a resolução adoptada pelos emboabas, de se dispersarem abandonando o territorio das minas de que se haviam apropriado. Similhante desabrida resposta offendeu ao governador, que achou por mais prudente disfarçar o resentimento que ella lhe causára, desistindo de sua viagem a São Paulo; e de Guaratinguetá retirára-se para o Rio por Paraty, não sem dar a entender, que as forças da expedição eram poucas para o fim premeditado pelos paulistas, e do Rio fez elle aviso aos moradores de Minas que estivessem prevenidos contra a nova expedição dos paulistas que para ali marchava, sem que elle a pudesse embaraçar por carecer de meios adequados.

Enveredou a expedição para o Rio das Mortes, como o alvo que os paulistas tinham em mira, e em plano para as suas vinganças; e como durante a sua marcha fossem encontrados alguns forasteiros dos que tinham servido com Viana, nenhum impedimento houve em seu transito, antes foram favorecidos no mister a que se tinham dado.

Chegada a expedição a Pouso-Alto houve conselho, afim de se assentar no melhor meio de os paulistas rehabilitarem-se em sua antiga e honrosa reputação, que se achava como estremecida pelos ultimos desaires em Minas, e rehaverem suas propriedades que cahiram em posse dos rebeldes. Conveiu-se em que se devia insistir em debellar sem tregoa os emboabas, que estivessem armados e encorporados para o proseguimento da luta, o que significava contumacia no crime e rancor aos paulistas; e que nenhum damno

se faria aos que de motu proprio depuzessem as armas e se retirassem do territorio occupado pelo inimigo, antes deviam ser favorecidos e auxiliados em seu trajecto.

Chegaram, emfim, os paulistas á povoação do Rio das Mortes, onde avistaram um fortim levantado em sua visinhança pelos forasteiros; e por estes occupado depois que pelo governador Albuquerque foram advertidos, de que os paulistas rompiam de novo contra elles, armados e em grande numero.

No seguinte dia ao da chegada foi posto o fortim em sitio, e o novo chefe dos forasteiros, Ambrosio Caldeira Brant, chegou á falla, intimando aos paulistas que, primeiro que tudo, deviam declarar de que animo se achavam, si pela paz ou pela guerra. A resposta foi uma fuzilada e rompida dos paulistas em massa contra os seus contrarios, travando-se em seguida combate dos dous lados, a que só a noite pôz termo, ficando os paulistas senhores do campo, e da povoação que lhe era contigua, e recolhendo-se os emboabas ao seu fortim, que fôra logo posto em sitio pelos paulistas.

A povoação foi guarnecida com forças do campo, desalojando-se d'ahi o inimigo e a gente que se fazia suspeita.

Emquanto durou o sitio do fortim houve constantemente tiroteio de fóra e de dentro; talando os sitiantes o territorio circumvisinho, e inutilisando quanto os sitiados podiam haver em seu soccorro; e depois dos primeiros dias Amador Bueno, chefe dos paulistas, assentou o seu acampamento n'uma altura sobranceira ao fortim e á povoação, e de onde podia espreitar o que se passava em ambos os logares, si bem que era tambem observado pelos do fortim.

N'uma noite uma sortida dos sitiados tentou incendiar a povoação, e ali entraram apparentando que eram paulistas evadidos do fortim; mas ao momento

de começar a incendio descobriu-se o embuste, sendo os que o praticavam presos e mortos immediatamente.

Nessa mesma noite igual attentado quizeram os emboabas praticar nas casas do acampamento cobertas de palha, que estavam mais visinhas ao fortim, lançando-lhes frechas inflammadas; e apesar de se prevenir com tempo communicou-se o fogo ás casas que ficavam mais proximas das trincheiras.

Uma outra sortida da cavallaria do fortim mandou Caldeira contra os sitiantes, que logo á rompida d'ali travou peleja com estes, carregando-os vigorosamente, e obrigando-os a buscarem o abrigo das casas da povoação. O combate foi levado até esse ponto, tornando-se ahi desigual, porque os forasteiros pelejavam montados e a peito descoberto, e os paulistas os fuzilavam a pé e ao abrigo das casas. A noite pôz termo ao conflicto, e delle bem poucos foram os sitiados que escaparam com vida.

Terminada esta refrega mandaram os paulistas que guarneciam a povoação, pedir a Bueno, que se achava no acampamento, que lhes supprisse de munições de guerra, quasi todas consumidas no ultimo choque; ao que o chefe accedeu mas de um modo tal, que denotava frieza e algum desanimo em proseguir na luta, o que não deixou de ser extranho aos mensageiros do pedido, que logo o divulgaram aos que formavam o sitio e guarneciam a povoação. A alguns foi agradavel esse modo de traduzir as intenções de Bueno; porém, a maior parte em cuja frente figurava Luiz Pedroso, homem colerico e accelerado, tomou-o como uma significação de cobardia e despreso dos brios da patria em lance que era bem de esperar ganho de causa. Pedroso achou por mais acertado arengar á gente que lhe prestava attenção, e entre outras cousas, em que mostrou a necessidade indeclinavel de continuar na luta, pois que combatia-se um inimigo já por vezes levado de vencida, e enfraquecido pelas perdas soffridas, ponderou-lhe a deshonra e igno-

minia que seguir-se-ia recuando á brilhante carreira que havia desenvolvido na contenda, que prestes estava a terminar; e memorando-lhe, emfim, as palavras das matronas paulistas, impondo o estigma de cobardes aos seus compatriotas que não tomassem parte na luta, em que estava compromettido o pundonor da patria.

Esta allocução produziu o desejado effeito, e o novo caudilho, vendo após si o numeroso sequito que adherira ás suas admoestações, investiu ao fortim com vigor tal que o desalento lavrou nos animos dos sitiados, e determinou-os a se renderem. Houve suspensão d'armas para tratar-se dos termos de uma capitulação, que teria por bases a entrega do fortim, armamento e quanto nelle se achasse, exigindo unicamente os situados a segurança de suas vidas. A negativa dos paulistas a esta ultima condição foi unanime e peremptoria, dominando nella as dolorosas recordações do Capão da Traição, e o compromisso tomado no Pouso-Alto — de debellar os forasteiros armados para fazer guerra aos paulistas, e perdoar e mesmo favorecer aos que, fóra daquelle mister fossem encontrados em trafico particular. Os emboabas, como era de esperar, não se sujeitaram a tão atroz condição, desistiram da proposta conclusão da luta, e as cousas tomaram o mesmo pé que d'antes.

Por missivas que aos sitiados arremeçavam em frechas alguns da povoação dissidentes das suggestões de Pedroso, sabiam elles da sorte que lhes esperava em caso de rendição á discrição dos sitiantes; e comquanto isso, insistiam aquelles na proposta suspensão d'armas, ao que os mais obstinados da parte contraria respondiam com fuziladas e improperios, negando-se cruelmente ao ultimo pedido que fizeram aquelles, de, ao menos, deixarem o passo livre a suas mulheres e crianças que se retirariam do fortim.

Levados os sitiados ao ultimo desespero «determinaram morrer antes pelejando em campo como valentes, do que perder a vida como cobardes no re-

cinto do forte».(*) Desmentiram, porém, este animo com a sua costumada perfidia, pois que n'uma manhan arvoraram no fortim bandeira branca como indicativo de se renderem á discrição; induzidos por isso os desprevenidos paulistas regosijaram-se expansivamente, dando salvas e outras manifestações de alegria: logo, porém, que os do fortim viram os sitiantes no maior ardor da folgança, e que com esta havia descuido e pouca vigilancia em sustentar o sitio, romperam d'ali acceleradamente a toque de clarim e com a espada em punho, com tiros e vozeria, que aturdindo os paulistas, tardios fòram estes em se defender e affrontar ao impulso da carga e escaramuça, retirando-se á povoação, onde se puzeram ao abrigo das casas.

Persistiram algumas horas os emboabas da sortida em roda da povoação; mas como fossem alvo certo dos tiros de dentro, e, a cavallo, não podiam acommetter ao inimigo entrincheirado nas casas, perdendo vidas sem desforço, desistiram de proseguir em suas tentativas retirando-se ao fortim. Ainda nesse dia reciprocaram-se os combatentes em fuziladas até a noite; e no seguinte deu-se fé de que dos sitiados foram mortos oitenta; havendo dos paulistas oito mortos com não poucos feridos, alguns dos quaes vieram a succumbir. Esta notavel desigualdade de mortos provinha de que, além da vigilancia em que estavam os paulistas na espreita dos sitiados, empregavam tiros certeiros nos que nas trincheiras do fortim appareciam a descoberto, e porisso eram sempre mortiferos os seus pelouros.

Resolveram, finalmente, os emboabas a empregar o derradeiro esforço, abandonando decisivamente o fortim, onde de dia a dia diminuiam as suas forças a tiro dos paulistas e á falta de viveres, e acommettendo a estes a todo transe; e para isso se prepararam com antecedencia fazendo retirar clandestinamente d'ali suas

(*) Fonseca. Vida do padre Belchior de Pontes.

mulheres e filhos. Ao alvor do dia destinado para a evasão, e com o clarão do incendio dado ao fortim romperam os emboabas a sua sahida, dispostos a affrontar todos os obstaculos e perigos com que deparassem; porém, extraordinaria foi a sua surpreza quando em vez de se arrostarem com os sitiantes, só encontraram vestigios da sua recente retirada.

Em verdade, os paulistas haviam descampado das localidades do sitio, porque, depois da defecção de Bueno, retirando-se com as forças do seu partido, sentiram-se fracos para resistir a mil e trezentos homens que do interior vinham em auxilio dos forasteiros, e ficavam elles expostos a dous fogos.

Foram presurosos os paulistas em sua retirada de Minas, por temor de serem alcançados pela força auxiliadora, que se dispôz a seguil-os, e na intenção de que com a sua prompta apparição, e revelação dos motivos que obrigaram a sua retirada subsistisse o ardor de seus compatriotas a favor da causa que tomaram a peito, e a elles recorriam de novo no intuito de reforçar suas fileiras, ministrando-lhes os socorros necessarios para a continuação da luta. Tanto mais insistiam nella quanto maior fôra a resistencia que encontraram.

Foi este sempre o caracteristico dos paulistas.

Estando-se na lida de reunir novas forças, de darlhes conveniente organisação, e de fazer seguir a expedição, houve noticia de que Albuquerque fôra nomeado governador da capitania de São Vicente, e que, conforme as restrictas ordens que tinha do governo da metropole, seguia quanto antes para a capital, no empenho de obstar a partida da nova expedição contra os emboabas, e fazer com que os paulistas fossem pacificamente habitar Minas, assegurando-lhes a posse e fruição da sua propriedade. Assim o conseguiu o governador havendo-se nisso com bastante tino e prudencia; e para melhor captar a boa vontade dos paulistas, presenteou-os com o retrato do rei D. João V,

que foi recebido com acatamento, e considerado como penhor das promessas feitas. Com o promettido, e dando-lhes inteira fé, esqueceram-se os paulistas dos aggravos e dissensões passadas, e depuzeram as armas.

Separa-se a capitania de São Vicente da do Rio de Janeiro, fazendo parte daquella o territorio de Minas. — Eleva-se S. Paulo à categoria de cidade, tomando o titulo de „Capitania de S. Paulo" a antiga de São Vicente. — O poderio malefico de um paulista. — Compra feita ao Marquez de Cascaes das cincoenta legoas de costa, que pertenceram a Pedro Lopes de Souza. — Descobrimento do Cuyabá.

Apressou-se o governador Albuquerque em dar ao governo portuguez informações de quanto houvera ao correr das dissensões havidas entre paulistas e emboabas, disputando entre si a posse dos terrenos auriferos de Minas; e esse governo, considerando que o mesmo individuo não podia governar a repartição do sul por sua grande extensão, comprehendendo então as capitanias do Rio de Janeiro e São Vicente, pelo seu acto de 9 de novembro de 1709 separou esta daquella, addicionando á de São Vicente as terras descobertas pelos paulistas que lhe ficam ao norte, e ao depois formaram a capitania de Minas, encarregando ao mesmo Albuquerque o governo deste vastissimo territorio; e como ficasse a seu arbitrio a escolha da localidade para séde do seu governo, preferiu São Paulo á alguma das povoações de Minas, que estavam ainda em começo, e que porisso não podiam ter os recursos e commodidades indispensaveis a taes empregos. São Paulo, que pela carta regia de 24 de julho de 1711 foi elevada á cathegoria de cidade, passando a ter o titulo de «capitania de São Paulo» a antiga de São Vicente, além do seu clima ameno, e de estar assentada em melhor posição do que a de Villarica (hoje cidade do Ouro-preto),

tinha para a administração a vantagem, de se haver ahi conservado sempre deferencia e respeito aos magistrados de nomeação do rei; e Albuquerque tinha em si um exemplo no facto de que, bastou que fosse elle nomeado governador da capitania de São Paulo, para que com a sua presença e admoestações pontualmente se lhe obedecesse na terminação da luta paulista-emboaba, e se lhe rendesse preito e homenagem.

Albuquerque, que houvera tempo e consciencia de conhecer os paulistas, lobrigando sua indole e tendencias, sempre afoutos para grandes e arriscadas emprezas, e que delles se obteria tudo comtanto que as exigencias senão fizesse com um modo imperativo e aspero, e se evitasse de feril-os em seus brios e susceptibilidades; e porque pela carta regia de 25 de fevereiro de 1711, teve de ser o orgão do rei em seus agradecimentos aos paulistas por haverem dado de mão á luta contra os emboabas, d'ahi se infere, que o governador, mudando do conceito um tanto injusto e assomado, que a principio e levado pelas primeiras impressões, fizera dos paulistas, aconselhando e auxiliando a seus contrarios, das ultimas informações que déra no fim da luta resultaram esses agradecimentos.

Um facto clamoroso se deu nessa epocha que, no rigor da historia, não póde passar desapercebido, e que revela o perigo de riquezas accumuladas em individuos de indole e costumes rudes, que as tem como uma potencia apta para cohonestar seus desmandos, e justificar os devaneios arbitrarios de sua vontade.

Bartholomeu Fernandes de Faria, a abrigo de uma casa-forte que levantára dentro do seu estabelecimento rural em Jacarehy, e que era de noite defendido por numerosa escravatura de indios, tomados nos sertões a ferro e fogo, quando, de dia era o gentio occupado na lavra do seu immenso dominio territorial, tinha trato brando só com os homens, que com o titulo de «aggregados» moravam em seu apanagio, e ás vezes, quando tinham mingua dos proprios recursos,

fruiam os do senhorio, que os largueava de bom-grado pela esperada compensação de sua sujeição aos seus alvedrios de potentado. E si era assim o seu trato, diverso fôra o que ostentava em presença da autoridade despresando insolentemente os seus mandatos. Nada reprimia a consumação dos attendados em que vivia atolado; e ai daquelles que queriam suster sua mão criminosa, e o seu continuo desvairamento denunciando-o.

Houve em 1710 na capitania grande carestia de sal, e este genero, que era estanque do governo, se vendia em Santos unicamente aos favoritos do poder, e aos monopolistas, que o reputavam pelo duplo ou triplo do valor, que custára nos depositos fiscaes, privada delle a classe proletaria. Similhante restricção feriu as susceptibilidades, generosas em seu entender, do irascivel acastellado de Jacarehy, com respeito aos apaniguados do seu feudo.

Mandou-os armar e collocou-se á sua frente encaminhando-os a Santos, e ahi chegado mandou abrir os depositos e armazens do mercado de sal, e provendo-se de quanto lhe era mister, franqueou-o ao seu sequito, e aos que no logar necessitavam deste genero, pagando-o pelo preço que lhe aprouve.

Seria plausivel este proceder si consistisse virtualmente em reprimir a chatinage desses detestaveis egoistas que traficam com a miseria publica, mas o munus social reclama seus direitos como offendido pela violencia applicada nessa repressão.

Bartholomeu Faria retirou-se de Santos e tomou o abrigo da sua casa-forte, aguardando as reivindicações pelos seus attentados que esperava do governo; estas chegaram-lhe com apparato militar proporcionado á attitude que tomára o prepotente criminoso: intimou-se-lhe que se entregasse, e a sua resposta foi uma fuzilada, e uma impetuosa sortida do forte, que pôz em debandada a tropa do governo; e sempre reagindo ás ordens da autoridade, e ás admoestações officiosas

dos seus parentes e amigos, com a mesma repulsa e obstinação portou-se á vista da carta regia de 28 de abril de 1711, que ordenou a sua prisão com a demolição da casa-forte, que tantas animosidades lhe alimentava. Esta prisão foi, porém, effectuada oito annos ao depois, ao saber-se que Faria achava-se gravemente enfermo, e inanido de forças para sustentar sua defesa armada.

Até esta epocha a administração da capitania tinha-se resentido de algum entravamento por processos de divergencias entre os herdeiros dos dous primeiros donatarios. O governo da metropole pôz termo a tão renhido pleito comprando ao marquez de Cascaes, um dos descendentes de Pedro Lopes de Souza, por quarenta mil cruzados as cincoenta leguas de costa, de que fora este donatario. D'ahi avante a autoridade toda inteira achou-se concentrada na pessoa do governador da capitania; as incertezas e hesitações deixaram de apparecer na gerencia da administração publica, e esta começou a seguir uma marcha regular. A Albuquerque ordenou-se que tomasse conta do territorio comprado, e como a ordem chegasse em ausencia do governador, teve de a pôr em execução a camara da cidade sem precedencia da sua demarcação, para que houvesse sciencia das povoações que ficavam dentro do seu recinto; e dessa posse lavrou-se auto em 25 de fevereiro do 1714.

Restituidos os paulistas ás suas antigas minas, que as haviam abandonado pela guerra dos emboabas, aquelles mais visinhos da cordilheira, que de sul a norte atravessa aquella região, ainda dominados pelo espirito de emprezas á procura do ouro, doeu-lhes a perda de tempo que tiveram nessa luta, considerando como tal a vida monotona que levavam na exploração das minas conhecidas, posto que d'ahi lhes proviesse lucros de grandes vantagens, e deixando nestes trabalhos os pusilanimes e pessoas que já não podiam comportar a lida das matas, transpuzeram o rio de

São Francisco e outros da sua bacia, devassaram os sertões que lhe ficam além, escalando montanhas, vadeando extensos paues, e em luta sem cessar contra hordas selvagens, chegaram ao rio Paraguay, tendo antes percorrido o vasto paiz banhado pelos numerosos affluentes deste rio.

Era um dos mais notaveis desta expedição Antonio Pires de Campos, o mais terrivel dos exterminadores dos indios, (*) que, não sendo a pesquiza do ouro a especialidade mais do seu peito, seguiu em 1718 ás ribas do Cuyabá, e foi fazer guerra á valente tribu dos Curhipós, que por mais de uma vez o fizeram abalar das suas terras.

A honra de descobrir as riquezas de Cuyabá estava reservada a Paschoal Moreira Cabral, outro paulista que naquella epocha corria os sertões com os demais da expedição, que partira de Minas depois da guerra dos emboabas. Paschoal em remontando o rio Curhipó-mirim viu grãos de ouro nas margens desse rio e tomando aquelle indicio como um preludio de descobertas mais importantes, deixou ali uma parte dos seus companheiros, e continuou em suas explorações. Paschoal não se havia enganado, e o encontro que teve de alguns indios, que traziam em si folhetas de ouro servindo-lhes de ornato, deu-lhe a certeza de que não podiam falhar os seus calculos; firme no que foi avante, procurou ouro, e em pouco tempo pôde ajuntar uma consideravel quantidade deste metal.

Satisfeita a sua ambição regressou Paschoal ao logar em que deixára seus companheiros; estes não tinham sido menos felizes na mineração daquellas paragens do que aquelles que tinham proseguido além, e toda a expedição achava-se contente. Estes homens regorgitando em ouro, resolveram não deixar aquellas terras emquanto ellas dessem esse metal. Propuzeram-

(*) *Os Cayapós*, por Machado d'Oliveira, vol. 24 das Revistas do Instituto.

se a levantar casebres nas margens dos rios que promettiam mais pingue mineração, e a cultivar as terras com as sementes que ainda conservavam, apesar de lhes faltar utensilios proprios para esses trabalhos; porém, a cobiça lhes deu força e tino para servirem-se de outros meios, como o de cavar a terra com as proprias mãos.

Uma outra turma de sertanistas de São Paulo, que tambem percorria o sertão, tendo feito a sua entrada por diverso ponto daquelles que ali deram ingresso a outros sertanistas, dirigiu-se casualmente ao logar onde se havia fixado a expedição de Paschoal; e reunidas ambas, formando o numero de vinte e dous homens, resolveram por unanime accordo de mandar um delles a São Paulo, afim de expôr ao governador todas as occurrencias havidas até ali, e solicitar suas ordens a respeito; e emquanto se aguardava essas ordens foi Paschoal collocado em posição administrativa essencialmente absoluta, protestando-se-lhe inteira obediencia e fidelidade.

Paschoal era completamente analphabeto; mas, faltando-lhe illustração, muito lhe faltava para que fosse tido como um homem ordinario: a uma grande coragem reunia prudencia, muita actividade, notavel perspicacia, e « o que era raro nos paulistas desse tempo, um coração compassivo e sentimentos humanitarios». (*) Tinha o dom de apaziguar as dissensões que se suscitavam entre os seus companheiros, soube adquirir a estima delles, e os dirigiu com admiravel acerto desde o anno de 1719 até 1723; sendo neste anno substituido por dous agentes fiscaes, que para ali mandou Rodrigo Cezar de Menezes, governador da capitania de São Paulo.

Logo que soube-se em São Paulo das descobertas que Paschoal e seus companheiros tinham feito nas circumjacencias de Cuyabá, moços e velhos dispuzeram-se

(*) St. Hilaire. Hist. de la Prov. de St. Paul.

a partir para ali, em procura de riquezas que sua cobiça elevava a um ponto desmesurado; e dentro de poucos dias puzeram-se a caminho, divididos em grupos que seguiam uns após outros, embarcando no Tieté, e navegando este e outros rios que vão ter ao Cuyabá. Estavam esses homens exclusivamente dominados pelo objecto que os levou a emigrarem do seu paiz, e tanto assim que foi-lhes cousa estranha ou secundaria o curarem da propria manutenção, e segurança para viagem tão prolongada e perigosa, em que por certo deparariam com mil difficuldades e riscos. Assim desprecavidos não tardou muito que não cahissem victimas, uns, da fome, outros, das intermitentes dos paues do Tieté, e muitos, dos Payaguás, que em numerosas canôas affrontavam as expedições naquellas paragens em que não podiam ser evitados. A Cuyabá não chegou sinão um pequeno numero destes infelizes, rachiticos, transidos de miseria e molestias, e sem que pudessem por muito tempo dar-se a outro mister que não fosse a sua convalescença.

Este triste exemplo não serviu de lição para que houvesse um termo a similhantes emigrações feitas tão desatinadamente. Perseveraram nellas os paulistas por muitos annos, porque a cobiça mais do que outras paixões difficilmente se esvaece no coração humano; e procurando os que para Cuyabá seguiam por terra desviarem-se de encontros com os Payaguás no Tieté, de cuja navegação haviam-se apossado, os iam ter com os Guaycurús indios cavalleiros, sempre em continuas correrias nos campos entre os rios Paraná e Paraguay. De uma expedição de trezentos homens na monção de 1725 sómente escaparam dous brancos e tres negros. Estas trucidações eram como proverbiaes em S. Paulo; mas, dizia-se com a mesma popularidade, que o ouro era em tanta profusão em Cuyabá, que os caçadores serviam-se delle em vez de chumbo.

Ao correr destas cousas os companheiros de Paschoal continuavam em suas explorações. Em 1722

Miguel Sutil, natural de Sorocaba, occupando-se em cultivar as margens do Cuyabá, achou-se exhausto de recursos para a sua manutenção, e por elles mandou ao mato dous indios ao seu serviço. Voltaram os indios á noite, e em logar de provisões, que não encontraram, trouxeram a Sutil um emborulho de folhas contendo grãos de ouro, que acharam na flor da terra, e faziam o peso de cento e vinte oitavas. No seguinte dia Sutil e Francisco, o Barbudo, um dos seus companheiros, guiados por aquelles indios, e com sequito de escravos, dirigiram-se ao logar do ouro descoberto. Foi elle minerado, retirando-se Sutil com meia arroba desse metal, e Barbudo com quatrocentas oitavas.

Não podia deixar de ser este um poderoso incentivo para que toda a colonia exploradora das matas se agglomerasse no logar que houvera apresentado tão prodigiosa quantidade de ouro, e sem que se fizesse de mister effectuar profundas escavações, extrahiu-se da terra no espaço de um mez quatrocentas arrobas de ouro.

E' ali que assentou-se a hoje cidade de Cuyabá, capital da provincia de Matto-Grosso.

Os dous irmãos Lemes em Cuyabá. — Transformação do ouro em chumbo por um processo mysterioso. — Progredem os descobrimentos dos Paulistas na região occidental do Brasil.

No seguinte anno ao da pasmosa descoberta de Sutil em Cuyabá, chegou a São Paulo o seu governador Rodrigo Cezar de Menezes, que sabendo daquella importantissima descoberta, mandou logo para ali dous agentes para a arredação do ouro do fisco, como ácima fica dito. O açodamento que houve em tomar-se essa medida, quando achava-se ainda na maior vehemencia

e desenfreamento a cobiça dos que mineravam as terras de Cuyabá, estupefactos e como abysmados na presença de tão copiosas riquezas, inventando meios e esforços para a sua acquisição; quando o novo governador, dando menos assenso á prudencia, e mais fervor ao zelo de enviar para Portugal a maior quantidade do ouro que se extrahia das minas do Brasil com mingua do paiz que o produzia, accelerou a nomeação desses agentes, ainda sem conhecimento dos homens e das cousas, ainda por assim dizer, com passos vacilantes, sobejas provas dão de que dominou mais desatino do que bom senso na adopção precipitada dessa medida; o que se não póde duvidar com o testemunho dos factos que ahi vão ser relatados.

Dous homens geralmente odiados e tidos por máos, porém, poderosos e activos, foram escolhidos pelo governador para seus mandatarios na colonia que se levantava em Cuyabá, e com o especial encargo de arrecadarem o imposto do quinto do ouro, que se extrahia das suas minas e devia ser recolhido aos cofres da metropole: a um delles, Lourenço Leme, coube o cargo de cobrador do imposto do quinto, e a outro, João Leme, seu irmão, o de mestre de campo, cargo este que ao depois foi substituido pelo de guarda-mór das minas.

Logo á chegada dos Lemes em Cuyabá, soltos de toda a vigilancia, e entregues a seus caprichos e desmandos, foram além dos limites da decencia e sensatez, commettendo toda a sorte de attentados, principalmente na exacção do quinto do ouro, que a praticavam por meios violentos e brutaes; e os seus excessos chegaram a ponto de pertenderem mesmo expellir das minas a todos os exploradores que não fossem paulistas, com o intuito de que se não reproduzisse ali a guerra dos emboabas em Minas. Embalde o capellão da colonia quiz obstar á tanta iniquidade, erguendo-se corajosamente contra aquella expulsão, e contra outros procedimentos attentatorios da moral publica; e disso

resultou ser este atirado por um assassino do bando dos Lemes, cuja bala empregou-se n'um que estava em companhia do padre. Pedro Leite, que tinha incorrido no odio de um desses potentados por dissensões da vida privada, foi azorragado dentro da egreja, assistindo ao serviço divino, embora corresse para junto do celebrante da missa.

Menezes teve, emfim, conhecimento do que se passava em Cuyabá, e querendo libertar a infeliz colonia do flagello, que o seu leviano procedimento tinha para ali encaminhado, e que aquelle povo corria para o ultimo ponto da exasperação, ordenou a Balthazar Ribeiro a captura dos Lemes, e de mandal-os presos a São Paulo; mas, como estes tivessem aviso do que contra elles se dispunha, e os proprios crimes os tivessem em continua desconfiança, fugiram da povoação com os seus complices e escravos, e fortificaram-se nas matas de modo que se pudessem defender da força armada expedida para a sua apprehensão. Foram atacados em seus entrincheiramentos, em que resistiram com obstinação, havendo mortos de ambos os lados, e por fim tiveram de os abandonar internando-se nas matas; e sendo perseguidos de perto, Lourenço foi morto de um tiro, e seu irmão preso e mandado para a Bahia, e ahi se lhe applicou a sentença de morte em 1724. (*)

Milhares de individuos, que correram para Cuyabá quando os paulistas ali descobriram as suas minas, sentiram por mais de uma vez a imperiosa necessidade de abandonarem aquelle paiz, onde viviam expostos a todas as violencias, extorções e tropelias, onde de um momento a outro podiam ser trucidados impunemente, porque a autoridade publica quando não fosse connivente com taes atrocidades, ao menos as animava por fraqueza ou medo aos sicarios, ou malfeitores.

Preoccupada destas apprehensões uma multidão

(*) «Ensaios Litterarios» n. 1 agosto de 1852, pag. 15.

de paulistas que minerava em Cuyabá retirára-se d'ali para São Paulo em 1728; e como o governador tivesse de remetter para Portugal sete arrobas de ouro do imposto arrancado aos mineiros d'ali, aproveitou a retirada desses homens para verificar essa remessa até São Paulo, tomando todas as precauções possiveis para que o ouro contido em cofres fortes, hermeticamente fechados e chancellados com o sello real, chegasse com toda a segurança ao seu destino.

A remessa chegou á presença do rei de Portugal, D. João V, e este comprehendeu em seu orgulho e philaucia que convinha fazer a abertura dos cofres de um modo apparatoso, e que attestasse a posse que tinha da mais rica região do mundo; e para isso convocou a sua côrte, e os principaes potentados de Lisboa, convidando os ministros estrangeiros para perante todos fazer-se a exhibição do ouro. Procedeu-se á abertura dos cofres, cujo fecho encontrára-se intacto e chancellado, e de um modo a não offerecer duvida; e quando o olhar cobiçoso dos circumstantes parecia já offuscar-se com o luzimento do ouro, mesmo ao momento em que iam soltar-se applausos e prolfaças, e ser victoriado o rei que tinha a Nova-Lusitania por seu mais rico apanagio, foram todos tomados de subita estupefacção, reinou entre elles o mais profundo silencio... Os cofres abertos só apresentaram barras de chumbo, acondicionados pelo teor das de ouro...

Que amarga ironia!... Que acintosa mystificação!...

Nada se omittiu para descobrir-se de onde partira similhante fraude, sendo inutil quanto se procedeu nesse sentido; mas, o povo de Cuyabá, de quem se tirou o ouro, persuadiu-se que, por uma transformação miraculosa, quiz o proprio Céo manifestar-se como seu vingador confundindo assim os seus tyrannos, dandolhes em vez do mais precioso o mais inferior dos metaes, e com isso conformou-se, resignando assim a sua consciencia; porém esse estado durou pouco.

O recebedor dos impostos, no intuito de merecer

as boas graças do governador Menezes e do proprio rei, imputou aos mineiros de Cuyabá a desapparição do ouro destinado para Portugal, aggravando-os arbitrariamente com a sua indemnisação, e para isso tomou-lhes quanto possuiam, e mesmo os seus escravos.

Tão insolito procedimento não podia deixar de ter annuencia de Menezes, e os Cuyabanos lh'o attribuiam; e por esta apreciação sentindo a sua administração enfraquecida ou menoscabada, retirou-se para São Paulo em 1728; e antes que o praticasse, modificou, como por irrisão, as anomalias e absurdos que se continham no regimento da percepção dos impostos sobre o ouro, fazendo-lhe uteis reformas. Os Cuyabanos nada mais possuindo, ao menos, diz um historiador, puderam tranquillos derramar lagrimas. (*)

Tomados de novo animo os paulistas, que formavam o nucleo da população de Cuyabá, com a retirada do governador Menezes, recomeçaram logo com a lavra das terras, o que lhes dava escassos recursos por se achar o sólo quasi exhausto de ouro, e por falta de trabalhadores pela tomadia que se fez dos seus escravos; mas, como em tão mesquinha situação se recordassem das suas passadas emprezas na procura do ouro, e as vicissitudes porque passaram não lhes puderam entorpecer os brios e o animo para aventuras arriscadas, arrojaram-se em 1734 aos sertões occidentaes de Cuyabá, guiados por dous intrepidos paulistas, os irmãos Fernando Paes de Barros e Arthur Paes, naturaes de Sorocaba, atravessaram os campos Parexis, penetraram extensas matas, onde antes não pisára homem da raça branca, e fizeram parada junto a um dos affluentes do Guaporé. Com este descobrimento completou-se o da actual provincia de Matto-Grosso.

Chegados os paulistas a esse logar, e feitos alguns casebres para seu abrigo, deram-se logo a percorrer os seus contornos, revolvendo os corregos e rios que

---

(*) Abreu e Lima, Sinopsis, 191.

encontraram em pesquiza do ouro; e este trabalho não foi improficuo, porque compensou satisfactoriamente aos que a elle se entregaram.

Decorrido apenas um anno os irmãos Paes enviaram á Cuyabá quantidade consideravel de ouro, colhido em diversas localidades circumjacentes á hoje capital da provincia, e á vista delle alvoroçou-se o povo, e todo o mundo quiz partir para as novas minas. Effectivamente milhares de homens encaminharam-se para aquelles paragens; porém, em breve tiveram a mesma sorte que a daquelles, que foram os primeiros a partir de São Paulo para Cuyabá, ao saber-se do achado das minas do Curhipó-mirim; uns extraviaramse nos sertões, e ahi acabaram miseravelmente de fome e fadiga, outros foram massacrados pelos Guaycurús e Payaguás, e só um pequeno numero chegou ao destino que lhe suggeriu tão perigosa viagem.(*)

Emquanto os paulistas ajuntavam ás possessões portuguezas a vasta região occidental, em que se comprehendiam Cuyabá e Matto-Grosso, e que fórma hoje a provincia deste nome, outros faziam uma descoberta não menos importante que as precedentes, a de Goyaz. Para escrevel-a desde o seu começo ha de mister remontarmo-nos á epocha que posterga a ordem chronologica que temos até aqui seguido.

N'uma das excursões do paulista Bartholomeu Bueno da Silva, o Anhanguera (**), descendente de Amador Bueno, que regeitára a corôa de rei, offerecida pelos habitantes de São Paulo quando D. João IV subiu ao throno portuguez, achou-se o sertanista entre os indios Goyaz, que habitavam as terras mais occidentaes de Minas e São Paulo, e cujas mulheres traziam na cabeça por ornato folhetas de ouro.

Sem difficuldade submetteu Bueno á sua vontade

(*) Pizarro, Memorias Historicas, IX, 81.

(**) *Os Cayapós*, por Machado d'Oliveira. Tom. 24 da Rev. Trim. do Inst., pag. 496.

esta tribu de condição pacifica e maleavel, e por ventura merecedora de uma sorte condigna a essa condição, sabendo tirar della o partido que convinha ao seu proposito; e d'ali retirou-se para São Paulo com o ouro colhido em suas excursões, e com um numero assás consideravel de indios captivos com o qual podia povoar uma cidade.

Por muito tempo as riquezas de Minas-Geraes fizeram esquecer Goyaz; mas, as minas de Cuyabá lembraram ao governador Menezes as que tinham sido descobertas por Anhanguera, e Menezes fez suscitar no animo dos paulistas o pensamento de as deparar.

Parece que os antigos sertanistas de São Paulo acostumavam seus filhos desde pequenos ás fadigas e abnegações de correrias longinquas nos sertões, e, ainda mal, á caça de indios. Ao tempo que Anhanguera invadiu o sertão dos Goyaz tinha comsigo um filho de doze annos, que o acompanhou sempre em suas excursões: este menino, tambem com o nome de Bartholomeu Bueno, envelhecera, mas não tinha perdido de todo as recordações das viagens que fizera com seu pai; e porisso, acudindo ao convite do governador, foi-lhe offerecer seus serviços, promettendolhe este, que no caso de reconhecer a direcção certa e o caminho provavel que seu pai seguira nas matas em procura de ouro, teria como compensação o imposto de portagem nos mais importantes rios da capitania.

Na primeira entrada que em 1721 fez o segundo Bueno no sertão, com alguma gente e homens armados, que lhe foram prestados por Menezes, não pôde acertar com o caminho que fôra traçado por seu pai, apagado pelo longo tempo que havia decorrido; e depois de tres annos, passando por uma longa série de aventuras e soffrimentos, regressa á São Paulo em grande desanimo e quasi só. Isto não pôde declinar o conceito que o governador fizera de Bueno, julgando-o com summa probidade e o unico para deparar com as

minas descobertas por seu pai; e porisso procurou reanimar sua coragem para tentar de novo a começada pesquiza, promettendo-lhe recompensas mais seductoras; o que o decidiu a entrar em novas indagações, lançando-se ao sertão abundantemente munido de recursos e com gente amestrada em taes emprezas.

Desta vez foi Bueno mais feliz que da primeira, por que, depois de longas excursões, de descommunaes fadigas, e de reiterados vai-vens nas matas, não só achou em 1726 o trilho da direcção que tomára Anhanguera no sertão, como as proprias minas por este descobertas.

A noticia da descoberta das minas de Goyaz attrahiu logo para ali, como era natural e estava nas condições da população daquella epocha, a bandos de aventureiros, que ao mesmo passo que as lavravam, levantavam numerosos arraiaes.

Bueno foi dignamente remunerado. Este paulista emprehendedor e tenaz em seus propositos, possuiu grandes riquezas; porém, como a mór parte dos homens da sua classe naquelles tempos, esbanjou-as morrendo pobre, e legando apenas a seus filhos o direito de portagem dos rios, que lhe fôra concedido por tres vidas.

Deve-se, pois, aos paulistas, além de outros descobrimentos, o de Goyaz, Cuyabá e Mato-Grosso, abrangendo a superficie de centenares de legoas, que até 1748 fez parte da capitania de São Paulo, e que posteriormente formou-se della duas outras capitanias, a de Goyaz e Mato-Grosso, as mais occidentaes do Brasil.

Expedição armada contra os Payaguás. — Cooperação dos Paulistas para a fundação de povoações na margem septentrional do Jacuhy. — Reune-se de novo a Capitania de São Paulo á do Rio de Janeiro.

Tanto mais subira de ponto a sanha dos indios Payaguás, hordas selvagens das margens do Paraguay, desfechada por vezes contra os combois que navegavam o rio, ou fosse em sua viagem á Cuyabá, ou em seu regresso d'ali para São Paulo, quanto se augmentava a população das colonias da região occidental, e fazia ella excursões fóra dos recintos conhecidos. Estas hordas ictyophagas, percebidas desde as primeiras descobertas dos sertões de oeste, que habitavam as margens do Paraguay, tinham o dominio exclusivo de todo este rio, devassando-o constantemente com as suas numerosas cabildas embarcadas em canôas de guerra, e á força renunciaram esse dominio só depois que, em 1733, pôde partir de São Paulo uma forte expedição armada, governando a capitania o conde de Sarzedas.

A' medida que crescia a população de Cuyabá, que vivia como bloqueada por aquelles indios interceptando aos estranhos a navegação do Paraguay e seus affluentes orientaes, e sitiada em terra pelos Guaycurús, que infestavam os campos da Vaccaria, partiam d'ali expedições armadas para desobstruir aquella navegação, por ser ella então o unico meio de estabelecer communicação entre a capitania de São Paulo e a região cujo descobrimento era devido aos seus esforços.

A mais numerosa e mais bem aprestada daquellas expedições foi a que sahiu de Cuyabá em 1730 com o fim de atacar os Payaguás, para que não fizessem presa de um comboi que vinha em sua guarda, e conduzia para São Paulo mais de sessenta arrobas de ouro a cargo do ouvidor Lanhes Peixoto. A expedição foi nos pantanaes da embocadura do Jaguary affrontada

pelos indios, que em numero de oitocentos embarcados em oitenta canôas acommetteram a e a derrotaram, não sem forte resistencia da parte dos brancos, dos quaes apenas escaparam a nado dezesete, sendo a perda dos indios estimada em quatrocentos combatentes. O ouvidor Lanhes entrou no numero dos mortos.

O clamor dos cuyabanos por tão horriveis atrocidades, d'envolta com o brado de indignação solto por elles pelo inqualificavel indifferentismo a que estavam votados, fôra, emfim, ouvido pelo governador Menezes, e, uma vez sequer, fez echo nos sumptuosos paços reaes da metropole; e na phase da sua commoção dispôz o rei em 1733 ao governador de São Paulo, conde de Sarzedas, que se aprestasse uma forte expedição armada para o fim de acommetter e destruir os alojamentos dos Payaguás no Paraguay e mais rios que iam dar a Cuyabá.

No anno seguinte partiu a expedição para o seu destino, e sob a direcção do sorocabano Gabriel Antunes Maciel, que houve-se nessa empreza com valor e tino, não desmentindo a capacidade desenvolvida por alguns de seus ascendentes no descobrimento de Cuyabá. Os indios investidos no seu principal paradeiro foram mortos alguns, e dispersos outros, que entranhavam-se nas matas do interior, e a sua flotilha foi inutilisada, ficando deste modo e por pouco tempo desentravado o transito e navegação do Paraguay.

Não serviu, porém, esta refrega de escarmento aos Payaguás para que não se aprestassem logo para novas hostilidades. Em 1736 foi atacada por estes indios em numero consideravel, no logar chamado «Carandá» no Paraguay, uma flotilha que partiu de São Paulo com destino á Cuyabá. O combate durou muitas horas, e terminou em favor dos paulistas, posto que perdessem o seu bravo commandante Pedro de Moraes e fr. Antonio Nascentes, franciscano denominado o «Tigre» por causa da sua força muscular e grande intrepidez.

Já fica dito neste Quadro que Domingos Peixoto de Brito, natural de São Vicente, com seus filhos, depois de lançar os primeiros cimentos da villa da Laguna, proseguira em suas explorações para o lado do sul, e n'uma dellas deparára com os vastos campos do Rio-Grande, que então não puderam ser bem reconhecidos por causa da resistencia encontrada da parte da tribu dos Patos, que habitava as margens da lagoa do mesmo nome.

Para o diante, com o fundamento de pôr cobro nas incursões que os habitantes do Rio-Grande faziam no territorio, que se julgava pertencer aos hespanhoes, que então estavam de posse da Colonia do Sacramento e que pelos portuguezes era considerado neutral; territorio que se estendia do rio Jacuhy aos limites do vice-reinado meridional do paiz confinante, e que os hespanhoes se empenhavam em apprehendel-o afim de annexal-o ás suas possessões, dispuzeram-se estes a tomal-o á viva força, para o que deram-se a alliciar os paulistas que por ali vagavam após aventuras, convidando-os para aquella empreza com a promessa de que com elles partilhariam o territoiio conquistado.

Reunida assim a força invasora, sendo o maior numero de paulistas, partira da Colonia em 1733 com direcção ao Jacuhy, affluente occidental da lagoa dos patos, sob a garantia de que seria auxiliada com reforços, que deviam sahir da Colonia e das mais possessões hespanholas, e como nada embaraçasse a sua marcha atravessando o territorio neutral, chegára ao Jacuhy, e depois de explorado o paiz, fundára na margem septentrional desse rio a hoje villa da Cachoeira, e, doze legoas mais abaixo, a do Rio Pardo,(*) que em 1737 já ostentava progresso em seu povoamento.

(*) Ainda em 1818 vivia em Rio-Pardo Antonio Pedroso d'Albuquerque, que se dizia filho de um dos paulistas que fundaram a hoje cidade daquelle nome; e Francia, o dictador do Paraguay, dava ali os seus ascendentes paulistas.

Com a noticia de similhante intrusão, e um anno depois que ella foi feita, occorreram para ali forças de varios pontos maritimos do Rio Grande que já continham população, e não em numero sufficiente para que pudessem recuperar os pontos occupados pelos invasores, e porisso foram por estes rechaçados em varios recontros, havendo elles antecipadamente convocado a quantos aventureiros cruzavam a campanha, e recebido alguns reforços do Uruguay, sendo que, ao começarem as hostilidades contavam os hespanhoes com quinhentos homens armados.

Esta pequena guerra só teve termo ao dar-se execução ao tratado celebrado entre Portugal e Hespanha em 16 de março de 1737, retirando-se os hespanhoes para as suas possessões do Uruguay, e continuando os paulistas a permanecerem naquellas villas como nucleo do seu povoamento.

Emquanto os paulistas ajuntavam ás possessões portuguezas a vastissima e mui rica região, da qual se formaram as capitanias de Minas, Goyaz e Matto-Grosso, deslocando-as da de São Paulo; ao tempo que, com sobrada razão se ufanavam elles da prestança de relevantes e importantissimos serviços ao Estado, e por virtude do que havia a esperar, não compensação, porque era isso offensivo aos seus brios, mas, uma manifestação de reconhecimento desses serviços, como houvera no termo da guerra dos emboabas e paulistas. (*) Estes serviços, pois, foram com insolita ingratidão menospresados, ou, siquer, esquecidos pelo governo da metropole, como se infere do seu acto de mandar novamente reunir á capitania do Rio de Ja-

(*) Entre as velhas tradições locaes que vogam na provincia ha uma, que friza bem com esta asserção e significa o caracter moral dos paulistas. Fernão Dias Paes e seus parentes, que descobriram Minas, quotisaram-se para brindar o rei de Portugal com uma peça em ouro massiço representando ao natural um cacho de bananas, e Fernão incumbiu-se de apresental-a ao rei. Este, marvilhado e nos alvoroços do seu contentamento, assentando que fa-

neiro a de São Paulo sob o governo daquella, que desde 1709 e por quarenta annos teve-o especial e independente dos das outras capitanias, sujeitando-a a uma administração subalterna e submissa ao governo do Rio.

Os paulistas, como já se tem dito e comprova-se com a historia, eram olhados com estranheza, quando não votados á indignação daquelle governo, que só tinha em particular favor aos que sem hesitação lhe rendiam completa e ignobil vassalagem, e sujeitavamse aos seus insensatos alvedrios.

Quando, em tempos anteriores ás decobertas das minas de ouro que ficam recontadas, empregavam-se os paulistas em caçar indios nos sertões, havia a esperança de que regressariam aos seus lares, com mais ou menos delonga, quer fossem bem ou mal succedidos em suas emprezas; e é certo que dessas expedições só não vinham os que se extraviavam nas matas, ou perdiam a vida. O mesmo se não deu quando os paulistas descobriram aquellas minas: levantavam elles moradas permanentes nas localidades onde deparavam em maior copia com o objecto da sua cobiça, e ahi estabeleciam-se, formando nucleos de população, chamando para ali suas familias, e esquecendo completamente sua patria.

Desde a descoberta de Minas-Geraes a população da capitania de São Paulo não tinha cessado de decrescer, e se extenuava sangrada successivamante e com rapidez por sua emigração para a região do ouro. Os que a abandonavam empobreciam ou se individavam por despesas antecipadas, que eram obrigados a fazer para os preparativos da viagem, dando em ga-

---

ria manifestar seu agradecimento concedendo *graças pedidas*, ordenou a um dos seus cortezãos que declarasse ao offertante, que seria satisfeito em tudo que pedisse. O recado do rei foi dado, e o altivo paulista, formalisando-se ao ouvil-o respondeu pelo seguinte modo:

«Pois si eu venho *dar*, como é que heide *pedir!*»

rantia das dividas assim contrahidas os bens que deixavam. As terras ficavam sem cultura por carencia de quem as roteasse; a industria pastoril paralisara-se extraviando-se os rebanhos; as povoações cahiam em ruina, e nesta decadencia geral havia-se de mister de uma administração forte, energica, zelosa e reparadora, o que não havia a esperar-se depois da suppressão do predicamento de capitania, e destituição do seu governo especial. Os paulistas não tinham para a sua governança sinão a agentes da nomeação do governo do Rio, cujo poder era extremamente restricto, e que não ousavam tomar sobre si a responsabilidade de uma medida qualquer que se desviasse do regimento que lhes fôra prescripto. Dest'arte uma das mais bellas porções da Nova-Lusitania cahiu a olhos vistos em declinação, a impulso da vontade exagerada de auferir riquezas, que tendo-as em seu seio, não eram sufficientes para satisfazer ambições desregradas.

Infelizmente prendia-se tambem á prosperidade da capitania de São Paulo a escravidão dos indios, e os maiores estabelecimentos ruraes bem como a propria mineração dependiam dos seus braços para o seu custeamento. Em 1758 o rei D. José por uma inspiração providencial fez promulgar um decreto, que honrará sempre a sua memoria, e serve do maior padrão de gloria no seu reinado. Por esse decreto deu-se liberdade definitiva aos indios do Brasil, qualquer que fosse o motivo que os sujeitava ao captiveiro, e era elle tão preciso quanto tinha sido illudida constantemente ou tergiversada a legislação anterior sobre a liberdade dessa infeliz raça. Como declinatoria de taes abusos dizia-se que os indios não eram escravos mas sim *administrados*, e sobre os desgraçados a quem se dava esta qualificação pesava o mais rude captiveiro. A effeito do que a abolição instantanea dessa escravidão affectou a muitas fortunas, e deu um novo golpe á prosperidade da capitania. Um grande numero de familias abastadas, que só tinham como riqueza escra-

vos indigenas, com a libertação destes ficaram inteira mente arruinadas, e muitas reduzidas á indigencia. «A capitania de São Paulo, dizia um dos seus governadores que soubera reconhecer a situação á que tinha chegado nessa epocha, *é uma formosa sem dote*».(*) Comquanto seja para deplorar o simile, não é elle destituido de cabimento.

O 1.º vice-rei do Rio de Janeiro, Alvares da Cunha, conheceu a fundo o estado decadente a que chegára a capitania de São Paulo, e assentou que si se lhe restabelecesse o governo especial que tivera, para unicamente occupar-se do seu bem estar, independente de alvitres estranhos, reassumiria ella, não toda, porque já não era possivel, mas parte da sua antiga grandeza e preponderancia. Um memorial que neste sentido o vice-rei dirigiu ao rei, demoveu a este a lançar mão dessa urgente medida, e em consequencia o paiz dos paulistas recuperou a categoria de capitania, que lhe pertencia desde remotos tempos, e o morgado de Matheus, d. Luiz Antonio de Souza, foi nomeado seu governador em 1765, munido de doutas instrucções do marquez de Pombal. Por dezesete annos foi a capitania exautorada deste predicamento, a que tinha direito por titulos incontestaveis, e isso bastante concorreu para o seu aniquillamento.

Regeneração dos costumes e antigos habitos dos paulistas. — Breve resenha de alguns factos occorridos durante a administração do Morgado de Matheus.

A vida rude, nomade e isolada da communicação social que na primitiva levaram os paulistas nos sertões, já na procura de minas de ouro, sua idéa favo-

(*) Pizarro. Mem. Hist. VIII, 275.

rita e permanente desde que as lobrigaram no paiz, já na apanhada dos aborigenes para o trabalho das minas e lavra das terras, ou para mercadejar-se sobre a sua liberdade, serviu de fundamento para no geral figurar-se o caracter moral e trato commum desses homens modelados pelas usanças dos indios, de uma significação dura e rispida, de habitos selvaticos e repellentes. E' certo que dessa vida fragosa dos paulistas nos tempos primitivos originára-se a discriminação que desde remotas eras se fez da sua indole caracteristica, mas tambem é certo que dos seus maiores não puderam derivar trato ameno, moralidade e costumes inculcados á sua raça, que os não puzessem na mesma linha dos selvagens. Lance-se os olhos sobre os antigos chronistas da velha capitania de S. Vicente.

Precedentemente á epocha em que São Paulo instaurou-se no predicamento de capitania já observára-se alguma modificação nos habitos sociaes e vida domestica dos paulistas, e a este estado preliminar seguiu-se mudança notavel por aquelle teor, ao tempo que se deu aquella categoria á sua patria; por isso que os terrenos auriferos descobertos por elles já tinham sido distribuidos, e de preferencia pelos que os depararam, e o cansaço da lida das matas a grandes distancias dos seus lares lhes suggeria algum repouso; porisso que a caça dos indios ficou interdicta pela legislação providencial e humanitaria do rei D. José, e acautelada com a vigilancia e zelo do marquez de Pombal.

Neste estado de cousas tiveram os paulistas a feliz lembrança de recorrer aos trabalhos agricolas, construindo porisso numerosas fabricas de assucar, com a experiencia de que fôra vantajosa a de São Jorge, levantada em São Vicente logo após á retirada de Martim Affonso, e estabelecendo em ponto grande a creação do gado vaccum e cavallar. Estas occupações sedentarias, que a seu despeito foram os paulistas obrigados a adoptar, os acostumaram á vida de familia,

renunciando inteiramente á de aventureiros. Os odios e rivalidades, que alimentavam entre si, extinguiramse, e pouco a pouco os seus costumes perderam a sua antiga rudeza e entonamento tornando-se menos repulsivos. A nova geração, sem comtudo deixar de vangloriar-se das proesas e afanosa lida dos seus antepassados, não quizera jámais imital-os; apreciava essa lida como uma necessidade da epocha, obrigando a meios extremos em prol da mantença e augmento da nascente colonia, mas regeitava-a naquella actualidade como já não urgente para o seu progresso, visto como, para que houvesse este, outros meios se havia adoptado com feliz resultado.

Então foram os paulistas corajosos sem crueldades e dotados de firmeza em seus propositos sem o aferro da obstinação, e sem a desairarem com brutezas, despresando a dissimulação em todas as suas praticas, que a tomavam por insolencia e desfaçamento. «Alguns (diz o mui illustrado Aug. de Saint-Hilaire) cultivaram com distincção a sua intelligencia ao se acharem em communicação com os litteratos que a Europa enviava ao Brazil e promptamente nivelaramse com elles em polidez; e si já não havia no paiz um Antonio Raposo, Fernando Dias Paes, Paschoal Moreira Cabral, e outros que descobriram immensos e ricos sertões que se converteram em opulentas capitanias, tem São Paulo por gloria de em tempos modernos ter sido o berço de Alexandre de Gusmão, de fr. Gaspar da Madre de Deus, de José Feliciano Fernandes Pinheiro, e desses illustres irmãos, os tres Andradas, que tanto enobreceram o Brasil contribuindo para a sua independencia.» (*)

Ainda que já ia remota a epocha em que os paulistas rivalisavam entre si a pratica de emprezas difficeis e arriscadas arrojando-se a excursões de longo trecho, porque novos cuidados, outros misteres e os

(*) St. Hilaire. Hist. de la Prov. de St. Paul.

assomos da civilisação, que lhes trouxe a mudança dos tempos, iam-se insinuando em seu alvedrio; todavia, as aspirações do novo governador, o morgado de Matheus, que soube logo ganhar os animos e brios dos paulistas, em lingoagem que lhes memorava seus antigos feitos, quanto tinham estes merecido o aprazimento do rei, e o que se havia a esperar de homens de tal tempera e resolução; a intimativa que soube empregar para a execução dos planos e alvitres do marquez do Pombal, consistindo em estender os dominios portuguezes por este lado do Brazil e em predispôr o paiz de modo a estabelecer-se nelle a séde da monarchia portugueza, (*) fizeram reviver nelles o prurido da lida das matas, de que apenas tinham leves recordações. Nesse remanso de idéas, quando havia ensejo de receber a capitania um impulso benefico da parte do governo da metropole si o seu pensamento não fôra absorvido pela ambição de fruir as riquezas do paiz, instituindo estabelecimentos de instrucção, promovendo a sua agricultura, e introduzindo alguns ramos de industria, para ficar independente de objectos insignificantes e ninharias, que d'ali lhe vinham em troca do seu ouro, foi que suscitou-se-lhe o gosto por aventuras, que ainda se não achava de todo extinguido.

Não se tomará por demais o commemorar feitos que se hão tornado como obscuros pelo prepassar dos tempos, porque foram elles tanto mais notaveis, quanto os que o praticaram contavam menos com a recompensa habitual do sacrificio, do que com a fama e gloria que d'ahi lhes provinha; e faziam simplesmente grandes cousas com a crença de que assim cumpriam o seu dever.

Ao menor aceno que fez o governador em signi-

(*) Ha tradição de que com estas vistas edificou-se na cidade de Belem, capital da Provincia do Pará, uma sumptuosa cathedral e espaçoso palacio, que ainda existem, decorados estes edificios com as armas portuguezas daquelle tempo.

ficação do que lhe fora insinuado pelo poderoso ministro portuguez, surdiram os paulistas que, supitando a força innata e instinctiva a antigos feitos que celebra a historia, esmoreciam na inercia em vida domestica, ou em occupações diversas das que antes tiveram emquanto moços. Foi por esse teor que arrancaram-se a essa vida, acudindo ao primeiro chamamento do governador, os paulistas coronel Francisco Pinto do Rego, André Dias de Almeida, Bento Cardoso de Siqueira, Bruno da Costa Filgueira, Antonio da Silveira Peixoto, Francisco Nunes Pereira e o tenente Candido Xavier de Almeida e Souza.

Ao coronel Pinto do Rego coube o reconhecimento em complexo dos sertões de Tibagy, atravessados pela serra de Apucarana, para o qual foi nomeado em 1767. Nesses sertões, ao começar a missão religiosa no Paraguay, localisaram-se as reducções da confederação do Guairá, levantadas aquem do Paraná, e que foram destruidas pelos mamelucos, como já fica recontado; e os jesuitas que escreveram a chronica dessa missão deram esses sertões como encerrando grandes jazidas de ouro e outras preciosidades mineraes, o que bastou para embahir a cobiça europea, e o rei de Portugal quiz ter a precedencia em sua pesquiza. Pinto do Rego dispôz-se para o reconhecimento daquelles sertões, e como se lhe não provesse dos meios de leval-o a effeito, e não os tivesse proprios para esse mister, foi dispensado de similhante commissão.

Depois de ministrar-se ao governador de São Paulo recursos provindos do Rio de Janeiro, para realisar os projectos que tendiam sobre as explorações dos sertões de Tibagy, e de dar a possivel amplidão ás possessões portuguezas pelo lado da capitania de São Paulo, fez o governador em 1769 pôr em mobilidade uma expedição de seiscentos e cincoenta individuos, dando-lhe para commandantes André Dias de Almeida, e o tenente Bento Cardoso de Siqueira, fa-

zendo-a embarcar no Tieté no porto de Ararytaguava, hoje cidade de Porto-Feliz, em vinte e uma canôas e seis batelões, e destinando-a *ostensivamente* para as explorações e povoamento dos sertões do Ivahy, quando o seu fim era diverso, chegou com cincoenta e sete dias de navegação á confluencia desse rio com o Paraná. Como a expedição dirigira-se a esse ponto sob pretexto de reconhecer essa confluencia e as terras lateraes do Ivahy, satisfizera esse proposito entretendo-se por dias em dar fé das posições mais notaveis daquella região, e expecialmente das localidades que tinham servido de assento ás reducções destruidas.

A' expedição de Dias e Cardoso seguiu-se a commandada por João Martins Barros, que embarcando em 1770 em Ararytaguava com duas companhias de aventureiros, tomou a mesma direcção da precedente, e a esta se encorporou na barra do Ivahy.

O fim latente desta desatinada dispersão da população da capitania de São Paulo para a região occidental do Paraná, quando as exigencias do povoamento da capitania eram mais instantes, estando no goso, pouco duravel, da renuncia dos paulistas ás lidas externas, consistia, como fica dito, em dar-se maior amplitude ao territorio que nessa região pertencia a Portugal; e para isso um plano fôra concertado entre o governador de São Paulo e o vice-rei do Rio de Janeiro sobre bases confidenciaes dadas pelo ministro Pombal. Feito o que devia-se estabelecer em local adaptado um centro de defesa, a pretexto de cobrir-se a nova fronteira das incursões dos Paraguayos, e do gentio da Vaccaria, que por vezes tentára invadir os limites do Paraná.

Unidas as expedições na barra do Ivahy e sob o commando de Martins atravessaram o Paraná, e, navegando para o Igatemy ahi desembarcaram, cohonestando esse procedimento com a necessidade que haveria de provisões de bocca, e que para prevenil-a iam darse á plantação de mantimentos nas margens do Iga-

temy como logar para isso azado: occuparam-se, é verdade, desse trabalho, mas depois de na margem esquerda do rio, e por expressa ordem do governador de São Paulo, edificar-se o forte dos Prazeres como padrasto do presidio do mesmo nome, onde se recolheram como povoadores mil duzentos e vinte e sete individuos, feitos sahir por diversas vezes de São Paulo.

Não póde passar sem reparo para aquelles que conhecem o alvo a que se atirava para a occupação do territorio de Igatemy, a desculpa que para essa occupação déra o governador de São Paulo ao do Paraguay, e inserta na participação, que ácerca de similhante facto fez aquelle ao secretario d'estado dos dominios ultramarinos Martinho de Mello; desculpa, aliás, em offensa da boa fé, submissão e passibilidade dos paulistas á voz do serviço publico, embora fossem caprichos ou desmandos nos que os governavam. Sobre um topico da reclamação feita pelo governador paraguayo, exigindo a desoccupação da margem esquerda do Igatemy, dizia o de São Paulo: «acho com grande estranheza minha que elle (João Martins Barros) variando de idéa, pelos motivos que a v. s. são manifestos, se encaminhou a plantar roças nessas paragens, grande variedade sem duvida, e que eu muito desapprovo nesta occasião». (*)

Em 1773, tres annos depois da fundação do presidio de Igatemy, procedendo-se ao recenseamento da sua população, conheceu-se que da originaria, mil duzentos e vinte e sete, com os nascimentos ali havidos nesses annos, estava esta reduzida a quinhentos e cincoenta e seis individuos, provindo a quasi totalidade dos obitos das intermitentes do paiz, formado em sua mór parte de terrenos paludosos. Resultou desta deploravel diminuição de vidas a retirada da pouca gente que lhe sobrevivera, e o inteiro abandono de

(*) Carta do governador de São Paulo ao de Paraguay, datada em agosto de 1768.

tão pestiferas paragens; e tão apressado foi, que nem tempo houve para a reconducção da artilheria e trem pesado do forte, largado á discrição, o que apenas sabido pelos paraguayos se apropriaram de tudo, praticando logo a demolição do forte.

Ao mesmo tempo que o governador de São Paulo dispunha a partida da expedição ácima referida, na intenção simulada de descobrir os sertões do Ivahy, que transmudou-se em invasão no territorio além do Paraná, como se acaba de vêr, formou outra com o fim de penetrar e explorar as espaçosas matas do Tibagy, que era fama conterem prodigiosas riquezas mineraes. Esta expedição foi dividida em duas secções, sendo a primeira entregue a Bruno da Costa Silveira, que, embarcando em 1769 no Iguassú ou rio do Registro, entrou no Pitinga, passou ao Rio-Verde, transmontando-o até onde dava navegação, e do ponto em que deparou com o primeiro obstaculo seguiu por terra, sem afastar-se do rio Iguassú, até encontrar o Paraná. São desconhecidos os outros pormenores do seu trajecto.

A Francisco Nunes Pereira foi commettida a direcção da outra secção dos exploradores do sertão de Tibagy. Começou com as suas excursões no respectivo territorio em janeiro de 1770 com um sequito de sessenta pessoas; embarcou no Iguassú, e seguindo as traças de Bruno da Costa, que dias antes o precedera, fez parada além do Paraná. D'ali seguiu para os campos da Forquilha junto ao presidio de Igatemy, traçando daquelle ponto um caminho com direcção para Corytiba, e outro para o Avinheima, indo este desembocar na estrada que de São Paulo partia para aquelle rio; e terminou sua longa excursão dirigindo-se ao salto do Guairá com a tentativa de reedificar Ciudad-real, reconhecendo ao mesmo passo no rio Piquery a capacidade da sua navegação, e a direcção que tomava de sua origem á sua barra no Paraná, e, emfim, de descobrir naquelle territorio os vestigios das antigas re-

ducções do Guairá, que tinham sido demolidas pelos mamelucos em 1631. No cabo de tanto lidar falleceu Nunes no paiz das suas excursões com parte do seu sequito, dispersando-se o resto, sem que nos legasse sinão a memoria de mais um intrepido paulista, que se sacrificára á insaciavel ambição dos mandões da epocha.

A partilha que coube a Antonio da Silveira Peixoto no descobrimento dos sertões a oeste de São Paulo, foi de facil execução por ter seguido o trilho dos outros exploradores que o haviam precedido, mas de um termo desastrado: destinára-se-lhe ir pelo encalço de Bruno da Costa, e Francisco Nunes em novo reconhecimento das matas de Tibagy, que tinham como sequestrado todas as attenções do governador de São Paulo, pela fama que vagava de suas riquezas mineraes. Em setembro de 1770 partiu Silveira do Iguassú com sete canôas tripuladas, embarcando no porto da Conceição, e depois de uma navegação de oitenta legoas, interceptada por vezes por obstaculos que encontrou, sahiu á terra, e traçou d'ali um caminho até á barra do rio no Paraná em parallelo ao seu curso, e na extensão de quatrocentas legoas, no que gastou um anno. Depois de construir canôas embarcou no Paraná, e ao quarto dia de navegação achou-se em frente de uma força paraguaya de cem homens destacada de Coruguaty, que o aprisionou e a seus companheiros, levando-os ao seu governo, e este, pondo-os presos em ferros mandou-os para Buenos Ayres, onde jazeram por muitos annos, esmolando recursos para sua subsistencia, sem que o governo portuguez se désse a provel-os nem a reclamar a sua liberdade. Voltou Silveira a São Paulo gasto, e em estado valetudinario, tendo por unico brasão o haver servido á sua patria emquanto fôra auxiliado por suas forças: eis ahi o premio que tinham os bons servidores do paiz!

Pôz termo ás decobertas, emprehendidas no tempo

do governador morgado de Matheus, a dos campos de Guarapuava, que foi commettida ao tenente Candido Xavier de Almeida e Souza, com o qual começou os seus trabalhos officiaes de explorações, no que se fez notavel pelo fiel desempenho desses trabalhos, e pela precisão e minuciosidade com que os descrevia.

Deu principio a essa exploração embarcando em 1770 o commandante com trinta e quatro soldados em duas canôas no porto das Capivaras do rio Iguassú, e transpondo-o entrou no rio Mourão, e entranhou-se pelas matas, deparando em vinte e quatro dias com os campos de Guarapuava, não sem grandes difficuldades e privações, tendo por vezes recontros com os selvagens daquelle sertão, que o desviaram por alguns dias do curso da sua derrota.

Descobertos os campos construiu ahi o commandante um forte com a invocação do Carmo, convertido ao depois em aldeamento de indios; e é hoje a populosa villa de Guarapuava na provincia do Paraná.

Succinta apreciação do governo do morgado de Matheus. — Os paulistas qualificados pelo governo.

Ha factos historicos que merecem ser commemorados com mais desenvolvimento do que se ha dito sobre elles, para que fiquem bem impressionados e conservados na lembrança dos homens; e não é fóra dos limites da historia que nos traçamos fazer menção de alguns, que caracterisam o typo moral dos antigos paulistas na memoravel e laboriosa administração do governador da capitania de São Paulo, morgado de Matheus, animado pelo estudo a que nos demos em 1844 do seu governo, compulsando os livros antigos, em que se registraram os actos governativos dessa epocha, e que existem na secretaria da presidencia.

Já o fizemos precedentemente recordando os nomes de alguns dos paulistas que representam esses factos e o teor destes. Resta agora significar pelas proprias palavras do governador o modo porque os qualificou com inferencia á descripção, que em generalidade fez da indole natural e peculiar dos homens sob seu governo.

A primeira epocha da administração do morgado de Matheus desenha o espirito febril de conquista de territorio em commum com a acquisição do ouro, não que esse proposito se derivasse da sua vontade, que a tinha razoavel e prudente, sinão como repercussão ou por força impulsiva do governo da metropole, que queria a todo custo primar aos olhos da Europa como em dominio da maior parte da America-meridional, e com um luxo de explendor e magnificencia deslumbrantes, incompativel com a mesquinhez de recursos que ali coube-lhe em partilha; e os actos com que o governador iniciou a sua administração apresentam essa significação, e para levar a effeito os seus planos não se poupou a afagar os paulistas, que conhecia propensos a isso, dando ao governo portuguez informações lisongeiras a seu respeito.

N'uma dessas informações, que então déra o governador, exprime-se pelo seguinte modo: «São os paulistas, segundo a minha propria experiencia, grandes servidores de sua magestade. No seu real nome fazem tudo quanto se lhes ordena, expoem aos perigos a propria vida, e gastam sem difficuldade tudo quanto têem e vão até ao fim do mundo sendo necessario.

«O seu coração é alto, grande e animoso; o seu juizo grosseiro mal limado, mas de um metal muito fino; são robustos, fortes e sadios, e capazes de soffrer os mais intoleraveis trabalhos... Tomam com gosto o estado militar, offerecem-se para acommetter os perigos, e facilmente se armam e fardam á sua custa.» (*)

(*) Informações prestadas ao governo portuguez em 11 de dezembro de 1766.

Dirigindo-se o governador ao secretario d'estado, Martinho de Mello, ácerca da deliberação que tomou de mandar levantar o forte e presidio de Igatemy, declara que fòra a isso levado, além das circumstancias locaes, por distinguir nos paulistas ainda vigoroso o animo de que se inspiraram os seus maiores, para irem de arrancada affrontar descommunaes emprezas; e o faz por este teor: «E' evidente a intrepidez e animo dos antigos paulistas em muitas destas partes da America, que não reparavam em perigos, trabalhos nem difficuldades para occuparem novas terras, caminhando a pé tão largas distancias em paizes incultos, semeados de rios caudalosos, estereis pantanos profundos, montes interminaveis e asperos, sem caminhos nem veredas, nem provimento para seu sustento; exemplo que até hoje imitam os seus descendentes, pois é certo que fazem suas expedições a pé, carregados d'armas e provisões, que consiste unicamente em uma porção de farinha.» (*)

Nos receios de aggressões por parte dos Paraguayos no territorio annexo ao presidio de Igatemy, ordenou o governador de São Paulo ao commandante do presidio, que, em caso de realisar-se invasão, désse largas aos paulistas, para que se animem daquelle espirito que sempre tiveram, quando se dava o caso de guerrearem os castelhanos, e que quando essas acções fossem encarregadas a «esses bons e valorosos homens, sempre guiados por vontade honrada e destimidez», era evidente que poderiam as armas portuguezas conseguir nessas paragens gloria e fama, «que fiquem por muito tempo em lembrança dos castelhanos para castigo de sua imprudente resolução.» (**)

Pelo secretario d'estado Martinho de Mello, a cujo cargo se achava a gerencia dos dominios ultramarinos

(*) Carta do governador de São Paulo ao secretario d'estado Martinho de Mello com data de 3 de dezembro de 1770.

(**) Carta do mesmo ao capitão-mór regente de Igatemy, datada em 3 de outubro de 1773.

de Portugal, foi dito ao brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, ácerca da defesa do presidio de Igatemy, que, em caso de accommettimento ao presidio, convinha «fazer vantajosamente uma guerra de posto e chicana, para a qual, e em paiz de sertão como o de que se trata, são os paulistas os mais fortes, os mais infatigaveis, e os unicos e melhores combatentes; principalmente sendo bem conduzidos e bem cuidados». (*)

Nas instrucções dadas ao coronel Francisco Pinto do Rego, a quem o governador de São Paulo incumbiu o descobrimento dos sertões de Tibagy, nota-se o seguinte: «Considerando sua magestade que os paulistas foram sempre nos sertões desta America os que dilataram os seus dominios com a maior gloria, e que para fazer renascer as memorias dos seus progenitores, e os assignalados serviços que fizeram á corôa portugueza nos grandes descobrimentos das Minas-Geraes, Cuyabá, Matto-Grosso, e outros mais, e esperar dos descendentes de tão bons e fieis vassallos os mesmos serviços que fizeram os antepassados, ou ainda maiores, si for possivel...» (**)

As decepções que soffrera o governador morgado de Matheus, vendo abortados todos os seus planos, cuja execução lhe fôra confiada pelo governo da metropole — de estender quanto pudesse os dominios portuguezes na região meridional do Brasil, e de promover em grande escala o descobrimento de novas minas de ouro, de que era Portugal insaciavel, tanto mais quanto este metal lhe ia do Brasil em proporções sempre crescentes, e não bastava para auferil-o lautamente. Esse encadeamento de desvios ou máos desfechos em suas tentativas, embora encontrasse constantemente obediencia passiva e boa vontade nos que as serviram, o fizeram mais prudente e circumspecto nos actos subsequentes aos primeiros da sua adminis-

(*) Aviso de 21 de abril de 1774.
(**) Instrucções do 1.º de julho de 1767.

tração que tenderam para aquelle fim; e reflectindo que melhor servia o seu cargo promovendo os interesses reaes da capitania, e que mais acertado iria si, em vez de levantar tropa militar com o destino especial de sustentar o presidio de Igatemy, sangrando por vezes a população, cujos contingentes iam ali ser enterrados em seus charcos, applicando-a em sua guarda e n'outros serviços de pura ostentação, inspirasse no povo os sentimentos do seu bem-estar. proporcionando-lhe nesse intuito e além de outros meios o cultivo das terras e o emprego da industria pastoril, para o que encontrava no paiz poderosos elementos, foi uma das suas especialidades administrativas accumular a capitania de povoações muito ácima das exigencias do seu povoamento, e de mandar erigir aquem do Paraná alguns aldeamentos de indios, fazendo aproveitar os fundamentos das antigas reducções do Guairá destruidas pelos mamelucos; pensando que por esse modo restabelecia a missão religiosa naquelles sertões, e iniciava o seu povoamento. Encheu a capitania de povoados, mas fez decrescel-a de população.

No proposito tão humanitario como politico de chamar os indios á civilisação e á sociedade, recordou-se o governador das animosidades e attentados, que praticaram contra elles os paulistas, que na primitiva devassaram aquelles sertões; e formalmente prohibiu que, em seu chamamento para esses novos estabelecimentos, se empregasse a força e violencia; expressando-se nas instrucções dadas aos agentes encarregados desse serviço pelos termos seguintes: «Os indios não são feras, mas homens racionaes; e porisso mesmo que são racionaes hão de fugir dos que os perseguirem, afugentarem, matarem e roubarem suas mulheres e filhos; e pelo contrario hão de buscar e seguir aos que lhe fizerem justiça, e os receberem com caridade, logo que virem que todos os que sahem do mato para as povoações, achem quem alimente as suas vidas, cubra a sua desnudez, ampare os innocentes, e

os proteja e defenda, deixando-os viver em paz, socego e abundancia, e achando-se os indios deste Estado vivendo nos bosques como feras destituidos de todo o conhecimento, não só da civilidade, mas até de que ha uma união universal de racionaes, que se chama sociedade, é necessario advertir que necessitamos de fazer que os indios sejam primeiro homens, antes que possam ser christãos porque, do contrario, seria perder o grão do evangelho, e lançal-o entre as pedras infructiferas.» (*)

Quem visse a multiplicidade de povoações, levantadas quasi a um tempo na capitania de São Paulo no fim do governo do morgado de Matheus, então cansado da infructuosa lide de augmentar dominios territoriaes, e de explorar sertões certos em busca de riquezas incertas, devia firmar-se na idéa de que o paiz prosperava, e regorgitava de população. Assim não era: a capitania nunca se achou em tanta mingua deste primeiro elemento da grandeza e opulencia dos Estados, porisso que, a par da creação de seis corpos de tropas auxiliares, creou-se a hierarchia aristocratica militar, que, insuflada pelo governo, ostentou-se sobre as outras classes, despresando nivelar-se com a agricola para o trabalho do sólo, antepondo-se a este a mollicia e a vaidade em degeneração dos antigos e proficuos costumes dos paulistas, que tinham por alvo a propria e publica prosperidade; e d'ahi veiu esse desequilibrio das condições semear rivalidades e malquerenças quando os actos publicos suggeriam descriminação de classes. Não menos cooperou para essa diminuição de população, e para alguma desmoralisação e abatimento de seus brios que ella revelou, o terror que lhe causavam as levas para as successivas recomposições da guarnição de Igatemy, sempre ceifada pelo contagio assolador dos seus pantanaes, e que obrigava á emigração em tropel, e á expatriação

(*) Instrucções de 1.º de julho de 1767.

para outras capitanias. Para os supprimentos na guarnição do presidio lançava-se mão de meios violentos, mandando-se em vez de homens victimas para aquelle sorvedouro de vidas; e foi isto, e a decadencia á que chegou a capitania, que obrigou o autor das «Memorias para a historia da capitania de São Vicente» no seu appendice, que ha pouco se publicou, a expressar-se pelo modo seguinte: «E como elle (o governador morgado de Matheus) não trouxe, nem tomou depois que cá esteve, as verdadeiras medidas que curassem o mal de todo, continuou a mesma miseria até o fim do seu governo pois está visto que a capitania de São Paulo só póde florescer com a sua agricultura e exportação...»(*)

Na derrama que houve de povoações por sobre a capitania de São Paulo a elevação da freguezia da Atibaia á villa, pode ser cohonestada com a necessidade que houve, de nullificar o malefico poderio de Jeronymo de Camargo, que, na ausencia de autoridades criminaes, e dispondo de um corpo de mais de quinhentos indios, tinha nociva preponderancia sobre a freguezia, impondo-lhe seus desarrazoados lvedrios, e alevando-a a desatinos.

Como justificação do que ácima se diz, de que o enthusiasmo dos paulistas pela hierarchia militar, de que se possuiram em detrimento dos interesses reaes da capitania, fôra insuflado intencionalmente pelo governo, transcreve-se abaixo alguns trechos das instrucções que foram dadas pelo secretario d'estado Martinho de Mello ao governador Martim Lopes, successor do morgado de Matheus, e pelo vice-rei do Estado do Brazil, marquez de Lavradio, em additamento ás referidas instrucções.

«Com as forças do Brazil destruiram os paulistas as missões do Paraguay; fizeram passar os jesuitas com os indios das mesmas missões da outra parte do rio Uruguay, e atacaram no mesmo tempo os castelhanos intrusos na parte septentrional do Rio da Prata, até os

(*) Rev. Trim. do Inst., tom. 24, pag. 609.

obrigarem a evacuar inteiramente os dominios portuguezes, fazendo-os passar á outra parte do mesmo rio. E sendo as tropas da capitania de São Paulo as mais proprias e as melhores para o serviço militar...»(*).

«Tendo sido a capitania de São Paulo o berço em que se crearam aquelles valorosos homens que fizeram tão conhecido na Europa o nome portuguez: elles com o seu valor acrescentaram os dominios d'el-rei, já descobrindo terras, que nunca tinham sido povoadas, já descobrindo nas mesmas terras os grandes thesouros, que fazem a preciosidade dos dominios da America, já expulsando de alguns outros estabelecimentos differentes corporações de gentes, que por se refugiarem dos mais reprehensiveis delictos continuaram a praticar o despotismo dos seus máos costumes, estabelecendo-se e procurando fazer povoações em differentes paragens que por titulos nenhuns lhes pertenciam.

«Nestes distinctos serviços se empregaram por muitos annos os naturaes da capitania de São Paulo, e se empregariam ainda hoje si se tivessem tratado com aquella humanidade, e reconhecimento, que se devem ter com os netos de uns homens, que com a maior distincção e utilidade do serviço do soberano se empregaram no augmento e gloria deste Estado.

«Si eu fosse encarregado de fazer o elogio destes nossos honrados compatriotas, eu teria de que formar um grandissimo discurso, porém como devo reduzir-me só a tratar do estado presente, e prevenir alguns inconvenientes para o futuro, segundo o que as reaes ordens nos determinam, não faço mais do que dar uma leve idéa do que estes foram para, segundo as esperanças bem fundadas, que podemos ter, de que os que hoje existem poderão ser o mesmo que foram seus avós, possamos nesta esperança estabelecer o nosso systema.»

Creados pelo governador Martim Lopes dous corpos de tropa de linha, conforme as instrucções que re-

(*) Instrucções militares de 14 de janeiro de 1775.

cebera do governo da metropole, um com a denominação de «Legião de Voluntarios Reaes» composto de infantaria e cavallaria, e outro com a de «Regimento de infantaria da praça de Santos», a ambos fez o governador marchar em janeiro de 1776, a legião, em soccorro do Rio-Grande do Sul, que tinha sido invadido em diversos pontos por tropas castelhanas procedentes de Buenos-Ayres, e o regimento, para guarnição da ilha de Santa Catharina. Este corpo foi caracterisado pelo secretario d' estado Martinho de Mello, em suas instrucções dadas naquelle anno ao vice-rei do Estado do Brazil, do seguinte modo: «Um regimento de oitocentos moços que não excediam a trinta annos, valorosos, habeis, instruidos nos passos difficeis dos montes e dos rios, tão capazes de defenderem como na terra firme se tem visto que são paulistas.»

A legião, depois de sua completa organisação, foi mandada para o Rio-Grande do Sul, acommettido nesse tempo pelo exercito de Vertiz; e duas companhias de cavallaria desse corpo destacaram para o interior, e reunidas ás tropas do Rio-Grande sob o commando de Raphael Pinto Bandeira, cooperaram para a derrota das forças desmembradas do exercito castelhano que invadiram a fronteira do Rio-Pardo, em um recontro havido em Tabatingahy.

Justa animadversão publica que se impôz o Governador Martim Lopes. — Um assassinato Governativo.

Achava-se a capitania de São Paulo n'uma posição declinando para a sua tranquilidade, depois que o máologro da exploração dos sertões produzio o desengano no animo illudido do governador morgado de Matheus, — de que nenhum fructo podia colher d'ahi, que compensasse os grandes dispendios que suggerira,

e os descommunaes trabalhos que lhe foram inherentes, e que ficaram perdidos com a renuncia dessas irreflectidas tentativas; mas tinham os paulistas ante si o phantasma de Igatemy ameaçando-os com a ceifadeira da morte, posto que já estivessem na expectativa de um novo governador, que é sempre revestido de lisongeiras esperanças, e o classico destruidor dos planos do seu predecessor quer sejam bons ou máos, para dar maior importancia aos de sua comprehensão.

Martim Lopes, successor do morgado Matheus, tomou as redeas do governo em junho de 1775, e o primeiro dos seus actos, com preterição de outros aliás de mais reconhecida necessidade, foi a formação de dous corpos de linha, que deviam destacar para o Sul, onde fôra invadido o Rio-Grande, e ameaçado o governo de Santa Catharina por tropas espanholas; em obediencia ao que lhe houvera instantemente ordenado o governo da metropole, declarando-se-lhe, que a negligencia que houvesse nisso importaria o desagrado real, e porventura a destituição da sua administração.

Em presença desta ameaça conjecture-se o açodamento, e com este a injustiça e prepotencia que o governador, para não ir-se da posição que havia galgado, haveria de empregar na organisação daquelles corpos, de lotação reconhecidamente incompativel com a diminuta população da capitania, com o intuito de serem esses corpos expatriados para o Sul, que começou a ser o sorvedouro dessa população sob o pretexto do destacamento de suas tropas. D'ahi começou a animadversão publica, que pairou por todo o tempo que durou o governo de Martim Lopes na capitania de São Paulo, como vae vêr-se.

Organisados os dous corpos fez o governador marchar para o Sul, pelo caminho de terra o de cavallaria dividido em duas secções, a primeira, no fim de 1775 ao mando do capitão Fortes, e a segunda, em principio do anno seguinte, commandada pelo capitão Joaquim José Pinto de Moraes Leme, ao depois marechal

de campo. O corpo de infanteria, subordinado ao tenente-coronel Henrique de Figueiredo, embarcou em Santos em janeiro de 1776, e seguiu para Santa Catharina.

O destacamento destes dous corpos durou até 1780 e nesse anno regressaram á capitania depois da derrota do exercito hespanhol que invadira o Rio-Grande, e com a recuperação do governo de Santa Catharina, de que se assenhoreára o general hespanhol Cevallos em 1777.

Foi facil ao astuto governador conhecer que houvera incorrido na indignação do povo, quer pela rispidez e impudencia com que se houve no recrutamento e organisação desses dous corpos, quer pela mofina de ordenar por bando, e só por mofa ao trajar das paulistas, que seriam levadas á prisão as que «andassem rebuçadas com chapéos sobre as baetas trazendo as caras cobertas, por ser similhante uso em desserviço de Deus»: e porque soubesse que de noite vagava pelas ruas alguem que abusava da sua ridicula pragmatica, ordenou a sua prisão, acrescentando que, «em caso de resistencia fosse atirado pelas pernas». Com essa disposição de animo pretextou actos de pura vingança, como se vae conhecer.

Era por este teor que Martim Lopes iniciou o seu governo; e quanto mais progredia este mais se reproduziam os factos da sua escandalosa prepotencia e habitual iracundia; embora no correr de tanto desmando e para acalmar o odio publico invocasse em seu auspicio o solicitado abandono do presidio de Igatemy, que por si mesmo estava invalidado pelo definhamento successivo do seu pessoal, o qual, restituido a seus lares, pouco tempo viveu, eivado do contagio que ali o acommettera. Nem por tal pôde o governador rehabilitar-se no bom conceito dos seus governados, desvanecendo as más preoccupações, que surgiram pelos seus primeiros desvarios governativos, e medraram por todo o tempo que durou o seu governo; e nem com a abertura da estrada que vae da capital ao Rio de

Janeiro, e com a reparação que começou na que segue para Santos, para o que arbitrou uma contribuição forçada e com exacção vexatoria, recriminando de falta de patriotismo os contribuintes, que por deficiencia de meios não entravam com quantias avultadas.

Referiremos os factos de maior vulto apanhados na correspondencia official de Martim Lopes, ao recorrermos ao seu registro na secretaria do governo.

Ao mestre de campo governador de Ubatuba, seu intimo confidente, ordenára que procedesse contra a camara, que alli funccionára em 1778, pondo-a em arresto e remettendo-a á sua presença por «continuar com as suas abominaveis absolutas»; isto é: porque perseverava em censusar os actos iniquos do governador, e não acudindo ao seu chamado.

Procedimento mais rigido, e tambem por vindicta pessoal houve em 1780 com o sisudo e respeitavel paulista, o coronel Polycarpo Joaquim de Oliveira, a quem o governador alcunhava de *cabeça de motim*, porque «achando-se no Rio de Janeiro em serviço, assoalhára a noticia conhecidamente falsa da sua exoneração do governo, assustando assim o povo»; e regressando o coronel a São Paulo, ordenou sua prisão na fortaleza da Barra, em carcere privado e com sentinella á vista, onde jazeu por todo o tempo que decorreu até sua mudança, sendo relaxado da prisão logo á chegada de novo governador. Cahindo o preso enfermo, devido isso, no conceito do medico que tratava, á in salubridade da casa de prisão, e o commandante da villa de Santos, opinando com o da fortaleza, requisitasse a mudança da prisão, a isso respondera o governador, que «nada tinha com a saude do coronel Polycarpo, tendo muito contra a sua liberdade, pelo justo castigo que mereceu a sua soltura de lingoa, para quem e para os que fôr achando tão máos vassallos como elle, mandava apromptar um outro calabouço»: e em seguida, estranhando ao commandante da fortaleza sua leviandade por se deixar levar pelas suggestões

do preso, estendeu suas invectivas contra o medico de quem dizia, ajuntando uma immoralidade ao escarneo, que « só faltou pedir mulher para o preso para não padecer alguma retenção».

«Apparecem nas orgias do poder deste governador iguaes factos aos que vimos de consignar, que seria longo enumeral-os, dependem de uma penna intelligente para os analysar e estigmatisal-os, e não podem caber na natureza deste escripto.

Todavia, e fazendo ainda abstracção repulsiva do enjoo pertinaz e malefico, despresando termo mais adequado, que no animo do governador imprimiram os brios e sobranceria dos paulistas; enjoo que se denuncia constantemente em toda a sua correspondencia official quando tinha de fallar dos seus governados, alguns dos quaes, e mui poucos, por medo ao azorrague da prepotencia, sem serem recalcitrantes, só se desforçavam com censuras nos limites da circumspecção. Despresando os seus favoritos sarcasmos arrojados ao medir sua problematica prosapia com a ignobil condição de governar a capitania, faremos por ultimo a narrativa de um facto profundamente deploravel, que mesmo horrorisou o governo da metropole, e produziu a destituição do governador do qual nos occupamos.

Não se passou muito que não cahisse a Martim Lopes a mascara, que cobria as torpezas da sua vida intima, e a fealdade de suas inclinações, convivendo com gentalha corrupta e immoral, e fazendo sua residencia quasi habitual na fazenda de São Caetano da Borda do Campo pertencente aos monges de São Bento, a pretexto de que dirigia d'alli os reparos da estrada de Santos, mas com o fim certeiro de assistir ás frequentes orgias e libações apresentadas pelos monges e presididas pelo seu abbade; e Antonio Lobo, filho do governador e seu ajudante d'ordens, que igualmente andava encharcado nos mesmos lodaçaes em que se chafurdára o pai, tinha nos exemplos paternos uma escusa á sua devassidão, lançando-se todo inteiro no

regaço da lascivia, e amarrando-se no laço das orgias — «E de um tal pai tal filho se esperava»; e grupava-se em redor de ambos a mais corrupta e asquerosa canalha.

Por motivo de uma festa religiosa, que em obsequio ao governador celebraram os monges na fazenda de São Caetano, improvisou-se ali, sob a direcção de Antonio Lopo, e ás expensas dos dinheiros arrancados ao povo para a estrada de Santos, uma casa em que se devia dar um espectaculo em complemento do festejo. O governador foi presente a tudo, ouvindo da tribuna religiosa e por bocca do mercenario abbade zombarias á verdade e deferencias á mentira, e o seu ajudante d'ordens chamou d'entre a caterva, que o acompanhava em seus deboches, os que podiam representar no espectaculo, reservando para si o caracter de primeiro figurante.

No numero dos comparsas do espectaculo entrou Caetano José da Costa, vulgarmente chamado «Caetaninho», o favorito mais do peito de Antonio Lobo, e que, por tocar bem clarim e rabeca era o seu predilecto no folguedo dos lupanares; já se vê, pois, que seria Caetaninho o chefe da orchestra do theatro.

Chegada a noite dispunham-se as cousas para ter começo a festança theatral; mas, desavindo-se o primeiro histrião com o seu comparsa Caetaninho, por não querer este acceder ao que aquelle lhe exigia, de tocar certa peça de musica, em que não estava bem versado, ou talvez por causa de quasi completa embriaguez em que estava pelas libações do festim, nesta reluctancia de palavras foi o musico esbofeteado pelo seu nobre amigo, e aquelle em desforço da offensa recebida, quando antes era mimoseado com abraços, avançou de faca na mão ao seu aggressor, que não se achava menos ebrio e o feriu fazendo-lhe uma ligeira escoriação entre a orelha esquerda e o pescoço.

Este incidente, pequeno em si mas grave na hyperbole dos parasitas, e nos da sequella dos dous fidal-

gos, pôz termo á festança, fazendo levantar alta grita, como que si se houvesse commettido o mais atroz attentado; e um desses, que foi improvisado cirurgião, e caracterisou a arranhadura em ferimento grave, que podia comprometter a vida do paciente, prescreveu a sua prompta retirada para a cidade; o que se fez á maneira de um prestito funebre, advertindo-se ao ferido que devia dar gritos descomedidos afim de commover o povo considerando-o em perigo de vida, e inspirar-lhe vinganças; e Caetaninho, ferido em varias partes do corpo por aquelles que o prenderam, e garroteado brutalmente, caminhou a pé, e esbofeteado sempre que por cansado demorava o passo, e na cidade foi arrojado a uma immunda prisão, e por escarneo com o mesmo vestuario com que devia apparecer no theatro, reunindo assim o burlesco ao horrivel.

Entrou em processo a victima de tantos rancores e ferocidade perante o honrado corregedor da capitania dr. Estevão Gomes Teixeira, e em seu termo foi transmittido ao conselho de guerra para ter julgamento conforme á legislação militar. O conselho depois de ouvir a exposição circumstanciada do facto, e a defesa do réo fundada em provas irrecusaveis, julgou-o, só com divergencia de tres votos, absolvido da pena de morte natural, mas não da de morte civil, condemnando-o a carrinho perpetuo.

Como o fremito do tigre no estertor da morte, assim foram ouvidas as exprobrações do furioso governador com o torvo arreganho de militar do Conde Lipe, ao constar-lhe da decisão tomada pelo conselho de guerra contra a sua expectativa, ao passo que ella encheu de jubilo ao publico, que não estava fascinado pelos embustes com que se tramava o assassinato de Caetaninho. Novo conselho é nomeado pelo governador, formado exclusivamente de vogaes conhecidos por ignobil submissão aos seus desvarios, seus apaniguados e a muito galardoados com seus favores; tendo o desfaçamento de ordenar de proprio mando ao conselho,

que o réo devia soffrer a pena ultima, lançando invectivas e injurias ao honrado magistrado que serviu de auditor no primeiro conselho e iniciou o processo... *Punissons, puis que nous sommes l'histoire.* (*)a

Como era bem de esperar, o novo conselho, ou mais antes conciliabulo engendrado pelo odio e vingança, pronunciou o seu julgamento conforme lhe fôra dictado pelo governador — de o réo «soffrer o supplicio de morte para sempre», como incurso em tentativa de assassinato ao filho de um representante do rei, do que seguir-se-ia sedição contra a monarchia; e com a certeza desta sentença o governador, que até ali trajava luto, e vivia encerrado em palacio, ostentou-se vestido de gala, mandou franquear sua residencia, deu brodios a seus amigos, e remunerou largamente os membros do ultimo conselho com o dinheiro, que devia ser abonado á tropa em pagamento de seus soldos postergados havia tres annos.

Seguiu-se immediatamente a execução da sentença contra Caetaninho, e no dia aprasado para isso ordenou o rancoroso governador, que o condemnado passasse pela rua da sua residencia, afim de regosijar-se com a vista da victima da sua prepotencia, e no transito desta appareceu o governador á janella com seu filho ao lado, ambos faustozamente trajados, dando por findo o seu *nojo*, e com numeroso cortejo em grande gala para tornar o acto mais ludibriado; e como nesse momento se lhe lançasse aos pés a mulher de Caetaninho, lacrimosa clamando misericordia e perdão para seu marido, a repelliu brutalmente escouceando-a e vociferando, que perdoava sim o mal que lhe fizera, mas não a pena de morte: e homens taes desta guiza eram mandados para o governo da colonia portugueza!

Para maior cumulo do escarneo e irrisão houve

(*) V. Hugo, «Les Miserables», 2.me part., pag. 96.

(a) Letra D. do Appendice

sumptuoso laus-perenne no mosteiro de São Bento, porque n'outra igreja oppôz-se o virtuoso bispo da diocese; e o abbade benedictino e seus dignos acolythos esfalfaram-se em entornar panegyricos ao sanhudo governador, taxando a sua administração de virtuosa, humana e justiceira.

De curta duração foram as alegrias e fulguedos com que se ostentou o governador e a sua gente pelo assassinato de Caetaninho, cuja solidariedade só lhe pertencia, porque o altamente piedoso e honrado diocesano, d. fr. Manoel da Resurreição, commovido pela pratica de tantos attentados, decidiu-se a denuncial-os á rainha reinante d. Maria I, que, comiserando-se da deploravel situação da capitania de São Paulo, fez expellir della o demente governador que a tyrannisava.

Que se não entenda como deficiencia de brios ou como resignação estupida a que tiveram os paulistas no lamentavel periodo administrativo que vimos de descrever, mais por força da verdade historica do que por carencia de sentimentos pela miseria humana; o seu passado não era para dal-os assim tão degenerados. Seu pundonor e altivez innata achavam-se como sopitados pela ausencia das tropas da capitania, formadas da flor da sua mocidade, que serviam e batalhavam no Sul; o fausto e prodigalidades do governador embahiam a classe menos reflectida, que nessa actualidade compunha a massa mais numerosa da população, e era reduzida a silencio pela turba armada que tinha a seu lado e actuava sobre os pusilanimes por sua fatuidade e cynismo; via nos ademans e atitude arrogante desses homens, todos elles militares europeos, uma continua ameaça á sua vida e propriedade; e em seu acatamento aos sentimentos religiosos observava na palavra e acções do abbade e seus monges a intimativa da mais obsecada obediencia e baixo respeito ao mando imperativo do « fidalgo governador».(*) «O vicio em quem

(*) Assim o donominava essa gente em suas palestras.

governa, é vicio posto a cavallo, e enthronisado».(*) Attribue-se communmente a isto a aturada longaminidade que tiveram os paulistas na ominosa administração do governador Martim Lopes Lobo de Saldanha. E' uma justiça que a historia imparcial não póde negar aos paulistanos.

Causas da decadencia da Capitania no fim do seculo XVIII. — Effeitos ainda resultantes do Governo de Martim Lopes motivando o enfraquecimento da acção governativa do seu successor. — Feitos do Governador Bernardo José de Lorena.

Nas vicissitudes porque na phase governamental de Martim Lopes passou a terra dos paulistas, e que ficam relatadas, era impossivel que fosse ella caminho de prosperidade, nem então, nem na governação que immediatamente se lhe seguiu, resentida como estava daquelle abalo. Escassearam os recursos industriaes, minguando a população, distrahida uma parte para o serviço militar deslocado do proprio recinto, e outra, para occupações improductivas e de pura phantasia do governo; e isso por carencia de braços que laborassem os elementos da sua prodigiosa fecundidade, arrancando-se á lavoura por meio de levas em massa os homens que cuidavam della, substituidas aos instrumentos agrarios as armas de guerra, afim de irem no Sul sustentar contendas obstinadas sobre conquistas territoriaes, cujo direito era caprichosamente mantido, intervindo só a força imponente da guerra, entre as corôas de Portugal e Hespanha.

Por identico motivo a mineração, que apenas sahira do seu estado rudimentar, e ia ao alcance dos poucos conhecimentos technicos que podia-lhe ministrar a epocha, descahira do primeiro impulso que lhe

(*) O pispo do Para, d. fr. Caetano Brandão.

imprimira a avidez, que surgiu ao apparecimento das minas; cohonestando-se isso com o esgotamento destas, quando em tempos posteriores, e com o concurso dos meios competentes foram ellas tanto ou mais productivas como na primitiva. Aggravando mais similhante situação a separação que se fez da capitania de Minas-Geraes da de São Paulo, com a discriminação de «paulistas e mineiros», cada qual trabalhando para o proprio paiz, e rivalisando para o seu engrandecimento, ao contrario do que faziam os dous povos antes da divisão dessas capitanias, cooperando em commum e por zelo privativo da prosperidade da de São Paulo.

O povo, o fundo vivo da grandeza dos Estados, que não procurava effugio n'outras capitanias, ainda estremecia com as recordações horrorosas da epocha calamitosa que havia atravessado. Escondido nas matas ou no mais recondito de suas habitações, descuidoso e decahido da sua antiga energia, vegetava na inercia, não curando nem mesmo da propria existencia, quanto mais do bem-estar e interresses da communidade.

Foi na maior crise desse estremecimento que Francisco da Cunha e Menezes, successor de Martim Lopes, tomou conta da subsequente administração da capitania, sendo-lhe igual que a assumisse no melhor ensejo da sua prosperidade, ou no maior estado da sua decadencia, como se achava, porque ia tel-a de transição, ou de prova para subir a mór escala, como era o promettido vice-reinado da India: e por similhante preventiva disposição de animo do novo governador, o acerbo legado que lhe deixára o precedente governo quasi que perdurou intacto por todo o tempo que funccionou na capitania; podendo-se bem dizer, que a sua administração atida sómente nesta idéa alimentou-se do puro expediente da sua secretaria, sem que empregasse esforço algum para tiral-a do seu estado anormal, talvez pela apprehensão de que custar-lhe-ia isso trabalhos herculeos, incompativeis com a inaltera-

bilidade da sua indole e da natureza do seu governo transitivo.

Entretanto, fazendo um esforço além do teor desse seu calculado regimen, e despresando a rispidez e altanerias do transacto governo como contrarias á caracterisada sisudez dos paulistas, empregando o afago nascido da confiança, e os meios de apaziguar os animos, invocou as suas tendencias instinctivas para o descobrimento de minas, visto que nada havia a fazer na maior dessas tendencias, por acharem-se já devassados os sertões da capitania, e os das suas circumvisinhas, e começado nelles o dominio da civilisação.

Com esse intuito chamou a Baptista Victoriano suggerindo-lhe novas descobertas para trabalhos de mineração, com proseguimento da que fizera do morro de Uvutucavarú na serra de Mongaguá, que então gosava da preeminencia de fabulosas riquezas mineraes, asseveradas não ha muito tempo por alguem, que fitava a propria ganancia não na exploração do ficticio mineral do morro, mas nos fundos que para isso se deviam colligir.

Explorações recentes deram por falsa essa improvisada riqueza.

Ao sertanista foi indicado o rio dos Pilões em Iguape, onde se imaginava a existencia de jazidas de ouro, pelo que se manifestára nas suas immediações; associando a estas pesquizas o coronel Silva Castro, a quem proveu dos meios necessarios para leval-as a effeito. Nada se sabe ácerca do resultado desta empreza.

O governo de Cunha Menezes concentrou-se nestes e n'outros poucos actos de pequena monta, que não podem entrar nas grandes concepções do movimento administrativo, e que prescindem de uma consignação historica; posto que bem atinasse que, a despeito de suggestões em contrario, a desidia ou desanimo em que achou os paulistas para promoverem o bem-estar da sua terra, era occasional, e uma derivação da situação de que sahiam, e não por habito ou formando parte

integral da sua indole, como comprovavam com o seu passado cheio de lidas e trabalhos arriscados; e por esta face os encarava o governador quando precisava dos seus serviços para o bem commum, abstendo-se de os impôr obrigatoriamente, como estava em uso, e preferindo determinal-os á vontade dos que suppunha que bem os desempenhariam. Assim conseguiu dos paulistas o harmonisal-os com o espirito governamental que lhes insinuára, e deixarem as recalcitrações, a que foram levados pelos desvarios de seu predecessor.

Repousava um pouco de suas provações e soffrimentos a capitania, eram-lhe mais favoraveis os tempos para curar da sua individualidade e deveres que tinha em compromisso com a communidade, e para o que contava com a cooperação dos corpos militares, que estiveram em destacamento no Sul, e foram-lhe restituidos depois da guerra, si bem que com grande desfalque do pessoal; mas, essa tropa, além de fatua pelas animosidades ostentadas na guerra, como sóe acontecer, estava enervada pelos habitos militares, e incapaz para qualquer outro serviço afóra o das armas; entregava-se antes á mollicie e a folganças nas vagas do serviço do que a trabalhos de fructo proveitoso, e podia ser considerada como uma pesada excrescencia da sua patria.

Foi na epocha desta transição de animos (1788) que Bernardo José de Lorena, ao depois conde de Sarzedas, tomou posse de governador da capitania. Com parentesco entre os nobres que em Portugal envolveram-se na conjuração contra o rei d. José, dava-se como certo que o governo da metropole, desviando a Lorena, ainda em idade juvenil, d'entre seus parentes, procurára preventivamente desvanecel-o de idéas, que por ventura lhe pudessem suggerir para novos attentados em vindicta do procedimento havido com os fautores da conjuração. Deu-se-lhe, porém, como um substituto á sua idade adolescente um assessor intelligente, que guiando-o com sisudeza na acção governativa, não pôde, todavia, demovel-o de dar causa para que o seu governo

fosse caracterisado como uma epocha de galanteios e folganças, porque a autoridade do assessor não abrangia a de pedagogo para que pudesse ultrapassar os limites da vida intima, nem seus passos podiam franquear as alcovas.

Suspeitára-se que a malograda sublevação de Minas, que em 1788 pertenderam effectuar alguns dos seus habitantes, no patriotico e generoso empenho de estabelecer-se uma nova ordem de cousas politicas com a prévia independencia do Brazil, subtrahindo-o ao pesado e tyrannico dominio portuguez, estivesse filiada na capitania de São Paulo, dando-se como promovida por alguns dos paulistas, que se achavam em mais contacto com os que desacauteladamente preparavam o rompimento da insurreição; e designava-se entre elles e como o que tomaria o primeiro logar na que se fizesse na capitania um Claro José da Motta e Toledo, natural de Taubaté. Pelo governador de Minas foi exigida a captura deste homem, ao que respondera o de São Paulo, que nem de tal individuo havia noticia em parte alguma da capitania, e nem por modo algum devia-se duvidar da proverbial fidelidade dos paulistas, firmada pelos seus ascendentes, e exemplificada por Amador Bueno com a sua renuncia á corôa de rei.

Com justiça e dignidade houve-se o governador Lorena na instauração da antiga questão de limites, entre Minas e São Paulo, emquanto administrou esta capitania. Era de longa data e obstinada a porfia entre os dous governos sobre essa questão, que trazia sua origem desde o primeiro e obscuro delineamento, que se fez em seguida á divisão do complexo do territorio para assento das duas capitanias, e que assim tem persistido, não obstante haver-se reclamado por muitas vezes uma outra designação ou quando menos, a ratificação da existente; e a vacillação ou deleixo do governo metropolitano a similhante respeito dava azos a violentas aggressões do lado de Minas que eram tanto mais frequentes, quanto as terras que iam ser invadidas

promettiam riquezas mineraes, que nas outras iam escasseando.

Uma destas irrupções teve logar em 1789, estabelecendo-se por parte de Minas uma barreira fiscal em São Matheus na Serra das Caldas. Contra ella reclamou leal e dignamente o governador de São Paulo, depois de competentemente capacitado da injustiça de similhante proceder, mas as suas queixas ou foram extraviadas, ou confundiram-se na alluvião dos embaraços em que constantemente se achava o governo da metropole com a desassisada pretenção de que a sua acção administrativa vigorasse como lhe convinha no Brazil atravez de duas mil legoas. E o que ha a notar nesta questão é, que a opinião sustentada com firmeza por Lorena a favor da capitania de São Paulo, e como seu governador, fosse tergiversada pelo mesmo Lorena como governador da capitania de Minas, e que a mudança de local produzisse oscillação no conceito que antes formára sobre essa questão. «Tempora mutantur et nos mutamus in illis.» (*)

O desaccordo que desde muito suscitou-se a respeito de igual questão entre esta capitania e a do Rio de Janeiro, relativamente á linha confinante do Pirahy, reviveu nesse anno entre o governador Lorena e o vice-rei conde de Rezende. Depois de troca de officios entre os dous governos, adoptando-se nelles por antecipado ajuste o estylo de parentesco, em que se lançaram reciprocas recriminações por injusta apreciação do direito que se allegava de ambas as partes, teve a questão o mesmo paradeiro que tiveram outras de identico teor, isto é: «um adiamento indefinido», o melhor meio que descobriu o governo para evadir-se a negocios complicados. (**)

Durante este governo teve effectivo proseguimento

(*) Informação sobre os limites da provincia de São Paulo, pelo secretario Chichorro, pag. 17.

(**) Informação dita, pag. 134.

a demarcação de limites entre o Brasil e o vice-reinado de Buenos-Ayres; e quando ella entrou na parte da linha que defronta com a capitania de São Paulo houve della prompta coadjuvação de gente e abastecimento que se lhe exigiu, depois de reconhecer-se o seu dominio sobre essa secção de linha, mediante a incontroversa demonstração do direito que lhe assistia, exhibida pelo seu governo.(*)

Com quanto houvesse certeza por effeito de experiencias, de se acharem exhaustas as poucas minas de ouro da capitania, descobertas na sua primitiva em diversos pontos, isolados uns dos outros por grandes distancias, o que revela a descontinuidade dos seus veios, todavia, o governador Lorena, fiel ás tradições dos seus antecessores, mostrou pontualidade em ordenar a pesquiza de minas, sempre que lhe constava que n'uma ou n'outra localidade havia indicios significativos da existencia de metaes preciosos; e este encargo era commettido ás autoridades territoriaes, que o faziam a expensas suas, embora algumas carecessem dos conhecimentos technicos. Nenhum descobrimento, que conste, houve nesse sentido, ficando sem fructo a lida e o dispendio suggeridos para esse fim, e as minas antigas continuavam a ser prêa do trabalho furtivo dos garimpeiros e faiscadores, quando deviam ser sujeitas a explorações em regra.

Deve-se a este governador o delineamento mais regular das ruas da capital, adaptando o primitivo mui defeituoso ao maior commodo dos transeuntes; e mandando levantar a planta topographica da cidade pelo coronel de engenheiros Costa Ferreira, ajuntando-lhe o plano para o seu prolongamento, a entregou á camara para servir-lhe de guia na futura edificação. Fez construir a ponte que ainda hoje conserva o seu appellido, e concluir em 1793 a obra do chafariz, ajuntando-lhe para a sua maior alimentação as aguas denominadas

(*) Annaes da provincia de São Pedro, cap. X.

«dos Padres», depois de ser analysada a sua qualidade potavel.

Evitou o governador que se lhe imputasse o exclusivismo pelos melhoramentos materiaes da capital, distribuindo sua attenção pelos do interior da capitania, entendendo, então e como sempre, que o zelo da administração devia fixar-se principalmente nos da viação publica, e que depois de reconhecer-se a sua proficuidade o empenho nesse serviço é a prova mais significativa que um governo póde dar da sua prestança; e além de mandar cuidar na conservação dos caminhos já transitados, dispôz a confecção de uma estrada em substituição do caminho traçado entre Santos e o Cubatão, dando-se-lhe lançamento mais directo e maior elevação ao solo, afim de subtrahir ao trajecto para aquelle porto a navegação do rio Cubatão e a do golfo do Caniú, demorada e perigosa, e ser sem tropeço o seguimento dos carregamentos que de cima da Serra iam para ali. Para levar a effeito esta obra determinou a cobrança da subscripção voluntaria promettida por commerciantes de Santos, dando-se aos seus nomes authenticidade para ser constante o seu zelo pelo bem commum.

Factos ha, porém, no governo de Lorena, que ainda quando o não desmerecessem no conceito dos seus contemporaneos pela ignobil condição de vassallos, e por suas crenças á supposta infallibilidade do poder governamental daquelles tempos de acanhada illustração, não podem ser livres de censura, pelo menos, depois que a tolerancia soltou-se das prisões do arbitrio, e que a manifestação do livre pensar foi partilha da humanidade.

Começára-se a abrir de Cananéa para os campos de Curytiba (1793) um caminho atravez da serra, a bem do transito publico, e do trafico commercial que começava do litoral para cima da Serra; e constando isto ao governador, ordenou que se suspendesse essa obra, por que serviria o caminho de «asylo aos criminosos, e de extravio aos generos sujeitos a direito».

Acossados como sempre foram os indios selvagens

por grupos armados com o nome de bandeiras, que invadiam os sertões quasi sempre com o unico fito de matal-os ou captival-os, pela culpa original de não pertencerem á raça branca, algumas tribus dessa gente assentaram seus alojamentos nas matas que se estendem de Sorocaba á Itapeva, e bastou isso para incutirem medo aos habitantes daquelles logares, pois não consta que da parte dos adventicios houvesse hostilidade alguma. Informado daquella occupação o governador ordenou ao coronel Francisco Fiuza, que, entrando nessas matas com homens armados, fosse atacar os indios de modo a exterminal-os ou a expellil-os dos seus alojamentos para que os moradores daquellas paragens pudessem viver desassombrados.

Por mais de uma vez tenho dito, que, da luta travada com os indios ao começar o tempo em que evitavam com a fuga para as matas o captiveiro, e os rudes trabalhos que lhes impunham os colonos da primitiva, derivam-se o rancoroso odio que tem aos brancos, e a atroz ferocidade que ostentam em seus acommettimentos, sendo improficuos todos quantos meios de brandura se ha cogitado para aplacal-os. Exemplos bem recentes e dolorosos temos nessas hordas que habitam os sertões de Botucatú.

Puzera-se em contribuição forçada, com recommendação de ser expontanea, esta e as demais capitanias do Brazil para a reedificação de uma parte da cidade de Lisboa, que maior estrago soffrera do terremoto de 1755. Passados quarenta annos pediram as camaras da capitania que cessasse essa contribuição, que tão gravosa era ao povo, e mais augmentava a penuria em que se achava desde muito tempo, mostrando authenticamente a sua situação. Em solução, porém, a essas tão justas reclamações publicou-se em 20 de fevereiro de 1796, em forma de bando, na capital e por todas as villas da capitania, a ordem regia em que se mandou que a contribuição perdurasse por mais dez annos, afim de construir-se um Palacio em Lisboa para

habitação da familia real, em substituição ao da Ajuda que cahira em ruinas por incendio.(*)

Com estas e muitas outras contribuições forçadas; com a capitação imposta em Minas sobre o ouro, avaliada em mais de cem arrobas annuaes;(**) com as rendas que auferia por meio do monopolio dos productos de exportação do Brazil, e das mercadorias que importava o paiz, etc., etc. ha alguem que duvide affirmar que era Portugal como uma voragem que engolia com açodamento as riquezas das suas infelizes colonias?

Como palliativos a esses e a immensos outros gravames, que pesaram sobre o Brasil em sua misera condição de colonia, vinham de vez em quando da mãi-patria palavras banaes e alliciadoras que mystificavam os animos escandalisados por suas desregradas exigencias. Taes são, por exemplo, as que foram insinuadas á rainha d. Maria I, e empregadas na carta regia, que serviu de resposta ás camaras da capitania de São Paulo, pedindo modificação no muito oneroso tributo imposto sobre o sal, e na fórma de fazer-se a sua destribuição para a vendagem. Nesta carta assegurou-se por parte da rainha, que, «sem jamais se esquecer de tão leaes vassallos, e de promover-lhes o seu bem e felicidade, daria attenção ás suas reclamações logo que as circumstancias o permittissem»; e para acalmar o azedume desta repulsa autorisou o governador Lorena «a nomear seis cavalleiros, dous de cada uma das ordens militares, tirados dos membros das camaras».(***)

(*) Livro do Registro official do governador Lorena.

(**) Rev. do Inst., tom. 8, pag. 299.

(***) Carta do governador, de 19 de junho de 1797, á camara da villa de Paranaguá.

Reincidencia demonstrativa do estado decadente da Capitania, e suas causas. — A administração do governador Antonio Manoel de Mello.

Para proseguimento desta historia na epocha de que nos occupamos, e na deficiencia de factos que lhe pertençam e que, não sendo os directamente derivados do poder, tragam sua origem do alvedrio popular, nos cingiremos ainda á narrativa dos que são peculiares á administração da metropole relativos á capitania, e dos que foram exclusivamente attribuidos aos seus governadores, no poder discricionario a que se arrogavam, ou como oriundos daquella administração; e assim, trataremos agora da governação de Antonio Manoel de Mello que succedeu a Lorena, transferido para o governo de Minas.

Com a administração entregou Lorena a seu successor a capitania no mesmo pendor para a sua decadencia, como a recebera do seu predecessor, embora nesse tempo não houvesse extravio forçado da sua população para fóra do seu territorio, e antes se presumisse nesta augmento por alguma emigração europea, a despeito da sua condição de colonia, e colonia enfeudada a Portugal, que estava por este encadeada ao seu austero e inepto monopolio.

Ao governador Mello, militar franco e energico, que sem pertencer á eschola terrorista do conde Lipe, era antes discipulo bem aproveitado (abstracção feita á idade) das instrucções de d. Rodrigo de Souza Coutinho, ao depois conde de Linhares, o ministro do gabinete portuguez que o nomeou para o governo de São Paulo, não creou desanimo o lastimoso estado em que achou a capitania, devido sobre tudo á sua condição de colonia, olhada de esguelha pelo governo metropolitano, sujeita aos seus desacertos, e aos desvarios de alguns dos seus governadores. Procurou Mello quanto em si esteve para entravar o seu desandamen-

to para a decadencia, já por propria inspiração, já por applicação das instrucções regulamentares com que o auxiliára o ministro Souza Coutinho, sempre previdente, sempre animado de pensamentos beneficos para o bem do Brasil. Porém o mal era de longa data e ia alto caminho, compellido pelo empirismo empregado em seu tratamento, e exigia especificos energicos, que, posto que já conhecidos algures, para o Brazil ainda não estavam no poder dos tempos.

A estranheza que causou ao governador ao começar sua administração o estanque imposto ao assucar da capitania, cuja exportação era só permittida para Portugal, e em navios daquelle paiz, e que fôra estricta e inscientemente sustentado pelos seus antecessores, por se ignorar que similhante prohibição era em grande detrimento da terra da procedencia do genero restringindo o seu commercio; essa estranheza, digo, foi igual á presteza da deliberação tomada pelo governador, e de seu motuproprio, de franquear ao commercio a exportação da terça parte da safra annua para qualquer porto da America que entrasse em seus calculos; justificando-se da sua contrariedade ao estabelecido monopolio portuguez com a abundancia que houve desse producto em 1797, sem que com esse expediente exhaurisse a porção que devia alimentar o monopolio: e esta providente medida foi em 1798 extensiva aos demais productos agricolas da capitania, sujeitando-os com tudo ás taxas do fisco estabelecido em Santos.

Nos vastos e beneficos planos concebidos pelo ministro Souza Coutinho em todos os ramos da administração publica, e a prol do Brasil que lhe mereceu peculiar attenção, porisso que fôra este paiz sempre desajudado pelos ministerios transactos; nessas concepções patrioticas que formaram o programma de toda a sua vida, e algumas das quaes teve a ventura de vêr realisadas, como é notorio, entrou a de estabelecer nitreiras artificiaes na capitania, como uma das

especialidades industriaes que lhe podia trazer vantagens(*): e com essas vistas veiu em companhia do governador Mello o dr. Francisco Vieira Gulart, e chamou a si o paulista João Manso, o primeiro, profissional em chimica, e o outro, com algumas noções de mineralogia.

Ao dr. Gulart incumbiu o governador a pesquiza de minas de onde se pudessem extrahir productos que servissem para a formação do salitre. Com ellas deparou no Morro Branco pouco distante da villa de Paranahyba; e por suas informações, de poder o morro ser vantajosamente explorado, levantou-se para o processo dessa substancia, em logar adequado e perto do porto de embarque no Tieté, um pequeno estabelecimento sendo encarregado da sua administração o coronel Polycarpo Joaquim de Oliveira, que a isso se prestou de bom grado, empregando nelle o serviço gratuito dos seus escravos. Bem diverso de Martim Lopes, de quem foi victima o coronel Polycarpo, por não soffrer em silencio os seus brutaes desvarios, encontrou Mello neste honrado paulista prestimo e capacidade para entregar-lhe um estabelecimento em que se empenhou ao começar o seu governo, e a que dava grande importancia.

No registro dos actos da administração da capitania nada mais consta ácerca deste estabelecimento afóra a sua creação, e similhante silencio é mais um testemunho de que as emprezas tentadas por um governador eram acintemente despresadas pelo seu successor só porque não partiram da sua concepção.

Não menor solicitude empregou o governador Mello na obra da estrada do Cubatão a Santos, visitando-a algumas vezes, e provendo-a de recursos para seu proseguimento; e para que estes não falhassem, dirigiu-se á camara de Itú lembrando-lhe o meio de occorrer a isso promovendo subscripções no seu districto, visto

(*) J. Manso. A Nitreira Artificial da villa de Santos. Publicada em 1800.

como era este o que maior proveito podia tirar da estrada, por ser nesse tempo o grande centro assucareiro da capitania, e o que mais alimentava o mercado de Santos com frequentes carregamentos desse genero.

Com o louvavel intuito de abrir communicação mais directa e segura com as capitanias de Goyaz e Matto-Grosso, e evitar assim a dilatada navegação fluvial para Cuyabá, e mui perigosa pelas hordas selvagens que habitavam as margens dos rios por onde ella corria mandou o governador o sargento-mór Carlos Arruda a traçar um caminho, que partindo de Piracicaba fosse ter em direitura á margem esquerda do Rio-Grande atravessando os campos de Araraquara; e como entendesse que a viação publica é um dos meios mais recommendaveis para a prosperidade de um paiz, não podendo comprehender que um caminho servisse unicamente de asylo a criminosos, e de extravio aos direitos fiscaes, suspendeu o interdicto, que, por similhante futil receio, fôra lançado no que se começára do litoral para os campos de Corytiba, mandando que progredisse a sua abertura.

O misero estado em que o governador Mello achou as aldêas de indios, formadas nos primeiros tempos da capitania, e de que bastante nos havemos occupado seja nesta historia, seja em artigos soltos, alguns dos quaes acham-se publicados nas Revistas Trimensaes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro (*); vendo-se ahi que os indios foram violenta e atrozmente expellidos dessas aldêas, extorquindo-se as terras concedidas para sua fruição, a titulo de arrendamento que nunca deixou de ser uma illusão, sustentada com fraude pelos que se assenhorearam das terras. O condoimento que causava no povo o revoltante exterminio que se votára a esta desditosa raça, vendo-a proscripta, miseravel e esmolando o pão para seu alimento daquelles mesmos que os haviam despojado das suas terras,

(*) Rev. do Inst., tom. 8, 19 e 24.

tocou os sentimentos generosos do governador, que procurou melhorar sua situação nomeando o coronel José Arouche de Toledo, ao depois tenente-general, director geral dos indios, e incumbindo-o de ir logo instruir-se do estado das aldèas, e indicar medidas que pudessem resalval-as da ruina a que tinham chegado. O relatorio apresentado pelo director geral sobre o exame a que procedeu(*), denunciou de um modo authentico quanto era notorio a respeito do máo tratamento dos indios aldeados, da sua servidão fóra das aldêas, e do defraudamento das suas terras; porém, o mal vinha de muito longe, e reivindicar a causa dos indios com a restituição das terras das aldêas, era provocar a ira de potentados, era entrar em lida de grandes compromettimentos, que governo algum ousaria tomar a si para não vêr-se divorciado da sua estima, que nem o justo e honesto, nem o beneficio aos indios podiam compensar.

Como um meio de rehabilitar-se no conceito, de que ia esmorecendo por haver-se desviado do restabelecimento humanitario e social das aldêas depois de ter conhecimento do seu lastimoso e deploravel estado, em 1800 ordenou o governador Mello a creação da aldêa de São João de Queluz(**), povoando-a com os indios Puris, que, levando vida solta nas matas visinhas, desde muito propendiam para o estado de civilisação; tendo a boa dita de encontrar nas virtudes e abnegação do padre Francisco das Chagas Lima o verdadeiro catechismo, de que deu provas nessa aldêa, e na de Guarapuava, aonde ao depois foi missionario.

Antes da carta regia de 19 de agosto de 1799 nenhuma regularidade havia na exploração das minas de ferro de que era pejado o morro de Araçoiaba no districto de Sorocaba. A's vezes trabalhava-se ali mais com a intuição de deparar-se com ouro ou prata, que

---

(*) Rev. do Inst., tom. 4, pag. 295.
(**) Rev. do Inst., tom. 8, pag. 236.

se dizia em alliagem com o ferro, do que na elaboração deste metal, mais util e mais vantajoso do que outro qualquer, e cuja profusão ali era assás reconhecida.

Não se dera andamento sinão por intervallos ao fabrico do ferro, e nada se sabia das forjas levantadas por Affonso Sardinha em 1590. Tudo era empirismo e confusão, e os poucos operarios que se davam á mineração trabalhavam sem methodo e pelo teor do proprio alvedrio, apenas com o auxilio de um forno biscainho, rusticamente feito em 1770.(*)

As terras lavradias do morro estavam sob a posse de varios agricultores, que por conhecerem sua fertilidade ao tempo do povoamento de Sorocaba as amanhavam circumdando o morro de pequenos estabelecimentos ruraes; e o faziam fraudulentamente, porque esse morro fôra em 1767 concedido por carta de sesmaria, passada pelo governador morgado de Matheus a Domingos Ferreira Pereira, com a condição de ficarem outra vez devolutas as suas terras, uma vez que se não estabelecesse a fabrica de ferro»(**); e disto se deprehende que é irrita e nulla qualquer venda ou transacção que se haja feito daquellas terras posteriormente ao estabelecimento da fabrica.

A effeito da carta regia ácima citada, em maio de 1800 o governador de São Paulo, acompanhado do coronel Candido Xavier de Almeida e Souza, e João Manso dirigiu-se a Araçoiaba para que em sua presença se procedesse á analyse do mineral do morro, e, no caso de conhecer-se de boa qualidade, dispôr que se levantasse a fabrica para a preparação do ferro, conjunctamente com a demarcação do terreno que se lhe devia annexar, e de cujas matas podia-se fazer o carvão que fosse de mister para o seu consumo; e deixando ali João Manso com o cargo de inspector do estabeleci-

(*) Varnhagen, Hist. Ger. do Bras., tom. 2, pag. 359.
(**) Varnhagen, Hist. Ger. do Bras., tom. 2, pag. 357.

mento para dirigil-o em sua construcção, regressou á capital dando conta ao governo da metropole do procedimento que assim tivera.

Posto o estabelecimento em estado de trabalhar, depois de reparado o antigo machinismo e casas que ahi havia, e feito o que era mais urgente para dar-lhe movimento, em 1803 e com antecipada ordem do governo da metropole instaurou-se nelle a fabricação do ferro sob a direcção de João Manso.

A guerra que a Hespanha colligada com a França insidiosamente declarára a Portugal em 1800 attingiu como era de esperar as possessões portuguezas na America; e por parte das tropas hespanholas começaram as hostilidades na fronteira do Rio-Grande do Sul, a pretexto de que o respectivo governo havia intencionalmente mandado reforçar os destacamentos que guarneciam varios pontos da sua extrema com Montevidéo; e em represalia foi atacado e tomado Serro-Largo aos hespanhoes por capitulação, e affrontadas as forças, que ao mando do coronel Quintana penetraram o territorio portuguez pela fronteira do Rio-Pardo, obrigando-as a uma precipitada retirada.

Em taes conjuncturas e com o intuito de livrar o governo de Santa Catharina da sorte que tivera em 1777 cahindo em poder dos hespanhoes, ordenára o vice-rei do Estado, conde da Ponte ao governador Mello, que expedisse para ali o regimento de infanteria de Santos em defensão da ilha do mesmo nome, e para o Rio-Grande pelo caminho de terra as brigadas de cavallaria e artilheria da legião de São Paulo, como em reforço ás tropas daquella capitania que estavam em hostilidades com as de Montevidéo.

Em abril de 1801 preveniu o governador Mello a promptificação do regimento para seguir ao destino que lhe fôra indicado, e ao seu chefe o coronel Mexia Leite ordenou o seu embarque na náo «Medusa» em julho subsequente.

O porto de Paranaguá foi por similhante motivo

posto em estado de defesa, acceitando o governador de São Paulo a offerta dos seus serviços feita pelo sargento-mór Ricardo Carneiro dos Santos, e de reparar a expensas suas as ruinas da fortaleza da barra, assestando baterias nos pontos mais accessiveis da sua enseada. Esse acto de dedicação patriotica foi agradecido pelo governador por carta de 15 de outubro de 1801.

Uma suspensão d'armas havida entre Portugal e Hespanha, que no Brasil teve effeito no fim do anno de 1801, preludiou o tratado de Badajoz, concertado definitivamente entre os Estados belligerantes e por mediação da França, que pôz termo áquella guerra: em consequencia, retirou-se de Santa Catharina o regimento de Santos, susteve-se a marcha para a fronteira do Sul das brigadas de cavallaria e artilheria, e regressou para o Rio o brigue de guerra «Condessa da Ponte», que estacionára em Santos.

O provimento d'agua á capital não podia deixar de merecer a attenção do governador Mello, quando não fosse por sua mingua, ao menos por adopção do exemplo que deixaram seus antecessores, tendo em grande conta o occorrer a esta necessidade imperiosa; e para esse fim augmentou-a com dous conductos, um aberto junto á ponte do Lorena, e outro pouco ácima da do Marechal, dos quaes se derivaria agua para abastecimento do bairro da Luz, aonde nunca chegou.

O espirito militar que se achava quasi arrefecido na capitania desde que ás tropas paulistas, que operaram no Sul na guerra ali terminada em 1777, iam sendo remotas as reminiscencias de victorias por ellas alcançadas, e que só em partilha lhes coubera; esses brios protegidos pelas recordações de um passado em armas que triumpharam, começaram a esmorecer na placidez do governo de Cunha Menezes, e de todo se extinguiriam si este governo fosse mais duradouro; e no de Lorena momentos houve em que se illudiria o que os désse por extinctos; nem diversamente podia acontecer em tempos de justas e torneios, como foram

os desse governo, em que se figuram os arremedos da guerra, e entram em competencia o valor e a destreza.

Talhou no militarismo uma classe que sempre pendeu para preponderar sobre as outras.

Reviveu, porém, o espirito militar no governo de Mello, o que era um obice ao melhoramento material da capitania, e diversamente do que teve origem no regresso das tropas do Sul; então era pelo alardo de victorias obtidas sobre o exercito hespanhol na invasão do Rio-Grande, e nesse governo, pelo animo cavalleiroso do que exercia, por franqueza e camaradagem militar, distrahido por isso de deveres que estavam a seu cargo. Lisongeava o seu amor proprio o apresentar-se com ostentação á frente de numerosa tropa, receber cortezias militares, dar vozes de commando, e deleitar-se com encomios e bajulações de thuriferarios officiaes, que o aprimoravam ao maximo na escala dos generaes, sem que lhes pesasse que por similhante classificação o faziam descer muito na dos bons administradores.

Para goso destas futilidades mandava o governador concentrar na capital os corpos milicianos da capitania com a unica excepção do de Curytiba, para os festejos annuaes do «Corpo de Deus»; ahi detidos por muitos dias, além dos que passavam occupados em ensaios disciplinares nos lugares de suas paradas; subsistindo á propria custa, distrahidos da lavoura e industria, afim de tornar apparatosos aquelles festejos, e mui concorrida a feira que por esse tempo se improvisava na capital, a que melhor cabia a significação de militar do que commercial, porque, em vez de se animar o mercado da feira, obrigatoriamente deslocado da cidade para o campo da Luz, alimentavam-se bailes, concertos de musica e folguedos nesse sitio, em que só eram admittidos os militares e com a infallivel presença do governador, o maior folgazão nesses passa-tempos.

O chamamento dos milicianos á capital, a titulo

de concorrerem para aquella solemnidade religiosa, além de prejudicar a lavoura, o commercio e industria, era pesadamente oneroso aos seus chefes, que, submissos ás ordens do governo, de apresentarem os respectivos corpos com o maior numero possivel de praças, com arreganho militar, e apurado aceio, rivalisavam entre si no cumprimento dessas ordens, com a fatuidade de, a expensas suas, quererem uns primar sobre os outros, apresentando ao governador corpos no esmero que lhes fôra recommendado, o qual, ufanando-se com essa dessisada competencia, desentendia-se dos meios de que para tal se houvera lançado mão.

Tinha o governador por brasão accumular os regimentos e corpos de milicias da capitania de officiaes, mais por bizarrice militar do que por exigencias do serviço. As suas amiudadas propostas eram sem hesitação confirmadas pelo governo da metropole, mas este não curava dos meios de prover a manutenção da tropa, deixando-a por annos viver sem o pagamento dos seus soldos. Denegou-se, emfim, o governo a approvar a proposta do governador, que abrangia todos os corpos, projectada pouco antes da sua exoneração do governo, e como a ultima graça que lhes fazia, entrando logo os propostos em correspondente exercicio.

O annuncio do desaguisado porque passaram estes obrigados a deixarem os postos a que haviam ascendido, pela não acquiescencia da proposta, foi reservado ao governador Horta, successor de Mello, provocando assim dissabores ao iniciar a sua administração, e que tomaram grande corpo no correr della.

Um governo com direito a graves censuras.—Expatriação obrigada da Legião de São Paulo.

E' um dos attributos da historia fazer libellos accusatorios contra os que se desmandam na vida publica, e abusam do poder que lhes fôra confiado. Sem esse castigo moral nenhuma repressão haveria na transposição do justo e do honesto, e nas brutalidades da força em posição.

Antonio José da Franca e Horta succedeu ao governador Mello na administração da capitania, tomando posse na capital em 10 de dezembro de 1802. Passaremos em resenha alguns dos actos do seu governo que prestam-se ao historico desse periodo, e melhor justificam a epigraphe sujeita.

Antes de tomar posse o novo governador, e logo que desembarcou em Santos dirigiu-se por cartas aos officiaes promovidos na ultima proposta do seu predecessor, respondendo ás que elles lhe endereçaram com felicitações pela sua chegada, agradecendo seus cumprimentos com phrases banaes e sediças, e negando-lhes o tratamento dos postos que tinham pela ultima promoção posta em vigor pelo ex-governador; e firmada a sua autoridade abrogou inteiramente essa promoção a pretexto de ainda não ter sido confirmada, obrigando os abatidos a servirem nos postos que haviam deixado e alguns delles, perdendo a classificação de official, voltaram a servir como inferiores.

Estes officiaes reassumiram os postos de que tinham sido destituidos, á medida que ao governo da metropole reclamavam sua reintegração, o qual não hesitou em annuil-a estranhando assim o insolito procedimento do seu delegado.

Ainda mais:

Não se lembrando o governador de outros meios sinão dos nimiamente reprovados para ter conhecimento do modo porque se comportavam nas praticas do ser-

viço militar e civil, e mesmo no interno das familias, sem dispensar o intimo das consciencias, os officiaes e cadetes dos corpos de linha, estabeleceu entre elles uma especie de inquisição como a do «Santo Officio» de horrivel memoria, ordenando em estylo reservado a cada um em particular, que em confidencia lhe désse informações naquelle sentido sobre os demais officiaes e cadetes do seu corpo, na certeza de que quaesquer que ellas fossem ficariam no mais absoluto sigillo, servindo apenas para seu conhecimento pessoal, sem que se prevalescesse dellas para norma das suas attribuições. Exemplos subsequentes depuzeram contra esta asserção, emittida certamente com o intuito de que nenhuma reserva houvesse nas exigidas informações. Foram ellas extensivas aos commandantes dos corpos, cumprindo que o da legião depuzesse o que sabia a respeito do regimento de Santos. Ora, havendo como sóe, reciprocas desintelligencias e rivalidades entre corpos militares que servem no mesmo logar, e dando-se estes inconvenientes entre individuos do mesmo corpo, mórmente na escala de inferior para superior, não se dava ensejo para mutuas recriminações ficando cobertas com o véo do segredo? Não serviriam estes meios ignobeis de fundamento a futuras injustiças da autoridade que os suscitou, adaptando-os á praxe do seu governo?

Estava a capitania no .goso de exportar os productos da sua acanhada lavoura que sobravam do proprio consumo, para qualquer porto do Brasil, cujo trafego lhe fazia melhor feição, e em suas pequenas embarcações costeiras, que outras não havia pelas restricções do miseravel systema colonial portuguez, entrando em seus calculos mesquinhos não animar a construcção em grande de navios para a navegação do oceano; e só eram passados quinze dias da governação de Horta, quando por ordem sua aos commandantes militares das povoações maritimas, e em contrasenso ao que havia disposto o seu predecessor, prohibiu-se

essa exportação a não ser para o porto de Santos, onde se deviam concentrar os carregamentos para serem levados a Portugal nos interesses dos monopolistas que concertaram com o governador de lhes dar esse destino; conhonestando esse acto arbitrario com a sua estulta opinião, de que a permuta de generos por mercadorias, que houvesse entre os dous paizes, redundaria em vantagem da capitania, vindo esta a receber de Portugal importação mais abundante e por preços mais moderados, do que a provinda de outro qualquer porto europeo. Assim, e por um modo deshonesto e reprovado nullificou-se a providente medida do governador Mello, de permittir o livre trafego dos generos de procedencia da capitania; e que por ter essa origem incorreu, bem como outras, na animadversão do seu successor.

Não é fóra de proposito reproduzirmos neste logar as proprias palavras de Aug. St. Hilaire, o historiador viajante de olhar tão certeiro, de apreciações tão sensatas, já por vezes invocado nesta historia, e em referencia a este inqualificavel procedimento do governador Horta:

«Julgo não haver necessidade de dizer que (os paulistas) não puderam livrar se das durezas do systema colonial. O seu commercio mesmo foi entravado por prohibições, que não attingiram as outras partes do Brasil.

«A effeito de uma carta regia promulgada em 1701 prohibiu-se aos paulistas de proverem de viveres e gado aos que se empregavam na exploração das minas da Bahia. Em 1743, ao tempo que os habitantes de Minas-Geraes dependiam da capitania de São Paulo, restringiu-se o numero das suas fabricas de aguardente com o fito de favorecer o commercio de Portugal. Modernamente, emfim, Antonio José da Franca e Horta que em 1802 principiou a governar a capitania de São Paulo, prohibiu a navegação costeira aos habitantes do litoral, e não consentiu que os productos da lavoura

fossem mandados para outro porto sinão para o de Santos. Não é de nossa intenção invectivar contra a probidade de Horta; mas, sinão houve entre elle e os mercadores de Santos algum conluio, deve-se convir, que bastante concorreu esse facto escandaloso para que suspeitas houvessem da possibilidade da sua existencia; facto que prestou se a um fim iniquo e nocivo á capitania, e que hoje seria sem nome»(*).

Este insolito procedimento do governador, que suggeriu grande desanimo nos lavradores paulistas, e obrigou-os ao cultivo das terras de modo a produzir só o que lhes bastasse para a propria manutenção, o que era em grande atrazo da agricultura, que decrescia a olhos vistos, vigorou até 1808, e sua derogação foi um dos primeiros actos do rei João VI logo que chegou ao Brasil, abrindo os seus portos ao commercio das nações amigas; acto que fôra levado a effeito pelo ministro Souza Coutinho, e aconselhado pelo illustrado brasileiro José da Silva Lisboa, ao depois visconde de Cairú. Ainda não era a independencia do Brasil, mas eram os seus preludios, a primeira de-mão para essa grandiosa obra.

Não atinou o governador Horta que, ao iniciar assim a sua administração, proscrevendo actos que se fundavam no bem publico, suscitando odio e desintelligencias entre individuos da mesma classe, e ferindo o pundonor militar com o rebaixamento dos officiaes dos postos a que tinham direito pelos seus serviços, e pela origem legal de onde provinham; um similhante governo que se installa com taes desatinos, como póde inspirar sympathias, e ter jus á boa adhesão dos seus governados?

E que outro conceito sinão o de infiel ao seu mandato podia-se formar de um governador que, respondendo em 14 de janeiro de 1803 ao capitão-mór da villa de São Carlos (hoje cidade de Campinas), que

(*) Aug. St. Hilaire. Hist. de la Prov. de St. Paul, pag. 69.

lastimava a falsidade que houve em dar-se assenso a pretensas arguições que se lhe fizera, defendeu-se do modo seguinte: «E' de pessoas de conhecida verdade e inteireza que eu costumo haver as noções que me são necessarias (note-se que até aquella data tinha Horta trinta e quatro dias de seu governo), e desgraçadamente são essas mesmas as que v. m. me inculca suspeitas a seu respeito, como se me houvesse de merecer alguma attenção a *liga* do povo?»

Que confiança podia infundir um governo que se constituira denunciante do seu predecessor, accusando-o ao governo da metropole de culpas entre as quaes era a *mais grave* a de haver criado «uma secretaria particular, onde se forjavam certos papeis que convinha não serem publicos, e que comsigo levára muitos documentos defraudados da secretaria do governo»; em resultado do que foi ordenado pelo governo portuguez, que pela ouvidoria da capitania se procedesse a uma syndicancia da administração do ex-governador, ao que pontualmente prestou-se o seu accusador, ordenando em maio de 1804 que á ouvidoria se franqueassem todas as estações publicas?

A inculcada austeridade do governador Horta na applicação das suas ordens mancou por mais de uma vez na indulgencia a «empenhos de casa», ou a aquelles que com ella se apadrinhavam. Por disposição sua, como já se disse, foram a deposito em Santos os generos agricolas da capitania para provimento exclusivo dos mercados de Portugal; mas, como se fazia necessario agraciar ao mestre do navio que o trouxera a Santos, mandou em fevereiro de 1803 que a esse mestre fossem entregues cento e trinta alqueires de farinha *tirada* do poder de quem a tivesse, não obstante haver nesse tempo grande escassez deste genero.

Foi uma das velleidades deste governador e por todo o tempo que durou a sua administração, o escrutar no intimo das familias o que ahi se passava, e por qualquer modo que fosse, pondo em voga o antigo

systema inquisitorial, e para o que ouvia facilmente a falsarios intrigantes, e a calumniadores de profissão, fazendo transparente a vida privada, e patentes os infortunios domesticos; e por informações que assim colhia procedia ostensivamente contra os que se dizia infamados, pondo a uns em desterro com apparato correccional, e sob a vigilancia das autoridades territoriaes, no intuito, segundo a sua expressão favorita, de «apurar a moralidade publica e zelar o decoro domestico», e a outros, que dispensava do exterminio por considerações privadas, lançava-lhes em face exprobrações acrimoniosas no meio das pessoas do seu cortejo. Com o proceder que fica escripto deu Horta soltura ao povo a fazerem-lhe epigrammas e facecias indecentes, e a denominal-o de «governo...de mexericos».

Começada a guerra entre a França e Inglaterra, Portugal, não podendo por mais tempo sustentar a sua neutralidade não estipendiada, e sendo impotente para ingerir-se naquella luta gigante, assentou de comprar a dinheiro a isenção da sua interferencia armada, e na deficiencia de havel-o ali recorreu, como era de seu inveterado costume, ao que tinha por seu mais abonado fiador, o Brasil (*).

Em julho de 1804 chamou o governador Horta a palacio os principaes habitantes da capital, e intimando-lhes a necessidade de acceder-se ao empenho reclamado em carta do regente de Portugal afim de remir-se de seus compromissos recorria aos paulistas, que por seus tradicionaes sentimentos generosos e fidelidade ao rei, não hesitariam a uma contribuição voluntaria, que por fim converteu-se em exigencia, incorrendo nas censuras do governador os que se eximiam della. A derrama foi geral na capitania, exigindo-se até o obolo do pobre, e dirigindo-se cartas pedintes ás senhoras viuvas, e ás que tinham maridos

(*) Custou ao Brasil essa pouca duradoura neutralidade seis milhões de cruzados.

ausentes. Não consta o *quantum* da contribuição, porém é provavel que fosse avultado, visto como invocou-se a generosidade dos paulistas.

Convém pôr termo a esta série de factos, expostos com o fim unico de mostrar, que, na misera condição de colonia portugueza nenhuma outra do Brasil passou por mais acerbas emergencias que a de São Paulo impostas a bel-prazer dos mandarins que lhe vinham de Lisboa. Sua continuação excederia os limites desta historia, entretanto que pelos referidos póde-se esboçar a feição caracteristica do governo de que nos occupamos.

Uma infundada pertenção dynastica, que por algum tempo perturbára a côrte portugueza já transferida para o Brasil, deu causa a expatriar-se da capitania para o Rio-Grande do Sul a legião, que tendo antes o titulo de voluntarios reaes, impuzera-se-lhe o de tropas ligeiras de São Paulo, á guiza da nova nomenclatura dada aos corpos militares da Europa.

Afigurára-se á côrte que, destituidos o rei Carlos IV e seu filho Fernando do throno da Hespanha, e captivos de Napoleão I, transpunha-se naturalmente a corôa hespanhola na princeza Carlota, filha daquelle rei e esposa do principe regente de Portugal, ao depois João VI. Burladas foram na Europa as esperanças dessa successão, animada pela decisão das côrtes de Cadiz que tão facil a antolhára entregando-se a manejos diplomaticos, e desilludida pela junta que se instaurára em Sevilha proclamando logo a soberania de Fernando VII; progredindo ao mesmo passo a invasão da peninsula iberica pelas tropas francezas, foi transferida a causa da successão para a America, e determinadamente para o antigo vice-reinado do Rio da Prata por sua contiguidade ao Brasil.

Nem assim teve a pertenção ganho de causa, por complicações supervenientes depois das promessas esperançosas de Liniers, vice-rei de Buenos-Ayres, que o asseverava, mesmo quando ás occultas animava os

movimentos insurreicionaes no vice-reinado; empeiorando a negociação o emissario que os pertendentes (princeza Carlota, e seu sobrinho e genro d. Pedro Carlos) enviaram a Buenos-Ayres (brigadeiro Joaquim Xavier Curado), militar de caracter rispido, de maneiras mais repellentes do que diplomaticas (*).

Entretanto, e para que fosse incisiva e efficaz a negociação da successão, deliberou o principe regente no Brasil, accedendo ás instancias dos pertendentes, mandar collocar na parte mais accessivel da fronteira do Rio-Grande do Sul, que corresponde a Montevidéo, um exercito de observação, em attitude tal que désse pressão aos ajustes que se iam entabolar com Liniers. Da execução que se deu a esse plano sem nome originou-se a expatriação da legião de São Paulo.

Malogradas foram as tentativas dos pertendentes, a princeza, á corôa da Hespanha, e seu sobrinho, á soberania da nação que se devia formar dos Estados do Prata, e para isso concorreram a junta de Sevilha, governando o reino em nome de Fernando VII, e durante o seu captiveiro, e Liniers, que, precedentemente á chegada do emissario portuguez a Buenos-Ayres, se houvera submettido á junta de Sevilha, e porisso o mandou retirar com a declaração de ter sido inopportuna a sua presença tanto por aquella eventualidade, como por inconveniencias do seu trato; seguindo-se ao depois, e animada pelo vice-rei, a insurreição das provincias do Rio da Prata para a sua independencia da mãi-patria, afóra Montevidéo.

Concertado o plano para a mobilisação de um exercito de observação na fronteira do Rio-Grande, afim de actuar no negocio das pertenções da côrte, que se ventilava com o vice-rei do Rio da Prata; e deliberado que a capitania de São Paulo concorreria na composição da força principal desse exercito, de-

(*) Codigo Brasiliense, 19 de agosto de 1808. Reclamacion de d. Carlota Joaquina de Bourbon y de d. Pedro Carlos de Bourbon.

terminou o governo o preenchimento do pessoal da legião, que antes disso e naquelle proposito tinha sido reorganisada, comportando pela sua nova fórma a lotação de mais de duas mil praças; e assim mais, que se procedesse ao respectivo recrutamento pelo teor do decreto de 13 de maio de 1808, dispondo que o individuo que se offerecesse voluntariamente para o serviço militar seria despedido delle no fim de oito annos «sem dependencia de novas ordens, e pela simples apresentação da cautela», de que, na fórma do citado decreto, devia ser munido o voluntario(*).

Ainda estremecem os paulistas com a recordação dessa grande calamidade a que se deu o nome de recrutamento para o completo da legião, e do batalhão de caçadores de Santos, considerados em sua nova organisação; e ao governador Horta, que regressava do Rio de Janeiro, onde fôra render vassallagem á familia real, e pois que estava reconhecido com firme adhesão aos interesses dos pertendentes, e viera assás iniciado no formulario de proceder com vigor nesses interesses, a elle commetteu-se exclusivamente a execução desse recrutamento, que o praticou com inaudito rigorismo d'envolta com clamorosas tropelias e crueldades.

Começou o recrutamento em massa na capital em 1808, e no dia em que a Egreja consagra festejos ao Corpo de Deus, festividade essa em que, como se sabe, ha sempre grande concorrencia de povo. Houve formatura de tropa na praça de palacio, para onde affluiu quasi inteira a população da cidade, e ao terminar-se a solemnidade do dia, correram subitamente de varios pontos do exterior da praça corpos de tropa armada tomando logo as boccas das ruas que vão ter á praça, e postas sentinellas nas entradas das casas do seu recinto para que nenhuma evasão houvesse, foi apprehendido indistinctamente o povo que era alli assistente, e levado tumultuariamente ao quartel dentro de um gran-

(*) Cod. Brasiliense. Alv. de 29 de agosto de 1808.

de circulo de soldados; e ali passou o dia e pernoitou amontoado, sem abrigo e provimento. E o governador que das janellas do palacio presenceava este grande attentado com o desdem da superioridade brutal, rigosijava-se dos bons effeitos daquella obra traçada pelas mãos da iniquidade.

No seguinte dia, e com exclusão dos que por sua idade, estado ou profissão não deviam comportar o serviço militar, o povo tomado na praça do palacio foi inscripto no alistamento dos recrutas da legião, e posto immediatamente em uniforme e na aprendizagem das armas.

Igual leva e com as mesmas atrocidades houve nas povoações do interior, e em toda a parte onde havia moradores, fóra de toda a proporção com o numerico da população da capitania, sem consideração aos seus grandes interesses e a nenhuma das isenções individuaes autorisadas por lei. Os corpos milicianos foram chamados aos centros das suas paradas, e delles se arrancára o numero de praças anteriormente designado, para que estas fossem encorporadas á legião na classe de addidas, que por fim, e com escandaloso abuso de promessas feitas, converteram-se em praças effectivas desse corpo.

Assim foi que para a capitania de São Paulo esvaeceram-se as esperanças, que concebera no intuito do seu bem-estar com a mudança do governo geral para o Brasil. Sugeitou-se uma grande parte da sua população, já bem reduzida, ao serviço militar, sequestrando-a ao trabalho dos campos e das officinas, tirando braços á lavoura e á industria para empregal-os improficuamente em phantasticas aspirações, e por outro lado entregando a sociedade ás brutalidades da força. Quantos erros não encobre uma ambição illegitima afagada pelo poder, fermentada em cabeças desassisadas e levada a effeito pela incuria e servilismo! A realidade dos factos mostra que não é severa esta apreciação.

A deslocação da legião para o Sul começou em

janeiro de 1809, e d'ahi a um anno esteve em sua totalidade aquartelada em Porto-Alegre, capital do Rio-Grande, navegando de Santos para Santa Catharina atochada em pequenas embarcações de commercio, sendo dessa capital transferida para os inhospitos e desabridos campos da fronteira, soffrendo aquella briosa mocidade no vigor dos seus annos, nos generosos lances de imitar os seus maiores os funestos resultados da transição rapida de um clima benigno para os rigores e intemperies das regiões meridionaes; sobrevindo a perda de uma multidão de vidas, e o entanguecimento e uma existencia precaria e morbosa a aquelles que sobreviveram. Além do que, teve esse corpo, ali e em todo o tempo que serviu no exercito pacificador, de lutar com horriveis privações em terra estranha, com marchas consecutivas de centenares de legoas, estorcendo-se nesse tempo sob o brutal e sanhudo despotismo dos generaes que commandavam o exercito (d. Diogo de Souza, ao depois conde do Rio-Pardo, e um dos membros do ultimo ministerio do ex-rei Miguel de Portugal), a divisão (o tenente general Joaquim Xavier Curado, ao depois barão das Duas Barras), a legião (o marechal Gonçalo Antonio da Fonseca e Sá, a quem tirou-se o calabrote para empunhar a espada do commando).

Caprichos da côrte portugueza malogrados no Rio da Prata, e ainda supportados pelo exercito pacificador, de que fazia parte a Legião de São Paulo. — Ha mutação de scena dramatica com os mesmos actores. — Um episodio da historia de Montevidéo. — O Estabelecimento fabril nas minas de ferro de Araçoiaba.

A repulsa á enthronisação subrepticia de uma dynastia nova, que houve da parte dos Estados, que a esse tempo formavam a União do Rio da Prata, ás

proposições diplomaticas no sentido das aspirações dos Bourbons ligados com a casa de Bragança, á soberania desses Estados, e que por fim foram favorecidas por Liniers dando causa ao seu fuzilanento, e pelo vice-rei Elio, que, esposando a esse tempo a causa dos *Chapelones* (*), puzera-se em guarda contra os argentinos tomando residencia em Montevidéo; aquella denegação, á vontade dos pertendentes interceptou o movimento do exercito de observação, obrigando ao seu estacionamento, a primeira divisão, em Bagé, e a segunda, no Ibirapuitan, acampamento de São Diogo.

Com este desengano, e para que ao menos se salvassem as apparencias procurou-se fazer valer, que o unico pensamento que dominou á organisação do exercito, e á sua collocação na fronteira do Rio-Grande foi o de evitar que o contagio da sublevação do Rio da Prata, que já tomava amplas proporções, se communicasse, immediatamente ao Rio-Grande, e depois a São Paulo. Entretanto, para dar-se a este pensamento maior gráo de credulidade, como si porventura alguem houvesse que duvidasse que o primeiro impulso dado ao exercito, organisando-o e movendo-o para a fronteira, fòra o de impòr e sustentar a candidatura dos Bourbons á soberania do Prata, e constando que o Paraguay ainda apresentava alguma hesitação á phase subversiva dos Estados co-irmãos, e alguns indicios havia da parte do governador Velasco e de seus sequazes hespanhoes, de tendencias favoraveis ás pertenções da còrte portugueza, para a respectiva fronteira marchou a legião de São Paulo com o regimento de dragões do Rio-Grande, tomando posição no povo de São Borja, e para a capital do Paraguay fez -se partir um official (o capitão José de Abreu, ao depois marechal de campo e barão do Serro-Largo) afim de entender-se com o governador, assegurando-lhe que

(*) Na epocha da independencia das colonias hespanholas do Rio da Prata tinham este nome os nascidos na Hespanha.

a sua idéa teria em apoio as tropas postadas em São Borja, e em caso urgente, o exercito de observação.

A hesitação do Paraguay em pronunciar-so pela causa commum do Rio da Prata no sentido da sua independencia, e a direcção dada para aquella fronteira a uma parte do exercito, como fica dito, suscitou na junta de Buenos-Ayres desconfianças fundadas na possessão daquelle Estado, obrigando-a a mandar para alli forças que o defendessem de qualquer agressão estranha, e instassem por sua adhesão aos demais Estados da União; e o general Belgrano, commandante dessas forças, pôde conseguir os dous fins, e porisso teve o emissario do exercito de retirar-se do Paraguay furtivamente.

Seguiu-se a isso a marcha retrograda da divisão postada em São Borja ao começar o inverno de 1811, memoravel pela sua rigidez, para tomar quarteis no acampamento de São Diogo; porém, ainda foi desviada desse proposito seguindo em marchas consecutivas a Bagé, acampamento da primeira divisão onde se concentrára o exercito.

A junta de Buenos-Ayres, que presentira desde muito as tergiversações de Elio em Montevidéo, que jogava entre as aspirações da côrte portugueza e o pronunciamento dos Estados da Prata, rompeu emfim com o vice-rei, mandando tropas a occupar o territorio de Montevidéo, cuja população reclamava a sua emancipação, e pondo em sitio a praça deste nome, dirigido pelo general Rondeau; e nesta situação Elio entendendo-se com a princeza Carlota, que se esforçava em agenciar quanto fosse em prol de suas pertenções (*), conseguiu que o exercito estacionado no Rio-Grande fizesse evacuar do interior de Montevidéo as tropas de Buenos-Ayres que o occupavam, e levantar o sitio da praça.

Ordens por esse teor foram dadas ao comman-

(*) Varnhagen. Hist. Ger. de Bras., II, 327.

dante do exercito, que retirára-se do povo de São Borja com a divisão, que esteve de observação aos movimentos do Paraguay: e declinando do seu primeiro plano fez dirigir a divisão para Bagé, como já se disse. Com as duas divisões formou-se o Exercito Pacificador, nome que melhor lhe quadrava por ir pôr-se de permeio a dissensões politicas em Montevidéo, pois que se haviam desvanecido as preoccupações de implantar no Rio da Prata a soberania dos Bourbons.

Com o exercito marchou a legião de São Paulo para o territorio de Montevidéo, na maior força do inverno de 1811 (*), supportando inauditas privações, e atravez de mil difficuldades, que só podiam ser vencidas pela sua longanimidade. Foi caminho avante coberta de farrapos, sem volver o rosto, mas tropega e com passos mal seguros por fome e miseria.

Ao tempo que o exercito pacificador, entrando no teritorio de Montevidéo, compellia á retirada as tropas de Buenos-Ayres disseminadas no interior, o general Rondeau levantava o sitio da praça, o que se attribuiu não á impossibilidade de affrontar ao exercito, mas a effeito das ordens que tivera da junta de Buenos-Ayres, para onde retirou-se. Entretanto é certo que Elio, conhecendo o alcance que teria a occupação da praça pelo exercito estando já em Maldonado, conseguiu persuadir á junta, que mais convinha a Montevidéo adherir á causa do movimento geral para a independencia do Prata, do que abandonar o Estado á discrição do exercito portuguez: e com este intuito foi levantado o sitio, ordenando a junta a Artigas que, fazendo juncção de todas as forças argentinas, se empenhasse em embaraçar o progresso do exercito no territorio de Montevidéo. E para que houvesse uma côr honesta a este encadeamento de mystificações, sem que de tal curasse nem o governo portuguez, nem o

(*) São Leopoldo, Annaes, pag. 292.

commandante do exercito, que se achava no theatro onde ellas se deram, a este dirigiu-se Elio, sempre receoso da posição ameaçadora que tomára o exercito, significando-lhe que, como fôra o seu fim, entrando no territorio do Estado em execução das ordens do seu governo, pacificar o seu interior e levantar o sitio da praça, e pois que este já não existia retirando-se os sitiantes para o Uruguay com as forças do interior que lhe eram subordinadas, consequente era e não devia declinar desse proposito dispondo, que o exercito fosse em seu seguimento, e se esforçasse em destruil-as completamente, para que não mais pudessem actuar sobre os destinos do paiz; e o general portuguez, sem penetrar nisto um jogo de embustes, lá foi caminho do Uruguay com um exercito estropeado, quasi nú e sem vitualhas, e com a obediencia passiva que mais parecia ignobil servilismo (*).

Era sorte do exercito pacificador fazer as suas marchas de campanha pelo inverno, e o de 1812 ainda passou-o em movimento para o Uruguay. Ainda bem que a legião de S. Paulo, por dous annos de residencia naquella região, já se tinha affeito e era sobranceira aos seus rigores. O exercito suspendeu suas marchas em Paisandú, e alli soube-se que as tropas portenhas invasoras em Montevidéo se haviam dirigido para o Salto, afim de mais facilmente transporem o Uruguay no caso de serem acossadas até alli.

A este tempo entabolavam-se em Buenos-Ayres os preliminares do celebre armisticio Rademaker, e ao exercito vieram parlamentares annunciando essa negociação. Não obstante, marchou a legião de São Paulo com cavallaria do Rio-Grande para o Salto, a obstar a passagem em retirada das tropas portenhas para a margem direita do rio; sabido o que, precipitaram ellas a sua transposição despresando a propria cavalhada.

(*) Machado d'Oliveira: Questão de limites entre o Brasil e Montevidéo, Rev. do Inst., XVI, pag. 401.

Desse destacamento mandaram-se forças de cavallaria a atacar os alojamentos dos indios Charruas e Minoanos, que residiam desacautelados no Daiman, e na boa fé de que não seriam vexados, porque assim lhes asseveráro o commandante do destacamento (Joaquim d'Oliveira Alvares, ao depois tenente-general e ministro d'estado), em sua passagem pelas terras desses indios. Foi grande a mão baixa que nelles se fez, preando-se as mulheres e crianças, que foram postas em captiveiro (*).

Com a intimação feita officialmente ao commandante do exercito, do absurdo armisticio illimitado, que negociou-se com a junta de Buenos-Ayres sob a mediação ingleza, retrocedeu o exercito para a fronteira do Rio Grande, e em Cunhaperú separaram-se as divisões; dirigindo-se a primeira ao seu antigo quartel em Bagé, e a segunda, composta da legião de São Paulo, e do regimento de dragões, por serem despedidos os corpos milicianos do Rio-Grande (**), fez campo no passo da Conceição do Ibicuhy, onde esteve o resto do anno de 1812, sempre esmagada sob o infenso commando do general Curado.

O desconceito em que era tido o governo de Horta um pouco declinou depois que o governador retirára-se do cortejo feito á familia real á sua chegada ao Rio de Janeiro, ou porque tivera insinuações para cohibir seus descomedimentos administrativos, tão vulgarisados para que não fossem conhecidos pelo governo geral, ou por que temesse a sua demissão com a approximação

(*) S. Leop., Ann. pag. 298.

(**) Foi e será sempre estigmatisada a deslealdade e atroz ingratidão do commandante do exercito, que, despedindo em Cunhaperú os corpos de cavallaria miliciana do Rio-Grande, que importantes serviços haviam prestado no mesmo exercito, foram deixados em campo aberto sem lhes prover de dinheiro á conta de dous annos dos seus soldos atrazados, sem vitualhas, e, o que é mais, sem lhes dar cavalgaduras para seu transporte; a homens que não davam um passo siquer sem ser a cavallo, e que tinham horror ao castigo, quando presos, que os obrigava a marchar a pé. Invoco o testemunho dos contemporaneos.

desse governo, a quem sem delonga chegariam queixas, que n'outro tempo attingiam a antiga metropole, inanidas ou desvirtuadas, si é que não naufragavam no atravessar do mar. Todavia, conservou sempre a mesma philaucia na apreciação do seu governo pessoal, o que mais claro se vê no altivo procedimento que teve com a camara de Corytiba, a qual dirigindo ao governador uma representação endereçada ao principe regente, em que lhe pedia a continuação da sua administração, conhecendo o desfavor publico em que tinha cahido, repellindo-a expressára-se, que observava em seu contexto ter maior parte a lisonja do que a justiça, não sendo por seu effeito, mas sim pelos proprios serviços e merito, e pela estima que merecera ao principe regente, que este o conservaria no governo se assim lhe aprouvesse, e que em summa «não queria confundir-se com alguns outros governadores, que para se conservarem nos seus governos tem extorquido similhantes attestações das camaras da capitania, que as passaram mais pelo temor de desagradal-os do que pela justiça de taes pedidos» (*).

Terminamos aqui o ingrato trabalho de commemorar alguns dos feitos da sinistra administração do governador Horta, que, embora o que fica exposto, pede a imparcialidade que diga que, ao menos foi de «mãos limpas».

Findou este governo em 1811, e não existindo no archivo da secretaria da presidencia, a que temos recorrido para a narrativa dos factos em que foi omissa a historia da provincia, o livro de registro dos actos subsequentes ao regresso do governador, do cortejo á familia real, quando retirou-se de Lisboa, e não podendo referirmo-nos ao proprio testemunho que nos coadjuvou na primeira epocha desse governo, ou a tradições contemporaneas, porque então nos achavamos

(*) Consta esta resposta do registro da correspondencia official attribuida ao governador Horta.

ao serviço do exercito do Sul, entregamos a sua apreciação aos que porventura possam ter esses recursos.

Comquanto se depare nesta historia com algumas noticias isoladas sobre as minas de ferro do grupo de montanhas da Araçoiaba, e suas primeiras explorações anteriores ao restabelecimento da respectiva fabrica, feito em ponto grande e com solidez em 1810, pareceu-nos conveniente, posto que alterando a ordem chronologica dos successos, de escrever succintamente neste logar o historico dessa fabrica, recapitulando de quanto se ha escripto ácerca deste importante estabelecimento desde o descobrimento das suas minas até 1820, em que foi visitado por Aug. St. Hilaire, o illustrado francez que viajou no Brasil com lealdade, com a consciencia desempedecida de preconceitos e com o sisudo criterio da sua vasta erudição.

O morro, a que modernamente se dá o nome de Araçoiaba, derivado de *Araçoeyambaê* que lhe deram os indios, e que na primitiva era conhecido com o de Biraçoiava, e pelos portuguezes, Morro do Ferro, sendo unicamente reconhecida a sua fórma exterior e circumjacencias pelos primeiros colonos, que partindo de Piratininga, penetraram as matas que ficavam ao poente do paiz tomado aos Guayanás, essa formação da natureza de uma bella miragem foi em 1590 visitada, e, no alcance desse tempo, geologicamente analysada pelo paulista Affonso Sardinha, que possuia algumas noções montanisticas, ao fazer ali escavações na procura de metaes mais preciosos, no seu entender; conhecendo, porém, que no morro era o ferro o metal dominante, construiu no principio do seculo XVII um forno catalão para a preparação do ferro, que lhe serviu por alguns annos, cedendo ao depois a d. Francisco de Souza, administrador geral das minas, que indo á Araçoiaba dispôz que se levantasse ali uma povoação, a que se deu o nome de Itapebuçú, mudada ao depois para o local em que está hoje a cidade de Sorocaba, por melhor posição e prestança para centro de população.

O que ali se fez para a preparação do ferro foi tão fragil, que em 1629 já se achava completamente abandonado por sua ruina, concorrendo para isso a transferencia daquella povoação, que apenas tinha tres annos de duração. Depois desses preliminares houveram outros, que convém expol-os para achegas na historia da fabrica do Ipanema.

Reconhecida que fosse a pobreza das minas de ouro de Jaraguá, Apiahy e Paranapanema, prenderam as attenções as de ferro de Araçoiaba, e mais, porque se dizia haverem ali indicios de vieiros de prata; e para a pesquiza desta especialidade foi em 1681 mandado pelo governo fr. Pedro de Souza inculcado como sabedor da materia. Nada se sabe do resultado desse exame, mas é certo que Martim Garcia Lombria, tendo por socios a Manoel Fernandes de Abreu e Jacintho Moreira Cabral, levantára junto ao morro uma officina de fabricar ferro, pelo que tivera agradecimentos do governo, que mais eram mordeduras do que beijos, como mais abaixo se verá.

Ao correr dos annos de 1766 a 1770 construiu-se um forno biscainho em Araçoiaba, substituindo o de Sardinha, do qual só vestigios haviam; e porque fossem ao proprietario precarios os seus lucros, pois que o governo em vez de dar animação á empreza, a entravava de onus e restricções, por ficar fóra do systema monopolista que Portugal impunha ao Brasil, e não pudesse ella manter-se dos proprios recursos, foi limitada a sua duração e por fim cahiu em decadencia.

Nas vistas providenciaes do conde de Linhares sobre o Brasil (e sobravam-lhe razões para isso) entrou o plano da exploração systematica das minas de ferro do Araçoiaba, e com esse fim dispòz em 1800, que João Manso, paulista nascido em Itú, e em presença do governador Mello examinasse as jazidas do mineral do morro, calculasse sua capacidade e analysasse a qualidade do metal; e o governador para ali se dirigiu, levando comsigo, além de Manso, o coronel Candido

Xavier de Almeida. Dos estudos feitos nas localidades, do que se deu informações ao governo, resultou o despreso *in limine* das antigas obras do estabelecimento como improficuas, para serem substituidas por outras que preenchessem satisfatoriamente o seu mister, e fossem adaptadas ao systema moderno já experimentado em outros paizes. Mereceu approvação do governo a proposta reforma da fabrica, formulada pelo coronel Martim Francisco Ribeiro d'Andrada, que, investido do cargo de inspector das minas e bosques da capitania visitou o morro em 1803, e dessa visita formou baze para a confecção de uma Memoria que se acha publicada (*).

Assentando o governo no programma que reformava o estabelecimento do Ipanema, uma das primeiras idéas concebidas em beneficio do Brasil pelo ministro conde de Linhares, ao firmar-se o governo geral no Rio de Janeiro, foi a de dar acção a esse estabelecimento, pondo em regular andamento a exploração das minas do Araçoiaba, de conformidade com o plano proposto pelo inspector das minas e bosques, e chamando para o Brasil, entre outros estrangeiros admittidos ao serviço portuguez, o capitão d'engenheiros Frederico Varnhagen (ao depois tenente-coronel), que, tendo chegado ao Rio e recebido instrucções do ministro, veiu conjuntamente com o coronel Martim Francisco a São Paulo, e desta cidade dirigiram-se ambos a Araçoiaba em abril de 1810, acompanhando-os o governador Horta; e de suas investigações, que duraram tres semanas, deu conta Varnhagen ao ministro, apresentando-lhe em maio seguinte o plano que lhe pareceu mais convir á reforma da fabrica.

Assentido o governo no programma que reformava o estabelecimento do Ipanema, no qual se comprehendia a criação de uma associação economica com gerencia administrativa sobre a applicação dos seus fun-

(*) Rev. do Inst., tom. 18, pag. 235.

dos, por conta dos quaes deviam correr as despezas da fabrica, foi ella instituida sob o fundamento de sessenta acções, cada uma na importancia de oitocentos mil réis, e começou a funccionar em 1811. Das acções foram tomadas quarenta e sete por particulares, e treze pelo principe regente, que adjudicou-lhes maior valor do que o estipulado no contracto, entregando para o mencionado estabelecimento oitenta e cinco escravos dos que foram dos jesuitas; e para a construcção do machinismo e pol-o em andamento mandou-se vir da Suecia por engajamento uma companhia de operarios com director, que em 1811 deu principio á obra cavando um reservatorio para juncção das aguas do Ipanema e outras, construindo quatro fornos catalães, abrindo caminhos e fazendo todos os mais accessorios para dar movimento á fabrica.

O director sueco Hedberg esteve á testa do estabelecimento até 1815, e em todo o tempo da sua administração os membros da associação de fundos nada receberam das suas acções. Este homem foi accusado de peculato na gestão dos dinheiros do estabelecimento, de incapacidade para dirigir os seus trabalhos technicos, e de haver feito despezas inuteis e improductivas, pelo que, e a despeito da sua ascendencia no animo do conde de Linhares, de quem sabia habilmente occultar tudo quanto se lhe imputava, foi despedido do estabelecimento.

Para substituir Hedberg foi nomeado o tenente-coronel (ao depois coronel) Frederico Varnhagen que manifestou logo a sua proficiencia com a construcção de fornos altos, destruindo com a applicação da sua obra os prejuizos que até ali prevaleceram, de que contra elles eram o vicio atmospherico da região, e a falta de pedra, que empregada no revestimento interno do forno expandisse para o foco a acção do fogo necessario para a fusão do mineral, ou a não absorvesse. O novo director dando-se ao trabalho da reforma moral e material do estabelecimento no pé que compre-

hendera mais regular e vantajoso, concluindo-a em dous annos, foi só com o bom resultado que d'ahi se derivou que justificou-se das intrigas e arguições suscitadas por emulos que eram insuflados pelo seu predecessor a aquelles que estavam nos seus ignobeis interesses.

As primeiras peças de ferro vasadas na fabrica foram tres cruzes, sendo a maior collocada no alto do morro que lhe fica mais proximo, e uma dellas na estrada que d'ali vae ter a Sorocaba, ainda existindo em bom estado em 1845. O estabelecimento possuia desde a sua primitiva um perimetro de sete legoas de terras em seu circuito, quasi todo coberto de mato, e que ao depois lhe foi dado por carta de sesmaria, a despeito do que houveram ali intrusos, que attrahidos pela uberdade do sólo lavradio, procuraram estabelecer-se disputando por muito tempo a sua posse, e para a sua desistencia houve intervenção do poder judiciario, e para que por esse modo não fosse mais perturbado o estabelecimento, ordenou o governo em 13 de março de 1819, que se procedesse aos necessarios exames e demarcações das matas que ainda se lhe deviam annexar, preterindo-se das que não servissem para alimentar a fabrica, e que, concluindo-se a escolha, se verificasse a compra. Assim se fez, e o terreno adquirido em 1811 limitou-se a pouco menos de tres quartos de legoa quadrada, o que não podia satisfazer ás necessidades do estabelecimento, resentindo-se de dia em dia da louca devastação das suas matas, e da intrusão furtiva de adventicios, cujos estragos cresciam na razão da contigencia da sua estada ali.

Varnhagen deu sua demissão de director do estabelecimento, e retirou-se em 1822 á Europa com licença illimitada, deixando não só a fabrica sufficientemente montada e em effectivo andamento com um saldo de doze contos de réis, como gratas recordações dos que sabiam apreciar sua capacidade profissional e urbanidade. Em seguida houve ali uma série de ad-

ministradores, uns de nomeação do governo, outros substituindo a estes em suas vacancias, dos quaes mencionaremos alguns daquelles.

Emquanto aguardava-se o substituto de Varnhagen, o capitão d'engenheiros Rufino José Felizardo, houve o interinado do almoxarife da fabrica, que nesta condição reassumiu o cargo, dando-se a sua vacancia entre a retirada do capitão Rufino (1822) e a posse do director nomeado, o coronel João Florencio Perêa.

Conhecida a impericia do coronel Perêa na administração do estabelecimento, foi-lhe imposto como corrector o major Bloen, removido de Pernambuco para o serviço do estabelecimento por aptidão que se lhe attribuia, e elle a inculcava exaggeradamente. Nesta administração teve começo a decadencia da fabrica, e o máo logro de uma *campanha* (*), unica que houve nessa epocha, deu causa á sua demissão, tendo por substituto o major Bloen. Com esta substituição provava em sua justificação o ex-director, que os desacertos que lhe eram attribuidos pelo desastre da campanha e a sua incurial administração, que concorrera para a ruina do machinismo, provinham de compromissos gratuitos em que o envolvera aquelle que lhe haviam dado por assessor, visando que por esse modo lhe recahiria a administração exclusiva do estabelecimento.

A Perêa succedeu Bloen como fôra previsto e era consequencia das suas machinações, e sua administração exclusiva principiou em 1835, tomando por primeiro trabalho informar ao governo ácerca do estado da fabrica, conhecendo-se por esse meio que «a maior parte das suas machinas estavam arruinadas e sem concerto, e das dezesete rodas hydraulicas sómente havia uma que podia servir por algum tempo».

(*) Dá-se o nome de «campanha» na fabrica do Ipanema, e n'outras do mesmo serviço ao complexo dos trabalhos e preparativos para a fusão do ferro e sua vasadura nos moldes, talvez porque para esta operação exige-se a cooperação do pessoal da fabrica.

Esmerado se mostrou o major Bloen na direcção dos primeiros trabalhos da fabrica como sóe acontecer, apresentando alguns artefactos para o trafico, e prestando-se pontualmente a encommendas, de que proveiu algum rendimento; similhantes preludios embairam a presidencia da provincia, e a levaram a dar agradecimentos ao director, com o que procurou apagar no publico a impressão suscitada por accusações que perante a camara dos deputados foram-lhe feitas.

O impulso generoso e benefico que o regente Feijó quiz dar ao estabelecimento conhecendo-o mui de perto, e sabendo a que proporções o podia elevar, tirando-o do acintoso desdem que até ali só merecera do governo, suggeriu-lhe a medida de mandar á Europa a contractar artifices, e fazer acquisição de peças que servissem para o machinismo da fabrica em reparo das que se achavam arruinadas, e outros objectos que só ali podia haver-se; e neste empenho dispòz o governo que o proprio director do estabelecimento, major Bloen, que reclamára a recomposição da fabrica, se incumbisse dessa commissão.

Partiu o director para a Europa, e regressando d'ali com parte dos artistas engajados, encontrou no Brasil a mudança da sua administração geral, e com ella essa insolita e velha usança, que as mais das vezes move o alto funccionalismo em posição a despresar as concepções do predecessor.

O ministro da corôa Clemente Pereira não querendo comprehender a extrema necessidade que havia de instaurar-se os bons tempos do estabelecimento do Ipanema, e vendo em Bloen um commissionado do governo transacto, com o qual estava em perfeito antagonismo, recebeu-o desattenciosamente, emprasou-o para a camara dos deputados (*), e nada providenciou para que fossem destruidos os embaraços, que a alfandega da côrte oppunha á sahida dos objectos

(*) Relatorio do ministro da guerra em 1843.

que pertenciam á fabrica e trazidos da Europa pelo director.

Na ausencia do director Bloen, que durou anno e meio, ficou o estabelecimento a cargo do major Francisco Antonio de Oliveira (hoje coronel e administrador da penitenciaria da capital), que desempenhou esse serviço satisfatoriamente, sabendo tirar fructo em proveito do Estado, que não podia ser esperado de um estabelecimento que declinava para a ruina.

O director proprietario, affrontando custosamente ás contrariedades que lhe oppunha a má vontade do ministro da guerra, regressou ao estabelecimento, e remontou-o com o pessoal e machinismo que agenciára na Europa, e no ponto que lhe pareceu corresponder aos seus calculos quando não hyperbolisados, aos menos impraticaveis naquella actualidade da fabrica. A pratica assim o demonstrou, pois que os resultados não corresponderam á espectativa publica sophismada pelas exaggerações do director, e nem ao minimo da escala dos rendimentos da fabrica que se aguardava depois da sua tão dispendiosa reformação. Ante o que teve de recuar o major Bloen, simulando acceitar de bom grado a destituição de director do estabelecimento do Ipanema que lhe fulminára o governo imperial, e onde pretendia acabar a existencia, o que deu a conhecer mandando construir o seu tumulo em paragem fronteira ao laboratorio da fabrica.

A administração de Bloen foi pelo governo imperial, e perante a assembléa geral taxada de deleixo quanto ao mencionado estabelecimento, e de infidelidade ácerca do seu movimento economico. (*)

Succedeu a Bloen na directoria do Ipanema o tenente-coronel Antonio Manoel de Mello (hoje coronel, e por duas vezes ministro da corôa), que acceitou-a mais por obediencia militar do que por convicção de que, a despeito das suas habilitações technicas, zelo e

(*) Relat. cit.

honestidade preencheria os fins que se teve em vistas com a sua nomeação, porisso que, pelo estado deteriorado da fabrica devia-se desesperar do seu futuro. A' verificação deste prognostico, e vendo com dó o crescimento de seus filhos sem que seus corações fossem alinhados, o director pediu e obteve a dispensa desse cargo.

A irregularidade que houve na fundição do estabelecimento do Ipanema, a impericia que o aggravou por vezes, ora por experimento, ora por vacillação no melhor methodo a seguir nos seus trabalhos, e o despreso que lhe irrogava o governo, sabedor ou não das vantagens que d'ahi se podiam derivar, inspiravam desanimo naquelles de cujas habilitações e zelo pelo bem do paiz suggeriam esperanças de utilidade ao estabelecimento.

Foi por essa torrente de eventos sinistros, e pelo desconceito que corria no mercado ácerca da mão d'obra da fabrica e da denegação da sua procura, que o director Mello retirou-se d'ali, e mais cinco militares que lhe succederam na direcção do estabelecimento, tomando a si esse encargo antes por não faltar ao preceito disciplinar da profissão do que por consciencia de que de sua administração resultasse outro proveito, que não o de pôr em vigia os destroços do estabelecimento, e tratar da subsistencia do inutil pessoal que ainda ali vegeta.

Hoje (1863) é o estabelecimento mais um oneroso encargo ao Estado por depender exclusivamente de suas subvenções, quando, si as cousas patrias merecessem attenções, devia ser um inexgotavel manancial de riquezas pela incalculavel possança das suas minas de ferro, pela exuberancia da força vegetativa das terras circumjacentes ao morro, e pela pingue pastagem que offerecem os campos que lhe ficam visinhos (*).

(*) Aug. St. Hilaire. Voyage dans la Prov. de St. Paul, I, 381. Varnhagen, Hist. Ger. do Bras., II, 357. Industrial Paulistano, I, 71. A letra E do Appendice.

A governação da capitania desde Horta até o Conde de Palma. — Um Governo que se distingue de outros. — A Capitania com o titulo da Provincia, deduzido da elevação do Brasil a Reino. — A Campanha de 1816 no Sul. — Novas forças que vão da Provincia de São Paulo para a Guerra do Sul. — Desfecho pouco airoso da Guerra do Sul e retirada das Tropas paulistas.

Emquanto o governador Horta no Rio de Janeiro cortejava a familia real, que deixára Portugal pelo Brasil á approximação do exercito francez em sua invasão naquelle reino, e o governador ouvia advertencias para melhorar e ser mais toleravel a sua administração em vez de fazel-o retirar della, como se fazia necessario, e o exigia a situação si se attentasse para os queixumes dos paulistas e o seu bem-estar, nesse intervallo houve o governo substitutivo denominado «triumvirato» formado do bispo diocesano, ouvidor da comarca e do militar mais graduado, que então era o intendente da marinha de Santos. Emquanto este governo delegado esteve em posição nada mais fez do que exhibir a sua triplice pessoalidade, sem se afastar um apice ao menos das regras pautadas pela vontade do seu constituinte, por mais que conhecesse quanto nocivas eram.

Já fica dito que Horta, reassumindo o governo da capitania, mostrára-se quando não corrigido, ao menos, e a favor do interesse de continuar na administração, modificado na obstinação dos erros que precedentemente commettera. Pouco tempo esteve no governo depois que regressou da côrte, e em novembro de 1811 foi substituido pelo marquez de Alegrete, general da eschola do conde Lipe, mas, por consciencia ou por sua compleição frouxa e doentia, sem as brutezas dos seus doutrinarios, sem os desvarios dessa instituição.

Não se depara no archivo da secretaria do governo com os livros de registro dos actos attribuidos a esta

administração; e a ter-se de proposito omittido esse registro, póde-se d'ahi deduzir, que essa administração fôra segredada entre o circulo *maçonico*, que constantemente obsidiava o leito de dores sempre occupado pelo governador, vedando dess'arte a intrusão de *profanos:* e si é licito admittir inferencias, podemos avançar sob o proprio testemunho, e tomando por norma o governo do marquez na provincia de São Pedro, que nesta, assim como naquella, houvera de resentir-se desse estado de perenne inactividade por seus soffrimentos physicos, que lhe vedavam a acção directa na sua administração, indo ella á discrição e a impulsos de agentes de duvidosa inteireza e honestidade, e como cumplice involuntario dos desmandos que partiram da sua governação.

Retirado o marquez de Alegrete do governo da capitania de São Paulo em 1814 por ter sido nomeado governador da de São Pedro, ainda recahiu a administração no triumvirato precedente, que, preterindo-se das praticas normaes inherentes a taes governos, e ostentando provas em demonstração de que não era governo de occasião, e nem sem prestigio por sua qualidade de interino, reunio e fez marchar para o Sul um reforço de seiscentas praças para a legião de São Paulo, ao mando do coronel Lazaro José Gonçalves (ao depois tenente general), levando a seu serviço alguns officiaes do corpo de caçadores de Santos, aos quaes addicionou varios alferes de provimento do triumvirato com o titulo de interinos, que não obtiveram approvação regia.

Depois de andar a administração da capitania como deslocada da sua legitima posição, já alheada abusivamente em mãos irresponsaveis, já oscillando nos vai-vens das interinidades, recahiu ella em d. Francisco de Assis Mascarenhas, conde de Palma e ao depois marquez do mesmo titulo, que a exerceu placida e conscienciosamente, e amestrado como estava pelas de Minas e Goyaz.

Foi um dos seus primeiros actos promover a colonisação na capitania, como uma das suas mais instantes necessidades, attenta a diminuição da população com as repetidas levas para o Sul. Nesse tão louvavel proposito predispôz que algumas das familias açoristas, que para esse fim lhe foram dirigidas pelo governo, habitasssem temporariamente Jundiahy e Campinas como para se adaptarem ao clima da sua nova patria; e em seguida mandou formar em Casa-Branca, e nas terras de uma sesmaria contendo uma legoa de frente e duas de fundo, pertencente ao coronel José Vaz de Carvalho, que generosamente cedeu de sua propriedade, um nucleo de colonisação, começando-o com vinte daquellas familias, cujo numero foi posteriormente augmentado, provendo-se a cada individuo uma diaria para sua manutenção emquanto para ella não tivessem recursos, e recommendando os colonos aos cuidados dos mais abastados fazendeiros de Mogy-mirim (*).

Deste nucleo segregaram-se quatro familias numerosas, que foram se estabelecer no Cubatão de Santos em terras da antiga fazenda que pertencera aos jesuitas, e hoje acham-se confundidas na massa da população daquelle districto.

Não menos zeloso e previdente foi o governador conde de Palma em sustentar a condição livre dos indios, e promover por meios pacificos e persuasivos a vida social a aquelles que habitando as margens do Paraná eram infensos á navegação deste rio. Factos havidos nas capitanias de Minas e Goyaz, que precedentemente governara, e as deploraveis tradições referidas á de São Paulo, que a respeito dessa infeliz raça chegaram ao seu conhecimento, o fizeram vigilante e próvido sobre a sua sorte.

Em 1815 constára ao governador que o padre Manoel Ferraz de S. Paio, navegando o Paraná com

(*) Letra U do Appendice.

o proposito de fallar aos Cayapós, e inspirar-lhes a resolução de deixarem as matas, encontrára-se com um cacique dessa gente, consentindo este que lhe fosse ministrado o baptismo, e promettendo que para esse fim em breve lhe apresentaria a muitos individuos da sua tribu. Bastante folgou o governador com essa noticia, e dirigindo agradecimentos ao padre Ferraz, pediu-lhe instantemente que proseguisse em tão louvavel empenho, na certeza de que teria de sua parte todo o auxilio que lhe fosse de mister.

As tendencias manifestadas pelos Cayapós de quererem associar-se com os brancos, despertaram as velhas usanças humanitarias no governador a favorecer os indios por todo o modo que lhe fosse possivel; e considerando que a communicação que com elles houvesse concorreria bastante para chamal-os á civilisação, recommendou aos habitantes da margem esquerda do Paraná fronteira ás terras desses indios, e ás autoridades da povoação de Araraquara, que os admittissem á sua pratica, recebendo em permuta os generos da sua industria e sempre com trato fiel; lembrando que, ao encontrar pessoa idonea, que reunisse as qualidades de sertanista, para o commando daquella povoação, a encarregaria tambem da exploração regular do vasto territorio interposto aos rios Paraná, Tieté e Mogyguassú, por se lhe affirmar que era uma importante acquisição para a industria agricola e pastoril.

Informado o governador que a licença concedida a José de Goes Pacheco e a José Velho Moreira para irem aos alojamentos dos indios do Paraná a pretexto de commerciarem com elles, era com o proposito altamente criminoso de receberem em troca das mercadorias, que deviam apresentar aos indios, os filhos destes sob promessas de dar-lhes educação na qualidade de livres, mas com o fim latente e aleivoso de vendel-os como captivos, mandou-lhes caçar essa licença obrigando-os a se apresentarem semanalmente ao capitão-mór de Itú, e dispondo, que si indios houvessem em

poder de ambos que fossem destinados a similhante trafico, ser-lhe-iam tomados e entregues a pessoas afiançadas de os não reduzir á escravidão, dando-lhes aliás educação e bom tratamento.

Da nova categoria do reino, dada ao Brasil pela carta de lei de 16 de dezembro de 1815, unindo-o aos de Portugal e Algarves, infere-se que transformou-se *ipso facto* a capitania de São Paulo em provincia, deixando como as outras o odioso nome de colonia, sem que se lhe mudasse a essencia de «possessão portugueza». Foi o mesmo que cobrir-se o fructo amargoso com mais fino involucro sem se lhe destruir o principio nocivo.

Deram origem á guerra travada em 1816 com Montevidéo, que então se achava sob o dominio selvagem de José Artigas, as suggestões destramente manejadas na côrte do Brasil por Nicoláo Herrera, ex-ministro d'estado de Buenos-Ayres, fazendo valer a necessidade de apoderar-se o Brasil da Banda-Oriental para que assim se desafrontasse o territorio das Missões da provincia de São Pedro, sujeito a continuas surprezas pelos bandos de Artigas, e ultimamente invadido por forças respeitaveis desse audaz caudilho, e conquistando aquelle Estado em favor da causa da civilisação e da humanidade, expellindo d'ali os barbaros que o devastavam, assim como a fronteira do Brasil do lado do Rio-Grande.

Estas suggestões, digo, incutidas com geito e artificioso zelo pelo inculcado diplomata de propria autorisação e nos interesses do Brasil, calaram no animo sincero e desprevenido do principe regente, que, sem accurada meditação, e porventura ainda fascinado pelas antigas aspirações dos Bourbons da côrte do Rio de Janeiro, que visavam então, como outr'ora, despontar-se no horisonte do seu lado uma nuvem ligeira e fugitiva, os vislumbres de uma esperança fagueira pairando ante á soberania do Prata, já uma vez e sem logro tentada, foi o regente induzido a levar á pratica

quanto lhe fóra insinuado por Herrera, que simulava cuidados pelo bem do Brasil fitando a recuperação de suas fazendas postas á discrição dos bandidos que assolavam os campos de Montevidéo.

Segundo as formalidades internacionaes entendeu o gabinete do Brasil, que cumpria communicar aos de Hespanha e Inglaterra a deliberação que ia tomar a respeito do Estado de Montevidéo, e sempre com allegação de garantir as suas fronteiras meridionaes dos assaltos e depredações das hordas dirigidas por Artigas, e com a declaração de que nesse empenho talvez que se apresentasse a necessidade de mudar o theatro da guerra para o territorio de Montevidéo, onde se acoitavam os bandos de Artigas fazendo ali depositos do gado roubado ás estancias da fronteira do Rio-Grande.

Nem a um nem a outro desses gabinetes corria o dever de fazer-se essa communicação, porque a Inglaterra, depois do sinistro desfecho da sua invasão em Buenos-Ayres, negára-se a toda intervenção nos negocios do Rio da Prata, e a Hespanha, tendo de facto sido privada de todas as colonias que possuia no continente americano, na generalidade dessa subtração entrava a Banda-Oriental, que posto não fizesse parte da União-argentina, havia-se como separada da mãi-patria, e então na obediencia de Artigas.

Insistindo no pretexto da «necessidade de manter em segurança as fronteiras do Sul» dispôz o governo que do exercito de Portugal viesse para o Brasil uma divisão de cinco mil homens, que se organisou ali em pouco tempo, e desembarcou no Rio de Janeiro em março de 1816, e antes disso ordenára que para a fronteira do Rio-Pardo marchasse a legião de São Paulo, aquartelada em Porto-Alegre, e o regimento de dragões, tendo-se anteriormente reforçado os destacamentos que guardavam aquella fronteira. A esses corpos reuniram-se os de cavallaria miliciana do Rio-Pardo e Entre-Rios, e corpos volantes de guerrilhas, formando

ao todo uma divisão de dous mil homens cujo commando foi dado ao general Joaquim Xavier Curado, o mesmo que já commandára a segunda divisão do exercito pacificador, como precedentemente se disse.

Essa divisão operou distinctamente na campanha de 1816 com assignalados feitos d'armas, e destes cabendo a maior gloria á legião de São Paulo, que sustentou dignamente as honrosas tradições dos paulistas seus antepassados, como mais bem se póde vêr na Memoria descriptiva dessa campanha por Diogo Arouche de Moraes Lara, capitão da legião de São Paulo (depois tenente-coronel), que tão illustrado como cheio de brios, perdeu a vida no campo de batalha, á testa do seu regimento na investida que fez ao povo de São Nicoláo em 1819 (*).

A diminuição em seu pessoal que soffrera a legião de São Paulo, conhecida ao dar-se por finda a campanha de 1816 no Rio-Grande, antes por doença do que por sinistros da guerra, que poucos foram; principalmente no reforço que em 1814 lhe fôra mandado da provincia, composto de moços imberbes, não acostumados a intemperies, e ao clima daquella região; esse desfalque obrigou o governador conde de Palma a mandar em 1817 proceder a recrutamento para encher o vasio que havia na legião, não pela maneira porque se elle fizera no tempo do governador Horta, desvirtuando este serviço com medidas illegaes, violentas e atrozes como se praticou na leva que lhe foi suggerida para a reorganisação da legião de São Paulo em 1808; mas, preterindo-se de meios tão odiosos como brutaes pelos de brandura e persuasão, fallou antes á consciencia dos paulitas, aos seus brios memorando -lhes os feitos dos seus antepassados, e os proprios da legião «já pelo valor que ha sustentado nas campanhas do Sul, já por sua reputação nos fastos militares do

(*) Rev. do Inst., VII, 125, 256 e 273. Varnhagen, Hist. Ger. do Bras., II, de pag. 333 a 337.

Brasil», do que impondo-lhe ordem com força imperiosa e o estrepito do poder.

Empenhada como se achava a guerra do Sul, não já exclusivamente com as partidas volantes de Artigas, que depois da campanha de 1816 empregavam-se em correrias nos campos de Montevidéo, e ás vezes nas fronteiras do Rio-Grande, mas, com forças que eram ministradas pelos Estados do Prata, furtivamente, emquanto a divisão lusitana conservava-se na espectativa das impressões que por ventura causaria a sua entrada no territorio da Banda-Oriental, e ás claras e com ostentação, depois que essa divisão occupou as praças de Montevidéo e Colonia, e estendeu forças para as povoações circumvisinhas ás praças, e para diversos pontos do interior, e a divisão do general Curado, de que fazia parte a legião de São Paulo, deixando a fronteira do Rio-Grande, foi guarnecer a margem esquerda do Uruguay; nesse estado de cousas, generalisando-se as hostilidades nos campos de Montevidéo, animadas e alimentadas pelos Estados do Prata, e perigando a segurança dos limites brasileiros, indispensavel foi que se reforçasse a divisão do Uruguay onde servia a legião, que resentia-se de grande vasio em suas fileiras.

Além do recrutamento a que se procedeu na parovincia de São Paulo para remonta da sua legião, como ácima se disse, ordenára o governo ao conde de Palma que fossem organisados dous corpos de cavallaria miliciana, cada um formado de quatro esquadrões, que voluntariamente quizessem servir com a divisão lusitana em Montevidéo; assim como que dos habitantes da comarca de Corytiba se formassem partidas soltas ou guerrilhas, afim de terem o mesmo destino; e o governador precisou esta medida com a proclamação que se verá no Appendice (*).

Organisados os dous corpos de milicianos volun-

(*) A letra F do Appendice.

tarios, contendo ambos a força de oitocentas praças, para cujo provimento procedeu-se a uma derrama, que, em numerario e aprestos de fardamento, montou ácima de doze contos de réis, marcharam para Santos sob o commando dos tenentes-coroneis Borba, e Fernandes, e em agosto de 1817 embarcaram para Santa Catharina, e, seguindo d'ali por terra a Montevidéo, encorporaram-se á divisão commandada pelo general Manoel Marques de Souza, acampada nos suburbios da praça do mesmo nome.

A formação dos corpos de guerrilhas em Corytiba foi commettida ao capitão Felisberto Cezar, da legião de São Paulo; e logo que se acharam organisados tres destes corpos com a força de quatrocentos homens, marcharam d'ali para o Sul sob o commando do mesmo capitão, e em Montevidéo reuniram-se aos dous corpos de milicias de São Paulo que já ahi se achavam.

Da divisão-Marques divergiam-se forças para policiar o interior, e desbaratar as partidas inimigas, a principio dirigidas por Fructuoso Rivera, e depois havendo este abandonado Artigas e tomado a si esse serviço, pelos cabecilhas que o succederam, e que, sem ter o tino guerrilheiro do seu primeiro chefe, possuiam como elle o geito da ruina e assolação. As sortidas da divisão eram feitas as mais das vezes com os milicianos paulistas, que em pouco tempo adquiriram a destreza dos cavalleiros do Sul, e foram sempre coroadas de exito feliz. Foi precisa a cooperação da legião de São Paulo transferida da margem do Uruguay, e a desses corpos e guerrilhas para obrigar á parte da divisão lusitana, que sublevára-se na praça de Montevidéo, negando-se a adherir á independencia do Brasil, a deixar a praça, embarcando para Portugal, sob o mando do brigadeiro d. Alvaro de Souza. A tropa revoltada e a abrigo das baterias da praça investira por vezes á divisão-Marques, que a retinha em suas excurções como em sitio, cortando-lhe a communi-

cação com o interior, e atendo-a ao unico provimento de Buenos-Ayres. Essas sortidas eram promptamente rechaçadas pela divisão, acampada entre Canelon e a praça.

A' similhante emergencia succedeu a revolta geral da Banda-Oriental em 1825, já então encorporada ao Brasil sob a denominação de «Provincia Cisplatina»; revolta que embalde pertendeu-se suffocar, occorrendo -se com medidas tardias e inefficazes(*), que maior incremento lhe deram, por mais que se empenhasse nisso toda a tropa da provincia de São Paulo, que formava os dous terços do exercito do Sul sob o commando do visconde da Laguna, e que comprometteram á dignidade do Brasil no começo da sua nacionalidade pela indecorosa acquiescencia que se deu á revolta com a convenção de 27 de agosto de 1828.

Por força dessa convenção, que podia-se caracterisar como um subterfugio a compromissos criados pelo governo, retirou-se o exercito, que affrontava ao de Buenos-Ayres na fronteira austral do Rio-Grande; a praça de Montevidéo foi desoccupada, e a Banda-Oriental entregue aos seus proprios recursos, sem que se estipulasse a condição de se manter o bem-estar de infinidade de subditos brasileiros ali estabelecidos, e compromettidos por haverem servido no exercito que fez guerra a aquelle Estado.

A effeito disso regressaram para esta provincia embarcando em Montevidéo os dous corpos de milicianos voluntarios, que, da lotação de oitocentas praças com que foram organisados para o serviço do Sul, ficaram reduzidos a pouco mais de trezentos, provindo tão extraordinaria diminuição, sobre tudo, da preferencia de muitos a praticarem sua retirada por terra,

(*) Foi assás notavel, que, ao passo que no decurso de um anno depois da revolta da Cisplatina vinham contingentes de tropas dos Estados do Prata em auxilio da sublevação, eram do Rio de Janeiro mandados unicamente officiaes superiores, de que o exercito brasileiro não precisava.

como lhes foi facultado; da deliberação tomada por outros de continuarem sua residencia ali agglomerando-se á população do paiz; e emfim, das deserções e dos sinistros da guerra. Notavel desfalque tambem houve nos corpos de guerrilhas em seu regresso a Corityba naquelle anno, para o que concorreu, além dos motivos da diminuição attribuida aos corpos milicianos, o de preferirem sua morada na provincia de São Pedro, por similhança de habitos entre os seus habitantes e os de Montevidéo a que esses corytibanos estavam afeitos.

A legião de São Paulo, que, á lotação originaria que se lhe deu em sua reorganisação ao partir para o Sul accresceu o contigente que da provincia lhe fôra mandado em 1815, prefazendo tudo a força de mais de tres mil e duzentas praças, ficou meramente reduzida a um pequeno corpo de officiaes e poucos soldados invalidos, que, retirando-se d'ali aos poucos antes de 1829, nesse anno deixaram Montevidéo, e restituiram-se á provincia do seu berço depois de uma ausencia de vinte annos passados na guerra do Sul; tendo por unica recompensa, visto como não pôde ser tal a promoção que tiveram em postos militares porque a deveram á escala de suas antiguidades, como a tem os officiaes em serviço rotineiro, e a tiveram completa nas convicções conscienciosas de que prestaram serviços mui relevantes no Sul, tanto na paz como na guerra, e sempre com honradez e notavel lealdade, sustentando em todos os lances desses serviços a nomeada e as tradições gloriosas dos paulistas; e essa lhes é mais lisongeira e melhor alimenta os seus brios.

O governo de Oyenhausen sem partilha. — O mesmo governo em commum.

Terminou a administração do conde de Palma em 19 de novembro de 1817, por ir elle succeder ao conde dos Arcos no governo da Bahia, passando-a ao triumvirato que antes a exercera na vacancia entre o governo do marquez d'Alegrete e do conde de Palma. Deixou este gratas e respeitosas recordações na provincia pela sabedoria e rectidão com que geriu os negocios publicos; sempre justiceiro, sempre imparcial, e ataviando os seus actos com affabilidade e maneiras suaves, e com significações de pura confiança nos paulistas.

Nos dezoito mezes da segunda governação do triumvirato nada houve de notavel que mereça menção historica. Sua vida publica desenhava essa pallidez que denuncia-se em corpos affectados de atonia, ou corria egoisticamente só curando de si.

Sahiu, porém, a provincia deste estado de marasmo, em que pareciam entorpecidos os elementos da administração publica, com a posse do governador João Carlos Augusto de Oyenhausen (ao depois marquez de Aracaty) em abril de 1819, e que precedentemente governára as provincias do Ceará e Mato-Grosso.

Nesse anno approximaram-se ao districto de Itapeva da Faxina alguns grupos de uma numerosa tribu, que, fazendo parte da grande nação dos Cayuás, que occupa e domina a margem direita do Paraná, passára o rio e, internando-se nos sertões occidentaes desta provincia, arrostou guerra com as hordas ferozes que tem o perpetuo senhorio desses sertões, e recuando della vencida procurára effugio aos acommettimentos e perseguições dos seus inimigos acoitando-se nas matas mais visinhas dos povoados occidentaes desta provincia, de onde ás occultas appareciam esses grupos, causando terror aos seus moradores por mais que se mostrassem pacificos e inoffensivos.

Da tribu emigrante dos Cayuás, depois de vagar rerante por muitos annos naquellas matas, e sem commetter hostilidade, seggregou-se uma parte, que, transpendo a Cordilheira-Maritima, surgiu das montanhas de Iguape, e conhecendo-se a sua indole pacifica e que procurava trabalho, foi em 1837 aldeada entre os rios Juquiá e Itariry, e até hoje ainda ahi permanece e sempre proveitosa aos lavradores daquellas paragens.

A outra parte da tribu, que se homisiára nas matas de Itapeva, as deixára em 1843 para apresentar-se ao barão de Antonina em sua fazenda de Pirituba, que a acolheu favoravelmente, e a proveu de meios para sua subsistencia, mandando com diligencia estabelecel-a nas margens do Rio-Verde, em local que ao depois serviu de assento á actual freguezia de São João Baptista. Desses indios formou-se o nucleo do aldeamento que tem o nome da freguezia.

O apparecimento nas cercanias de Itapeva de grupos de indios selvagens, a que vulgarmente se dá o nome de *bugres*, causou sustos, como era de prever, nos moradores do districto, e o governador Oyenhausen, menos circumspecto do que imprudente, sem conhecer a indole e intenções desse gentio, e fazendo delle errada estimativa na comparação com as hordas ferozes e indomaveis dos sertões de Mato-Grosso, contra as quaes dispôz sempre investidas com força armada; levado pela pratica desses habitos ordenou em outubro de 1819, que fossem esses indios fortemente repellidos sem lhes dar quartel, a menos que se não entregassem «vassallos obedientes á sua magestade» ou fossem «exterminados e reduzidos a captiveiro, como dispõem as reaes ordens»; e isto sem precedente algum hostil da parte dos indios que cohonestasse similhante atroz mandado.

A perseverança da Hespanha em sua obcecada philaucia — de reconquistar suas antigas colonias da America, que heroicamente habiam sacodido o seu do-

minio e firmavam a sua genuina nacionalidade, significou-se tomando como um acto aggressivo do governo brasileiro quer a occupação das praças de Montevidéo e Colonia pelo exercito do Sul, e a de todo o territorio da Banda-Oriental, quer a irrupção feita a ferro e fogo na provincia de Corrientes por tropas que guarneciam as missões orientaes do Brasil, em que excedeu-se em muito as represalias da guerra, praticando-se actos da mais inaudita crueldade, assolando-se vastissimo territorio, massacrando-se povos inermes, e incendiando-se os magnificos templos das mais opulentas povoações daquella malfadada provincia, depois de serem espoliados da sua immensa prataria e riquissimas alfaias(*). A Hespanha, pois, que a custo podia desembaraçar-se da pressão continua e vivaz, que surgia de todos os pontos do reino contra o dominio absoluto dos Bourbons, e que para desaffrontar-se della teve Fernando VII de recorrer á França, que o soccorreu com o exercito do duque de Angoulême, tomou o desplante de um pronunciamento hostil contra o reino unido portuguez; e porventura alguns preparativos houveram clandestinamente, que significaram essas intenções bellicosas.

Adoptaram-se no Brasil adequadas medidas de prevenção contra suppostos acommettimentos por parte da Hespanha, e a provincia de São Paulo reassumindo arreganho militar pôz-se em attitude de reprimir invasões que acaso lhe viessem pelo seu littoral. Foi ella departida em quatro divisões militares, tres das quaes, contendo o territorio que vae do mar á Cordilheira-Maritima, tinham commandantes especiaes e officiaes para os coadjuvarem, responsabilisando-se cada um delles pela defesa e segurança do littoral que correspondia ao seu commando, e para o que devia mantel-o fortificado, atalaiado, e com uma guarnição disponivel para occorrer a qualquer eventualidade.

(*) Rev. do Inst. VII. Mem. da camp. de 1816, pag. 170.

A primeira divisão, que comprehendia o littoral desde São Sebastião até aos limites com o Rio de Janeiro, e o territorio do interior que lhe era correspondente, teve por chefe o marechal Arouche, que assentou seu quartel general em Villa-Bella. O commando da segunda, que decorria de São Sebastião a São Vicente, com o territorio intermediario a este littoral e á serra de Paranapiacaba, foi commettido ao coronel Müller, que tomou sua residencia em Santos; e encarregou-se do da terceira, que foi designada de São Vicente para o Sul, o marechal Candido Xavier, que tomou posição central em Cananéa. O governador Oyenhausen impôz-se o privativo commando da quarta divisão, que abrangia o territorio decorrido da Cordilheira-Maritima aos confins da provincia, a bem de occorrer com medidas promptas a qualquer das divisões do littoral que dependesse dellas.

Igualmente mandou o governador pôr em disponibilidade o regimento de cavallaria miliciana de Corytiba, a marchar á primeira voz para a provincia de Santa Catharina, afim de reforçar a sua guarnição e cooperar para a sua defesa.

Tanto movimento, tanto afan suggerindo tamanho dispendio, em phase de não pequena deficiencia nas rendas da provincia para acudir ás suas despezas ordinarias, e até obrigando a virem d'abalada da côrte, dando pausa a seus habitos de inercia, a officiaes de alta linhagem, afim de inspeccionarem o estado de defesa do littoral da provincia e suas fortificações, deram em resultado.... o conhecer-se que similhantes ameaças não passaram de uma burla, ou *hespanholada*, que teve facil accesso nas susceptibilidades do governo brasileiro.

Este estado de cousas fóra do commum durou até janeiro de 1820, esvaecendo-se ou deixados ao despreso os receios de uma aggressão estrangeira por medo mais immediato de novos acommettimentos dos Estados do Prata, que souberam repellir com altaneria o

alvitre da Santa Alliança, acceito e intimado pela França a esses Estados, de que a sua independencia seria reconhecida pelas grandes potencias da Europa sob a condição de estabelecer-se nelles uma monarchia constitucional hereditaria, tomando a sua iniciativa o duque de Luna, sobrinho de Fernando VII, que se casaria com uma princeza do Brasil, a qual levaria em apanagio o Estado de Montevidéo (*).

A catadura bellicosa de que se revestiu a provincia, como ácima se disse, cahiu de direito pela ordem do governo geral de 18 de fevereiro de 1820, quando de facto já o houvera sido antes com o abandono da maior parte dos milicianos que guarneciam alguns pontos do littoral, ao saber-se quaes os fundamentos para esse armamento na linha maritima.

Dera-se em Portugal a revolução de 24 de agosto de 1820 no sentido da sua libertação politica, segundo uns, por filiação da França em 1789, cuja repercussão fôra a custo e por mais de trinta annos abafada naquelle reino a esforços do poder absoluto, como se lhe fazia de mister; e no pensar de outros, porque a continuação da residencia da côrte portugueza no Brasil, quando já havia cessado a causa que obrigára a sua trasladação para aqui, dando azo á persistencia dos desmandos da regencia de Portugal, fazia tambem suspeitar que se inverteriam as causas antigas, ficando aquelle reino, com rebaixamento da sua dignidade e categoria, nivelado á condição de colonia do Brasil, o que deu origem a tomar incremento essa velha rivalidade entre brasileiros e portuguezes, que bastantes complicações suggeriram á emancipação politica deste paiz.

Esse systema protector dos povos fez echo no Brasil, e suscitou-lhe sympathias amortecidas, bem como em Portugal, pela acção do mando despotico, e que tinham por fundamento suas precedentes manifestações e rompimentos, como foi a generosa dedicação de Mi-

(*) Hist. do Brasil, XI, liv. XXIII, 61.

nas, trabalhando ás occultas, para a sua independencia da metropole, e a exhibição franca e heroica que houve em Pernambuco para o mesmo fim; e si bem que fossem suffocadas pela mão atroz do despotismo, fermentava-lhes na idéa a sua consecução com a íntima convicção da sua necessariedade, e ellas reviveram com o pronunciamento insurreicional de Portugal.

O Pará declarou instantaneamente sua adhesão á nova ordem de cousas ao 1.º de janeiro de 1821, ainda antes de saber-se da installação das côrtes em Portugal, significando com esse açodamento sua aversão ao antigo regimen. Em Maranhão, Pernambuco e Bahia expandira-se esse grito sem demonstrações acrimoniosas, emquanto se não enunciára o seu exclusivismo pelas causas do Brasil, e era «liberdade trajada á portugueza». No Rio de Janeiro proclamaram-se as formulas constitucionaes em 26 de fevereiro, devido isso aos empenhos do principe d. Pedro, herdeiro da corôa, e a despeito das tergiversações habilmente capeadas com o bem-publico do ministro d'estado Villa-Nova Portugal, na grande intimidade do rei, com o que alimentava a renitencia do monarcha aos principios proclamados, convertida ao depois essa reluctancia em hesitação ao conhecer que as idéas de liberdade generalisavam-se, e eram acceitas e afagadas pelo principe; e essa nuvem sinistra dissipou-se com o movimento operado na Bahia pelo teor do de Portugal, que, tirando o rei das suas perplexidades, o fez cahir em absurdos promulgando o decreto de 18 de fevereiro de 1821 (*).

Nessa commoção de espiritos a provincia de São Paulo conservára se tranquilla, e na prudente espectativa de successos que com ella viessem d'envolta, por isso que não se considerava actuada por força estranha aos seus genuinos sentimentos, e a administração de Oyenhausen marchava pela norma da confiança

(*) Col. de leis de 1821.

que os paulistas lhe inspiraram, e na convicção de que só devia cumprir quanto administrativamente emanasse do governo do Rio de Janeiro; e essa tranquillidade seria mais prolongada si não fôra a revolta do primeiro batalhão do regimento de caçadores da linha em Santos, havida na noute de 28 para 29 de junho daquelle anno, da qual mais abaixo se fará menção.

Ao pronunciamento do Rio de Janeiro pelas regras constitucionaes em 26 de fevereiro seguiu-se o da provincia de São Paulo, podendo-se dizer que fôra expontaneo por carencia de dados que lhe dêm outra origem; e do bando de 13 de março de 1821, que publicou a adopção do novo systema na provincia, infere-se que fôra ella assentada anteriormente ao bando. Como quer que seja, é certo que em 7 de março deram-se instrucções para a eleição dos deputados brasileiros ás côrtes de Portugal, que na capital da provincia houvera principio ao processo eleitoral respectivo em 20 de maio do referido anno.

Entretanto, bastou a publicação do decreto de 8 de junho, que autorisou o juramento ás bazes da constituição que estavam formando as côrtes portuguezas, para que se reunisse o collegio da comarca de Itú, eleito em virtude do decreto de 7 de março, e prevenido o presidente do collegio, o ouvidor Medeiros Gomes, que, insciente de que esse decreto tivesse tido execução em parte alguma do Brasil, mostrára alguma hesitação em seu comparecimento, ao qual por fim resolveu-se logo que se lhe asseverou, que, sendo elle ou não presente, se daria indefectivelmente cumprimento a quanto se resolvesse em collegio. Em seguida e por indicação dos eleitores Nicoláo Vergueiro, Paula Souza e Alvares Machado, deferiu o ouvidor ao collegio juramento ás bazes da constituição, passando ao depois a deferil-o ás camaras da comarca; e bem assim, que se fizesse sentir ao governador Oyenhausen a necessidade de dar-se execução ao decreto de 8 de junho nas demais partes da provincia.

Como uma respeitosa homenagem ao distincto senador Vergueiro, cuja memoria será perduravel emquanto no Brasil houverem corações estremecidos pela liberdade; emquanto nesta provincia existirem paulistas, que tenham em mór apreço os homens de grande genio, e pura dedicação para a prosperidade do paiz que habitam: por um devido acatamento ás virtudes sociaes e humanitarias desse prestante cidadão transcreveremos no Appendice as razões que posteriormente deu por escripta em justificação do seu procedimento no collegio eleitoral de Itú, indicando o deferimento de juramento ás bazes da constituição (*).

Iniciadas assim as cousas no sentido da regeneração politica, não podia escapar á alta penetração do mui illustrado conselheiro José Bonifacio de Andrada o perscrutar as tendencias dos paulistas para esse fim; e pois, conhecendo que eram estas consentaneas com as suas crenças, não se desviando dos principios que desde muito tinham distincto logar em suas lucubrações politicas, dispôz-se a animal-as, por si e pelos seus amigos, em cujo circulo aventavam-se esses assumptos com prudencia e circumspecção. Sabidas as intenções do conselheiro Andrada, e que por sua grande capacidade e prestigio podia bem captar o voto geral e dar boa direcção á consciencia publica, propuzeram-lhe os seus amigos a tomar a peito essa missão, a que deu sua acquiescencia, acordando-se em seguida a aprasar ao povo e tropa o dia em que devia effectuar-se a nova organisação administrativa.

Designado para esse fim o dia 23 de junho, e feitos os avisos para a reunião popular na praça de São Gonçalo, no que desempenhou sobre todos a maior diligencia o benemerito cidadão José Innocencio Alves Alvim, paulista de quem só ha recordações honrosas, começando então sua carreira de dedicação pelas liberdades publicas, de que jámais se desviou, e se fez

(*) A letra G do Appendice.

distincto pela nobreza do seu caracter e firmeza de suas convicções. Ao alvorecer desse dia ouviu-se o som de alarma partido do sino da cadêa, tangido por José Innocencio, tendo a seu lado seu irmão Joaquim Alvim; e era esse o signal convencionado para a juncção do povo e tropa. Esse cidadão, logo que se viu rodeado do povo e por elle vivamente victoriado, e que a tropa se apresentára ali em formatura com seus chefes, levantou vivas á religião, ao systema constitucional, ás bazes da constituição, ao principe regente e ao governo provisorio que ia installar-se.

Conheceu-se então na vontade geral a conveniencia de se pedir a presença ali do conselheiro Andrada, e para esse fim dirigiu-se-lhe uma deputação de officiaes, que, com sua annuencia, o acompanhou ao paço da camara, cujo pessoal já se havia reunido, e fizera sentir a necessidade de convidar-se o ouvidor da comarca, o dr. Costa Carvalho para presidil-o.

Foi grandemente applaudida e victoreada a presença do Conselheiro Andrada logo que assomou na praça, e sendo-lhe pelo chefe da tropa, o coronel Lazaro José Gonçalves, declarado, que o motivo de ser convidado para comparecer fôra aconselhado pela nova attitude que haviam tomado as cousas politicas do paiz, e por todas as conveniencias esperadas de uma boa governação que devia ser organisada por elle, devendo-se, emfim, prestar o decretado juramento ás bazes da constituição, que tivera sido até ali protrahido.

Inteirado do que, o conselheiro encaminhou-se para os paços da camara, e fallou aos que ali se achavam nos termos seguintes: Senhores, sou muito sensivel á honra que me fazem os meus patricios em me elegerem para presidir á eleição de um governo provisorio. Estou prompto para fazer os ultimos sacrificios pela minha patria, e até derramar a ultima pinga de sangue.... (Foi interrompido com vehementes applausos, e continuou): Esta eleição deve ser feita por acclamação do povo e tropa. Logo que se reunir a

camara e ouvidor todos os senhores descerão á praça, e eu da janella proporei aquellas pessoas, que por seus conhecimentos e opinião publica me parecerem dignas de serem eleitas».

Houve um «sim» geral dos que estavam presentes, dizendo alguns: que muito confiavam no patriotismo, probidade e illustração do honrado conselheiro para que a eleição que ia designar deixasse de ser a expressão pura dos seus sentimentos sempre em harmonia com a felicidade da sua patria: e como entrevisse em alguns o desejo de personificar individuos, que, por oppressores do povo não deviam fazer parte dos governantes, conteve-os o conselheiro Andrada com as seguintes palavras: «Senhores, hoje é o dia da reunião de todos os partidos e opiniões, dia da reconciliação geral entre todos os cidadãos. Não nos lembremos mais de desavenças e inimisades, e de paixões odientas. Completemos a obra da nossa regeneração regenerando-nos desses sentimentos pouco nobres, e de um individualismo mal cabido, tomando por modelo nossos irmãos, que o praticaram com moderação e socego d'animo. Persuadido de que todos haviam posto em mim sua confiança, acceitei o convite que me fez uma deputação por parte do povo e da tropa, e aqui me acho prompto para trabalhar pela causa publica. Si com effeito haveis depositado em mim essa confiança, e estaes resolvidos a portar-vos como homens de bem como são os paulistas, com socego e moderação, então me encarrego de dirigir-vos; mas, si outros são vossos sentimentos; si o vosso fito não se dirige ao bem da ordem; si pertendeis manchar a gloria que vos póde resultar deste dia, e projectaes desordens, então me retiro, ficae e fazei o que quizerdes».

A resposta dada á allocução do conselheiro Andrada desenhou-se nas expressões e gestos significativos dos circumstantes, de accordo unanime na mantença da ordem e tranquillidade, e assentimento a

quanto indicasse o que fôra escolhido para presidir áquella assembléa. Depois do que, e a pedido do conselheiro, seguiu para a praça o povo que assistia nas salas da camara, e elle, occupando uma das janellas do edificio com semblante animado e prasenteiro, estando n'outra desfraldado o estandarte da camara cercado pelos vereadores, ouvidor e juiz de fóra, e fitando o povo, que se apinhava no interior do circulo formado pela tropa, dirigiu-lhe um eloquente discurso congratulatorio, felicitando-o por sua patriotica resolução de organisar uma administração publica em harmonia com as novas instituições politicas, e pela firmeza e ordem com que se portava. Em seguida e com resolução indicou João Carlos Augusto de Oyenhausen, o governador da provincia, para presidente do governo provisorio que se ia formar, o que mereceu applaudida approvação dos circunstantes, e ao proseguir na designação dos demais membros foi subitamente interrompido por alguns do povo, dizendo que interpretavam o voto geral indicando a elle conselheiro para vice-presidente, e esta indicação obtendo a annuencia de todos foi altamente victoriada.

Continuou o conselheiro Andrada em sua indicação para prehenchimento do numero dos membros do governo, que julgou necessarios para uma boa administração, ao que seguia-se approvação do povo e tropa, e d'ahi resultou a organisação seguinte:

Presidente do governo, o ex-governador João Carlos Augusto de Oyenhausen.

Vice-presidente, o conselheiro José Bonifacio de Andrada.

Secretario do interior e fazenda, o coronel Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Secretario da guerra, o coronel Lazaro José Gonçalves.

Secretario da marinha, o chefe d'esquadra Miguel José de Oliveira Pinto.

Vogaes:

Pelo ecclesiastico, o arcipreste, Felisberto Gomes

Jardim e o conego thesoureiro-mór, João Ferreira d'Oliveira Bueno.

Pelas armas, o coronel Daniel Pedro Müller, e o coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo.

Pelo commercio, o coronel Francisco Ignacio de Souza Queiroz, e o brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão.

Pela instrucção publica, o padre-mestre Francisco de Paula e Oliveira, e o professor André da Silva Gomes.

Pela agricultura, o dr. Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, e o tenente-coronel Antonio Maria Quartim.

Lavrada a acta da eleição do governo provisorio, dirigiu-se o povo em prestito a palacio, que era a residencia do presidente do governo, e com a regularidade seguinte: Em frente do prestito ia a banda de musicos militares tocando o hymno nacional, seguia-se a camara de estandarte alçado circumdada dos membros designados nesse dia para o governo provisorio; fechava o prestito o povo d'envolta com o corpo avulso de officiaes militares que concorreram para o movimento, entoando o hymno nacional. Chegando o prestito a palacio foi recebido benignamente pelo ex-governador Oyenhausen, que rendendo agradecimentos ao conselheiro Andrada, declarou que acceitava de bom grado a presidencia do novo governo, e em despedida abraçou a todos indistinctamente.

O primeiro acto do governo provisorio funccionando foi congratular-se com o povo agradecendo-lhe suas exhibições manifestadas em prol da sua organisação, asseverando-lhe que se empenharia com todos os recursos ao seu alcance em promover a prosperidade da provincia, e convidando aos homens de saber e dedicados ao bem-publico para a communicação das suas ideas sobre todos os ramos da administração, na confiança de que seriam approvadas desde logo as que sendo convinhaveis, estivessem na orbita de suas attribuições, e

submettendo as que não estivessem nestas condições á approvação do governo geral(*).

Eram apenas passados seis dias da installação do governo provisorio quando este foi compellido a tomar medidas promptas e vigorosas contra a revolta militar havida em Santos em a noite de 28 para 29 de junho da parte do primeiro batalhão do regimento de caçadores da provincia ali em serviço.

Demorada foi na provincia a execução do decreto de 22 de abril de 1821, que concedia ao exercito do Brasil igual soldo e etape ao que vencia o exercito de Portugal, embora uma parte destacada no Brasil estivesse em commum serviço com as tropas d'aqui: e esse retardamento era pretextado com a carencia de ordens especiaes do governo para que o decreto tivesse applicação. Similhante protelação deu causa a alguma agitação surda presentida no segundo batalhão daquelle regimento, que se achava de guarnição á capital, e que apenas lobrigada foi abafada pelo seu energico commandante, o coronel Lazaro José Gonçalves, coadjuvado pelos officiaes desse corpo.

A premeditada revolta militar na capital fez repercussão em Santos, e ahi como não achasse obices a affrontal-a, tomou corpo e sahiu á rua armada causando estrepitoso alarma ao povo, que recorrendo ao governador da praça, o tenente-coronel Bento Alberto da Gama e Sá, o achára em desanimo pelo desapparecimento do commandante e officiaes do batalhão, que occorrendo a tempo talvez que contivessem os sublevados em obediencia, a exemplo do zelo que empregaram os da capital em identica situação.

Os revoltosos dando largas á sua insubordinação tomaram por começo de seus attentados o arrombamento da cadêa e a casa do trem de guerra, tirando daquella os desertores e criminosos, e desta a artilheria, armamento e munição ali em deposito. Em seguida

(*) Bando de 26 de junho de 1821.

passaram a assestar artilheria nas ruas e praças e em frente do ancoradouro, fazendo d'ahi fogo ao brigue de guerra ali fundeado, e com ameaças de praticarem o mesmo com as embarcações que suspendessem ferro. Depois do que, dividindo-se em magotes e devassando as casas e repartições publicas passaram a prender as autoridades do logar, officiaes da alfandega e os maiores capitalistas da villa, obrigando-os a resgate por dinheiro, ao contrario do que veriam a povoação incendiar-se; e forçados a tão atroz e violenta contribuição, os detidos puzeram á disposição dos salteadores os seus cabedaes, que foram divididos entre si, convertendo assim a denominada revolta militar em pirataria e crápula.

Ha quem affirme por tradição transmittida que fôra a revolta tramada por alguns dos agentes do monopolio de Portugal, que enchergavam, e com razão, na elevação dos Andradas ao governo da provincia, um poderoso antagonismo ao escandaloso trafico que promoviam em Santos. E' sabido que do mar e da parte do brigue de guerra ali estacionado, partira a primeira descarga de tiros contra a terra e com direcção ao quartel do batalhão, e que este surprehendido e assim provocado acintemente rompera armado contra a povoação: mas affirmando-se officialmente que os revoltados emprasaram alguns dos capitalistas de Santos para uma forçada contribuição pecuniaria, parece que, a admittir-se uma reacção entre a tropa e os capitalistas, vem a dar-se naquella o cumulo da perversidade.

A reprimir a revolta occorreu promptamente o governo provisorio, mandando substituir o governador de Santos pelo coronel Francisco Antonio Nogueira da Gama; ordenando a este que, emquanto ali não se apresentasse o segundo batalhão, que breve marcharia sob as ordens dos membros do governo, os coroneis Müller e Francisco Ignacio, diligenciasse desarmar *furtivamente* os revoltosos si os não achasse «socegados em suas paixões», para o que devia reunir e armar

os milicianos da villa, annexando-lhes os ordenanças e maruja; e conseguido o seu desbarate, pôr a artilheria e armamento tomado em seguro recado; enfraquecer a força do batalhão destribuindo-a em destacamentos no littoral sob commandantes de confiança; remetter para a capital os officiaes que fossem suspeitos, e emfim, crear uma commissão militar para castigar com mão severa os iniquos e horrorosos perpetrados de tão pungentes delictos, não dando quartel aos que resistissem»(*).

Algumas rixas e conflictos houveram entre os soldados revoltados e a maruja, de que resultou serem alguns mortos ou feridos, e o povo empenhava-se em se não envolver nessa luta subtrahindo-se a comparecer.

O segundo batalhão marchou da capital para Santos ao 1° de julho, e nesse dia ordenou o governo a organisação de um batalhão e esquadrão de milicias para servirem de guarnição á cidade; dispondo mais que de cada regimento de milicias destacassem para a mesma duas companhias armadas, formando um corpo de reserva com applicação ás exigencias de Santos.

O batalhão revoltado foi surprehendido e atacado ao amanhecer do dia 6, sendo o maior numero preso inclusivé alguns dos fautores da revolta, sobre os quaes pesavam os mais graves delictos; e julgados estes pela commissão militar, soffreram a pena ultima a bordo do brigue de guerra, sem que se attentasse que, por bem fundadas suspeitas, de ser a guarnição deste navio cumplice em provocar a revolta de 29 de junho, não devia servir elle de patibulo aos que a reagiram por aquelle lado. O denominado «Chaguinhas», a quem se imputava a origem da animação para o rompimento da revolta, e para todas as phases criminosas que appareceram d'envolta com o seu andamento, foi trazido á capital e ahi suppliciado, em cujo acto occorreram

(*) São palavras da proclamação, que por essa lastimosa emergencia dirigiu o governo provisorio aos habitantes de Santos.

tristes episodios, aproveitados acintemente em acrescimo á animadversão injusta em que, mal-grado seu, incorrera um dos membros proeminentes do governo.

Installado o governo comprehendeu como seu primeiro dever render preito ao principe d. Pedro, reconhecendo-o como regente do Brasil, dando-lhe conhecimento da sua organisação, e do prestado juramento ás bazes da constituição que estava formando o congresso de Portugal, e solicitando para si as mesmas faculdades administrativas, que eram attribuidas aos antigos governadores da provincia; e para esse fim dirigiu-lhe dous seus membros.

Segundo as exhibições dos emulos do governo nessa epocha houve nesta exigencia alguma restricção mental com o intuito de restabelecer o antigo regimen colonial supplantado pelo systema livre que ainda estava em berço; a não ser isso dessas accusações que a malevolencia inventa, que a credulidade propaga e que a estupidez acceita; certo que esse pensamento não entraria nas concepções da maioria do governo, e que quando mesmo fosse enunciado, encontraria da parte desta a mais robusta opposição.

O principe regente recebeu em audiencia solemne os dous enviados do governo de São Paulo, significando-lhes que nada mais ambicionava que o bem geral do Brasil, e que unira-se aos brasileiros com sentimentos puramente constitucionaes; e com a carta regia de 30 de julho de 1821 approvou os dous actos que o governo provisorio fizera chegar ao seu conhecimento (*).

Depois de anniquilada a revolta militar de Santos, teria a acção administrativa da provincia mais regular andamento e vigor si houvesse em seu seio homogeneidade de sentimentos quanto ás cousas do Brasil; que a sua opinião em complexo se estendesse sem hesitações e dissidencias, em tom forte e decisivo, na-

(*) Monglave. Corresp. de d. Pedro, 113.

quella actualidade, que abundava de preconceitos e rivalidades, proprias de epochas similhantes á percorrida pelo Brasil em 1821 e em 1822; si exteriormente á administração e contra ella não se formasse um grupo de descontentes, em que mais saliente fôra o ouvidor Locio e Seilbz, que por se recusar a prestar fé á autoridade do governo tivera mando obrigatorio de sahir da provincia; grupo a que alliou-se o juiz de fóra Costa Carvalho com resentimento de não fazer parte do governo, e que recebia animação e inspirações de um membro do governo, o coronel Francisco Ignacio, de inimisade encoberta aos Andradas.

Tambem alguns dos seus actos, com o proposito intencional do bem-estar brasileiro, não passaram sem involuntariedade latente do presidente do governo, em que tinha sempre a seu voto alguns dos membros que eram da sua nacionalidade, que a prudencia aconselhou, ou a simpleza consentiu fizessem parte da nova governação. Quando não indecifravel, era pelo menos problematico o comportamento do presidente do governo, depois que a sua administração fôra compartilhada, e de perto atalaiada por aquelles que presavam a dignidade do Brasil, toda concentrada em não retrogradar para os tempos coloniaes, em manter o paiz na condição livre.

Jámais obliterára-se nas côrtes portuguezas o capricho insensato e jactancioso de fazer reverter o Brasil á ignominiosa condição de colonia sob a dominação de Portugal, contra a qual por vezes fizera demonstrações bem significativas, e que esta idéa tornára-se substancial após o pronunciamento de Portugal pela liberdade. Embora contra esse futil proposito houvesse a ordem natural das cousas, houvessem os feitos heroicos recentemente consummados para a emancipação das antigas colonias hespanholas, o facto inequivoco da retirada de d. João VI, entregando os destinos do Brasil a seu filho d. Pedro, o principe sem os prejuizos dymnasticos e liberal por excellencia; a despeito mesmo

das vozes eloquentes e firmes tomadas ao seu extremado patriotismo do deputado paulista Andrada Machado, e de outros que pelo Brasil tiverem assento no congresso portuguez: este, negativo e obcecado, começou essa obra da iniquidade mandando pelo decreto de 29 de setembro abolir varios tribunaes creados pelo rei no Rio de Janeiro, e por outro decreto de igual data ordenou a retirada do principe regente do Brasil, na supposição de que era o mais forte antemural que podia affrontar ao seu plano conquistador, com o fim explicito de viajar por alguns paizes europeos, mas com o implicito de neutralisar as idéas de independencia tomando já amplas proporções e que entendia partirem exclusivamente do principe. Não se conteve só nisso o arrojo da atrabilis do congresso: por outro decreto do 1° de outubro mandou nomear no Brasil governadores d'armas com unica e immediata responsabilidade ao poder executivo de Lisboa, para que tivessem elles mais liberdade de acção no cumprimento das ordens que emanassem d'ali; dispondo em seguida que viessem reforços de tropas do exercito portuguez para o Rio de Janeiro e Pernambuco.

Si porventura ainda existisse alguma perplexidade nos paulistas genuinos, ácerca dos desatinos e intenções hostis do congresso portuguez desfechados contra o Brasil, dissipou-se ella inteiramente com a publicação desses actos de aggressão chancellados obrigatoriamente pelo rei, e com os quaes lançava a luva provocadora de uma luta, já a muito prevista pelos brasileiros, e que então os preoccupava com interesse, reagindo contra o empirismo de pertender-se galvanisar o esqueleto da colonisação.

A idéa da repulsão a taes actos foi instantanea na capital, onde, segundo o dizer do general Abreu e Lima «os patriotas eram em maior numero do que na capital do Brasil», e em breve tomou grandes proporções na provincia; e o vice-presidente do governo o conselheiro Andrada e seu irmão Martim Francisco,

que, mais do que nenhum outro dos seus collegas velavam sobre os destinos do paiz, chamaram os outros membros do governo a uma reunião ás onze horas da noite de 24 de dezembro, e levaram-os a compenetrarem-se da necessidade de uma mensagem em que francamente se fizesse sentir ao principe regente, que a sua partida para Portugal equivaleria ao signal de separação do Brasil (*).

A isto acquiesceu o governo não sem alguma hesitação do seu presidente, que explicava seus escrupulos pela inconveniencia de expressões acres e violentas empregadas na mensagem, que eram applicadas ao congresso portuguez.

Outras mensagens em identico sentido foram endereçadas ao principe regente (**), e de todas foram portadores, por parte do governo provisorio, o conselheiro Andrada e o coronel Leite Lobo, pela da camara, o marechal Arouche, e pelo clero e bispo diocesano, o vigario de Mboy, Alexandre Gomes de Azevedo.

Por virtude dessas mensagens, a que accumularam-se uma da provincia de Minas, e outra da camara do Rio de Janeiro, a cujo pessoal uniram-se as deputações daquellas e da provincia de São Paulo, dirigiram-se todas no dia 9 de janeiro de 1822 em prestito muito concorrido ao principe regente, que as recebeu em solemne audiencia na presença de immenso concurso de todas as classes, de que fazia parte grande numero de officiaes da divisão portugueza aquartelada no Rio de Janeiro.

O principe ouvindo com firme attenção a quanto lhe expuzeram os commissionados das tres provincias, fazendo leitura das representações que lhe foram confiadas, declarou bem explicita e categoricamente, que tendo profunda consciencia de que a continuação de sua residencia no Brasil contribuiria para a felicidade

(*) Abreu e Lima. Hist. do Brasil. II, 6.
(**) Hist. cit. II. Documentos appensos, letra E.

geral, resolvia-se a permanecer nelle (*). Esta breve allocução foi repetida pelo principe de uma das janellas do paço da cidade ao povo, que se apinhava na praça fronteira (**).

Foi diversa a impressão que esta resposta providencial causára nos circumstantes ao acto. No povo, o jubilo o mais pronunciado, dando-se mutuas prolfaças; nos officiaes portuguezes, que d'ali romperam tumultuariamente, o despeito por desairados no máo-logro dos seus planos sem nome.

As tropas portuguezas, aquarteladas no Rio de Janeiro em numero de duas mil praças, cuja mór parte servira para restabelecer a ordem em Pernambuco, ainda resentindo-se do movimento insurreicional de 1817; essas tropas que na opinião do principe regente, e com applauso seu, suffocavam antes do dia do «Fico» as aspirações patrioticas do povo d'ali no anhelo da sua emancipação; que mantinham a ordem publica, e sustentavam a todo transe a união do Brasil a Portugal, são as mesmas que depois de 9 de janeiro foram classificadas pelo proprio regente como obstinadamente insubordinadas, mofando ridicularmente das tropas brasileiras, e sempre dispostas a investil-as, e em seguida assaltar a cidade e provincia pondo-as em saque e devastação; chegando a tal ponto a sua desobediencia, que, ordenou-lhes o principe regente o seu embarque para Portugal, para cumprimento do que foi indispensavel o emprego da força, postando-se em linha de bloqueio em frente dos seus quarteis na Praia-Grande navios de guerra de portinhola aberta, commandados em pessoa pelo principe regente.

O general portuguez Jorge d'Avillez, que fôra antes destituido do commando d'armas do Rio de Janeiro, despeitado por isso apresentára-se ás quatro ho-

(*) Assim se póde traduzir a breve allocução proferida pelo principe nessa audiencia de «Como é para bem de todos, e felicidade geral da nação digam ao povo que fico».

(**) A letra S do Appendice.

ras da tarde de 11 de janeiro no quartel de dous batalhões daquellas tropas, fazendo sentir aos soldados a offensa dessa demissão, que a tinha por assás desairosa, menos pela perda da generalidade desse commando, do que por que neste se comprehendia o da divisão portugueza, que elle tanto presava e tinha em summa honraria. Foi isto bastante para que os batalhões, a que se unira um corpo de artilheria, estimulados por um official embriagado, se revoltassem; e com a grita de «viva o nosso general constitucional» e vociferações de escarneo contra os brasileiros, armaram-se e ao escurecer sahiram dos quarteis em insultuosa vozeria, quebrando lampeões e vidraças, ameaçando ao povo de o levar a azorrague, e, depois de correrem as ruas de bayoneta calada, passaram a occupar o alto do morro do Castello, posição que domina toda a cidade, e a mais adequada para metralhar o paço em que residia o principe, e raptar sua familia.

Os generaes e officiaes da divisão, que na presença do principe mostravam-se submissos ás suas ordens, e asseguravam-lhe de apaziguar os revoltosos, eram os proprios que na frente dos batalhões lhes afagavam os brios para a insubordinação, os excitavam á desordem (*).

Em tão grave situação recorreu o principe regente aos paulistas pedindo-lhes um auxilio de suas tropas, e recommendou ao governo provisorio que as reunisse e as fizesse partir sem demora para o Rio de Janeiro. Este novo appello aos paulistas era fundado nos muitos precedentes que ficam relatados nesta historia; na sua idéa fixa de acudirem elles pressurosos aos reclamos do Estado pedindo a sua vigorosa cooperação para qualquer parte que se dependesse della; quanto mais que naquella emergencia accresciam á sua reconhecida prestança as constantes manifestações do seu patriotismo, e sua adhesão innata pelos principios

(*) Monglave. Pieces justif. 296.

liberaes que se generalisavam no paiz; não lhes servindo de menor estimulo o desassisado descomedimento das tropas lusitanas, irrogando doestos e insultos a um povo que os acolhera benevola e generosamente, a militares que lhes dispensaram a mais servil camaradagem, que a recebiam como uma devida homenagem á sua arrogante philaucia (*).

A carta regia de 12 de janeiro, invocando o brasileirismo dos paulistas, seu amor á ordem e á tranquillidade publica, chamou-os ao Rio de Janeiro, que se achava a braços com a indisciplina e anarchia da divisão lusitana assanhada contra a sua população (**).

De posse o governo de São Paulo dessa carta ordenou a 17 de janeiro ao coronel Lazaro José Gonçalves, que dos corpos milicianos da capital organisasse um batalhão, que devia receber reforço dos regimentos das villas do Norte em sua marcha para o Rio, annexando ao batalhão toda a tropa de linha que se achava na capital. Para identico destino formaram-se dous esquadrões de milicianos, cujo commando foi dado ao então tenente-coronel Bernardo José Pinto Gavião, formando os dous contingentes um corpo de mil e cem praças, que marchou da capital a 24 de janeiro (***). Alguns officiaes paulistas, que se achavam desligados de corpos, offertaram espontaneamente seus serviços nessa occasião encorporados á expedição. Entre elles fez-se menção do coronel Joaquim Mariano Galvão de Moura Lacerda, dos majores José Rodrigues de Oliveira Neto, e Manoel José Ribeiro, do alferes Thomaz de Aquino e Castro, e do cadete Francisco de Castro do Canto e Mello.

No dia da marcha do corpo expedicionario foi-lhe por parte do seu commandante proferido o seguinte discurso: «Em observancia das ordens do principe re

(*) Monglave. Lettre seizieme, 150.
(**) Monglave. Lettre seizieme, 156.
(***) A letra T do Appendice.

gente dispoem o governo que marcheis para a capital do Rio de Janeiro. O governo espera de vós, nobres guerreiros, que por tantas vezes tendes mostrado o vosso valor nos campos de batalha, concorraes, encorporados ás tropas brasileiras de guarnição á côrte, para defendel-a de qualquer ataque projectado pelos inimigos da ordem, da união e tranquillidade publica. O governo e a patria assim o esperam do vosso ardor e patriotismo, e do vosso enthusiasmo por tão justa causa, e o governo e a patria não se enganam» (*).

O conselheiro Andrada, primeiro ministro do principe regente. — Uma velleidade do governo provisorio. — Effeitos de 23 de maio.

Deixamos o conselheiro Andrada fazendo caminho do Rio de Janeiro na importante commissão de apresentar ao principe regente as mensagens que lhe eram dirigidas pelo governo provisorio, bispo diocesano e camara da capital, pedindo-lhe que se não retirasse do Brasil, como resolvera o congresso portuguez, a não querer-se a sua separação dos demais reinos da União. Já apresentamos o digno portador de tão honrosa missão na audiencia solemne, que fôra designada pelo principe regente a 9 de janeiro; e ainda não dissemos que emanára da sua opinião, adoptada pelo principe, o chamamento de tropas paulistas, para, conjunctamente com as nacionaes do Rio, affrontarem o movimento anarchico da divisão lusitana.

O principe regente, conhecendo por tradição a superioridade intellectual do conselheiro Andrada, e por factos, suas virtudes civicas e sociaes, a elevação de seus sentimentos innatos pelo Brasil, e profunda

(*) A letra K do Appendice

aversão por sua dependencia de Portugal, condemnada e agonisante, o chamou para os seus conselhos, dandolhe o logar de seu primeiro ministro em 16 de janeiro; e com quanto bastante hesitação houvesse da sua parte na acceitação de tão ponderoso encargo, soube vencel-a a princeza d. Leopoldina, ao depois imperatriz do Brasil, que sabendo da indecisão do conselheiro, na primeira entrevista que tivera com elle, entregando-lhe nos braços sua primogenita, a princeza Maria da Gloria, ao depois rainha de Portugal: «Ella é vossa compatriota, lhe disse, e tem necessidade dos vossos serviços e exemplos, e sua mãi precisa dos vossos conselhos; o Brasil e meu marido reclamam vossas luzes e patriotismo» (*).

Houve em São Paulo, como era bem de esperar publicas manifestações de regosijo pela elevação do conselheiro Andrada ao primeiro logar no ministerio do principe regente; e desse ensejo aproveitou-se o espirito publico para fazer inspirar no animo do funccionalismo da primeira plana a idéa de aggregar-se ao governo geral do paiz um corpo de consultores das provincias, servindo-lhe como de conselho d'estado com opinião livre, mas sem responsabilidade, e essa idéa, que tomou vulto, era como a precursora de outra mais vital e porventura imprescindivel na nova categoria que passava a tomar o Brasil — a instituição de um corpo legislativo exclusivamente seu.

Deputações populares foram mandadas ao governo provisorio e á camara da capital no intuito de se impressionarem dessa idéa, fazendo-a valer no conceito do principe regente pelo conducto que fosse mais adequado; e o clero, que não se mostrava menos solicito e zeloso na vulgarisação das formulas sociaes, suscitou-a no animo do seu digno diocesano, que a isso prestou-se de bom-grado.

O bispo e a camara de unanime accordo prestes

(*) Monglave. Piec. justif. 277.

se deram a isso, dispondo que os mesmos commissionados da mensagem pedindo a não retirada do principe regente do Brasil, que ainda se achavam no Rio, fossem autorisados a solicitar perante o regente a creação desse conselho. O governo provisorio decidiu-se por fim nesse sentido, depois de vencida alguma hesitação manifestada pelo seu presidente em seus habituaes escrupulos, ostentados em todos os actos administrativos em que suppunha menoscabo á dignidade e interesses de Portugal.

Revelara-se na primeira epocha da governação de Oyenhausen, solidaria e sem partilha, o elemento do acerto provindo do seu bom senso e illustração, que algumas vezes o desenvolveu por instincto de vontade benefica, por discernimento recto e por pratica dos negocios publicos adquirida am anteriores governos. Na segunda epocha, porém, em que sómente fazia parte individual do complexo governamental, posto que investido nominalmente com a dignidade de *primus inter pares;* só com vontade collectiva, e acção sujeita á maioria de suffragios, fazia a custo a exhibição do proprio voto si era no tocante a assumptos, que comprehendia serem em desfavor de Portugal; pronunciava-se por esses actos com desanimo e timidez antes desconhecida e que orçavam para a impugnação, e com o instincto de macular seus sentimentos nacionaes.

Foi assim que teve origem a idéa da collaboração consultiva no governo geral, aventada pelos patriotas de São Paulo; e della se deu conhecimento ao principe regente por intermedio dos commissionados da anterior mensagem, em solemne audiencia havida a 16 de janeiro, dando-lhe vigor o decreto de 16 de fevereiro, que creou um conselho de procuradores geraes das provincias, installado a 2 de junho. Obtiveram a eleição de conselheiros por esta provincia o desembargador Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, e o tenente-general Manoel Martins do Couto Reis, paulistas residentes no Rio de Janeiro.

Já ácima se disse que não existia accordo de sentimentos e opiniões, havendo, todavia, homogeneidade de acção no elemento governativo da provincia, por mais que se ostentasse confraternidade pessoal em seus membros, e adhesão aos principios proclamados. Ainda, por assim dizer, palpitava a quéda do antigo e ferrenho poderio portuguez sobre a sua malfadada colonia na America, e transições desta ordem trazem comsigo longos e amargosos resaibos. O presidente do governo, não tendo fortaleza d'animo e a precisa resignação para recatar a magoa dessa grande decepção, tinha o instincto do manejo secreto para inverter e desvirtuar intenções de outrem, e delle fez a necessaria provisão para poder contrariar os meios empregados principalmente pelos Andradas em prol do paiz; e a apreciação que fizera delles ao luzir o clarão da liberdade dera-lhe para consideral-os como fortes propugnadores della, como um padrasto sobranceiro a quantos lhe quizessem contrastar. Sabe-se que a enviatura do conselheiro Andrada para o Rio, na incumbencia da mensagem que deu em resultado o «Fico», e a do marechal Arouche com identica missão, fôra por indicação do presidente do governo segredada entre os membros do seu conluio, que votavam dissentimentos a esses distinctos paulistas; a do conselheiro Andrada era com o fito de afastal-o do seu lado deixando-lhe assim arbitrio e liberdade de acção na marcha de suas apprehensões politicas, e a do general Arouche, para desvial-o do contacto do povo, que o tinha em conta de seu amigo, afouto e prestimoso partidista.

Com alguns membros do governo contava no seu intimo o presidente como seus partidarios, mas nenhum delles tão dedicado e officioso como o coronel Francisco Ignacio, que além disso era antigo e gratuito adversario do coronel Martim Francisco de Andrada. Aquelle, paulista de nascimento e educado em Portugal, fazia alarde dessa intimidade, e de compartilhar no maior gráo a politica sorrateira de Oyenhausen; e

os membros da parcialidade deste acautelavam-se de demonstrações de comprommettimentos em epocha, como a de então, de estreme esmerilhação politica, de odioso exclusivismo pela opinião que estava em voga.

A feliz opportunidade do apparecimento do conselheiro Andrada no Rio de Janeiro deu, como já se sabe, para que fosse elle nomeado primeiro ministro do principe regente; e si por esse lado achava-se o presidente sem a pressão de um pesadelo, que o desvairava nos seus sonhos dourados — de aplanar as difficuldades que em São Paulo elevavam-se contra a antiga preponderancia portugueza, cumpria tambem annigilar a supremacia bem adquirida do coronel Andrada, desse vulto respeitavel que via ante si e que lhe infundia temor pelo requinte do seu patriotismo, cohesão com as liberdades publicas, e affabilidade de trato.

Porque o coronel Andrada havia com esses predicados sabido grangear a aura popular, por isso mesmo incorrera na animadversão dos que queriam ver sempre o povo servil, espesinhado, sujeito á sua prepotencia e docil aos seus desvarios. Imputavam-lhe excessiva exaggeração contra os desmandos na administração publica, e rigorismo contra os desmandos na gestão do fisco; irrogavam-lhe até atrocidade na execução penal do principal fautor da revolta militar de Santos. A convir-se em que na regeneração de um paiz onde, como no Brasil, houvera contínua e escandalosa impunidade nos crimes, ás vezes a troco de miseraveis ganancias; onde o systema de malversação e delapidações enraizara-se nas administrações de fazenda; onde mercadejava-se com descaro os empregos publicos; onde, emfim, o fructo da lavra das terras era levado á força para o monopolio europeu, não se devia estranhar, que uma vontade firme, um genio vasto em medidas para o bem publico, o coronel Andrada, emfim, fizesse barreira a tantas prevaricações á tammanha immoralidade.

Havendo o vago na imputação que se lhe faz, do

rancor que patenteou no acto da execução do fautor da revolta militar de Santos; presumindo alguns que cabe sua origem ao antagonismo de outros tempos, que crescera com a mudança politica do Estado, e que insidiosamente envolvia Andrada em accusações banaes; e si fosse isso real, não seria incompetente e mesmo culposa da parte de uma autoridade governativa qualquer indulgencia em attenuação ao grave attentado do grande criminoso, que levantou braço assassino e roubador contra uma população inerme e pacifica?

Os asseclas da obsoleta monarchia sem condição, os sectarios pertinacissimos do velho absolutismo não se compenetrando da necessidade da revolução, os desapontados na effectuada destribuição governativa, e que dos descontentes e incautos, entre os quaes figuravam muitos nascidos em Portugal, puderam formar proselytismo, escorado pela força bruta popular, que é sempre prompta em acudir ao primeiro aceno da demagogia em acção, quando ostenta mais dinheiro do que merito ou prestigio; esses desatinados, pois, concertaram entre si a conspiração, que vulgarmente é conhecida com o nome de «Bernarda(*) de Francisco Ignacio» em allusão ao principal corypheo que figurou na commoção popular havida na capital em 23 de maio de 1822, com o fim de expulsarem do governo a dous dos seus distinctos membros, o coronel Andrada e o brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão, paulista abastado, pertencente a uma antiga e respeitavel familia da provincia, e que por sua honradez, firmeza de caracter, e sobre tudo por amisade e dedicação aos Andradas houvera incorrido na indignação dos que estavam em porfiada competencia hostil por estes.

(*) *Bernarda* ou *Parto da Bernarda:* nome que as tropas portuguezas deram em 1821 a conspirações militares. Sua origem é desconhecida. Talvez d'ahi provenha, por assimilhação de facto, o appellido de «bernarda da Maria da Fonte», que se deu a uma commoção modernamente havida em Portugal, e incitada pela mulher desse nome.

Informado o principe regente de que o presidente Oyenhausen achava-se coagido e vacillante entre os dous partidos que no seio da administração actuavam sobre ella e não lhe deixavam livre o alvedrio: o dos Andradas, que era o do povo, e o do coronel Francisco Ignacio, que educado militarmente em Portugal estava nos habitos da tropa, e lhe pertencia o commando dos corpos milicianos da capital, e como poderoso capitalista abrigava com o seu credito o commercio da praça exclusivamente portuguez. Nesse estado de cousas foi expedido pelo ministerio do conselheiro Andrada o aviso de demissão de Oyenhausen la presidencia do governo provisorio, impondo o dever, a elle e ao juiz de fóra Costa Carvalho, que servia de ouvidor da comarca, de recolherem-se ao Rio de Janeiro; e deste aviso se fez leitura em sessão de 23 de maio.

Instantaneamente propalou-se a noticia do conteudo desse aviso, e os partidarios dos que eram chamados ao Rio de Janeiro, convertendo esse acto do governo collectivo em mandato pessoal do ministro Andrada e sem concurrencia dos outros, avisaram a seus sequazes de que convinha quanto antes reagir contra elle por meio de um pronunciamento tumultuario; e para mais exasperar os animos invectivára-se, que era esse procedimento do governo o resultado do que fôra pactuado em club secreto havido na noute de 3 de maio em casa do coronel Andrada.

Indistinctamente foi notificada a população da capital para reunir-se na praça de São Gonçalo ao signal do sino da cadêa, impondo-se aos timoratos e indecisos ameaças por parte do commandante dos corpos milicianos e do ouvidor, que tomaram a peito a causa de Oyenhausen. Na tarde desse dia (23 de maio) ouve -se esse signal conjunctamente com o de tambores que percorriam as ruas tocando o alarma, e o povo corre em tropel ao quartel, onde já achou formado um batalhão composto de quatrocentas praças armadas, aggregando-se-lhe sessenta e tantos officiaes, e do qual to-

maram o commando o brigadeiro Pinto e o coronel Francisco Alves. A's trindades seguiram o povo e ropa para a praça de São Gonçalo, prefazendo o numero de mil pessoas, mais ou menos, a maior parte das quaes acudiu aos signaes sem saber para que fim o fazia. E' este as mais das vezes o costume em que estão as massas: agitam-se, correm uns só por imitação de verem agitar-se, correr os outros sem moralisar a acção; e eis ahi o que os astutos denominam «movimento espontaneo e consciencioso do povo".

O coronel Andrada, que assumira a presidencia do governo provisorio com a retirada de Oyenhausen, fôra attento aos signaes de alarma, de prompto e com denodo vae a palacio, e occupa o seu posto, já ahi encontrando seus collegas, alguns indecisos sobre as providencias a dar no momento, e outros esperançados de que prevaleceria a trama; a estes mostrou despreso e altanerias de uma consciencia sem temor, e a aquelles, inspirando-lhes o proprio animo, fez em summa com que o governo aguardasse seguro e tranquillo o resultado do movimento, mandando, sim, retirar a guarda do palacio para evitar algum choque contra o povo que porventura para ali se dirigisse. A's muitas provações de confiança que depositava nos paulistas esse seu dilecto compatriota, augmentou mais essa, que encheu de confusão a seus gratuitos adversarios, e de estima e nobres convicções a seus patricios inatacaveis pela intriga e maledicencia: mas dessa insignificante circumstancia serviram-se os seus contrarios explorando-a tambem em accrescimo á odiosidade, que se propunham a excitar com intervenção da tropa e do seu commandante contra o membro que queriam vêr proscripto do governo. Quantos erros não encobre uma ambição estouvada e fermentada em cabeças insensatas!

Acharam-se apenas junto ao governo, além dos seus ajudantes d'ordens, e do major do dia, o capitão Ferraz, o capitão-mór Eleuterio da Silva Prado, e seu

filho Antonio da Silva Prado, hoje barão de Iguape, e o official do gabinete, Joaquim Floriano de Toledo, hoje coronel: esses distinctos paulistas, que menos por sentimento do dever do que por zelo pela ordem publica, preteriram os bandos sediciosos por um governo que houvera sahido do seu voto, e approvado pelo poder competente.

O coronel Francisco Ignacio, que na apparencia e em presença do governo manifestava desapprovação por aquelle movimento, era a alma delle, e para isso tinha coadjuvação e conselhos do interino ouvidor da comarca como comparsa naquelle enredo: e com a pertenção de manter-se no conceito de governista, sahe d'entre os seus collegas na intenção declarada de informar-se do motivo que dera o facto do movimento, e unindo-se em caminho ao ouvidor, invade a chusma do povo reunido na praça e acostado á tropa, e renunciando o pretexto que procurára para sahir do palacio — de indagar a causa da revolta, pois que melhor do que ninguem elle a sabia, foi tão parco em advertencias aos amotinados, quanto diffuso em exprobrações contra o coronel Andrada, pela attitude desdenhosa com que se ostentava naquella exhibição popular, em que as massas mostravam arreganho por isso que chamavam seus desmandos, e pela retirada da guarda do palacio com allusões desairosas á tropa.

Quasi por uma só voz ouvira-se do povo e tropa sujeitos á mais ignobil subserviencia e habilmente apparelhados para o intento, protestos de que haveria inteira obediencia da sua parte sob a condição de se não dar execução ao que fôra determinado pelo principe regente, demittindo a Oyenhausen da presidencia do governo chamando-o á côrte, e substituindo pelo coronel Andrada, sem attenção a que excluia se um de eleição popular, para ser posto em seu logar o de puro alvitre do conselheiro Andrada, seu irmão.

Essas miserandas allegações foram levadas ao conhecimento da camara que já havia tomado assento,

apresentando-as o coronel Francisco Ignacio, que, retirando-se depois disso, passára em continuação daquella phantasmagoria a tomar o commando da tropa e, segundo suas proprias palavras, para conter a soldadesca em seus disturbios, e melhor dirigil-a no teor dos seus planos, visto que a camara estava disposta a procurar meios para a dispersão do ajuntamento popular, desattendendo-o em suas disparatadas exigencias.

Em verdade, a camara(*), despresando insinuações estranhas, e subtrahindo-se ás suggestões do ouvidor, subordinou-se ás suas convicções e propria apreciação, e medindo o alcance perigoso daquella actualidade si désse subita acquiescencia ao que da praça se exigia, declara-se pela não acceitação de formulas de commando, e por este modo enuncia-se aos amotinados mandando-lhes o marechal Bauman e o coronel Castro, dirigindo ao mesmo tempo ao governo o seu procurador para verbalmente informal-o da situação emergente, e do quanto se lhe queria impôr por meio da força; e como o governo recusasse com dignidade entrar em transacções similhantes com os revoltosos, foi esta resolução transmittida pela camara ao povo, que n'um impeto raivoso invade atropelladamente o seu paço, e em alta vozeria, irrogando-lhe culposa indifferença quando não fraqueza, a obriga a fazer sentir ao governo a deliberação em que estava, de fazer retirar do seu seio os membros coronel Andrada e brigadeiro Jordão; e neste forçado lance foi a camara obrigada a acceitar da parte do povo e tropa revoltados na praça uma representação ou panal de injurias contra o coronel Andrada, com assignaturas de capricho, umas, dos que para ali foram por simples phantasia, outras, porque cederam a suggestões de poderosos conspiradores, algu-

(*) E' justo que consignemos aqui os nomes dos vereadores que nesse anno funccionaram na camara. Foram elles: Bento José Leite Penteado, Antonio de Siqueira Moraes, Caetano Pinto Homem e Luiz Manoel da Cunha Bastos.

mas, porque foram mercadejadas, e todas, emfim, sem crenças ou opiniões sobre o seu contexto. Impellida a camara a receber a representação, não por consciencia sua, sinão para demover o povo de maiores animosidades em seu estado de irritação, formulou della outra em termos decentes e respeitosos relatando a situação que dominava a capital, e a endereçou ao governo.

Feita a leitura da exposição da camara levantou-se o coronel Andrada, dizendo: a isso sim, senhores, deveis attender porque me é pessoal; e dizei á camara que dou-me por demittido, e que para este desfecho não havia precisão de tanta formalidade . E o brioso paulista com a sobranceria de suas convicções retirou-se com gesto de despreso e enjôo, que, si foi comprehendido, certo que esmagaria os seus adversarios que estiveram presentes a esse acto de espontanea abnegação

O honrado brigadeiro Jordão a esse exemplo, e imitando os brios do seu amigo e collega, igualmente se retira; destituindo-se ambos voluntariamente dos cargos publicos que exerciam; partindo aquelle para Santos, e o coronel Andrada para o Rio de Janeiro.

A's nove horas da noute, informados o povo e tropa de haverem aquelles dous membros do governo abandonado de motu proprio os seus logares, bateram em retirada da praça, vangloriando-se desse feito da iniquidade, extorquido por meios ignobeis ao caracter paulista, só em satisfação de um poderio todo pessoal, todo egoistico, a que alliou-se a ruminada idéa da retrogradação politica para o velho systema. Com aquella retirada restabeleceu-se a tranquillidade publica, sem que a mesma houvesse nos animos dos cabeças da facção, não que elles já sentissem remorsos por a haverem posto nas ruas, por que ainda era cedo para a sua fermentação, sinão porque urdiam novas traças; uns, para terem ingresso no poder, para cuja conquista atiraram-se ao remoinho popular, e outros, na procura

de meios que os pudessem subtrahir a preconceitos, á animadversão publica, logo que fosse conhecida a ordidura daquella trama.

No habito em que estamos de trazer para esta historia tudo quanto concorra para qualificar o genuino caracter dos paulistas, a sua verdadeira indole, reproduziremos aqui as palavras tão eruditas como cheias de patriotismo de um illustrado paulista(*), que se tem dado ao estudo das cousas patrias, e as lançou em um manuscripto de sua lavra, que generosamente confiou-nos: «Eis o acontecimento, diz o manuscripto, a que a tradição unanime e constante chama — A bernarda de Francisco Ignacio —. Nem o nome deste illustre paulista, nem o de sua nobre e numerosa familia, nem sua fortuna, nem sua posição eminente na milicia e no governo provisorio puderam obter deste bom povo mais do que esta reunião e vozeria: nem uma palavra injuriosa, nem um doesto houve entre tantas pessoas reunidas por motivos diversos e para o fim da ordem e da paz, que sempre formaram a baze dos costumes publicos dos generosos paulistas».

Não se havia ainda enchido o feio quadro de tanta protervia e villania: era preciso completal-o e isso se fez com a declaração do governo provisorio de 29 de maio, de que se não podia conseguir o restabelecimento do socego publico na provincia emquanto o coronel Andrada estivesse nella; o que lhe fôra intimado por parte do governo. Feita essa intimação, o pundonoroso paulista immediatamente deixou a capital, dando-se-lhe um official para o acompanhar, o capitão José Fernandes da Silva, a titulo de lhe fazer honra, mas com o fim latente de o ter em guarda. A compensação promettida a occultas a este official, no caso de bem desempenhar essa commissão, foi conver-

---

(*) O snr. dr. Paulo Antonio do Valle, dado á lucubrações historicas e á litteratura amena, que lhe ha grangeado o bem merecido titulo de profundo litterato.

tida em prisão na fortaleza da Barra por ordem do governo geral. Ficaram então apparentando o governo provisorio Oyenhausen, como presidente, e como vogaes o chefe d'esquadra Oliveira Pinto, e coronel Müller. Por esta nova organisação feita *camarariamente* vê-se que os demais membros do governo renunciaram á administração, dizendo-se que uns o fizeram porque o remordimento dos seus feitos era tal que não puderam affrontal-o no proprio recinto em que foram elles praticados; e outros, porque não queriam autorisar com a sua presença qualquer meio que procurasse o governo para rehabilitar-se no conceito que elle proprio espesinhára.

Dos acontecimentos que ficam relatados comprehendeu o governo geral que a situação da provincia de São Paulo era assustadora, ao inverso do que lhe asseverava o governo provisorio, modificando suas partecipações no sentido de attenuar a culpabilidade da gente que actuára para o movimento de 23 de maio, por ser constantemente provocada pela que se dizia partidaria do coronel Andrada, transudando dissimulação quando se exprimia que passára «pelo sacrificio de acceitar as deposições dos dous seus mais illustres e dignos membros, tão habeis como honrados, e amantes da causa justa (*); e da apreciação desses acontecimentos emanou não só a carta regia de 25 de junho, exonerando a Oyenhausen do cargo de presidente e membro do governo provisorio, e chamando-o á côrte, bem como ao juiz de fóra Costa Carvalho, como o decreto da mesma data que deu por extincto esse governo, substituindo-o por um de tres membros com a denominação de interino, composto do bispo diocesano d. Matheus, do marechal Candido Xavier de Almeida e Souza, que era igualmente encarregado do governo das armas, e do juiz de fóra José Corrêa Pacheco.

(*) Liv. do regist. da correspondencia official entre o governo provisorio e o geral em 1822.

Com essa transferencia de governo dispôz o geral que se procedesse a uma devassa para conhecimento de quaes os elementos que deram causa para esses acontecimentos, e as pessoas que intervieram nelles. A elle se procedeu, e antes de ser fechada ficou de nenhum effeito, pondo-se em liberdade os que se achavam presos, e isto por querer o principe regente, como é expresso no decreto de 23 de setembro de 1822, «corresponder á geral alegria pela nomeação dos deputados para a assembléa geral constituinte e legislativa, que ha de lançar os gloriosos e inabalaveis fundamentos do imperio do Brasil».

A presença do coronel Andrada no Rio de Janeiro dispertou no principe regente a feliz idéa de associal-o ao conselheiro Andrada, seu digno irmão, no ministerio, assumindo o da fazenda em 3 de julho.

Transcreveremos por traducção neste logar a justa apreciação, que dos illustres Andradas fez o erudito e imparcial historiador Aug. St. Hilaire em sua historia da provincia de São Paulo: «Os paulistas adquiriram direitos ao reconhecimento dos demais brasileiros; mas, importa dizel-o, sua inexperiencia nos negocios publicos era tal que provavelmente ficariam em inacção si uma como disposição providencial não tivesse permittido, que se collocassem á sua frente dous homens eminentemente notaveis seja pelo seu talento, seja pelo seu patriotismo. José Bonifacio de Andrada e seu irmão Martim Francisco sobrepujaram os seus concidadãos pelo ascendente que sobre elles tinham, dirigiram-os, e o Brasil foi salvo»(*).

Comquanto nesses tempos que corriam o governo provisorio contasse em seu apoio com os corpos milicianos da capital, commandados pelo coronel Francisco Ignacio, o mais empenhado para que progredisse aquelle estado de cousas; embora, a sua confiança era somenos da que se fazia mister para completo repouso

(*) St. Hilaire. Hist. de la Prov. de St. Paul, 78.

do seu animo, fustigado quasi sempre por pensamentos que lhe punham de frente a immoralidade do seu procedimento, ordenou ás camaras de Itú, Sorocaba, e outras villas da comarca, que lhe mandassem destacamentos dos respectivos corpos milicianos para o serviço da capital. A camara de Itú negou-se a dar execução a essa ordem, sendo que foi a primeira a protestar energicamente contra a revolta de 23 de maio na capital, como o fizera constar em tempo ao governo provisorio, transmittindo-lhe copia da representação que dirigira ao principe regente, expressando sua formal desapprovação a quanto ali se havia praticado, e rendendo-lhe novamente seus votos de firme adhesão e obediencia. O governo provisorio, tomado do menoscabo que recebeu da camara apresentando-lhe contrariedade a um dos seus primeiros actos depois daquella revolta, ordenára ao ouvidor da comarca que mettesse em processo não só essa camara, como as outras que como ella se mostrassem desobedientes.

Tem sido em todos os tempos applaudido o civismo nunca desmentido dos ituanos. Impressiona-se do maior jubilo quem vê a patria de Paula Souza (*), e de outros notaveis cidadãos patriotas, sempre e profundamente inspirada de idéas liberaes, apresentando-se em todas as epochas, em todas as crises sempre com denodo e energia pelo bem publico. Foi esta terra classica do liberalismo e da ordem, que, por conselhos dos eleitores Vergueiro, Paula Souza e Alvares Machado, tomou precedencia no juramento prestado ás bazes da constituição, e fez sentir ao governo provisorio a necessidade de generalisal-o na provincia (**); que, primeira, excitou a idéa de mandar-se incontinente tropas em auxilio do principe regente, quando aggredido em janeiro de 1822 no Rio pela divisão lusitana de Jorge d'Avillez.

(*) O Ypiranga de 10 de setembro de 1851.
(**) V. ácima.

A mesma negativa, de prestação de forças pedidas pelo governo provisorio para augmento das da capital, houve da camara de Sorocaba, pelo que incorreu na comminação irrogada á de Itú, de sujeital-a a processo pela ouvidoria da comarca: e comquanto isso, não foi ella abalada desse seu proposito; excedendo-se á de Itú em impôr-se autoridade governativa abrangendo o circulo da comarca, dispondo em sessão extraordinaria de 26 de julho o seguinte, como attribuições a que ficava sujeita:

1.º Convidar as camaras das villas que formam a comarca de Itú para se subtrahirem da obediencia á administração geral da provincia, por todo o tempo que durar o estado de desordem na capital; devendo cada uma nomear um cidadão do seu districto para a organisação de um governo temporario, que será installado na cabeça da comarca, exclusivamente para o fim de tomar medidas conducentes a se conseguir a tranquillidade geral da provincia, pondo em boa harmonia os sentimentos dos seus habitantes, e chamando-os a um centro commum de obediencia ao principe regente.

2.º Participar ao governo provisorio essa deliberação do da comarca; fundando-se este em que fôra-lhe isso suggerido pelos abusos da administração geral; sob o protesto de que, comquanto o occorrido, de modo algum mudaria a camara de seus sinceros e leaes sentimentos, a respeito do amor e submissão ao principe regente, e de fiel adhesão ao systema liberal e aos principios constitucionaes que fossem adaptaveis ao Brasil.

3.º Ordenar aos corpos milicianos da comarca, sob sua responsabilidade perante o principe regente, de não se destacar força alguma desses corpos, que seja a pedido do governo provisorio, *emquanto a capital se achar em estado de anarchia.*

4.º Ordenar aos commandantes das ordenanças que ponham estas em pé de mobilidade, para acudirem

á voz de chamamento quando a tiverem do governo da comarca.

5.º Dispôr o provimento de munição de bocca e guerra, no caso de concurrencia de força armada na cabeça da comarca(*).

O acanhamento, ou antes temor, com que o governo provisorio procedia em sua administração depois dos acontecimentos de 23 de maio, revela-se tambem por isso que, no complexo das medidas administrativas a que se arrogou a camara de Sorocaba, o governo sómente attentou para a de menos responsabilidade, e era a que contrariava a sua ordem, de vir para a capital um destacamento do corpo de milicias do districto; fazendo extensiva á camara a sua ordem de 4 de julho, dispondo a instauração de processo á de Itú, por não consentir em igual destacamento das milicias de seu districto.

Isto animou á camara de Sorocaba ao accordo: «Que se fizesse constar ao governo provisorio, que conhecendo-se por factos, que actualmente não existe outra autoridade sinão a das camaras, a de Sorocaba, se impôz o dever de tomar a si a administração civil do seu districto, a exemplo do que outras em identicas circumstancias tem praticado, e para não ser simples espectadora das desordens que iam pela capital; fundada no que, a camara fez suster a marcha do destacamento que para ali partia, até resolução do principe regente, ou até á installação do governo que emanasse da sua autoridade; sem que dessa ordem inferisse o commandante do corpo, que desobrigava-se da prestação de qualquer força, que lhe fosse requisitada pela camara, afim de occorrer a qualquer emergencia que manifestasse contra a ordem publica» (**).

(*) A letra Q do Appendice.

(**) O periodo que vae entre *comas* foi extrahido de um manuscripto que nos foi confiado, contendo a resposta da camara de Sorocaba.

Foi um dos primeiros actos do governo interino a approvação das medidas tomadas pela camara de Sorocaba, que vão ácima referidas; o que á mesma constou em sua sessão de 19 de agosto. Com este tyrocinio começaram os sorocabanos a sua franca e nobre carreira nas veredas da liberdade. Abonam-nos esta convicção feitos desta ordem em todos os tempos. A medida adoptada pela camara de Sorocaba contra um governo impossivel foi um protesto eloquente, aconselhada pela attitude que na capital haviam tomado as cousas politicas, e por todas as conveniencias de uma boa governação, escoimada de suggestões nocivas e irresponsaveis, de que geralmente era accusada uma administração de origem popular, que falseou a sua missão legitima. Os sorocabanos são homens que nasceram para a liberdade, e esta crença lhes será perduravel, pelo menos emquanto ali houverem recordações do mais distincto delles, o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

O 23 de maio continuado em 19 de julho

Uma parte do contigente militar, formando um corpo de mil e cem praças, que marchára para o Rio de Janeiro em auxilio á sua guarnição, quando esta lutava com a divisão lusitana do general Avillez, revoltada ali em janeiro de 1822, e premeditando o grande attentado de raptar a familia real: essa parte do contingente, composta de quatrocentas praças milicianas, que mereceu inteira confiança do principe regente, aquartelando-a no recinto do paço da Boa-Vista, e entregando-lhe a guarda da sua pessoa e familia; afagada por elle, e elogiada em suas proclamações, prescindiu della, tendo em maior conta o serviço que poderia prestar á sua terra natal, a fez regressar á

provincia, entrando na capital a 22 de julho, victoriada enthusiasticamente pelo povo, e recebendo congratulações do governo provisorio (*). Com ella retirou-se o coronel José Joaquim Cezar de Cerqueira Leme, que a commandou em todo o tempo que esteve fóra da provincia.

Pela affinidade e contacto em que se acham os acontecimentos de 23 de maio com os de 19 de julho, ha necessidade de mais algumas palavras sobre os da primeira epocha em demonstração do ligame que houve entre ambos.

Em principio de maio e por seis diversos conductos recebera o governo geral denuncias, de que uma conspiração se tramava na capital da provincia contra a ordem e socego publico, sendo os principaes fautores della o presidente do governo Oyenhausen, e ouvidor Costa Carvalho (que teve a honra de organisar o plano), e essa denuncia foi reiterada em meiado desse mez, vogando que os conspiradores aguardavam para romperem um motivo qualquer da parte do governo geral em desabono de algum acto do governo provisorio, e como nenhum houvesse que fosse a seu geito, prevaleceram-se de futilidades e rumores vagos, como eram entre outros o de que o coronel Andrada e brigadeiro Jordão, membros do governo, invertiam as noticias que davam para a côrte ácerca de alguns actos do mesmo governo, praticados segundo affirmavam, com as melhores intenções e boa fé no sentido do bem estar da provincia. E por este teor formaram o proselytismo, que bem serviu-lhes no 23 de maio.

O principe regente (ou o seu primeiro ministro, que era mui vigilante pelos interesses do paiz e especialmente pelos da terra que o viu nascer) tomou mui depressa as medidas mais apropriadas para firmar a ordem publica na provincia; e assim foi que mandou regressar para a provincia o corpo miliciano, que servia ao principe de guarda de corpo, e prestára no Rio

(*) A letra P do Appendice.

de Janeiro relevantes serviços, como já o dissemos, e que por decreto de 10 de maio nomeou o marechal Arouche para governador das armas da provincia, devendo seguir logo para o seu destino, afim de, como era expresso em seu titulo, «tomar todas as medidas precisas, e dar todas as providencias que lhe parecerem mais acertadas e efficazes, afim de manter a ordem e socego publico, e de restabelecel-os quando porventura estejam alterados por qualquer circumstancia» (*).

Estas ordens foram reiteradas pelo aviso de 25 de maio; e como já estivesse demittido o presidente Oyenhausen, e devia este e o ouvidor Costa Carvalho retirarem-se logo da provincia, entrára nas attribuições do governador das armas o fazer effectiva essa retirada, para o que podia servir-se de um navio de guerra, que naquella occasião se fazia partir para Santos, a ser preferivel que os deportados fossem por mar (**).

Os avisos feitos da capital, revelando indicios de imminente commoção, obrigaram ao governo geral a apressar a partida do governador das armas para a provincia, devendo desde logo sujeitar ás suas ordens o corpo de milicias que se havia retirado da côrte, e estava em marcha para a capital. Em significação disto vêr-se-á no Appendice o aviso de 23 de junho expedido pelo ministerio da guerra, em que se notará. que era autorisado o general Arouche, além de outras medidas para «restabelecer a ordem na cidade e na provincia, a pique de ser envolvida em uma guerra civil por uma triste facção desorganisadora, de que são os principaes motores o presidente Oyenhausen, o ouvidor da comarca de São Paulo, e o coronel Francisco Ignacio, os quaes v. ex. remetterá, logo que lhe for possivel, a esta côrte" (***).

(*) Aviso do ministerio da guerra, de 21 de maio de 1822.
(**) Aviso do mesmo ministerio, de 25 de maio de 1822.
(***) Letra K do Appendice

Assoalhava-se na capital o boato, inculcado authentico com cartas procedentes de Guaratinguetá, que o general Arouche, á frente do corpo de milicias que regressava da côrte, devendo ser auxiliado por tropas da praça de Santos, era conductor da carta regia que exonerava Oyenhausen da presidencia do governo provisorio, e com o encargo de mandar presos para a côrte este, o ouvidor da comarca, o coronel Francisco Ignacio e outros fautores da revolta de 23 de maio, e para o que achava-se no porto de Santos um navio de guerra á disposição do general, sendo tambem conductor de aviso do governo, em que este declarava, que foram *in limine* despresados os fundamentos das representações que lhe foram dirigidas em consequencia dos acontecimentos de 23 de maio.

Taes noticias chegaram tumultuariamente ao governo provisorio pelas vociferações de um grupo de agitadores, que obedecia ao movimento que lhe vinha do alto e o soltava nas ruas. E o governo, que visava sempre sobre si a espada de Damocles, e curvava-se ao menor aceno da facção que dominava a capital, accedeu ao que arrogantemente se lhe exigia, de dar-se exclusivamente ao coronel Cezar o commando do corpo retirado da côrte, privando-o da sujeição ao general Arouche; ser o corpo desarmado, arrecadando-se o armamento em Mogy das Cruzes, e o general obrigado a apresentar-se na capital.

Por insinuações que levava do governo o emissario incumbido dessas ordens segredou a alguns officiaes do corpo, que tão prompto que este chegasse á capital seria despedido para suas casas, o que muito lhe compraseu, porque estava persuadido que, emquanto durasse a crise, que surgira pela demissão e retirada de Oyenhausen e seus sequazes, cujo boato repercutira logo no interior, ficaria retido na capital e sujeito ás disposições do governador das armas, cujas intenções ainda eram ignoradas. Feito o traspasso do commando marchou o corpo para a capital, e aqui chegou a 22

de julho (*), sendo logo dispensado do serviço e posto em arrecado o seu armamento. A plebe facciosa foi mais excessiva em festejal-o, antes porque nullificava-se o seu concurso para conjurar a crise, do que por honral-o pelos importantes e valiosos serviços que prestára ao principe regente.

O prudente general Arouche foi pontual em desligar-se do mando que tinha como governador das armas sobre esse corpo, e conveiu logo em sua marcha para a cidade, pensando que, abalados como estavam os soldados pelas exhortações clandestinas emanadas do governo, e insinuadas pelo seu emissario, sua objecção a essa marcha importaria ao corpo o espaçamento da ausencia dos seus domicilios, que já ia para seis mezes, do que talvez resultasse algum acto de insubordinação, que procurára sempre evitar; e sabendo tambem da superexcitação da capital, suggerida por um tropel de desordeiros que, presente elle, não hesitaria em desrespeital-o, declarou ao governo, que por achar-se molesto não se lhe ia apresentar, pedindo ao mesmo tempo permissão para regressar á côrte, quando estivesse em estado de viajar. O governo recusou-se a isso por maliciar que a apparição do general na côrte em similhante emergencia complicaria mais a situação anormal em que se collocára, e a dos seus sectarios e conselheiros, e obrigou o general a vir á capital com o pretexto de lhe dar posse do governo das armas, havendo já no dia 16 de julho posto o — cumpra-se — no respectivo titulo, e dar conta de outras commissões, que constava-lhe vir elle encarregado; ponderando-lhe mais que havia necessidade da sua presença na cidade afim de cooperar para o restabelecimento da sua tranquillidade, impondo-lhe ao mesmo tempo responsabilidade no caso de denegar-se a isso.

Decidiu-se, emfim, o general Arouche a vir á ca-

(*) V. ácima

pital, e antes de pôr-se a caminho endereçou ao marechal Candido Xavier de Almeida e Souza, governador da praça de Santos, o aviso do ministerio da guerra de 23 de junho, em que o governo geral lhe impunha o dever de concertar, de accordo com o governador das armas, o meio de restabelecer a ordem na provincia (*). Em virtude do que o general Arouche fez convencer ao governador de Santos a necessidade urgente de lhe auxiliar com a força militar que pudesse dispensar da guarnição da praça, nella comprehendida o corpo de artilheria, visto como não podia ser coadjuvado nessas medidas pelas tropas da capital, subservientes a muito á aquelles contra os quaes iam tomar-se medidas, que eram recommendadas pelo governo geral.

Este não approvára a deliberação do general Arouche, de haver declarado ao governo provisorio — de se sujeitar á sua decisão a respeito do procedimento a haver contra a facção dominante na capital, como ao contrario havia deliberado; pois que, havendo no governo provisorio membros compromettidos nessa facção, não se podia esperar inteireza e imparcialidade nesse procedimento, convertido como estava em questão desse governo (**). Ficou assim a solução pendente da intriga.

O general Arouche entrou na capital a 16 de julho, e entregando ao governo provisorio o seu diploma de governador das armas, e mais despachos de que fôra portador, recolheu-se á sua casa, não sem dicterios da infima plebe, aguilhoada pelos que lhe atiravam os gages do conluio, e tinham mais a peito os foros de canalhocratas, do que respeito ás cans de um honrado paulista, distincto por seus longos serviços e por prestigios de sua familia. Ao general aprasára o governo o dia 20 de julho para lhe dar posse solemne do cargo de governador das armas. A dis-

(*) A letra J do Appendice.
(**) Aviso do ministerio da guerra, de 25 de junho de 1822.

cordia tomou taes proporções, que inspirou receios de conflictos, chegando a ser pessoalmente desconsiderado o marechal Arouche.

Os sediciosos da capital, que se aquietaram com a execução das medidas tomadas pelo governo provisorio -- de desarmar e dispersar o corpo miliciano que regressára da côrte, sobre o qual pairavam apprehensões improvaveis, — e de obrigar o general Arouche a recolher-se á capital, onde podia-se melhor espreitar os seus passos, e nullificar qualquer meio que adoptasse contra a situação; essa massa de apaniguados reapparecera no dia 19 de julho, com arremedo militar, nos seus antigos habitos de desordens e alarido, e com a crença da impunidade por mais culposo que fosse o seu proceder.

Constára na capital, por uma carta vinda de Santos, que a ella se dirigia força armada composta do regimento de artilheria com quatro peças, e de um corpo de milicianos, procedente d'ali, trazendo á sua frente o governador daquella praça, o marechal Candido, e que vinha ella como auxilio pedido pelo general Arouche, afim de tirar o governo provisorio das hesitações em que estava, de lhe dar posse do governo das armas, e obrigal-o ao cumprimento das ordens, de que fòra encarregado por parte do governo geral. Bastou isso para que o povo, estimulado por agitadores de profissão, corresse atropelladamente em massa ao quartel da tropa, armando-se á força e unindo-se a esta, se ouvisse de toda essa multidão: que se achava disposta a rebater a invasão das forças vindas de Santos, por ser em grande desar dos habitantes da capital, que viessem tropas d'ali a obrigal-os a praticar actos contra os quaes se oppunham. Entretanto, é certo que a capital puzera coacto o governo provisorio no exercicio das suas attribuições, e que as tropas de Santos vinham libertal-o dessa oppressão. Veja-se de que lado estava o bom direito, e si haveria menoscabo nesse procedimento disposto pelo governo geral.

O governo provisorio dirigiu-se ao quartel, e sabendo ali o motivo que causára similhante tropelia não consentiu que se continuasse nos signaes de alarma, e pôde conseguir sem dispersal-o socegar o povo, cujo numero, que computou-se ácima de seiscentos homens, crescia com rapidez; fazendo divulgar que mandava partir o coronel Müller com ordem de suster a marcha da tropa santista em qualquer ponto onde fosse encontrada, e fazer persuadir ao marechal Candido, que era urgente vir á capital, afim de dar explicações ácerca do que projectára marchando com força armada sobre a cidade.

Esta medida pôde acalmar o maior furor do povo sem que o demovesse do seu proposito, nem o fizesse retirar do quartel, onde se dava por seguro com o apoio da tropa, que estava toda do seu lado, nutrindo a estulta fatuidade de que qualquer passo que désse d'alli para fóra importava o perigo da capital, ameaçada por tropas da sua antiga rival. O governo provisorio retirou-se do quartel pela calada, e dirigiu-se a palacio para melhor occorrer com as medidas que a situação exigisse, e ahi conservou-se em sessão permanente, menos o coronel Francisco Ignacio, que não deixou o quartel, com receio de que alguem houvesse que ousasse desmanchar a sua obra.

O coronel Müller voltou no dia 20 depois de ter uma entrevista com o general Candido, e antes de dar conta da sua commissão ao governo provisorio, dirigiu-se ao povo no quartel, informando-o de que a tropa de Santos vinha em auxilio da capital, por dizer-se que se achava subjugada por um partido preponderante estranho ao governo; que assumira attribuições que só a este pertenciam, e geria a seu alvitre os negocios publicos. D'ali passou Müller a dar essas informações ao governo, ordenando-lhe este que de novo fosse ter com o general, significando-lhe que a capital gosava do maior socego do que se certificaria com a sua presença, pelo que lhe intimava que quanto

antes fizesse retrogradar a tropa do seu commando, na certeza de que quando assim o não praticasse seria a isso compellido; cumprindo-lhe igualmente o apresentar-se logo na capital.

A chegada do general Candido á capital foi ao anoutecer do dia 21, depois de haver deixado no Ponto Alto a tropa que commandava, acompanhado, além de Müller, do coronel Francisco Ignacio, que do quartel partiu a encontral-o á entrada da cidade, para que nesta tivesse seguro transito, e garantil-o das apupadas da canalha que havia posto nas ruas, e que, disposta a isso o esperava á porta do quartel... A que ponto de aviltamento chegou o decoro publico, a que tinha inauferivel direito o marechal Candido Xavier de Almeida e Souza, um dos mais honrados veteranos do exercito, que militou desde a sua infancia sempre com zelo e intelligencia, e fez importantissimos serviços á provincia de São Paulo na exploração dos seus sertões d'oeste, e dos maiores rios do sul da provincia! (*)

Na noute desse dia apresentou-se o general Candido ao governo provisorio, e antes que désse as explicações exigidas pediu a assistencia do general Arouche, e presente este, deu a lêr ao governo o aviso de 23 de junho de 1822, que lhe fôra expedido pelo ministerio da guerra (**), e seguiu a dizer, que em desempenho das ordens regias, e por solicitações do general Arouche, nomeado governador das armas da provincia, tinha marchado de Santos com a tropa que pôde reunir, fosse para dar posse ao governador das armas, fosse para dar execução ao que fôra deliberado pelo governo geral relativamente a esta provincia, e era expresso nas ordens de que fôra munido o general Arouche. Este tambem exhibiu o aviso de identica data (***), em que se lhe permettia a exigencia de

(*) Isto consta de oito Memorias suas, registradas na secretaria do governo.

(**) A letra J do Appendice

(***) A letra K do Appendice.

tropas de Santos em caso de vacillação em se lhe dar posse do governo das armas, e para o prompto desempenho das ordens comprehendidas nesse aviso.

A esta categorica justificação nenhuma replica houve da parte do governo provisorio, e porisso deliberou este que tinha logar a retirada das tropas de Santos, visto como já estava inscripto o «cumpra-se» do governo no titulo do governador das armas, e se intimára ao ex-governador Oyenhausen, e ao ouvidor Costa Carvalho a sua prompta retirada da provincia. Embora; os escrupulos militares do general Candido lhe impuzeram o dever de ser a ordem da sua retirada competentemente emanada do governador das armas, que para ali o chamára; e como este verbalmente lhe dissesse que ainda não estava nesse exercicio, retirou-se; não estando pelo que lhe pedia o governo — de demorar-se mais tempo na capital. Houve, comtudo, um termo declaratorio de quanto se convencionou nesse acto, que se encontrará no Appendice (*).

Da capital retirou-se o governador de Santos na mesma noute em que ahi se apresentára, seguindo logo para ali a continuar em preparativos, que eram urgentes para a defensão da praça, ameaçada, assim como todo o littoral do Brazil, de invasões de Portugal, depois da resolução do principe regente de não deixal-o, e da attitude que tomava o paiz para a sua independencia.

E' preciso que uma vez por todas, e para socego de consciencia, faça neste logar uma especie de declaração de fé, enunciando-me, que jámais tive a idéa, e nem o podia fazer, de envolver na generalidade dos habitantes da capital esse magote de desordeiros, a mór parte de nacionalidade europea, vivendo como assalariado pela facção que dominava a capital e que prompto corria ao menor dos seus acenos, cujos nomes ahi são indeleveis nos arcanos da justiça e, por

(*) A letra M do Appendice.

honra dos paulistas, nelles se lêem só o de dous dos seus compatriotas.

A quasi totalidade desses habitantes, confiada na realisação da boa causa, empenhava-se por ella, e por ella estava prompta aos maiores sacrificios e abnegações, como já o comprovava com o testemunho dos factos.

Pelos successos que vimos de expôr não se pôde realisar a posse official do governador das armas, designada pelo governo provisorio para o dia 20 de julho. Devia ella ter logar a 23, como fôra communicado ao general; mas, nessa data respondeu elle ao governo, que renunciava á posse, por estar deliberado a não exercer esse cargo, pela notoria indisposição que a tropa mostrava a isso cedendo a suggestões alheias, e a fizera calar no seu animo, do que poderiam resultar funestas consequencias (*); e desta deliberação fez o general expressa declaração perante o governo, em sua sessão de 24 de julho (**). Continuou, pois, o governo das armas a ser exercido commulativamente pelo governo provisorio, continuando esta anomalia administrativa, este arremedo dos antigos capitães generaes, que bastantes males havia acarretado á provincia.

Nessa sessão solicitou o general Arouche do governo provisorio a permissão de dirigir-se á côrte; e por algum tempo esteve o governo indeciso em dar -lh'a, não porque se deslembrasse que não podia recusal-a, dado o facto da sua renuncia ao exercicio de governador das armas, sinão porque, estando na côrte havia o ensejo de desmascarar o governo, como testemunha presencial revelando a origem dos ultimos acon-

---

(*) Termo de 24 de julho de 1822, registrado na secretaria do governo.

(**) Propalou-se nessa occasião, que antes dessa formal recusa do general Arouche ao governo das armas, dissera elle ao general Candido, insistindo este em que devia acceital-o, que «não queria ser o general Madeira da sua provincia»; ao que seus impudentes adversarios deram uma maligna interpretação, inexequivel com o seu patriotismo e honradez.

tecimentos da capital, em que o mesmo governo figurou em primeira plana.

A 17 de julho partiram por terra para o Rio de Janeiro o ex-governador Oyenhausen, e o ouvidor Costa Carvalho, indo com aquelle o capitão Gregorio, que fôra seu ajudante d'ordens; e a 26 o general Arouche tomou o mesmo destino, seguindo-se á partida deste a do coronel Francisco Ignacio com a familia do ouvidor, a despeito da opposição que deparou do lado dos seus mais dedicados partidistas, requerendo ao governo a sustação da sua partida como prejudicial á causa publica.

A governação de Oyenhausen na provincia de São Paulo apresentou duas phases distinctas, cada qual offerecendo apreciação diversa com diverso corollario: Na primeira vê-se o homem probo e illustrado, o governador providente e activo, procurando attingir o justo e o honesto, desenvolvendo-se em zelo bem acceito no cumprimento dos seus deveres, e para sustentar-se na boa reputação, que justamente adquirira em suas administrações anteriores; na segunda porém, discrimina-se o alto funccionario magoado pela descida obrigada do seu posto, e partilhando o poder que era-lhe só attribuido; o patriota addicto de uma nacionalidade nesse tempo declaradamente adversa ao Brasil, compellido a approvar actos que em seu entender eram contrarios a esse paiz, embora fossem em prol do que servia, e que lhe dera merito e importancia; e que, emfim, ora por bonhomia, ora por complacencia a essas tendencias nacionaes, que a sua longa residencia no Brasil não lhe pudera nullificar, dava animosidades a audazes aventureiros, que só podiam ganhar nas aguas que perturbavam, e ia após aquelles, que sabendo afagar esses seus prejuizos, precisavam antes de conductores que os tirassem do máo caminho que levavam em sua vida politica. O corollario da segunda phase deduz-se dos acontecimentos de 23 de maio e 19 de julho que ahi vão referidos.

Uma reunião da camara da capital houve em 31 de julho, tendo por objecto a nomeação de uma deputação que, unida aos procuradores geraes da provincia, impetrassem do principe regente a convocação na côrte de um conselho de estadistas, com o fim especial de se exhibirem em sua presença factos, que comprovassem o estado de ordem e socego em que permanecia a provincia; não se devendo inferir o contrario dos ultimos acontecimentos havidos na capital, pois que foram elles unicamente o effeito de manejos egoisticos de individualidades, em que accidentalmente envolveu -se a administração, sem que nelles houvesse ingerencia alguma da parte dos homens sensatos, que formam a grande maioria da população da cidade; e que desse estado da provincia se pudesse inferir a desnecessidade de tomarem-se medidas que só tendem a vexar os animos da gente da ordem, e a dar occasião aos malintencionados para o desenvolvimento dos seus planos iniquos. Igualmente assentou-se em camara por unanimidade de votos, que a deputação empenhasse todos os seus esforços afim de obter do principe regente a sua vinda á provincia quer para pessoalmente conhecer o quanto era bem quisto nella, e respeitadas as suas determinações, quer para poder avaliar quanto diversificavam da verdade as informações que tinha sobre a situação politica da capital.

A nomeação do pessoal da deputação recahiu no arcediago e no vigario José Lopes, pelo clero; no coronel Francisco Alves e capitão Valente, pelos militares; e no coronel Antonio José Vaz e capitão Cruz, pelo commercio.

Do exposto ácima alguem poderá deprehender que da camara da capital partiu a primeira idéa, de solicitar-se do principe regente sua vinda á provincia; não lhe concederá, porém, a gloria dessa idéa inicial quem, como nós, souber que pertence ella aos Andradas, que faziam parte do ministerio do principe regente; o que se collige de alguns dos seus actos, desde que

conheceu-se o bom resultado da viagem do principe á provincia de Minas, dissipando ali os preconceitos e empecilhos, que perturbavam a sua marcha na direcção da independencia do Brasil. Idéa esta de que a esse tempo tambem se preoccupou o general Arouche, como se vê da sua carta de 3 de agosto, escripta de Guaratinguetá ao conselheiro Andrada.

Partida do principe regente para São Paulo. — O sete de Setembro de 1822. — Conclusão.

Na primeira entrevista que houve do governo geral com o marechal Arouche, depois da chegada deste á côrte, e de haver prestado a aquelle informações circumstanciadas sobre os acontecimentos de julho na capital da provincia de São Paulo, ainda em conflicto com os sectarios e familiares das autoridades decahidas; informações em contrario das que eram formuladas pelo governo provisorio e camara da cidade no teor de suas apprehensões e preconceitos, assentou definitivamente o governo geral de aconselhar ao principe sua partida para São Paulo, fazendo-lhe valer neste conceito os proficuos resultados que houve da sua ida a Minas, e pela flagrante contradicção que se discriminava entre as informações officiaes, e as noticias particulares que lhe iam de diversos pontos da provincia, a respeito da ordem e estado dos seus negocios publicos.

O principe, por assás accessivel a quanto conhecia e lhe era manifesto a beneficio do paiz, e muito mais si para tal dependesse de abstenção de seus commodos pessoaes, acquiesceu ao que lhe fôra insinuado pelos seus conselheiros, e em breve partiu em 14 de agosto para a capital da provincia, acompanhado por Luiz de Saldanha da Gama (ao depois marquez de

Taubaté), como ministro itinerante; do coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo, e de dous creados da casa, tendo deixado a princeza real presidindo aos conselhos d'estado e de ministros.

A 24 de agosto chegou o principe á povoação da Penha da França, á legoa e meia da capital, onde pernoitou, expedindo d'ahi o decreto que dissolveu o governo provisorio, e ordenou que sahissem obrigativamente da capital os principaes fomentadores dos movimentos subversivos de 23 de maio e 19 de julho. Maior seria este grande abuso de autoridade, porque então, com o juramento prestado ás bazes da constituição portugueza, já se achavam os brasileiro garantidos em seus direitos pessoaes, si não se interpuzessem, no intuito de attenual-o, o que conseguiram, o ministro itinerante, e o coronel Gama Lobo, que prudente e circumspecto, e como membro do governo provisorio conhecedor das intenções de alguns dos seus collegas, prevalecera-se disto para que a pena, que fôra imposta aos proscriptos consistisse só em se retirarem livremente da cidade.

A entrada solemne do principe regente na capital da provincia foi a 25 de agosto, sendo coberto de applausos, e victoriado pelo povo, que formava alas desde a Penha até a cidade. A sua residencia na capital foi assignalada com varios actos administrativos, que eram especiaes á provincia, e entre varias medidas para a manutenção da ordem e segurança publica, chamou tropas milicianas de Itú e Sorocaba para a guarnição da capital, como as que infundiam-lhe maior confiança por seu patriotico comportamento na emergencia de 23 de maio.

A 5 de setembro dirigiu-se com o sequito com que viera da côrte, e mais o brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão, o capitão-mór Manoel Marcondes de Oliveira e Mello, ao depois barão de Pindamonhangaba, e o padre Belchor Pinheiro, de Minas, á praça de Santos, afim de examinar o estado das suas fortifica-

ções, e visitar a familia do seu amigo paulista José Bonifacio de Andrada, onde esteve o dia 6, e na madrugada do 7 partiu de Santos para a capital.

Transcrevemos aqui a parte de um discurso escripto em 1853 por um erudito e distincto militar (*), em commemoração do dia 7 de setembro de 1822, dando-lhe preferencia ao proprio trabalho, certo de que assim comprazemos o leitor.

«Em 14 de agosto, partiu o principe para São Paulo, afim de restabelecer a ordem publica, que alguns conflictos haviam perturbado; e dadas as providencias que as circumstancias reclamavam, determinou antes do seu regresso á côrte, ir visitar o littoral. Realisada a viagem, e tendo-se apenas demorado um dia em Santos, pôz-se de novo a caminho para a cidade de São Paulo, na madrugada de 7 de setembro; e quando pelas quatro horas da tarde, havia alcançado o campo do Ypiranga, ahi encontrou um expresso, que lhe enviava do Rio de Janeiro José Bonifacio de Andrada e Silva. Parou um momento para lêr a carta do veneravel paulista, e sciente por esta mensagem das disposições hostis das côrtes portuguezas, cumpria-lhe ou resignar-se a ellas, ou sacudir o jugo. A escolha não devia ser duvidosa. Então, dirigiu-se a seus companheiros de viagem, e exprimindo-lhes a indignação de que se achava possuido, terminou seu discurso breve e eloquente com as palavras Independencia ou morte; e estas palavras que serviram de estribilho a todas as canções patrioticas da epocha, tambem se tornaram a senha dos brasileiros, durante a luta que se travou entre o povo que pugnava pela sua liberdade, e o governo que o queria opprimir. Nesta occasião arremeçou ao chão o distinctivo da nação portugueza, e elle e a sua guarda (**) desembainharam as espadas,

(*) O snr. Henrique de Beaurepaire Rohan, coronel do corpo d'engenheiros, que tem exercido commissões honrosas no serviço publico, entre estas, tres presidencias de provincias.

(**) A letra X do Appendice.

com um juramento de honra prestado á face do céo. Chegando, emfim á cidade de São Paulo, tornou publico o acto que acaba de ter logar, recebeu as ovações do povo, que o saudava como seu libertador, e antes do amanhecer do dia 10 de setembro continuou a sua marcha para o Rio de Janeiro» (*).

Ha factos, que a historia levanta como um padrão de gloria diante dos seculos; as gerações, que lhe chegam á baze, alçam os olhos e emudecem de admiração e respeito. Tem o primeiro logar de honra na ordem desses factos no Brasil o DIA SETE DE SETEMBRO DE 1822. Está elle tão consolidado no paiz, tem nelle uma consistencia diamantina, que resistirá sempre ao attrito dos tempos; e as gerações vindouras o terão em tanto apreço e mór veneração, como o que o entrelaçou no heroismo americano. A voz do patriotismo soou tão alto no Ypiranga, avassallou todas as attenções, transpôz o Atlantico, e fez emudecer a grita colonial das côrtes de Lisboa, que será sempre grata aos brasileiros, e como um pregão da magnanimidade do principe que a soltou, e do civismo dos que a inspiraram.

Na noute do dia 7 appareceu o principe no theatro da cidade, preparado á pressa para o receber; trajando grande gala, com fitas verdes e amarellas atadas ao braço e radiante de prazer. A sua presença manifestou no publico os mais vivos transportes d'enthusiasmo. Do peito paulista, então, um brado soltou-se que foi ouvido com geral applauso; fez echo em todos os corações, e do qual apropriou-se o Rio de Janeiro dando-lhe mais alta significação.

Antes que o principe entrasse no theatro, um grupo dos mais notaveis patriotas da capital acercou-se do padre Ildefonso Xavier Ferreira (**), e dous d'entre

(*) O Ypiranga de 7 de Setembro de 1853, 2.

(**) O snr. Ildefonso Xavier Ferreira, doutor em direito, lente de theologia dogmatica, conego chantre da cathedral, um dos ornamentos da tribuna sagrada, que assim como em sua juventude

elles (Joaquim José Machado(*) e João Olinto de Carvalho) declaram-lhe por parte dos seus amigos, que o unico meio que se apresentava para complemento do grandioso acto da independencia do Brasil, proclamada no sitio do Ypiranga, era instituir-se no paiz um centro de união e autoridade exclusivamente seu, que, unindo o prestigio e tradições da realeza, tomasse a peito sustentar a nova categoria em que acabava de entrar, e os direitos da sua nacionalidade, o que vinha a ser, crear-se no Brasil uma monarchia independente da de Portugal, cercando-a de uma dymnastia que a substanciasse com o paiz.

Da independencia seguia-se um interregno, que urgia frustrar naquella crise, em que as paixões politicas podiam ter desenvolvimento tal que não conviesse ao bemestar do paiz: assim pensava o prudente mancebo a quem os patriotas se dirigiram; e ás ponderações que este lhes fez, de não ser ainda do dominio publico o pacto de familia entre o principe e o rei seu pai, sabendo, aliás, que a este havia aquelle jurado com o seu sangue de nunca lhe ser infiel; receando porisso que, no caso do principe não acceitar a nova collocação a que se queria eleval-o, lhe caberia então o nome de revolucionario da parte dos antagonistas da situação, e dos sectarios e apaniguados do poder decahido na provincia, e assim exposto a ser victima dos seus punhaes. A essas ponderações retorquiu-se, que o principe pelos seus precedentes, e por sua afouteza e resolução de desprender o Brasil do laço colonial em que o ataram proclamando a sua independencia, dissolvia por virtude do *salus populi* esse pacto de familia, si porventura existisse; e que a sua vida

---

soube impressionar-se de um nobre ardor patriotico pela causa da liberdade, demonstrado principalmente no acto da independencia, nesses honrados sentimentos tem persistido até agora.

(*) Não posso deixar de declinar este nome antepondo o dever historico á fraternidade.

só correria risco depois de a tirarem aos que estavam determinados a defendel-a.

Com esta resolução o padre Ildefonso dirigiu-se ao theatro, e entrando no camarote numero onze da frisa communicou por dever de amisade ao dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, hoje conselheiro e director da faculdade de direito, e Antonio Mariano de Azevedo Marques, que ahi se achavam, quanto ouvira aos patriotas da praça. Sahindo d'ali entrou na platéa, e tomando posição fronteira ao camarote do principe, e em que pudesse ser ouvido, soltou o grito «viva o primeiro rei brasileiro» estendendo o braço em direcção a esse camarote; e como o principe fizesse signal de acquiescencia, foi esse brado repetido por todos os que ali se achavam, e que a ninguem surprehendeu porque estava elle afagado em todos os corações e todos almejavam o seu pronunciamento.

Alguns actos de maior momento e que eram instantes para a governação publica foram effectuados pelo principe antes da sua partida para a côrte, com interferencia do seu ministro itinerante, que com zelo e prudencia sabia perscrutar a opinião publica, e a transmittia ao principe sem atavios.

Foi assim que, em substituição do governo provisorio, reduzido por fim a tres membros, e cujas funcções assumira o principe emquanto residiu na capital, esteve na administração da provincia um governo de tres membros, como n'outro logar se disse, formando-o o bispo diocesano, o marechal Candido Xavier nomeado governador das armas(*), e o juiz de fóra José Correa Pacheco, que servia temporariamente de ouvidor: despresando-se então o insolito alvitre de alguns, que empenhavam-se para a rehabilitação do poder dos antigos capitães-generaes, como o mais adequado, em seu pensar, a supplantar as idéas dominantes.

Para garantir este governo, e a segurança da ca-

(*) A lettra R do Appendice.

pital, ainda ameaçada sagazmente pelos descontentes daquella actualidade, vieram tropas milicianas de Itú e Sorocaba, daquelles mesmos corpos que outr'ora foram rebaixados pelo governo provisorio, por seu dissentimento ao 23 de maio. A ellas entregou-se a guarnição da cidade, mandando-se seguir para o littoral a tropa de linha que fazia esse serviço.

Pelo auge de exasperação a que tocou o congresso portuguez, a effeito de reconhecer nullificados os seus planos de recolonisar o Brasil com a annuencia do principe regente de não deixar o paiz, e medidas que ahi se tomaram para sustentar a sua nacionalidade; o que bem se demonstra pelos seus ultimos estorcimentos, que tiveram por feliz solução o magestoso brado no campo do Ypiranga, e ia-se conhecendo pela animação e reforços de tropas portuguezas ao general Madeira, commandante da brigada lusitana que se revoltára na Bahia, e a Fidié, que em varias provincias do norte dispunha de forças contra o pronunciamento da causa do Brasil, e retinha essas provincias em sujeição a Portugal. Ainda mais, porque previa-se que o partido decahido e fulminado pelo poder publico, regorgitando sempre de philaucia, era de presumir que se não submettesse a essa condição, que a tinha como degradante, ao momento que lhe apparecesse o ensejo favoravel, e então na recrudescencia da sua raiva não pouparia atrocidades, nada em desforço podendo se esperar de um governo pusilanime como o que então existia na provincia, e que reçumava das instituições coloniaes. Com estas apprehensões os habitantes da capital recorreram ao principe regente pedindo-lhe o beneplacito para a formação de uma guarda civica, que, jurando a independencia do Brasil, tivesse por especial attribuição o defendel-a a par da segurança pessoal do principe. Daqui dimanou a creação da «Guarda d'Honra» que gerou a aristocracia militar gratuita. O principe accedeu ao que se lhe impetrára convindo na organisação desse corpo, que teria a de-

nominação de «Sustentaculo da Independencia Brasilica», e foi dado o seu commando ao distincto e honrado veterano do exercito, o coronel Anastacio de Freitas Trancoso (*).

O principe regente regressou da capital da provincia para a côrte na madrugada de 10 de setembro, atravessando a cidade por entre alas do povo, que horas antes esperava na praça do Collegio a sua partida. Sua despedida foi um simile do triumpho com que em Roma eram recebidos os seus vencedores na guerra. Si essa honra pertencia aos que conquistavam povos, que só mudavam de senhores, mais sublime foi a que coube ao principe d. Pedro de Alcantara, conquistando a Portugal uma colonia para dar-lhe nacionalidade.

O principe despediu-se dos paulistas com a proclamação que se vê na collecção de leis de 1822 (**).

Eis-me chegado ao termo que me havia prescripto, sem medir a tarefa que tomava, e sem reparo de que só podia entrar para os dominios da historia com passos curtos e mal seguros; e elles ahi se revelam quasi sem interrupção. Não me é dado ir caminho além, a medo de que o desgelo da velhice apague o incandecimento politico dos tempos que seguiram após a grande epocha brasileira; com o receio de que, talvez si proseguisse neste empenho, seja taxado de contradictorio, porque, chamando a miragem publica a um quadro, posto que mal desenhado, expondo, todavia, a figuração em geral dos primeiros passos na senda da liberdade, tão cheios de factos transcendentes e rasgos magnanimos, certo que incorreria nesse peccado, quando por dever historico, mostrasse o reverso escuro desse quadro.

Além disso, e na opinião do snr. John Armitage em sua *Historia do Brasil:* «A historia contempo-

---

(*) A letra O do Appendice.

(**) Collecção de leis de 1822. Proclamação de 8 de setembro.

ranea póde ser melhor escripta por um estrangeiro, visto que tem a liberdade de communicar-se com todos os partidos, e analysar os seus diversos sentimentos, sem partilhar suas paixões.»

São Paulo, 31 de dezembro de 1863.

FIM DO QUADRO HISTORICO

APPENDICE

APPENDICE

AO

QUADRO HISTORICO

DA

PROVINCIA DE SÃO PAULO

A

Carta dirigida ao 1.º Secretario do Instituto historico e geographico brazileiro.

Ill.^mo^ Snr. — A tarefa com que me honrou o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, — de investigar o archivo da camara municipal de São Vicente, colligindo todos os documentos que servirem para a historia patria —, como me foi communicado por v. s. em carta de 21 de julho do anno passado, não a pude desempenhar pessoalmente, porque, sendo encarregado pela presidencia desta provincia, por officio de 12 daquelle mez, de organisar a estatistica da mesma provincia, achava-me então dispondo os primeiros trabalhos nesse sentido, e um dia sequer não podia despartir-me delles; pois a mais de ser uma occupação que em seu iniciamento repelle distracções e exige perseverança, havia o compromisso de apresentar á assembléa legislativa provincial o estabelecimento desse serviço, por alguns *specimens* que comprovassem o começo da sua applicação, e a diligencia que empreguei nelle.

Minha primeira intenção na presença deste embaraço momentaneo foi de transferir para ensejo opportuno o desempenho da incumbencia do Instituto; mas, deparando com pessoa idonea para essa pesquiza, e que ia residir em São Vicente algum tempo, empenhei-a a tomar a si o exame do archivo no sentido da deliberação do Instituto; e para que houvesse nisso mais efficacia, solicitei a intervenção da autoridade da presidencia da provincia, que de bom grado a isso prestou-se.

Estava persuadido tanto pelo que se ha escripto sobre aquella villa posteriormente ao chronista fr. Gaspar, como pelo dizer de pessoas que a tem visitado, ou ali tem residido (entre estas o fallecido vigario Loureiro, antecessor do actual e meu tio materno, com quem por vezes estive em minha infancia), que, a partir do tempo em que a capital do memoravel feudo de Martim Affonso rehabilitou-se em nomeada por virtude das Memorias daquelle chronista, foi ella encarada com alguma attenção, e isso por amor da historia patria, ou por estimulos de mera curiosidade; e de vez em quando appareciam ali visitadores, nacionaes ou estrangeiros, que a titulo de verem o rico e venerando archivo da camara, ou consultarem nelle alguns pontos historicos sôbre que havia duvidas ou equivocos, subtrahiam-lhe os codices mais preciosos, os documentos das primeiras epochas da capitania de São Vicente, as peças da maior importancia, e imprescindiveis para os estudos historicos da provincia, e talvez do paiz; e a imbecil e indulgente edilidade, á cuja guarda estava aquelle importantissimo archivo, dava sua criminosa acquiescencia a tudo, accedia a todos os pedidos com incomparavel indifferentismo.

Em tudo isto o que ha de certo é, que o commissionado que foi por mim á procura de quanto houvesse nesse archivo e servisse para satisfazer a exigencia do Instituto, nada ahi encontrou a similhante respeito que fosse no sentido da sua commissão, como

melhor o declara na participação official que me fez, e que ajunto a esta; e que, profanado e exautorado esse archivo dos mais preciosos titulos que lhe davam tamanha importancia pelas tradições desta terra, desses idosos pergaminhos, em que a mais velha das nossas povoações vivia recostada, nutrindo-se em sua decadencia só com as reminiscencias heraldicas da sua passada grandeza, que elles lhe recordavam, hoje só ha ali esses somnolentos calhamaços, que por sua insignificancia e nenhum prestimo historico puderam escapar ao Erostrato vicentista, e aos espoliadores do archivo, em que se consignaram os primeiros passos da infancia desta provincia.

Não foi absolutamente perdida a diligencia empregada na pesquiza de documentos que se suppunham com boa razão existirem no archivo municipal de São Vicente; pois que, si a historia nada ganhou com isso, o mesmo se não póde dizer a respeito da archeologia, para cujo dominio passou-se um fragmento da cruz, que fôra basteada em frente, não da primeira egreja edificada na villa de São Vicente por Martim Affonso, segundo a crença popular que por ahi ha, e que é expressa no citado officio do commissionado Pinto; porque o primeiro sanctuario da colonia dedicado á Nossa Senhora da Assumpção, seus accessorios e os edificios que ficavam mais visinhos á praia *tudo levou o mar*, conforme refere fr. Gaspar, e não fôra ao depois reconstruido no seu primitivo assento. E' provavel que essa cruz fosse arvorada defronte da nova egreja, que com invocação de Nossa Senhora da Praia substituiu á primeira, e que já em 1542 faziam-se nella as reuniões da camara da villa por falta de edificio proprio; e dado o caso que houvesse cruzeiro na egreja da Assumpção, foi elle d'envolta com a subversão desta pela extravasação do mar, da qual apenas se pôde salvar os sinos e o pelourinho da camara, por cujo trabalho pagou-se cincoenta réis!

Certamente esse veneravel fragmento fez parte da

cruz humildemente osculada por José d'Anchieta, o thaumaturgo da America, sempre que por ella passava. Em seu genuflexorio curvára-se elle muitas vezes, e os seus catechumenos, aquelle invocando a Divindade para inspirar brandura e commiseração nos senhores dos indios, e estes repetindo machinalmente orações que ouviram ao catechista.

. . . .

Sendo mais do que algum outro empenhado, quer pelo meu anhelo em servir ao Instituto, quer pela qualidade de paulista, e ainda por haver estado muitas vezes em minha meninice naquella pobre povoação, o que quasi sempre infunde sympathias, com essas tendencias tenho do modo possivel feito um apanhamento de quanto se ha escripto sobre a villa de São Vicente, e ha chegado ao meu alcance, e com taes achegas, cuja mór parte já tenho colligido, tenciono formular um todo chronologico de noticias com a analyse que melhor satisfaça as condições da verdade historica, para que por tal maneira preencha a commissão de que o Instituto me incumbiu, visto como de outro modo não me é dado cumpril-a.

Infructuosas tem sido as diligencias que se ha feito para a acquisição do testamento de João Ramalho, desde que se deu publicidade á «Noticia da descoberta do Brazil» por fr. Gaspar da Madre de Deos, porque com ella aguçou-se a curiosidade de alguns paulistas dados á litteratura, que desejam conhecer os pormenores da estada daquelle portuguez nesta terra, e a casualidade de achar-se com bastante influencia sobre o animo do regulo Tebyreçá, á cuja filha se havia ligado, e essa influencia de modo a contrastar no régulo a natural tendencia de resistir ao ingresso dos invasores no paiz do seu dominio, e mesmo a offerecer segurança ao seu desembarque, oppondo-se a que outros tomassem a justa defensão das suas terras como lhes cumpria: e perdidos tambem foram os passos que dei a tal proposito, principalmente depois que pelo Insti-

tuto fôra-me determinado, em segundo logar na carta que me dirigiu ácerca do exame do archivo da camara municipal de São Vicente, que envidasse esforços para alcançar da secretaria do governo desta provincia copia authentica daquelle testamento, porque já antes me havia dado a essa investigação, quando em 1844, e em commissão pelo ministerio de estrangeiros, examinava com cuidado o archivo dessa secretaria com o intuito de colher apontamentos sobre os limites do Brasil questionados com o Paraguay; aproveitando o ensejo de os tirar do que pareceu-me digno de menção na historia patria.

Para similhante pesquiza tem-me servido, assim como aos que a ella se tem dado, de fio conductor o que a tal respeito escreveu o chronista paulistano na sua «Noticia» ácima mencionada; mas, nem nos archivos antigos das secretarias do governo e camaras municipaes da capital, Santos e Paranahyba, sendo esta povoação a segunda que se fundou em Serra-ácima precedentemente ás demais da capitania de São Vicente, que nestas localidades foram erectas (já não fallo do da villa de São Vicente, que a mão do homem, mais destruidora ali que a do tempo, nada deixou de suas tradições primitivas, de tanto que ahi havia que se pudesse *respigar* no sentido da historia, como já fica dito); nem no cartorio publico, que se suppoem conter escholios dos cartapacios do judiciario nos tempos mais remotos da provincia, e no supposto de ahi se deparar com as notas do tabellião Lourenço Vaz, referido pelo chronista; nem em outros similhantes depositos de fé publica; nem no proprio mosteiro de São Bento, de cujo archivo extrahiu-se copia da «Noticia» de fr. Gaspar; nem, emfim, nas collecções de manuscriptos antigos possuidas por particulares tem-se encontrado sequer vestigios desse testamento a que se liga tamanho merito historico, talvez mais do que em realidade seja; e para declinar de mim qualquer susceptibilidade contra este meu pensar me defenderei

dizendo que: si fr. Gaspar, que ninguem deixa de reconhecer que foi assás minucioso nas suas «Memorias para a historia da capitania de São Vicente», chegando a tal ponto o seu esmerilhamento nos factos com que abona o historico desta provincia nos seus primeiros tempos, que nos dá a conta do que se despendeu em salvar do naufragio da primeira povoação de S. Vicente as reliquias da edificação que o mar não desfez; dizendo que a Pedro Collaço, procurador do conselho, levaram em conta a quantia de cincoenta réis, que se havia gastado em tirar do mar os sinos e pelourinho, vinte réis a quem conduziu o pelourinho para a villa, e duzentos e cincoenta réis a Jeronymo Fernandes por dar pedra, barro e agua necessaria para levantar novo pelourinho. Si fr. Gaspar, que fundou suas «Memorias» sob a autoridade dos factos registrados ex-officio nas estações publicas, ou authenticados nas chronicas dos conventos religiosos, indo a todos os logares em que presumia poder obtel-os, e compulsando para esse fim os archivos que se lhe franquearam, e com a consciencia de quem indaga a verdade, visse que esse testamento tinha algum valor historico, ou prestava-se a elucidar qualquer ponto questionado, por certo que se não contentaria com a simples revelação da existencia desse documento: elle, quando não o transcrevesse em seus escriptos posteriores ás «Memorias da capitania de São Vicente», necessariamente o substanciaria naquelles pontos que devessem autorisar suas asserções, ou que entre estas e o testamento houvesse contradicção. E o atilado chronista, que analysando alguns dos muitos absurdos e excentricidades de Charlevoix na sua «Historia do Paraguay», e da «Geographia» de Vaissete, copiou nas «Memorias» os trechos destas obras que refutou; que, em summa, para ligar a maior credibilidade a alguns dos factos fundamentaes da sua historia, abona-os e os instrue com documentos officiaes, alguns dos quaes de fatigante extensão, por certo que se não limitaria a noticiar a presença desse

testamento: o transcreveria, ou o daria em extracto em sua «Memoria do descobrimento do Brasil» com as observações que elle lhe suggerisse.

Deixemos, pois, o testamento de João Ramalho no logar em que a incuria, o deleixo ou talvez a ignorancia o tem homisiado: e tanto mais porque, a meu vêr, nenhum merito historico se lhe prende, a não ser a disposição que fez de suas terras, e dos miseros escravos indigenas, que os teria em grande numero, graças ao conchego que encontrou entre os Guayanás, e para fortuna dos invasores: e porque me acho no teor dos meus habitos consinta o Instituto em mais algumas considerações sobre este homem, cujo nome figurou na epopeia do desembarque de Martim Affonso nas praias da Bertioga.

E' um mytho o modo porque se realisou a presença de João Ramalho nos campos de Piratininga. Em minha opinião a qualificação que mais se ajusta a este homem deixando Portugal, é a de degredado, e quando não, por certo a de marinheiro ao serviço do navio que ali o recebera: e si alguem lhe quizer fazer mercê póde applicar-lhe a de aventureiro, que é um ponto ácima na escala dos forasteiros, que se atiram ás eventualidades de uma carreira duvidosa com o alvo de fazer fortuna.

Qualquer, porém, que seja a denominação que melhor caiba a Ramalho, a historia daquellas eras, escripta sob a espada dos conquistadores, tem-lhe dado a preeminencia de prestante auxiliador de Martim Affonso de Souza ao tomar pé na terra de Tebyreçá, isto é: de um misero abandonado de Portugal proteger e defender o desembarque do homem, segundo se vê da sua biographia, de mui nobre linhagem, do premiado com a espada do famoso Gonçalo de Cordova, do aio e conselheiro de d. João III, senhor de baraço e cutelo no descobrimento do Brasil, etc., etc.: mas, a historia da humanidade o classifica como o introductor de homens despartidos das mesmas fileiras em que milita-

ram os Pizarros, Almagros e Valdivias, algozes de povos da America: de homens surdos aos clamores de Anchieta, que, em presença das suas cruezas, bradava como o bispo de Chiapa por — misericordia para os filhos do paiz.

Si Ramalho foi banido de Portugal como nocivo á sociedade, e atirado a degredo no novo mundo, é provavel que a sua deportação se effectuasse na expedição de Christovão Jacques, que sahira de Portugal para a terra da Santa Cruz em principio de 1503 com o commando de seis caravelas; e que, a merecer fé a historia do tempo, era essa a segunda expedição, que arrancára d'ali mandada por d. João III para maior reconhecimento das terras, cuja existencia fôra patente a Cabral por um desses casos fortuitos que sóem apparecer neste mundo de incertezas.

Na expedição predisposta antes dessa, e que suppõe-se fôra aprestada sem coadjuvação e mesmo assentimento do governo, dirigida por Gonçalo Coelho em tres caravelas, e que partira de Portugal em 1501, não podia ser recebido um deportado, porisso que não era sujeita ás determinações do governo, que obrigasse o seu chefe a cumprimento de ordens que emanassem da autoridade do rei. Serve tambem para o caso a observação de que, o reconhecimento da nova terra logo após o seu descobrimento, sabendo-se della só aquella parte que fôra vista pela frota de Cabral, e ficára como dantes sob o dominio dos aborigenes; n'um tempo em que ainda subsistia o vago e incerto, ainda prevalecendo as preoccupações a que dera origem a presumida descoberta do Cypango, que se antolhára a Colombo ao avistar America, e que só foram desvanecidas em suas subsequentes viagens; em similhante estado de incertezas não podia se receber a Ramalho na condição de degredado sem que fosse designado o logar do seu desterro, ainda mesmo quando estivesse a nova região mais bem reconhecida. Em caso contrario era o mesmo que dizer-se «atirae esse homem ao mar».

A ser admittida esta hypothese é consequente que se póde apresentar a Ramalho como contractado para o serviço do mar, ou, quando não, como aventureiro á pista da fortuna; e posto isto, convir-se-á que partiu elle de Portugal na primeira frota que zarpou para a terra de Santa Cruz, após o que fôra ali noticiado ácerca do seu descobrimento, cujo apresto e direcção se commettera ao já nomeado Gonçalo Coelho: essa frota, correndo o littoral da nova terra reconhecida até aos trinta e dous gráos de latitude sul, em que gastou quinze mezes, tocou em varios pontos da sua costa, n'um dos quaes é provavel que Ramalho desembarcasse, e de proprio arbitrio, na presumpção de não estar elle comprehendido na equipagem: do contrario, e no presupposto de achar-se contractado a bordo, póde considerar-se o seu desembarque como uma evasão, e neste caso, ahi temos a Ramalho como expulso, desertor ou foragido, á cata de um asylo no paiz dos Guayanás, por elles apaniguado, e merecendo de Tebyreça sua propria filha.

Fr. Gaspar, que possuiu uma copia do testamento original de João Ramalho, diz-nos que entre outras cousas declarára por duas vezes o testador «que tinha alguns noventa annos de assistencia nesta terra». Para que se não deva estar pela idade nestoriana, que inculcou Ramalho ao dictar seu testamento, basta lembrar que, por qualquer face que se admitta este dilemma — ou Ramalho veiu ao Brasil contractado para o serviço do mar na frota de Gonçalo Coelho, ou, como forçado na expedição de Christovão Jacques, para ser largado nas praias da Nova-Lusitania —: e qualquer dos membros que se tome deste dilemma não póde dar a convicção de que deixe de ser insubsistente a declaração testamentaria de Ramalho a respeito da sua idade; porque, seja n'um seja n'outro caso, o testador não podia deixar o seu paiz natal na edade juvenil: si condemnado a desterro, essa penalidade não lhe podia recahir sinão na idade de vinte oito a trinta

annos, si é que lhe não fôra imposta a impulso do poder discricionario, que era um dos meios de governo, de que se fazia frequente uso e coexistia em harmonia com o absolutismo, e do qual ainda ás vezes algures se manifestam *saudosas* reminiscencias; si voluntariamente engajado para o serviço do mar com viagens diuturnas, de muito afan e inçadas de grandes perigos, para esse mister não seria acceito a não ser maior de dezoito a trinta annos, como edade que podia comportar os trabalhos de tão arriscada navegação por mares ainda mal conhecidos.

Segundo o deduzido, e dado que o fallecimento do testador fosse no mesmo anno em que dictou o seu testamento (1580), e considerando-o como maritimo na frota de Christovão Jacques, que correu a costa do Brasil em 1501, a Ramalho coube em partilha uma vida centenaria. Chega esta a mais de vinte e cinco lustros no caso hypothetico de lhe haver sido applicada a sancção penal de desterro, obrigado a sahir de Portugal na expedição de Gonçalo Coelho, que em 1503 pairou nos mares da Nova-Lusitania... E póde-se admittir esta longevidade em paiz, como o Brasil em seus primitivos tempos, ainda resentindo-se da natureza bruta, e dos costumes agrestes dos selvagens, sendo ahi escassos e incertos os recursos para a subsistencia humana?

Atirei-me impensadamente, sem que medisse minhas forças, sem reparar que escrevia uma carta, no vasto campo das conjecturas após o testamento de João Ramalho, e a esmiuçar a sua edade, quando só devia procurar o desviar de mim os laivos de descuidado por não deparar com esse testamento, que talvez já tenha servido de pasto ás traças.

. . . .

Sinto agora que esta carta já vae mui longa, a mais do que vejo-me obrigado a lhe pôr termo para acudir a trabalhos officiaes que se me exige com urgencia.

Deos guarde a v. s. — São Paulo 15 de maio de 1856. — Ill.^{mo} Snr. 1.º secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — *José Joaquim Machado d'Oliveira.*

B

Breve Noticia historica sobre os conventos dos Carmelitas da Provincia de São Paulo, especialmente sobre o da Capital da mesma Provincia.

A titulo de missão religiosa, que devia ser exercida no Brasil, e pelo praz-me de 6 de janeiro de 1580 do cardeal d. Henrique, rei de Portugal, fr. Simão Coelho, commissario geral da provincia carmelitana naquelle reino, proveu em 28 de novembro de 1587 a quatro religiosos, fr. Domingos Freire, fr. Alberto, fr. Bernardo Pimentel e fr. Antonio Pinheiro, commettendo-lhes o encargo de fundarem conventos nos logares onde conviesse, ou fosse possivel o estabelecimento e propagação da ordem carmelitana. Estes commissarios da fé chegaram ao Brasil ao mesmo tempo que o governador Fructuoso Barboza, que nessa epocha fôra incumbido de fundar a capitania do Parahyba do Norte, recommendando-lhe o rei que zelasse e auxiliasse aquella missão, e bem tratasse aos que a promoviam, sendo conveniente dar começo á missão nas capitanias que já estivessem organisadas.

Nesse intuito dirigiram-se os religiosos a Pernambuco com vistas de principiar ali a fundação de conventos da sua ordem, como expressamente lhe fòra determinado pelo seu commissario geral, e era implicitamente do seu voto. Prescindiu-se desse plano parece que para tempo mais adequado, por se ignorar que outro motivo houvesse para isso, pois que o projecto apresentado em Portugal propunha a divisão da Nova

-Lusitania em duas provincias carmelitanas, uma ao norte e outra ao sul, e mais regular se fazia principiar d'ali essa fundação e dirigil-a seguidamente para as capitanias lateraes á de Pernambuco.

E' verdade que nesse tempo eram muito esperançosas as capitanias meridionaes, que, como de improviso cresceram em população, riqueza e opulencia, principalmente a de São Vicente, onde a Companhia de Jesus fez com tanto fructo o tyrocinio da sua missão religiosa no Novo-Mundo, e lançou o primeiro germe da civilisação entre os indigenas, abafado ao depois pela brutal cobiça dos colonisadores desta parte da America.

Para a capitania de São Vicente, pois, voltaram face os cenobitas carmelitanos, que primeiros chegaram ao Brasil, e, transpondo em sua viagem os portos que lhe ficam ao norte, tomaram o da villa de Santos, que havia pouco surgira no lado septentrional da ilha de São Vicente pela incansavel prestança de Braz Cubas, que primeiro lançou os cimentos daquella villa, hoje cidade, recebendo os religiosos deste digno e generoso paulista a offerta que lhes fez de terras em que edificassem casa para a missão á que se dedicavam. Esta offerta foi caucionada com uma escriptura passada em 31 de agosto de 1589 a fr. Pedro Viana, delegado do commissario geral com beneplacito do rei de Portugal Filippe II, e da edificação da casa se incumbiu o mesmo Braz Cubas, que a isso prestou-se espontaneamente e com pontualidade.

O facto dessa edificação por um que não pertencia aos monges, exonerando a estes dos trabalhos que lhe eram inherentes, e o jus intuitivo de pôr a proveito da sua propaganda as crenças mysticas que muito vigoravam naquelles tempos, impuzeram aos religiosos o dever de estendel-a por outras paragens mediante estabelecimentos que lhe fossem apropriados. Foi assim que, depois de um anno da edificação do convento de

Santos, erigiu-se o do Rio de Janeiro, o segundo desta ordem fundado no Brasil.

Antes de edificar-se o convento de Santos no local, em que está hoje situado, os actos religiosos da ordem carmelitana foram exercidos na egreja de Nossa Senhora da Graça, cuja fundação deveu-se igualmente á generosidade espiritual de Braz Cubas.

Levantava-se subitamente a villa de São Paulo nos campos de Piratininga, preferidas as melhores localidades de Cima da Serra, o que fôra devido aos trabalhos dos indios que ahi habitavam, e sob a zelosa applicação dos jesuitas, que por sua dedicação á causa dessa gente, e meios doutrinarios souberam captar a sua boa vontade, e della conseguindo quanto licitamente se lhe suggeria, e depois de conhecerem a aversão e repudio que suscitára nos indios o brutal tratamento que tinham da parte dos colonos, a titulo de que eram seus escravos, pois que estavam senhores das suas terras.

O crescimento do povoado de Piratininga, e esse estado de obediencia moderada em que pelos jesuitas foram postos os indios inspiraram nos carmelitas de Santos o pensamento de fundar-se um convento da sua ordem na povoação que começava em Cima da Serra, e attrahira para ali o povoamento disseminado por outras das suas localidades. Com esse proposito para esse sitio dirigiu-se fr. Antonio de São Paulo, e em 1594 principiou a obra do convento com o emprego dos indios, e coadjuvado pelos colonos que não haviam absolutamente abjurado suas crenças mysticas, e tinham como um sentimento do dever o trabalhar para as egrejas.

A' imitação do convento de Piratininga, e á medida que se augmentava o povoamento da capitania e os seus habitantes viviam na implicita consciencia dos principios religiosos, fundou- se em 1629 o convento de Mogy das Cruzes pelo trabalho dos indios daquellas paragens, sob a direcção do provincial fr. João da Cruz e a pedido da camara e vigario da parochia.

Outro igual convento foi edificado na villa de Itú, hoje cidade, pelo padre commissario da ordem fr. João Baptista, a consenso do rei d. João V, e a solicitações das camaras dessa villa e de Sorocaba.

Os conventos de Santos, Itú e Mogy das Cruzes formam como um priorado, que tem por cabeça o da capital, comquanto a cada um seja propria a sua gerencia economica, sujeita, porém, ao provincialado do Rio de Janeiro.

Foi tal o augmento da fundação destas casas religiosas no Brasil, e tão crescido foi o numero dos individuos que se acceitavam nellas, que obrigou o rei de Portugal Filippe II, a despeito do seu exaggerado fanatismo, por sua carta de 16 de outubro de 1609, a prohibir que se erigissem outros sem preceder licença régia, dando-se por fundamento, que com esse desvio na diminuta população do Brasil, extenuava-se a sua colonisação, ao passo que convinha animal-a, e dar-lhe recursos para seu incremento. Eram estas as idéas daquelles tempos de obscurantismo, sem que ainda vogasse o pensamento de que á face da historia, da razão e da civilisação o monachismo está condemnado, segundo a phrase de um escriptor moderno, e que os conventos quando abundam num paiz, são «nós á circulação dos seus recursos, estabelecimentos de estorvo, centros da ociosidade que tomam o logar a centros de trabalho.»

O papa Pio V na Const. «Romanus Pontifex», 44, firmada em 30 de outubro de 1567, declarou que a ordem dos carmelitas era igualmente mendicante assim como as outras que tinham esta classificação, e por isso fazia parte dos seus deveres a catechese e civilisação dos indios, e dos exercicios doutrinarios nas aldêas, e como commentario á encyclica ha a carta régia de 28 de janeiro de 1695, dirigida ao prior do convento do Rio de Janeiro, dispondo que similhante providencia era indispensavel visto que com ella deviam-se escusar desse apostolado «os missionarios es-

trangeiros, que além de outros inconvenientes blaso nam, que na terra ha mingua de religiosos que saibam empregar-se nessa missão.»

A extincção dos jesuitas, que nesta provincia foi tão infensa á causa dos indios, reatando estes a escravidão, que só aquelles puderam contrariar «com obra e palavra», obrigou a chamar os capuchinhos para a direcção das aldêas, que estiveram a cargo daquelles padres.

E' horroroso o contraste na apreciação da direcção dos capuchinhos ante a administração dos jesuitas!

Emquanto estes empregavam na catechese e civilisação dos aborigenes a força da palavra e da abnegação, a autoridade do exemplo, e a persuasão instruida com factos, e não houvesse um só refractario entre os catechumenos, aquelles carregavam despiedosamente e com mãos de ferro o azorrague nos infelizes aldeados, traziam-nos esfaimados, fazendo-os viver na ultima miseria e na mais abjecta devassidão de mistura com descommunal trabalho, e como transfugas das aldêas.

No meio deste turbilhão de maleficios era como um oasis nos areaes da Lybia a aldêa de Baruery, que tinha por seu director um carmelita por obediencia á disposição pontificia de 30 de outubro de 1567, ácima referida. Era ali o unico refugio aos indios que corriam maltratados das outras aldêas, por isso que o seu director despresara horrorisado o tyrannico regimento para as aldêas dado pelo governador conde de Sarzedas em 25 de maio de 1734, onde vê-se que pela mais leve culpa se infligia açoutes aos aldeados, e outras penas infamantes, e se tolerava a servidão imposta violentamente aos indios.

Por uma estatistica official feita em 1798, e compilada de relações apresentadas nesse anno ao governo da capitania pelos exactores do fisco, sabe-se que nos quatro conventos da ordem carmelitana nesta provincia haviam quatorze religiosos e um leigo, possuindo quatrocentos e trinta e um escravos, e pelo cadastro

mandado formar pela presidencia da provincia em 1855 computou-se o pessoal escravo dos conventos em setecentos e quatro individuos, e como bens de sua propriedade vinte e duas fazendas, sessenta e sete predios urbanos e onze terrenos por edificar.

Aos conventos adduziu-se grande extensão de terras nas paragens mais azadas para a industria agricola: a maior parte das terras das povoações acha-se alienada a titulo de fôro e arrendamento, e as de fóra serviram de assento a estabelecimentos ruraes, lavrados por numerosa escravatura oriunda das raças indigena e africana, e cujo producto é fruido pelos conventos.

O convento da capital demora ao sul da cidade, e está situado a lessueste da cathedral, no mais alto local da cidade, e por isso dominando-a topographicamente em todos os sentidos, correndo-lhe em frente e a pouca distancia o rio Tamanduatehy, tributario do Tieté nas cercanias da cidade, e com uma área exterior, que não corresponde em largura ao comprimento do edificio por ser interrompida por profunda quebrada do terreno, que foi adaptada ao arruamento da povoação no transito entre a cidade e a freguezia do Braz.

São Paulo, 15 de junho de 1863. — *Machado d' Oliveira.*

C

Cabo da tropa da gente de São Paulo, que vos achaes nas cabeceiras do rio dos Tocantins e Grão Pará, eu o principe vos envio muito saudar. Tem-se-me dado parte de que assistis nesse districto com vossa gente, havendo aberto estradas á villa de São Paulo. E sendo-me juntamente presente, de que entre a gente

que ahi governaes alguma della tem descoberto minas de ouro e outros mineraes e drogas desse sertão, e porque o serviço de as descobrir seria de igual conveniencia para este reino, como para os descobridores dellas, vos hei por muito recommendado aquellas; e examinareis a certeza desta noticia tão importante e me avisareis logo, mandando dous homens de vossa companhia praticos do Pará ou Maranhão, ou por São Paulo, ou por onde julgardes mais conveniente virem com mais brevidade a este reino, remettendo-me por estes todas as noticias com amostra das pedras destes mineraes que tiverdes achado ou descobrirdes, como tambem das drogas desse sertão, com a relação distincta do sitio e altura em que assistis, e o terreno que occupaes com vossa gente.

D

Portaria do Governo nomeando novo conselho de guerra para julgamento de Caetano José Gonçalves, trombeta de cavallaria de voluntarios reaes

Porquanto me foi remettido o processo criminal do conselho de guerra, que a 22 de setembro do corrente anno se procedeu contra o réo Caetano José Gonçalves, trombeta da companhia do capitão Joaquim José de Macedo, formado e sentenciado por differente maneira, do que se determina em muitos paragraphos do capitulo 11 do novo regulamento de cavallaria, contra o genuino sentido e litteral disposição do artigo de guerra 8.º do mesmo regulamento; contra o alvará de 15 de junho de 1763; contra a disposição do alvará de 25 de agosto de 1764, que exclue toda e qualquer diminuição ou interpretação, que a ignorancia ou malicia pretenda achar nos differentes capitulos e para-

graphos do referido regulamento, e com manifesta transgressão de outro providentissimo alvará de 4 de setembro de 1765, em que sua magestade, para obviar os frequentes abusos e irregularidades que se iam introduzindo contra a sancção, e determinação de suas anteriores leis, em differentes conselhos de guarra das suas tropas foi servida prescrever, e fixar certas, e inalteraveis regras, das quaes se não deviam apartar os vogaes do conselho, e menos o auditor, que como fiscal das leis devia propugnar pela sua observancia, de sorte que um tão defeituoso processo se faz indigno de ser apresentado a sua magestade pelas suas irregularidades e nullidade da sentença sobre elle proferida, como foram, por exemplo, além de outras: Uma, a de ser feito o corpo de delicto, sem declararem nelle todas as circumstancias do ferimento visto que por elle deviam ser perguntadas as testemunhas, porque a qualidade dos delictos os póde fazer tão diversos como são os mesmos delinquentes, no que se faz manifesta transgressão ao § 3.º da referida lei de 4 de setembro de 1765: Outra, a que não tendo os vogaes arbitrio algum livre, para se alteraram e modificarem o artigo ou artigos de guerra, que houverem sido transgredidos, como se determina na referida lei, de 15 de julho de 1763; sendo-lhes sómente incumbido o exame das provas, ou para absolverem, não achando provados os delictos, ou para julgarem as penas determinadas pelas leis de sua magestade; autes pelo contrario, com infracção da lei, votou cada um pela sua fantesia, mostrando nisto uma total, mas indesculpavel ignorancia do artigo de guerra 24: Outra, a de se não observar no conselho de guerra a referida lei de 15 de julho de 1763, e o § 6º de outra de 4 de setembro de 1765, em que sua magestade manda, que o conselho de guerra não possa usar na sentença de outras palavras, que não sejam as mesmas identicas dos sobreditos artigos transgredidos; que na condemnação das mesmas sentenças devem fazer copiar litteralmente, assim como se acham

escriptas no nosso regulamento: Outra, a de condemnarem o réo conforme o art. 8.º do novo regulamento (que deve ser o de cavallaria), e comtudo, condemnarem-no a carrinho perpetuo; suppondo, talvez, cada um dos vogaes com erro, que no dito artigo se contém a a alternativa de ficar a seu arbitrio e eleição ou a pena de carrinho perpetuo, ou a de morte natural, o que é totalmente opposto á verdadeira intelligencia do dito artigo; e que já em outro tempo deu causa ao snr. marechal-general o conde reinante de Schaumburg Lippe, accrescental-o com palavras mais claras, e decisivas, como vem no novo regulamento de cavallaria, e se vê da sua carta de 13 de julho de 1764, escripta ao brigadeiro Antonio Carlos Furtado de Mendonça: Outra, a de senão attender no referido conselho de guerra ás circumstancias do delicto, como o ser o ferimento feito por um *mulato* trombeta com faca de ponta a um capitão ajudante do governo, *moço fidalgo da casa de sua magestade*, com animo de o matar á traição e de proposito, e finalmente á minha vista, com motim em occasião que ia ver a obra do novo caminho; crime este que mesmo pelas leis civis é de lesa-magestade de segunda cabeça: E outra, emfim, o não ter o auditor attendido estas circumstancias para as ponderar aos vogaes, como é de seu officio; o não ter observado o que acha escripto no § 10 do capitulo 11 do novo regulamento da cavallaria, pelo qual, como fiscal delle, devia advertir-lhes as suas obrigações, apontar-lhes as leis de sua magestade, e dar-me parte com suspensão do conselho de guerra, no caso que algum delles recusasse cumprir o seu dever, para eu o castigar, como se determina no dito § 10.

E porque similhante processo tão informe como este é, não póde chegar á presença de sua magestade sem grande indecencia; e pela comprida jurisdicção, que para estes semelhantes casos sua magestade foi servida conceder-me na sua carta régia de 14 de janeiro de 1775, não posso deixar de declarar nullo o

dito conselho de guerra, como feito contra todas as leis militares, dando a providencia seguinte: O tenente coronel João Alvares Ferreira, que nomeio para presidente, fará convocar novo conselho de guerra, em que inteiramente se observem e cumpram as leis de sua magestade, fazendo-se nelle ponderar todas as circumstancias do caso, na conformidade das mesmas leis, inquirindo-se mais testemunhas, si necessario for; principalmente para se vir no verdadeiro conhecimento do animo do delinquente, ou para a sua defesa, visto que as leis dos conselhos de guerra não determinam certo numero dellas. Outro sim, serão expulsos deste novo conselho todos os vogaes que cahiram no erro de votarem contra as leis do regulamento, e extravagantes, os quaes porisso mesmo os excluo como inhabeis, e a quem não posso mais, do que estranhar-lhes o seu procedimento, por me compadecer da sua ignorancia, nomeando-se outros novos vogaes de ambos os regimentos de infantaria e corpo de cavallaria, a quem o auditor fará cumprir com as suas obrigações, na forma da lei, como lhe é determinado.

São Paulo, 27 de setembro de 1781. — Com a rubrica do governador.

E

Informação sobre as minas de ferro da provincia.

Illm.º e exm.º snr. — Ordenando-me v. ex. por officio de 18 do corrente que informe si, além da fabrica de ferro do Ypanema, alguma outra existe de preparar o mesmo metal, e no caso affirmativo, de procurar obter e remetter a v. ex. os esclarecimentos constantes do aviso junto por copia, expedido pelo ministerio d'agricultura, commercio e obras publicas em 12

deste mez, devo informar a v. ex. que, excepto a mencionada fabrica de ferro do Ypanema, nenhuma outra ha na provincia.

Seria isto bastante para satisfazer a exigencia de v. ex. si não pensasse, que vem a proposito a esse objecto o fazer uma breve exposição a respeito das minas de ferro existentes na provincia, que tem chegado ao meu conhecimento, e que sendo exploradas seriam de vantagem ao paiz.

No geral em toda a cordilheira maritima, que atravessa a provincia do oriente para o poente, ha signaes que indicam, alem de outras substancias metalicas, a presença de jazidas de ferro primitivo em maior ou menor extensão, e todas com direcção para norte; e esta especialidade se faz mais notavel na parte da cordilheira que serve de bacia ao rio Ribeira de Iguape, como observou o dr. Carlos Rath.

A primeira mina que se apresenta com maiores probabilidades de vantagens é a do Morro Branco, que faz parte da serra da Cantareira, uma ramificação da cordilheira; distante sete legoas da capital, legoa e meia da villa da Paranahyba, e tres e meia do ponto mais proximo da estrada de ferro de Santos a Jundiahy, segundo se vê do seu traçado.

O ferro do Morro Branco já tem sido por vezes analysado scientificamente, reconhecendo-se a presença desse metal na razão de sessenta a setenta por cento sobre as substancias que lhe são connexas; menor nesta qualificação que o ferro do Ypanema, que a tem de oitenta a noventa por cento, porem da mais facil fusão, o que lhe dá superioridade sobre este.

Este morro está encravado em terras dos herdeiros do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar; e este submettendo-o ao exame do engenheiro polaco Wyzeuski, premeditára, sob as mui favoraveis informações que teve, organisar uma associação para tomar a si a exploração da mina de ferro do morro, quando o seu fallecimento sustou tão util empreza.

Em quasi a totalidade do territorio do municipio de Paranahyba tem-se reconhecido a existencia de minas de ferro, pois que todo elle abrange uma grande parte das serras da Cantareira e Juquery, ramificações da cordilheira occidental; e essa existencia ainda é reconhecida pela proficiencia da lavra da cana de assucar, que ahi se faz, e que, como se sabe, prospera bem em solo ferruginoso.

Os morros de Sabohó e Vuturuna no municipio de S. Roque, e adherentes á serra do Juquery, na sua extremidade austral, contém em si, afóra outros metaes, grandes depositos de ferro primitivo, de facil exploração por estarem quasi á flor da terra, segundo se vê dos trabalhos mineralogicos do conselheiro Martim Francisco.

No conceito do dr. Rath ha notadamente grande abundancia deste mineral na margem esquerda da Ribeira, entre as paragens denominadas «Itaupava e Jurumirim» em terras de José Teixeira e da viuva de José Mathias no municipio de Iguape. Vê-se ahi o mineral as mais das vezes acima do nivel ordinario do rio, sendo por isso de facil extracção, e de commodo e prompto transporte para qualquer das margens do Ribeira, onde se queira estabelecer fabrica para apuração do mineral.

Nas grandes escavações que no principio do seculo XVI se fez nas cercanias da villa de Apiahy á pesquiza de ouro, que foi ali abundantemente deparado, e principalmente no morro que fica nas espaldas da povoação, e que ao depois foi conhecido com o nome de «Morro do ouro», observou o dr. Rath localidades extensas occupadas exclusivamente por este mineral, que se mostrava á flor de terra, e de uma qualidade fusivel segundo as suas experiencias. A collocação desta mina por mais abundante que pareça ser, jazendo no centro montanhoso da Cordilheira maritima em sua declinação para sul, dissuade qualquer tentativa para sua exploração.

Em 1846, indo eu em viagem para o Rio por ter assento na camara dos deputados, entregou-me João Baptista da Silva Bueno, que era então director dos trabalhos da estrada da Maioridade, algumas amostras de mineral de ferro, colhido por elle em um dos rios que se derivam da serra e se desembocam no do Cubatão em Santos, abaixo da povoação deste nome; informando-me que nas margens desse rio e em suas adjacencias havia grande profusão desse mineral, e em paragem aonde podiam chegar grandes lanchas. Apresentei essas amostras na secretaria do ministerio do imperio, tendo antes pedido ao ministro dessa repartição, que as mandasse analysar, e que no caso de se deparar nellas com a porção de metal, cuja extracção pudesse compensar as despezas provaveis com um pequeno estabelecimento ali formado para o respectivo processo, houvesse de dispor as cousas nesse sentido. E por que nada se tratou a respeito, nem nessa legislatura, nem nas ulteriores, supponho que nenhuma consideração mereceu esse meu plano.

Julgo ser isso bastante para persuadir que na provincia ha minas de ferro de grande possança, que podem ser exploradas e garantir lucros moderados.

Deus guarde a v. ex. — São Paulo 29 de setembro de 1861. — Illm.º e exm.º snr. dr. João Jacintho de Mendonça, presidente da provincia. — *José Joaquim Machado d'Oliveira.*

F

Proclamação do Governador conde de Palma convidando os milicianos para a guerra do sul.

Paulistas fieis, que vos achaes alistados nos corpos milicianos desta capitania, el-rei nosso senhor bem convencido da vossa inabalavel e experimentada cora-

gem, chama nesta occasião os vossos robustos braços em reforço do exercito do sul, onde já milita parte dos vossos compatriotas, que tanto se tem distinguido e coberto de gloria, eternisando assim o seu nome, que nós repetimos a cada instante com a maior complacencia, vós sois o mesmo que elles são, e a capitania de São Paulo, á que tendes a honra de pertencer, vae tambem agora dever-vos o augmento da sua reputação, e mais um poderoso motivo para continuar a merecer a decidida benevolencia com que é olhada por el-rei. Eu tenho toda confiança em vós, e a maior certeza da vossa promptidão e boa vontade nesta importantissima occasião: ordena-me, pois, el-rei que eu levante dous corpos de milicianos voluntarios formados dos dous regimentos de cavallaria desta cidade, e mesmo dos de infanteria que a elles se quizerem reunir, e que ao mesmo tempo vos segure em seu real nome que além das graças concedidas no alvará de 29 de agosto de 1808, os que assim marcharem voluntariamente servirão nesta campanha sómente por dous annos, no fim dos quaes, ou antes, si as circumstancias o permittirem, voltarão aos seus lares, ficando sempre isentos de servir em tropa de linha. Os cavallos e armamento lhes serão fornecidos competentemente, e o soldo tanto para officiaes como para soldados começará desde o dia em que se reunirem aos referidos corpos, recebendo tres mezes adiantados antes da marcha. Paulistas fieis, eu me offereço a proteger as familias dos defensores do Estado, que as deixarem por occasião do serviço do melhor dos soberanos, que com mão liberal hade premiar os relevantes serviços que lhe vão prestar naquella fronteira os leaes e valorosos milicianos voluntarios de São Paulo. Espero, portanto, que a corajosa mocidade corra apressada a dar o seu nome para esta expedição, encaminhando-se ao quartel do brigadeiro inspector geral de milicias, a quem tenho encarregado a execução das minhas ordens a este respeito.

E para que conste, etc. — Quartel general de São Paulo, 4 de maio de 1817. — *Conde de Palma.*

G

Considerações do senador Vergueiro a respeito do seu procedimento no collegio eleitoral de Itú.

A nossa intenção era concentrar todas as opiniões em uma base solida para que a demagogia as não desvairasse, poisque o grande enthusiasmo revolucionario provinha do horror ao despotismo, desacompanhado dos conhecimentos necessarios para melhorar o futuro; nem os podia haver. O governo portuguez foi o mais severo para com as suas colonias. O Brasil não era mais do que uma feitoria agricola e mineira, onde as manufacturas que acabavam de despontar em Minas, foram prohibidas, era-lhe vedado toda communicação com o genero humano, a não ser com Lisboa ou Porto, onde reinava o despotismo ateado pela inquisição.

Com a emigração da côrte para o Brasil houve um beneficio forçado, que consistiu na abertura dos portos quando estava impedida a communicação com Portugal, que não podia deixar de imprimir grande movimento nos animos e no espirito da população, communicando-lhe idéas, e suscitando-lhe desejos; augmentando assim o grande enthusiasmo com que a côrte fôra recebida. Si o governo soubesse aproveitar esse enthusiasmo grandes cousas poderia fazer em gloria sua e proveito do Brasil, porém contentou-se *pro interim* em applicar ao Rio de Janeiro o almanack de Lisboa, conservando sempre a lembrança de para lá voltar, e depois de lá estar, as côrtes marcando o metropolismo perpetuo, chamaram á antiga séde do go-

verno todos os negocios do Brasil, que já ia conhecendo sua força e seus direitos....

Depois que a revolução de Portugal foi immediatamente acceita no Brasil inteiro, e com grande enthusiasmo, e ter feito explosão no Pará, Bahia e Rio de Janeiro; onde obrigou a côrte a retirar-se, o que faltava em São Paulo para romper igualmente era um homem prestigioso e resoluto que se collocasse á frente; este homem que possuia estas qualidades em gráo eminente foi José Bonifacio de Andrada, que deu suas ordens e a revolução se effectuou mui pacificamente. O capitão-general da provincia havia anteriormente perdido toda a força moral, e deu parabens á sua fortuna ser nomeado presidente do governo provisorio, emprego que serviu ostensivamente, deixando obrar o vice-presidente José Bonifacio....

H

Proclamação convidando os milicianos a marcharem em auxilio ao Rio de Janeiro.

Soldados! Nova estrada de gloria se vos offerece a trilhar: o grito de honra, o amor da patria e a obediencia ás ordens do magnanimo principe regente deste reino, penhor da nossa nascida liberdade, delicias nossas e delicias do Brazil, vos chamam á côrte do Rio de Janeiro: vossos paes, vossas mulheres, vossos filhos e amigos, antepondo este sagrado dever ás cadêas de amor com que a natureza os prende a vós, esquecendo em seu enthusiasmo os pezares e ternas saudades de uma ausencia, não duvidam de separar de vós. Os antigos espartanos, e vossos antepassados, seus dignos imitadores, preferiram sempre as marchas, os combates e todos os exercicios da guerra, ás doçuras da ociosi-

dade e da moleza, que enerva os corpos e contamina as almas. Segui, pois, o brilhante exemplo de vossos ascendentes: marchae contentes a defender a côrte contra os perturbadores da ordem e socego publico: ide pôr termo á vertigem dos partidos que pretendem dilacerar; ide aterrar a intriga e a discordia que rugem furiosas, pela constante pratica de todas as virtudes militares, e escrupulosos das vossas obrigações; ide erigir novos padrões e tropheos á gloria e honra paulistana.

Soldados! Da vossa união nascerá vossa força, e com esta ganhareis tranquillidade e obtereis respeito; então facilmente podereis quebrar os ferros com que a perfidia nos ameaça, conservar em nosso seio o principe real, e conseguir uma constituição, que fundada nos principios eternos da justiça, segure aos habitantes de um e outro reino iguaes direitos, iguaes beneficios. O governo e a patria esperam de vós sereis a gloria dos vossos compatriotas, a admiração das nações, o objecto da saudosa lembrança dos vindouros... Que maior recompensa póde haver para homens livres, e para cidadãos generosos?

Soldados, o templo da immortalidade vos espera; não erreis a vereda que a elle vos conduz.

São Paulo, 25 de janeiro de 1822. — *Martim Francisco Ribeiro de Andrada.*

Outra proclamação lida no acto da partida do corpo miliciano expedicionario.

Soldados! a luta de diversos partidos, inimigos da felicidade do Brasil, nossa patria commum; a intriga, a discordia e todas as paixões idiondas e corrosivas, que de ordinario apparecem nas mudanças politicas dos Estados, produziram na côrte do Rio de Janeiro os acontecimentos da noute de 11 para 12 do mez

proximo passado: o melhor dos principes, o primogenito do benefico fundador deste reino, e nelle immediato representante do seu poder, quer tropas paulistas que atalhem estes males, guarnecendo e defendendo aquella capital contra os inimigos da ordem e socego publico; e vós marchaes, e vós, a quem como as tropas nacionaes, compete mais privativamente esta gloriosa tarefa, por terdes familias que proteger, fortunas que conservar, lares que defender, e direitos que segurar.

Nada esfrie vosso valor, ou modere vosso enthusiasmo: os pesares de vossos paes, os abraços de vossas consortes, as lagrimas de vossos filhos, todos estes laços de sangue, de familia e de amisade, que costumam prender ou circumscrever o homem ao estreito territorio que o viu nascer, nenhum effeito façam sobre vossos corações; nelles só fallem hoje os sentimentos generosos do amor da patria e do governo; e a historia perpetuará vossos altos feitos, e vos collocará a par dos vossos antepassados. Marchae, pois, filhos da patria, trilhae ufanos a vereda da gloria, que se vos offerece; e chegando á côrte convencei a seus habitantes por vossa união, força e coragem, e pela constante pratica de todas as virtudes, que não sabeis separar os deveres de cidadão da vida do soldado; e quando, restabelecida a tranquillidade publica, e socegados os animos com a certeza de permanente conservação de sua alteza real no Brasil, e de uma constituição fundada na reciproca igualdade de interesses, direitos e beneficencias, vossos trabalhos se tornarem desnecessarios naquella capital, voltae ao seio das vossas familias, onde recebereis por premio de vossas honrosas fadigas, não o vil metal (que cobiçam as almas venaes e mercenarias), mas os agradecimentos e bençãos de vossos concidadãos, moeda que o tempo não enferruja, que tem curso em todas as idades, cuja legenda é sempre decifravel por aquelles que ambicionam ter entrada no templo da immortalidade.

Soldados, amigos, compatriotas, ide merecer esta tão subida recompensa. Adeos, parti.

Fevereiro de 1822. — *Martim Francisco Ribeiro de Andrada.*

I

Aviso dirigido ao Governador das Armas da provincia de São Paulo.

Manda sua alteza real o principe regente pela secretaria d'estado dos negocios do reino remetter ao marechal de campo José Arouche de Toledo Rendon, governador das armas da provincia de São Paulo a copia da carta regia, da data deste, dirigida aos deputados actuaes do governo provisorio da mesma provincia, a qual lhe será entregue pelo tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo, que sua alteza real houve por bem nomear ajudante d'ordens do mesmo marechal, para que lhe dê completa execução pela parte que lhe pertence: recommendando-lhe haja de proceder em tudo com a dignidade e energia que requer o serviço nacional e real, e o bem e honra da provincia de São Paulo: E por estes motivos não approvou sua alteza real a condescendencia que o dito marechal teve com os facciosos, que formam hoje o governo provisorio da provincia de S. Paulo, na resposta ultima, que lhes deu, e que foi presente á sua alteza real pela secretaria de guerra, pois o seu officio lhe não devia merecer a menor contemplação: E ordena outro sim que ouvindo o dito marechal todas as communicações secretas e verbaes, que lhe der o dito tenente-coronel ajudante d'ordens, preste todo o credito, que merecem a sua probidade, denodo e honra. A carta regia original será remettida logo por uma parada á cidade de S. Paulo.

Palacio do Rio de Janeiro, em 25 de junho de 1822. — *José Bonifacio de Andrada.*

Carta regia a que se refere o aviso ácima.

Deputados do governo provisorio da provincia de S. Paulo. Eu o principe regente vos envio muito saudar. Sendo-me presentes os vossos officios de 24 de maio e 11 do corrente em que me partecipastes as duvidas que occorreram e se vos offereceram para não cumprir as portarias de 10 e 21 do dito mez de maio, em que se vos ordenava fizesseis partir immediatamente para esta côrte ao presidente do governo, e ao ouvidor nomeado para essa comarca de São Paulo, debaixo do falso pretexto que assim vos requereram o povo e tropa dessa cidade, e porque assim o exigia o socego publico dessa provincia, rogando-me por isso que houvesse de approvar similhantes medidas: informado eu, porém, dos verdadeiros motivos que deram causa ao motim de 23 do dito mez, em que a tropa miliciana, e um punhado de miseraveis e facciosos d'entre o povo foram instigados e seduzidos por algum de vós, e outros vossos apaniguados, com manifesta desobediencia e rebeldia á minha real autoridade, como principe regente deste reino do Brasil e seu perpetuo defensor, e contra o proprio juramento que me prestastes no dia da installação desse governo: por tanto desejando eu que fique para sempre illibada a honra dessa briosa e leal provincia de São Paulo, a quem eu e este reino do Brasil tanto devemos, pela fidelidade e energia de seus sentimentos e nobres acções, vos ordeno que logo deis fiel e prompta execução ás ditas portarias ácima mencionadas debaixo da mais rigorosa responsabilidade para commigo e para com a assembléa geral constituinte e legislativa que mandei convocar. O que me pareceu participar-vos para vossa cabal intelligencia e fiel execução. Escripta no palacio do Rio de Janeiro em 25 de junho de 1822. — *Principe regente.* — *José Bonifacio de Andrada e Silva.* — Para os deputados do governo provisorio da provincia de São Paulo.

J

Aviso dirigido ao Governador de Santos, o marechal de Campo Candido Xavier de Almeida e Souza.

Sua alteza real o principe regente, tendo acabado de dar uma prova irrefragravel do muito que aprecia o caracter honrado de v. s., e os serviços relevantes que tem prestado ao Estado na sua carreira militar, conferindo-lhe a effectividade do posto de marechal de campo, quer ainda dar um novo testemunho disto mesmo encarregando-o do governo da villa e praça de Santos, pondo-o nas circumstancias de ser um dos mais valentes apoios da causa, contra uma facção destruidora da união dos povos e da benemerita provincia de São Paulo e do reino do Brasil.

Em consequencia manda sua alteza real (e confia que assim o executará) que v. s. com o marechal de campo governador interino das armas se combinem de maneira que por meio das suas efficazes medidas se restabeleça a ordem, e se restitua a paz, e o socego a essa provincia.

Persuade-se sua alteza real, que bastará que dessa villa, de commum accordo com o referido governador das armas marche o corpo d'artilheria sob o commando do major José Olinto de Carvalho, levando quando seja possivel duas peças de tres ou de calibre mais ligeiro que ahi se achar.

Mas, si no entanto circumstancias imperiosas exigirem forças mais respeitaveis da marinha ou de beiramar, sua alteza real deixa á combinação de v. s. e do referido marechal a escolha de ulteriores disposições.

Sua alteza real sabe que o cadete Polycarpo (aliás Francisco Antonio de Oliveira) se acha injustamente preso em Santos, e portanto ordena que suba com o major Olinto.

Deos guarde a v. s. — Palacio do Rio de Janeiro em 23 de junho de 1822. — *Joaquim de Oliveira Alvares.* — Snr. Candido Xavier de Almeida e Souza.

K

Aviso dirigido ao Governador interino das armas da provincia de São Paulo, o marechal José Arouche de Toledo Rendon.

Em data de 11 do corrente mez havia eu escripto a v. ex., mas como o coronel Martim Francisco Ribeiro de Andrada se justamente persuadisse que recentes circumstancias, de que sua alteza real não estava ao facto, exigissem novas providencias, fez retrogradar o proprio, e eis aqui o motivo porque a v. ex. não se tem já dirigido as ultimas decisões de sua alteza real.

Objectos dignos da attenção do principe regente obstam por ora a que sua alteza real vá em pessoa restituir a harmonia, e o socego a essa provincia. Confia, porém, sua alteza real que este acontecimento se em parte remedeia depositando em v. ex. esta delicada commissão.

Quer sua alteza real, dando a v. ex. para exemplo a sua propria conducta por occasião da sahida das tropas de Portugal destacadas nesta côrte, que v. ex. apresente uma ameaça terrivel aos inimigos da ordem, mas que com effeito não passe de ameaça emquanto se não manifestar uma desobediencia formal ás suas reaes determinações.

Para este fim ordena sua alteza real que v. ex., quando precise do corpo de artilheria de Santos, se entenda logo com o marechal Candido Xavier de Almeida e Souza, a quem acaba de nomear governador daquella villa e praça e mandou dirigir o officio junto por copia [1], que se envia a v. ex. para seu conhecimento.

Com o auxilio deste corpo, havendo-se combinado os movimentos delle com o governador de Santos, e á testa dos dous corpos milicianos, que d'aqui regressaram sob o commando do coronel Cezar, e finalmente daquelles de que v. ex. tem lançado mão na sua pas-

---

[1] V. neste Appendice a letra J.

sagem, persuade-se sua alteza real que v. ex. pode marchar sobre a cidade e impôr aos inimigos da ordem.

A celeridade, a prudencia, o estratagema e a força real ou apparente são os meios de que v. ex. se deve servir, e que sua alteza real recommenda a v. ex. para se restabelecer a ordem na cidade e na provincia, a pique de ser envolvida em uma guerra civil por uma triste facção desorganisadora de que são os principaes motores o presidente Oyenhausen, o ouvidor da comarca de São Paulo e o coronel Francisco Ignacio, os quaes v. ex. remetterá, logo que lhe for possivel a esta côrte.

Previna, pois, v. ex. a reunião de forças da parte delle; desacredite, na sua passagem, quanto lhe couber, as malevolas pertenções desta facção, dissipe aquella intriga e será o cidadão libertador da sua patria.

Como v. ex. possa precisar, mesmo para impôr, de cartuxame, ordena sua alteza real que o novo ajudante d'ordens de v. ex., o tenente-coronel Aranha se encarregue de apresentar a v. ex. dez mil cartuxos d'espingarda do adarme das que levaram os milicianos, e dous mil de pistola.

Sua alteza real não lembra a v. ex. que tenha horror ao sangue e ao luto. O principe regente sabe que v. ex. conhece bem todas as funestissimas consequencias, que d'aqui resultam, e confia que v. ex. as evitará.

Finalmente sua alteza real conta tanto com o feliz resultado desta commissão importante, que se reserva desde já a consoladora satisfação de lh'o agradecer.

Deos guarde a v. ex. — Palacio do Rio de Janeiro em 23 de junho de 1822. — *Joaquim d'Oliveira Alvares.* — Snr. José Arouche de Toledo Rendon.

L

Officio do Governo provisorio da provincia de São Paulo ao general Arouche.

Ill.^mo ex.^mo snr. — O governo provisorio, recebendo agora mesmo o officio de v. ex. de 6 do corrente, se apressa a partecipar-lhe, que á vista do mesmo officio, e do mais que lhe conta, resolve e ordena, que v. ex. quanto antes se recolha a esta capital, ficando ao cuidado do mesmo governo inteirar a v. ex. verbalmente da necessidade publica que o obriga a recommendar-lh'o assim; necessidade tão urgente para a tranquillidade da provincia a que o mesmo governo dá unicamente todos os seus desvelos, que elle constitue e declara a v. ex. responsavel pela mais leve demora que da parte de v. ex. houver em cumprir esta sua positiva ordem; ficando v. ex. na intelligencia, por meio das duas copias aqui juntas, das providencias que o mesmo governo tem dado para a marcha daquella porção de leaes paulistanos, que por ordem de sua alteza real, se recolhem a esta capital.

Espera, portanto, o mesmo governo, inteirado das razões porque assim deve obrar, que v. ex., concorrendo quanto da sua parte está para a tranquillidade e socego desta leal e heroica provincia, se appressará a cumprir tão recommendada ordem com aquella promptidão, que deve caracterisar um paulista sempre obediente ás ordens superiores, entretanto que as paternaes e providentes decisões pedidas á sua alteza real pelo mesmo governo, e por elle anciosamente esperadas vem consolidar a tranquillidade publica de que felizmente esta capital está gosando.

Deos guarde a v. ex. — Palacio do governo de São Paulo 11 de julho de 1822. — *João Carlos Augusto de Oyenhausen*, presidente. — *Miguel José de Oliveira Pinto*, secretario. — *Daniel Pedro Müller*, secretario.

M

Termo do convencionado entre o Governo provisorio e o marechal governador da praça de Santos.

Aos 21 dias do mez de julho do anno de 1822 pelas nove horas da noute, tendo chegado ao palacio do governo da provincia de São Paulo o snr. marechal de campo Candido Xavier de Almeida e Souza, governador da villa e praça de Santos, o qual (vindo com tropas da dita villa em consequencia de ordem de sua alteza real o serenissimo snr. principe regente, defensor perpetuo deste reino do Brasil, entrar nesta cidade para fazer executar determinações do mesmo augusto senhor, que se suppunham não cumpridas) as fez parar no logar denominado «Ponte-Alta» de ordem do governo e veiu só tratar com o mesmo; e este fazendo-lhe vêr que a carta regia, de que se tratava tinha sido cumprida desde o dia 16 do corrente mez em que lhe fôra apresentada: requereu o dito snr. marechal, que queria conferenciar com o snr. marechal José Arouche de Toledo Rendon, porque sendo as instrucções, que recebeu da côrte, obrar de accordo com elle, não podia fazer retroceder as tropas de seu commando, sem aquelle consentimento: sendo logo chamado, e comparecendo immediatamente o snr. marechal José Arouche de Toledo, conveiu naquella retirada, porque, cumpridas como estavam as ordens de sua alteza real, nada mais havia a fazer, e convinha evitar-se qualquer effusão de sangue, que poderia haver entre tropas que se achavam armadas e desconfiadas entre si, o que seria mais doloroso ao paternal coração de sua alteza real, a este governo e aos ditos snrs. marechaes. Accordada assim unanimemente a retirada das tropas de Santos, e pertendendo o governo que o snr. marechal Candido Xavier de Almeida e Souza se demorasse alguns dias nesta cidade para melhor presenciar o animo pacifico e subordinado da tropa e povo da mesma, e

reconhecer que só se tinham armado com receio de serem surprehendidos; recusou aquelle snr. marechal, com o justo fundamento de estar encarregado do governo daquella villa e praça, de onde não podia sahir sem expressa ordem superior, no que concordaram o mesmo governo, e o snr. marechal José Arouche de Toledo, antolhando todos a importancia que ha, de estar sempre no melhor estado de defesa a mencionada praça de Santos. E para que conste onde convier se mandou lavrar este termo no livro delles, do qual se tiraram tres outros originaes, e foram assignados pelos membros do governo que se achavam presentes, e pelos ditos snrs. marechaes de campo. E eu Manoel da Cunha d'Azeredo Coutinho Souza Chichorro, secretario do governo para o expediente geral o fiz escrever. — *Miguel José de Oliveira Pinto*, presidente interino. — *Daniel Pedro Müller*, secretario. — *Francisco Ignacio de Souza e Queiroz. — Antonio Maria Quartim. — André da Silva Gomes. — José Arouche de Toledo Rendon. — Candido Xavier de Almeida e Souza.*

N

O pessoal da guarda d'honra do principe regente, que se achou presente ao acto da acclamação da Independencia do Brasil no sitio do Ypiranga.

Commandante, o coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo.

De Pindamonhangaba.

Segundo commandante, o capitão-mór Manoel Marcondes de Oliveira Mello (ao depois barão de Pindamonhangaba),
Sargento-mór Domingos Marcondes de Andrade,
Tenente Francisco Bueno Garcia Leme,

Miguel de Godoy Moreira e Costa,
Manoel de Godoy Moreira,
Adriano Gomes Vieira de Almeida,
Manoel Ribeiro do Amaral,
Antonio Marcondes Homem de Mello,
Benedicto Corrêa Salgado.

De Taubaté.

Francisco Xavier de Almeida,
Vicente da Costa Braga,
Fernando Gomes Nogueira,
João José Lopes,
Rodrigo Gomes Vieira,
Bento Vieira de Moura.

De Parahybuna.

Flavio Antonio de Mello.

De Mogy das Cruzes.

Salvador Leite Ferraz.

De Guaratinguetá.

José Monteiro dos Santos,
Custodio Leme Barboza.

De Arêas.

Sargento-mór João Ferreira de Souza.

De São João Marcos.

Cassiano Gomes Nogueira,
Floriano de Sá Rios,
Joaquim José de Souza Breves.

De Rezende.

Antonio Pereira Leite,
Sargento-mór Antonio Ramos Cordeiro,

José de Rocha Corrêa,
David Gomes Jardim.

Do Rio de Janeiro.

Eleuterio Velho Bezerra,
Antonio Luiz da Cunha.

O

Falla dirigida á sua alteza real pedindo a formação de uma guarda civica.

Senhor. Um plano ha pouco premeditado de se formar um corpo civico, para no centro da nossa patria, ou em guerrilhas fazer frente aos desorganisadores europeos externos e internos estava disposto a apparecer perante vossa alteza real, a gloria, porem, sem par, o grito brilhante da independencia absoluta do Brasil pronunciada por vossa alteza real quasi ás margens do saudoso Tamanduatehy apressou nossos passos, para virmos buscar de vossa alteza real a approvação deste honroso corpo, que deseja ser appellidado mesmo por vossa alteza real o «Corpo da Independencia».

Eis, senhor, já principiado nesta capital, e uma vez que mereça a approvação benefica, assim como o regulamento, e uniforme que á vossa alteza real aprouver, se diffundirá por toda esta provincia, annunciando em toda a parte, como un monumento vivo o successo maravilhoso do dia 7 de setembro de 1822. Elle jurará manter a independencia do Brasil, a tranquillidade interna da patria, e a sagrada pessoa de vossa alteza real, como nosso defensor perpetuo, nosso pae, nosso restaurador, nosso amigo e nossa unica esperança.

Acceitae, portanto, senhor, os nossos votos, dignaevos approvar nossos desejos, derramae por ultimo este beneficio sobre nossos corações traspassados da mais

viva saudade pela inopinada ausencia de vossa alteza real, e vivamente tocados de gratidão, pelas lisongeiras expressões, com que vossa alteza real se dignou despedir-se dos seus amigos, dos seus honrados paulistas.

Ah! senhor, está gravada em viva lembrança a vossa augusta recommendação, e os honrados paulistas firmes em seus deveres, jamais apartarão um só passo da linha prescripta por vossa alteza real, tal é seu timbre, tal é a sua gloria: e a formação deste corpo é já uma prova da união tão altamente appetecida por vossa alteza real, e tão necessaria para ultimar a grande obra começada, e que no entanto os paulistas juram conservar sempre e a toda a prova.

Resposta.

Manda sua alteza real o principe regente pela secretaria d'estado interina agradecer muito e muito a lembrança patriotica do povo desta capital sobre a formação de uma guarda civica, que se dispoem a jurar e defender a independencia do Brasil, sua tranquillidade interna, e a sagrada pessoa de sua alteza real, como seu defensor perpetuo, seu pae, seu amigo, seu restaurador. O mesmo senhor ha por bem conceder licença para formatura de um tal corpo, o qual se denominará «Sustentaculo da Independencia Brasilica», devendo ser composto dos habitantes da provincia, sem distincção desta ou daquella comarca. E para que se faça com aquella legalidade que convém a alistamentos taes, ha por bem outro sim sua alteza real determinar provisoriamente, emquanto não autorisa esta creação por um decreto, em que ordene seu uniforme e formatura, que se alistem em casa do governador das armas desta provincia, a quem devem obedecer as cousas tendentes aos fins da organisação do corpo, ou nas dos capitães-móres

dos districtos, devem estes remetter listas ao mencio nado governador das armas, para que lhe conste o nu mero dos alistados, não devendo comprehender-se neste alistamento militares de primeira e segunda linha, que não forem reformados.

Paço de São Paulo 9 de setembro de 1822. — *Luiz de Saldanha da Gama.*

P

Congratulação do governo provisorio ao corpo miliciano que marchára em auxilio ao Rio de Janeiro.

Camaradas, conhecei o gosto com que vos abraçam vossos irmãos nos sentimentos que se pintam em nossos rostos, vêde nelle sinceras expressões de alegria, de amisade e de um patriotismo, que se lisongeia dos briosos esforços com que acabaes de enobrecer, deixando o nome paulistano recommendado á posteridade nos fastos do Brasil e nos de sua brilhante capital.

Leaes e valentes paulistanos, um governo amigo vos abraça e vos exhorta praticardes entre os vossos concidadãos as virtudes a que nunca vos arredastes emquanto o bem e a gloria do Brasil vos conservou ausente delles; recolhendo-vos á patria, que anciosamente vos desejava, achareis na amisade do vossos concidadãos o premio que mais satisfaz ás chammas nobres, encontrareis todo o agasalho e protecção em um governo, que só se esmera em promover como deve o bem da provincia, querendo que nenhum outro governo e exceda (assim como nenhum outro povo excede o de São Paulo) em aferro e adhesão á real e augusta pessoa do serenissimo senhor principe regente, protector e perpetuo defensor de Brasil, e á brilhante e nobre causa que este governo e este povo primeiro abraçaram, e que nunca hão-de desamparar.

Neste mesmo logar vos dissemos ha pouco «marchae», agora cheios de gosto por vos vêr restituidos á grande familia paulistana, nós dizemos «ide descançar, satisfazer os votos de vossas virtuosas familias, no meio de vossos pacificos concidadãos, o amor, veneração e respeito ao nosso heroico e idoladrado regente e protector, e debaixo desse poderoso escudo dizemos todos felizes. Viva, etc. — Palacio do governo de São Paulo 22 de julho de 1822.

Q

Portaria em resposta á partecipação da camara de Sorocaba sobre a deliberação que tomou pelos acontecimentos de 23 de maio na Capital.

Manda sua alteza real o principe regente, pela secretaria d'estado interina, partecipar á camara da villa de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba, comarca de Itú, que lhe foi presente o termo de vereança extra ordinaria de 25 de junho do corrente anno, e as medidas que tomou, as quaes sua alteza real presume terem sido tomadas por não haver então nesta provincia um centro firme de união; e como agora dentro della exista o chefe do poder executivo do reino do Brasil, e seu defensor perpetuo: ha por bem sua alteza real annullar o sobredito termo de vererança extraordinaria, visto cessarem os motivos, que de certo lhe deram causa; e ordenar, que a dita camara se dirija á sua real pessoa directamente, em tudo que houver mister a bem do serviço nacional, em quanto o novo governo de toda a provincia não estiver formado (quer sua alteza real exista, ou não, nesta) do modo que o mesmo senhor houver por bem mandar, com o qual, logo que assim organisado seja, se deve entender, como é de sua rigorosa obrigação, e conforme á ordem estabele-

cida: outrosim ha por bem sua alteza real louvar á camara, povo e tropa dessa villa a intrepidez que tem desenvolvido pela sagrada causa do Brasil, e remetter-lhes incluso o seu manifesto aos governos e nações amigas. Paço de Lorena 19 de agosto de 1822. — *Luiz de Saldanha da Gama.*

(Identica e por igual motivo foi dirigida á camara da villa de Itú).

R

Decreto do principe regente.

Tendo eu concedido ao marechal de campo José Arouche de Toledo Rendon a demissão de governador das armas desta provincia, por elle assim m'o haver pedido: hei por bem attendendo ás qualidades, que concorrem no marechal de campo Candido Xavier de Almeida e Souza, sendo uma dellas, e a mais essencial, o amor á causa brasilica, nomeal-o interinamente governador das armas desta provincia: Luiz de Saldanha da Gama, meu ministro e secretario d'estado interino, o faça executar, expedindo os despachos necessarios. Paço de Mogy das Cruzes 23 de agosto de 1822. — Com a rubrica de sua alteza real o principe regente. — *Luiz de Saldanha da Gama.*

S

Agradecimento do governo provisorio da provincia de São Paulo pela resolução do principe regente de ficar no Brasil.

Senhor. — Quando o governo provisorio, receoso de perder a vossa alteza real, mas desejoso de sempre possuil-o, esperava no maior susto e anciedade pela decisão e complemento de tudo, e que no seu officio

de 24 de dezembro do anno passado (1), rogára á vossa alteza real, é então que o officio de 17 de janeiro do presente anno, expedido pela secretaria de estado competente, vem pôr termo á sua perplexidade, e desvanecer seus temores pela certeza de haver vossa alteza real suspendido a sua sahida para Portugal, e de ficar no Brasil, por entender que assim convinha ao bem geral dos povos, e ao importante fim da união dos dous reinos. O governo não póde esquivar-se ao justo e necessario dever de significar á vossa alteza real seu jubilo e contentamento, e de render-lhe mil agradecimentos por uma resolução em que só brilha ou o amor da felicidade do povo, ou a alta politica e subido heroismo de vossa alteza real, por uma resolução, que, finalmente, salvando o rico e extenso Brasil dos horrores da anarchia por dar-lhe um centro unico de energia e de força, vae quebrar-lhe para sempre os pesados ferros da escravidão, consolidar-lhe a nascente liberdade, e fazel-o trilhar a vereda da gloria, da prosperidade, e venturas para que a natureza o destinára. Digne-se, pois, vossa alteza real acceitar estes puros e sinceros protestos de sua gratidão, acolhel-os benigno e conceitual-os como expressão unanime de todo o povo desta provincia.

A' pessoa de vossa alteza real guarde Deos muitos annos. Palacio do governo de São Paulo em 9 de fevereiro de 1822. — *João Carlos Augusto de Oyenhausen*, presidente. — *Martim Francisco Ribeiro de Andrada*, secretario. — *Miguel José de Oliveira Pinto*, secretario. — *João Ferreira de Oliveira Bueno*. — *Francisco de Paula e Oliveira*. — *Daniel Pedro Müller*. — *André da Silva Gomes*. — *Francisco Ignacio de Souza e Queiroz*. — *Manoel Rodrigues Jordão*. — *Antonio Maria Quartim*.

(*) Abreu e Lima. Hist. do Bras. II, 6.

T

Partecipação do Governo provisorio da provincia de São Paulo ao principe regente, da marcha do auxilio militar pedido pelo principe.

Senhor. — O governo provisorio em seu officio de 17 de janeiro proximo passado se havia constituido na espontanea obrigação de fazer marchar quanto antes para essa côrte uma brigada composta de mil e cem praças; e hoje elle se vangloria de assegurar á vossa alteza real que a referida força está toda em caminho, havendo previamente recebido a positiva ordem de não suspender nem moderar a sua marcha, sinão quando por vossa alteza real lhe fosse determinado.

A continuação das criticas circumstancias dessa capital, e a urgencia das ordens de vossa alteza real, que forçaram o governo a tão energicas medidas, requerem que elle continue ainda em sua permanencia para acudir e providenciar tudo aquillo que de novo occorrer; e sem duvida não descançará emquanto não souber, que raiam no horisonte dessa côrte dias mais tranquillos e serenos, e que a autoridade de vossa alteza real e as leis são por todos respeitadas e obedecidas.

Tal é e será sempre a conducta do governo em crises similhantes. Sómente homens ou não aquecidos pelo menor bafo de vitalidade e inteiramente apathicos ou avezados a cifrarem sua vida na descoberta de meios que contentem sua cobiça, e satisfaçam seus interesses pessoaes, é que podem encarar com indifferença as desgraças actuaes dessa capital, porque para taes homens a patria é nada; mas, para o governo e povo desta provincia que, conservando ainda muitas das virtudes de seus antepassados, não sabe separar sua felicidade individual da felicidade publica, a patria é tudo. Debaixo deste ponto de vista vossa alteza real,

que por tantos titulos é o mais seguro penhor da futura prosperidade do Brasil, pode contar sempre com a nossa firme adhesão á sua augusta pessoa, e á gloria, á dignidade e bem geral da nação, com todos os sacrificios de que é capaz o nosso ardente patriotismo.

O governo, finalmente, vendo o povo decidido a recusar os ferros, que a má fé dos seus irmãos da Europa dourára para melhor os fazer aceitar, tomou a seu cargo alhanar-lhe os meios, e encaminhal-o em suas vistas, na plena convicção de que assim desempenhava a mais essencial e a mais sagrada de suas obrigações. A' vista disto o governo só póde aceitar agradecido a segurança da especial consideração e estima com que vossa alteza real o honrou na carta de 30 de janeiro proximo passado que lhe dirigiu; mas permitta vossa alteza real qua o governo, recusando respeitosamente elogios de que não é credor, se contente com a approvação de sua consciencia por ter feito o seu dever e haver já pago parte de uma divida, que contrahira com o generoso povo que o escolheu, e com o grande principe que o approvou.

A' augusta pessoa de vossa alteza real guarde Deos muitos annos. Palacio do governo de São Paulo 18 de fevereiro de 1822. — *João Carlos Augusto de Oyenhausen*, presidente. — *Martim Francisco Ribeiro de Andrada,* secretario. — *Miguel José de Oliveira Pinto*, secretario. — *Francisco Ignacio de Souza e Queiroz.* — *Francisco de Paula e Oliveira.* — *João Ferreira de Oliveira Bueno.* — *Daniel Pedro Müller.* — *André da Silva Gomes.* — *Antonio Maria Quartim.* — *Manoel Rodrigues Jordão.*

U

Primeira colonisação na provincia.

Em consequencia do aviso do ministerio do imperio de 8 de novembro de 1827 chegaram a esta provincia no anno seguinte novecentos e vinte e seis colonos dos quaes foram remettidos para o municipio da capital trezentos e trinta e seis, naturaes dos estados meridionaes da Allemanha. Foi nomeado director da colonia o dr. em medicina Justiniano de Mello Franco. A presidencia deliberou dar o subsidio de cento e sessenta réis diarios a cada um dos colonos adultos que se sujeitaram a residir na colonia, e oitenta réis aos menores filhos delles; deliberação esta approvada pelo aviso de 23 de agosto de 1828. Este subsidio durou por anno e meio. Os colonos foram recebidos benevolamente pelos paulistas, com os quaes não consta tivessem conflicto algum.

Em virtude do aviso do ministerio do imperio de 21 de março de 1828, foi dada a cada familia residente na colonia quatrocentas braças quadradas de terras lavradias. O contracto feito com os colonos estipulava: 1.º, alimentação por anno e meio á custa do Estado; 2.º, donativo de gado, que devia ser pago em especie ou valor decorridos quatro annos; 3.º, propriedade nos terrenos por elles cultivados; 4.º, isenção de impostos por oito annos; 5.º, obrigação de pegar em armas no caso de perigo, e sujeição dos filhos ao recrutamento; 6.º, direito de terem medico e parocho pagos pelo Estado por anno e meio.

Muitos destes colonos dispersaram-se e existem, elles e seus descendentes, disseminados pela provincia em Tatuhy, Santos, Sorocaba, Itú, etc. Os que permaneceram no municipio da capital dedicaram-se á lavoura, e vivem todos em abastança, e alguns ricos como sejam Henrique Jung, fallecido, Pedro Reimberger, os Züllig,

os Klein, os Doll. Em Itepecerica são os negociantes mais fortes de logar Pedro Teisen e Pedro Just.

Avalia-se em mais de duzentos contos de réis a propriedade pertencente aos colonos que se estabeleceram em Itapecerica, e aos descendentes destes; pois hoje poucos são os que existem dos vindos em 1828.

A sobriedade, indispensavel á dilatação da vida nas regiões tropicaes, nunca foi virtude para a raça germanica: assim é rarissimo vêr um allemão que passe dos sessenta annos. Elles não se tem concentrado na sua raça, e tem-se consorciado com os filhos da provincia.

Ha muito que não existe colonia: e os individuos da primitiva colonisação e seus descendentes vivem sem formar um nucleo, e livres de toda inspecção do governo.

FIM DO APPENDICE.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO QUADRO HISTORICO

DA

PROVINCIA DE SÃO PAULO